# O MAHABHARATA

**de**

## Krishna-Dwaipayana Vyasa

## LIVRO 2

# SABHA PARVA

**Ou**

# O LIVRO DA SALA DE REUNIÕES

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli [1883-1896]

Traduzido para o português por Eleonora Meier [2005-2011] e
Brevemente revisado pela tradutora em 2016 para leves alterações gramaticais e para a inclusão dos nomes dos dez sub-parvas e de marcadores.

Índice escrito por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

# 1

## Sabhâ-kriya Parva

Om! Tendo reverenciado Narayana e Nara, o mais sublime ser masculino, e também a deusa Saraswati, a palavra Jaya deve ser proferida.

Vaisampayana disse, "Então, na presença de Vasudeva, o danava Maya, tendo adorado Arjuna, repetidamente falou a ele com as mãos unidas e com palavras amáveis, 'Ó filho de Kunti, eu fui salvo por ti de Krishna e ao mesmo tempo do Pavaka (fogo) desejoso de me consumir. Dize-me o que eu posso fazer por ti.'

Arjuna disse, 'Ó grande Asura, tudo já foi feito por ti (justamente por essa tua oferta). Abençoado sejas! Vai para onde quiseres. Sê benigno e favorável a mim, como nós igualmente somos benignos e bem satisfeitos contigo!'

Maya disse, 'Ó touro entre homens, o que tu disseste é digno de ti, ó nobre. Mas, ó Bharata, eu desejo fazer algo por ti alegremente. Eu sou um grande artista, um Viswakarma entre os danavas. Ó filho de Pandu, sendo o que sou eu desejo fazer alguma coisa para ti.'

Arjuna disse, 'Ó impecável, tu te consideras salvo (por mim) da morte iminente. Mesmo que seja assim eu não posso fazer com que tu faças qualquer coisa para mim. Ao mesmo tempo, ó danava, eu não desejo frustrar as tuas intenções. Faze algo para Krishna. Isso será suficiente para quitar meus serviços a ti.'"

Vaisampayana disse, "Então, ó touro da raça Bharata, a pedido de Maya, Vasudeva refletiu por um momento quanto ao que ele deveria pedir para Maya realizar. Krishna, o Senhor do universo e o Criador de todos os objetos, tendo refletido em sua mente, assim ordenou Maya, 'Que uma sabhâ suntuosa (sala de reuniões) como tu escolheres, seja construída (por ti), se tu, ó filho de Diti, que és o principal de todos os artistas, desejas fazer o bem para Yudhishthira o justo. De fato, constrói tal palácio que as pessoas pertencentes ao mundo dos homens não sejam capazes de imitá-lo mesmo depois de examiná-lo com cuidado, enquanto colocadas dentro. E, ó Maya, constrói uma mansão na qual nós possamos ver uma combinação de projetos divinos, asúricos e humanos.'"

Vaisampayana continuou: "Ao ouvir essas palavras Maya ficou muito contente. E ele em seguida construiu um palácio magnífico para o filho de Pandu, como os próprios palácios celestiais. Então Krishna e Partha (Arjuna) depois de terem relatado tudo ao rei Yudhishthira o justo, apresentaram Maya a ele. Yudhishthira recebeu Maya com respeito, oferecendo-lhe a honra que ele merecia. E, ó Bharata, Maya aceitou aquela honra pensando muito bem sobre aquilo. Ó monarca da linhagem Bharata, aquele grande filho de Diti então narrou para os filhos de Pandu a história do danava Vrisha-parva, e aquele principal dos artistas, então, tendo descansado por algum tempo, se pôs, depois de muito planejamento cuidadoso, a construir um palácio para os filhos ilustres de Pandu. De acordo com os desejos de Krishna e dos filhos de Pritha, o ilustre Danava de grande destreza,

tendo realizado em um dia auspicioso os ritos iniciais propiciatórios de fundação, e tendo também gratificado milhares de brâmanes bem versados com leite adoçado e arroz e com presentes valiosos de vários tipos, mediu um trecho de terra de cinco mil cúbitos quadrados, que era encantador e extremamente belo de olhar e que era conveniente para a construção de um prédio bem apropriado às exigências de todas as estações."

## 2

Vaisampayana disse, "Janardana, que merecia o culto de todos, tendo vivido felizmente em Khandavaprastha por algum tempo, e tendo sido tratado todo o tempo com amor respeitoso e afeto pelos filhos de Pritha, ficou desejoso um dia de deixar Khandavaprastha para ver seu pai. Aquele possuidor de olhos grandes, a quem era devida a homenagem do universo, então saudou Yudhishthira e Pritha e prestou homenagem com sua cabeça aos pés de Kunti, irmã de seu pai. Assim reverenciada por Kesava, Pritha cheirou sua cabeça e o abraçou. O ilustre Hrishikesa se aproximou de sua irmã Subhadra carinhosamente, com os olhos cheios de lágrimas, e falou a ela palavras de grande importância e verdade, concisas e apropriadas, irrefutáveis e repletas de benefícios. Subhadra de voz doce também, saudando-o em retorno e adorando-o repetidamente com a cabeça inclinada, lhe disse tudo o que ela desejava que fosse transmitido de sua parte a seus parentes do lado paterno. E se despedindo e proferindo bênçãos sobre sua bela irmã, ele da tribo Vrishni em seguida viu Draupadi e Dhaumya. Aquele melhor dos homens prestou devidamente a sua homenagem a Dhaumya, e consolando Draupadi obteve a permissão dela. Então o erudito e poderoso Krishna, acompanhado por Partha, foi até seus primos. E, cercado pelos cinco irmãos, Krishna brilhava como Sakra no meio dos celestiais. Ele cuja bandeira leva a figura de Garuda, desejoso de realizar os ritos preparatórios para o começo de uma viagem, purificou-se com um banho e se enfeitou com ornamentos. O touro da raça Yadu então adorou os deuses e os brâmanes com coroas florais, mantras, inclinações de cabeça, e perfumes excelentes. Tendo terminado todos aqueles ritos, aquele mais importante dos homens constantes e virtuosos então pensou em se pôr a caminho. O chefe da tribo Yadu então saiu do aposento interno para o externo, e saindo de lá ele fez aos brâmanes, merecedores de culto, oferendas de recipientes cheios de coalhada e frutas e grãos crestados, e os fez pronunciarem bênçãos sobre si. E fazendo a eles também presentes de riqueza, ele circungirou-os. Então, subindo em seu carro excelente de ouro dotado de grande velocidade e adornado com a bandeira que levava a figura de Tarkhya (Garuda), e equipado também com maça, disco, espada, seu arco Sharnga e outras armas, e unindo a ele seus cavalos Saivya e Sugriva, aquele de olhos de lótus partiu em uma hora excelente em um dia lunar de uma conjunção estelar auspiciosa. E Yudhishthira, o rei dos Kurus, por afeição, subiu na carruagem depois de Krishna, e fazendo aquele melhor dos aurigas, Daruka, ficar de lado, ele mesmo pegou as rédeas. E Arjuna também, de braços longos, subindo naquele carro, andou ao redor de Krishna e o abanou com um chamara branco equipado com um cabo de ouro. E o

poderoso Bhimasena acompanhado pelos irmãos gêmeos Nakula e Sahadeva, e os sacerdotes e cidadãos todos seguiram atrás de Krishna. E Kesava, o matador de heróis hostis, seguido por todos os irmãos, brilhava como um preceptor seguido por seus pupilos prediletos. Então Govinda falou a Arjuna e o abraçou firmemente, e reverenciando Yudhishthira e Bhima, abraçou os gêmeos. E abraçado em retorno pelos três Pandavas mais velhos, ele foi saudado com reverência pelos gêmeos. Depois de terem percorrido metade de um yojana (duas milhas), Krishna, o subjugador de cidades hostis, respeitosamente dirigiu-se a Yudhishthira e lhe pediu, ó Bharata, para parar de segui-lo mais adiante. E Govinda, conhecedor de todos os deveres, então saudou Yudhishthira com reverência e tocou seus pés. Mas Yudhishthira logo ergueu Kesava e cheirou sua cabeça. O rei Yudhishthira o justo, o filho de Pandu, tendo erguido Krishna dotado de olhos como pétalas de lótus e o principal da linhagem Yadava, se despediu dizendo 'Adeus!' Então o matador de Madhu, marcando um compromisso com eles (sobre seu retorno) em palavras que eram apropriadas, e impedindo com dificuldade os Pandavas de segui-lo adiante a pé, prosseguiu alegremente em direção à sua própria cidade, como Indra indo em direção a Amravati. Pelo amor e afeto que tinham por ele, os Pandavas observaram Krishna por todo o tempo em que ele esteve dentro do seu campo de visão, e suas mentes também o seguiram quando ele saiu de vista. E Kesava de aparência agradável logo desapareceu de sua vista insatisfeita, embora suas mentes estivessem com o olhar nele. Aqueles touros entre homens, os filhos de Pritha, com mentes fixas em Govinda, desistiram (de segui-lo adiante) e a contragosto voltaram para a sua própria cidade com pressa. E Krishna em seu carro logo alcançou Dwaraka seguido por aquele herói Satyaki. Então Sauri, o filho de Devaki, acompanhado por seu auriga Daruka chegou a Dwaraka com a velocidade de Garuda.”

Vaisampayana continuou, "Enquanto isso o rei Yudhishthira de glória imorredoura, acompanhado por seus irmãos e cercado por amigos, entrou em sua capital excelente. E aquele tigre entre homens, dispensando educadamente todos os seus parentes, irmãos, e filhos, procurou se alegrar na companhia de Draupadi. E Kesava também, adorado pelos principais Yadavas incluindo Ugrasena, entrou com o coração feliz em sua própria cidade excelente. E reverenciando seu velho pai e sua mãe ilustre, e saudando (seu irmão) Valadeva, ele de olhos como pétalas de lótus tomou seu lugar. Abraçando Pradyumna, Shamva, Nishatha, Charudeshna, Gada, Aniruddha e Bhanu, e obtendo a permissão de todos os homens idosos, Janardana entrou nos aposentos de Rukmini."

## 3

Vaisampayana disse, "Então o danava Maya dirigiu-se a Arjuna, aquele principal dos guerreiros bem-sucedidos, dizendo, 'Eu agora parto com a tua permissão, mas logo retornarei. Ao norte do cume Kailasa perto das montanhas de Mainaka, enquanto os Danavas estavam dedicados a um sacrifício nas margens do lago Vindu, eu coletei uma enorme quantidade encantadora e variada de Vanda (um tipo de material áspero) composto de joias e pedras preciosas.

Essa foi colocada na mansão de Vrishaparva sempre dedicado à verdade. Se ela ainda existir, eu voltarei, ó Bharata, trazendo-a. Eu então começarei a construção do palácio encantador dos Pandavas, que será adornado com todas as espécies de joias e célebre no mundo inteiro. Lá está também, eu acho, ó tu da família Kuru, uma maça feroz colocada no lago Vindu pelo rei (dos davanas) depois de massacrar com ela todos os seus inimigos em batalha. Além de ser pesada e forte e matizada com saliências douradas, ela é capaz de suportar um grande peso, e de matar todos os inimigos, e é igual em força a cem mil maças. É uma arma apropriada para Bhima, assim como o Gandiva é para ti. Há também (naquele lago) uma grande concha chamada Devadatta de som alto, que veio de Varuna. Eu sem dúvida te darei todos eles.' Tendo falado assim a Partha, o Asura partiu em direção ao nordeste. Ao norte de Kailasa nas montanhas de Mainaka há um pico enorme de joias e pedras preciosas chamado Hiranya-sringa. Perto daquele cume há um lago encantador de nome Vindu. Lá, em suas margens, antigamente o rei Bhagiratha morou por muitos anos, desejando ver a deusa Gangâ, desde então chamada Bhagirathi pelo nome daquele rei. E lá, em suas margens, ó melhor dos Bharatas, Indra, o ilustre senhor de todas as coisas criadas, realizou cem grandes sacrifícios. Lá, por causa de beleza, embora não segundo os ditames da lei, foram colocadas estacas sacrificais feitas de pedras preciosas e altares de ouro. Lá, depois de realizar aqueles sacrifícios, o marido de mil olhos de Sachi tornou-se coroado com sucesso. Lá o feroz Mahadeva, o senhor eterno de todas as criaturas, fixou residência depois de ter criado todos os mundos e lá ele vive, adorado com reverência por milhares de espíritos. Lá Nara e Narayana, Brahma e Yama e Sthanu o quinto realizam seus sacrifícios ao fim de mil yugas. Lá, para o estabelecimento da virtude e religião, Vasudeva, com devoção virtuosa, realizou seus sacrifícios que se estenderam por muitos, muitos longos anos. Lá foram colocadas por Keshava milhares e dezenas de milhares de estacas sacrificais adornadas com guirlandas douradas e altares de grande esplendor. Indo para lá, ó Bharata, Maya trouxe de volta a maça e a concha e os vários artigos cristalinos que tinham pertencido ao rei Vrishaparva. E o grande Asura Maya, tendo ido até lá, obteve toda a grande riqueza que era guardada por yakshas e rakshasas. Trazendo-a, o asura construiu com ela um palácio inigualável, que era de grande beleza e de feitio celeste, composto totalmente de joias e pedras preciosas, e célebre por toda parte nos três mundos. Ele deu para Bhimasena aquela melhor das maças, e para Arjuna a concha mais excelente, por cujo som todas as criaturas tremiam apavoradas. E o palácio que Maya construiu se baseava em colunas de ouro, e ocupava, ó monarca, uma área de cinco mil cúbitos. O palácio possuía uma forma extremamente bela, como a de Agni ou Surya, ou Soma, e brilhava em grande esplendor, e por seu brilho ele parecia escurecer os raios brilhantes do sol. E com a refulgência que manifestava, a qual era uma mistura de luz celeste e terrestre, parecia como se ela estivesse em chamas. Como uma massa de nuvens novas visíveis no céu, o palácio ergueu-se surgindo à vista de todos. De fato, o palácio que o habilidoso Maya construiu era tão amplo, encantador e refrescante, e composto de materiais tão excelentes, e provido de paredes e arcadas douradas, e adornado com tantos quadros variados, e também tão rico e bem construído, que em beleza ele superava Sudharma da tribo Dasarha, ou a mansão do próprio Brahma. E oito mil rakshasas chamados

Kinkaras, ferozes, de corpo enorme e dotados de grande força, de olhos vermelhos acobreados e orelhas pontudas, bem armados e capazes de percorrer o ar, costumavam guardar e proteger aquele palácio. Dentro daquele palácio Maya colocou um tanque inigualável, e naquele tanque havia lótus com folhas da cor de pedras preciosas escuras e caules de joias brilhantes, e outras flores também de folhas douradas. E aves aquáticas de várias espécies se divertiam em sua superfície. Com uma diversidade de lótus totalmente abertos e suprido com peixes e tartarugas de cor dourada, seu fundo não tinha lama e sua água era transparente. Havia um lance de escadas de cristal que levava de uma margem à outra da água. As brisas suaves que sopravam ao longo de sua superfície balançavam suavemente as flores que o enfeitavam. As margens daquele tanque eram revestidas com blocos de mármore caro com pérolas incrustadas. E vendo aquele tanque assim totalmente enfeitado com joias e pedras preciosas, muitos reis que foram lá o confundiram com terra e caíram dentro dele com os olhos abertos. Muitas árvores altas de várias espécies foram plantadas ao redor do palácio. De folhagem verde e sombra fresca, e sempre florescentes, elas eram todas muito encantadoras de olhar. Bosques artificiais foram colocados em volta, sempre emitindo uma fragrância deliciosa. E havia muitos tanques também que eram adornados com cisnes e karandavas e chakravakas (patos brahminy) nos jardins espalhados pela mansão. E a brisa portando a fragrância dos lótus que cresciam na água e (daqueles que cresciam na terra) contribuíam para o prazer e a felicidade dos Pandavas. E Maya, tendo construído esse salão suntuoso dentro de catorze meses, informou a Yudhishthira sobre a sua conclusão.”

## 4

Vaisampayana disse: "Então aquele chefe de homens, o rei Yudhishthira, entrou naquela sabhâ suntuosa tendo primeiro alimentado dez mil brâmanes com preparos de leite e arroz misturados com manteiga clarificada e mel com frutas e raízes, e com carne de porco e carne de veado. O rei satisfez aqueles brâmanes superiores, que tinham vindo de vários países, com comida temperada com gergelim e preparada com vegetais chamados jibanti, com arroz misturado com manteiga clarificada, com diferentes preparações de carne, de fato com vários tipos de outras comidas, como também com numerosas iguarias que eram para serem chupadas e incontáveis tipos de bebidas, com mantos e roupas novas, e com coroas florais excelentes. O rei também deu mil vacas a cada um daqueles brâmanes. E, ó Bharata, a voz dos brâmanes gratos proferindo, ‘Que dia auspicioso é este!’ tornou-se tão alta que parecia chegar ao próprio céu. E quando o rei Kuru entrou na sabhâ suntuosa tendo também adorado os deuses com vários tipos de músicas e numerosas espécies de perfumes excelentes e caros, os atletas e mímicos e combatentes premiados e bardos e panegiristas começaram a satisfazer aquele filho ilustre de Dharma por mostrarem suas habilidades. E assim celebrando a sua entrada no palácio Yudhishthira com seus irmãos se divertiu dentro daquele palácio como o próprio Sakra no céu. Sobre os assentos naquele

palácio se sentaram, junto com os Pandavas, rishis e reis que vieram de vários países, esses eram, Asita e Devala, Satya, Sarpamali e Mahasira, Arvavasu, Sumitra, Maitreya, Sunaka e Vali, Vaka, Dalvya, Sthulasira, Krishna-Dwaipayana, e Suka Sumanta, Jaimini, Paila, e os discípulos de Vyasa, nós mesmos, Tittiri, Yajanavalkya, e Lomaharshana com seu filho, Apsuhomya, Dhaumya, Animandavya, e Kausika, Damoshnisha e Traivali, Parnada, e Varayanuka, Maunjayana, Vayubhaksha, Parasarya, e Sarika, Valivaka, Silivaka, Satyapala, e Krita-srama, Jatukarna, e Sikhavat. Alamva e Parijataka, o nobre Parvata, e o grande Muni Markandeya, Pavitrapani, Savarna, Bhaluki e Galava. Janghabandhu, Raibhya, Kopavega, e Bhrigu, Harivabhru, Kaundinya, Vabhrumali, e Sanatana, Kakshivat, e Ashija, Nachiketa, e Aushija, Nachiketa, e Gautama, Painga, Varaha, Sunaka, e Sandilya de grande mérito ascético, Kukkura, Venujangha, Kalapa e Katha, esses munis virtuosos e eruditos com sentidos e alma sob total controle, e muitos outros numerosos, todos bem habilidosos nos Vedas e Vedangas e conhecedores da moralidade e puros e sem mácula em seu comportamento, visitaram o ilustre Yudhishthira, e o alegraram com seus discursos sagrados. E assim também numerosos kshatriyas importantes, como o ilustre e virtuoso Mujaketu, Vivarddhana, Sangramjit, Durmukha, o poderoso Ugrasena, Kakshasena, o senhor da terra, Kshemaka o invencível, Kamatha, o rei de Kamvoja, e o poderoso Kampana que sozinho sempre fazia os Yavanas tremerem à menção do seu nome, assim como o deus manejador do raio fazia aqueles asuras, os Kalakeyas, tremerem diante dele, Jatasura, e o rei dos Madrakas, Kunti, Pulinda o rei dos Kiratas, e os reis de Anga e Vanga, e Pandrya, e o rei de Udhara, e Andhaka, Sumitra, e Saivya aquele matador de inimigos, Sumanas, o rei dos Kiratas, e Chanur o rei dos Yavanas, Devarata, Bhoja, e o assim chamado Bhimaratha, Srutayudha, o rei de Kalinga, Jayasena o rei de Magadha, e Sukarman, e Chekitana, e Puru aquele matador de inimigos, Ketumata, Vasudana, e Vaideha e Kritakshana, Sudharman, Aniruddha, Srutayu dotado de grande força, o invencível Anuparaja, o belo Karmajit, Sisupala com seu filho, o rei de Karusha, e os jovens invencíveis da tribo Vrishni, todos iguais em beleza aos celestiais, ou seja, Ahuka, Viprithu, Sada, Sarana, Akrura, Kritavarman, e Satyaka, o filho de Sini, e Bhismaka, Ankriti, e o poderoso Dyumatsena, aqueles principais dos arqueiros, Kaikeyas e Yajnasena da tribo Somaka, esses Kshatriyas dotados de grande poder, todos bem armados e ricos, e muitos outros também considerados como os mais importantes, todos visitaram Yudhishthira, o filho de Kunti, naquela sabhâ, desejosos de contribuir para a sua felicidade. E aqueles príncipes também, dotados de grande força, que se vestindo em peles de veado aprenderam a ciência de armas sob Arjuna, visitaram Yudhishthira. E ó rei, os príncipes também da linhagem Vrishni, Pradyumna (o filho de Rukmini) e Samva, e Yuyudhana, o filho de Satyaki e Sudharman e Aniruddha e Saivya, aqueles principais dos homens que tinham aprendido a ciência de armas sob Arjuna, esses e muitos outros reis, ó senhor da terra, costumavam servir a Yudhishthira naquela ocasião. E aquele amigo de Dhananjaya, Tumvuru, e o gandharva Chittasena com seus ministros, e muitos outros gandharvas e apsaras, bem habilidosos em música vocal e instrumental e em cadência, e kinnaras também versados em medidas e movimentos (musicais), cantando melodias celestes em vozes excelentes e encantadoras, serviram e alegraram os filhos de Pandu e os rishis que se

encontravam naquela sabhâ. E sentados naquela sabhâ, aqueles touros entre homens, de votos rígidos e dedicados à verdade, todos serviram a Yudhishthira como os celestiais no céu servindo a Brahma."

# 5

## Lokapala Sabhakhayana Parva

Vaisampayana disse "Enquanto os Pandavas ilustres estavam sentados naquela sabhâ junto com os principais gandharvas, foi até lá, ó Bharata, àquele local, o rishi celeste Narada, conhecedor dos Vedas e das Upanishads, adorado pelos celestiais e conhecedor de histórias e Puranas, bem versado em tudo o que ocorreu em kalpas (ciclos) antigos, conhecedor de Nyaya (lógica) e da verdade da ciência moral, possuindo conhecimento completo dos seis Angas (pronúncia, gramática, prosódia, explicação dos termos básicos, descrição de ritos religiosos e astronomia). Ele era um perfeito mestre em reconciliar textos contraditórios e em diferenciar a aplicação dos princípios gerais a casos específicos, como também em interpretar contrários por referência a diferenças em situações, eloquente, resoluto, inteligente, possuidor de memória poderosa. Ele conhecia a ciência de moralidade e política, era erudito, competente em distinguir coisas inferiores das superiores, hábil em tirar inferências de evidências, competente para julgar a correção ou incorreção de afirmações silogísticas baseadas nas cinco proposições. Ele era capaz de responder sucessivamente ao próprio Vrihaspati enquanto discutindo, com conclusões definitivas devidamente moldadas sobre religião, riqueza, prazer e salvação, de grande alma e capaz de ver todo este universo, acima, abaixo, e os lados, como se ele estivesse presente diante dos seus olhos. Ele era mestre em ambos os sistemas de filosofia, Sankhya e Yoga, sempre desejoso de humilhar os celestiais e asuras por fomentar brigas entre eles, conhecedor das ciências de guerra e tratados, competente em tirar conclusões por julgar coisas fora do alcance da vista, como também nas seis ciências de tratado, guerra, campanhas militares, manutenção de postos contra o inimigo e estratagemas por emboscadas e reservas. Ele era um mestre completo de todos os ramos de aprendizagem, afeiçoado à guerra e música, incapaz de ser repelido por qualquer ciência ou qualquer curso de ação, e possuidor desses e de outros inúmeros talentos. O rishi, tendo andado por diferentes mundos, foi àquela sabhâ. E o rishi celeste de esplendor incomensurável, dotado de grande energia estava acompanhado, ó monarca, por Parijata e pelo inteligente Raivata e Saumya e Sumukha. Possuindo a velocidade da mente, o rishi foi lá e encheu-se de alegria ao ver os Pandavas. O brâmane, ao chegar lá, prestou homenagem a Yudhishthira por proferir bênçãos sobre ele e lhe desejar vitória. Vendo o rishi erudito chegar, o mais velho dos Pandavas, conhecedor de todas as regras de dever, levantou-se rapidamente com seus irmãos mais novos. Curvando-se com humildade, o monarca saudou o rishi alegremente, e deu com as devidas cerimônias um assento adequado para ele. O rei também lhe deu vacas e as usuais oferendas de arghya incluindo mel e outros ingredientes. Conhecedor de

todos os deveres o monarca também adorou o rishi com joias e pedras preciosas, com todo o coração. Recebendo aquele culto de Yudhishthira de forma apropriada o rishi ficou satisfeito. Assim adorado pelos Pandavas e pelos grandes rishis, Narada, possuidor de domínio completo dos Vedas, disse a Yudhishthira as seguintes palavras sobre religião, riqueza, prazeres e salvação.

Narada disse, 'A riqueza que tu estás ganhando está sendo gasta em objetos apropriados? A tua mente tem prazer na virtude? Tu estás desfrutando dos prazeres da vida? A tua mente não afunda sob o peso deles? Ó chefe de homens, tu continuas na conduta nobre compatível com religião e riqueza praticada por teus antepassados em relação às três classes de súditos, (bons, indiferentes e maus)? Tu nunca ofendes a religião por causa de riqueza, ou a religião e a riqueza por prazeres que seduzem facilmente? Ó principal dos homens vitoriosos, sempre dedicado ao bem de todos, conhecedor como és da oportunidade de tudo, tu segues a religião, riqueza, prazer e salvação dividindo o teu tempo judiciosamente? Ó impecável, com os seis atributos dos reis (habilidade de discurso, boa vontade em fornecer recursos, inteligência em tratar com o inimigo, memória, e conhecimento de moralidade e política), tu estás atento aos sete meios (disseminação de desavenças, punições, conciliação, presentes, encantamentos, medicina e mágica)? Tu examinas também, depois de avaliares tua própria força e fraqueza, as catorze posses dos teus inimigos? Essas são a região, fortalezas, carros, elefantes, cavalaria, soldados de infantaria, os principais oficiais de estado, os aposentos das mulheres, suprimentos de comida, cálculos de exército e renda, os tratados religiosos em vigor, as contabilidades do estado, as fontes de renda, lojas de vinho e outros inimigos secretos. Tu estás atento às oito ocupações (de agricultura e comércio), tendo examinado, ó principal dos monarcas vitoriosos, os teus próprios recursos e os do teu inimigo, e tendo feito as pazes com teus inimigos? Ó touro da raça Bharata, os teus sete oficiais principais de estado (o governador da fortaleza, o comandante das tropas, o juiz principal, o general em comando interior, o sacerdote principal, o médico principal, e o astrólogo mais importante), eu espero, não sucumbiram à influência dos teus inimigos, nem se tornaram indolentes por causa da riqueza que têm ganhado? Eles são, eu espero, todos obedientes a ti. Os teus planos, eu espero, nunca são divulgados por teus espiões de confiança disfarçados, por ti mesmo ou por teus ministros? Tu averiguas, eu espero, o que os teus amigos, inimigos e desconhecidos estão fazendo? Tu fazes a paz e fazes a guerra nas épocas apropriadas? Tu manténs neutralidade com relação a desconhecidos e pessoas que são neutras em relação a ti? E, ó herói, tu fazes das pessoas como tu mesmo, pessoas que são idosas, moderadas em comportamento, capazes de compreender o que deve e o que não deve ser feito, puras em relação a nascimento e sangue, e dedicadas a ti, teus ministros? Ó Bharata, as vitórias dos reis podem ser atribuídas a bons conselheiros. Ó filho, o teu reino é protegido por ministros eruditos nos Sastras, que mantêm seus conselhos em sigilo? Teus inimigos são incapazes de prejudicar (o teu reino)? Tu não te tornaste um escravo do sono? Tu acordas na hora apropriada? Conhecedor das ocupações que produzem lucro, tu pensas, durante as poucas horas da noite, sobre o que tu deves fazer e o que não deves fazer no dia seguinte? Tu não decides nada

sozinho, nem te aconselhas com muitos? Os planos que tu aprovas não se tornam conhecidos por todo o teu reino? Tu começas logo a realizar medidas de grande utilidade e que são de fácil realização? Tais medidas nunca são obstruídas? Tu não manténs os agricultores fora da tua vista? Eles não temem se aproximar de ti? Tu tomas tuas medidas através de pessoas que são realmente incorruptíveis, e possuidoras de experiência prática? E, ó rei corajoso, eu espero, as pessoas só conhecem as medidas já realizadas por ti e aquelas parcialmente realizadas e que estão esperando conclusão, mas não aquelas que estão somente em estudo e ainda não iniciadas? Professores experientes capazes de explicar as causas das coisas e eruditos na ciência de moralidade e em todos os ramos de aprendizagem foram nomeados para instruir aos príncipes e aos chefes do exército? Tu compras um único homem erudito por dar em troca mil indivíduos ignorantes? O homem que é erudito confere o maior benefício em épocas de infortúnio. Os teus fortes estão sempre cheios de tesouros, alimentos, armas, água, máquinas e instrumentos, como também de engenheiros e arqueiros? Mesmo um único ministro que seja inteligente, corajoso, de paixões sob total controle, e possuidor de sabedoria e discernimento, é capaz de conferir a maior prosperidade a um rei ou ao filho de um rei. Eu te pergunto, portanto, se há pelo menos um ministro assim contigo? Tu procuras saber de tudo acerca dos dezoito Tirthas do inimigo e dos teus próprios quinze por meio de três e três espiões todos não conhecidos uns dos outros? Ó matador de todos os inimigos, tu observas todos os teus inimigos com cuidado e atenção, e despercebido por eles? O teu sacerdote é honrado, possui humildade e pureza de sangue, renome, e é desprovido de ciúmes e mesquinhez? Um brâmane bem-comportado, inteligente e honesto, bem familiarizado com as leis, é empregado por ti na realização dos teus ritos diários perante o fogo sagrado, e ele te faz lembrar na hora certa quando o teu homa deve ser realizado? O astrólogo que tu empregas é hábil em ler fisionomia, capaz de interpretar presságios, e competente para neutralizar os efeitos dos distúrbios da natureza? Funcionários respeitáveis foram empregados por ti em trabalhos que são respeitáveis, os indiferentes em trabalhos indiferentes, e os inferiores em trabalhos que são inferiores? Tu nomeaste para trabalhos elevados ministros honestos e de boa conduta por gerações e acima da classe comum? Tu não oprimes o teu povo com castigos cruéis e severos? E, ó touro da raça Bharata, os teus ministros regem o teu reino sob as tuas ordens? Os teus ministros sempre te desdenham como sacerdotes sacrificais desdenhando homens que estão arruinados (e incapazes de realizar mais sacrifícios) ou como esposas desdenhando maridos que são orgulhosos e incontinentes em seu comportamento? O comandante das tuas tropas possui confiança suficiente, é corajoso, inteligente, paciente, de boa conduta, de bom nascimento, dedicado a ti, e competente? Tu tratas com consideração e respeito os principais oficiais do teu exército que são peritos em todo tipo de bem-estar social, são solícitos, bem-educados, e dotados de coragem? Tu dás às tuas tropas seus mantimentos sancionados e pagas no tempo determinado? Tu não os oprimes por retê-los? Tu sabes que a tristeza causada por atrasos de pagamento e irregularidade na distribuição dos mantimentos impele as tropas ao motim, e é considerada pelos eruditos como uma das maiores injúrias? Todos os homens mais importantes de nascimento elevado são dedicados a ti, e estão preparados para sacrificar suas

vidas com alegria em batalha por tua causa? Eu espero que nenhum indivíduo de paixões descontroladas tenha a tua permissão para dirigir como quiser vários assuntos importantes e ao mesmo tempo concernentes ao exército. Algum empregado teu, que realizou bem algum trabalho específico pelo emprego de habilidade especial, ficou desapontado em obter de ti um pouco mais de respeito e um aumento de alimentação e pagamento? Eu espero que tu recompenses pessoas de erudição e humildade e habilidade em todos os tipos de conhecimento com presentes de riqueza e honras proporcionais às suas qualificações. Tu sustentas, ó touro da raça Bharata, as esposas e filhos dos homens que deram suas vidas por ti e que ficaram desamparados por tua causa? Tu cuidas, ó filho de Pritha, com afeto paterno do inimigo que foi enfraquecido, ou daquele também que procurou tua proteção, tendo sido vencido em batalha? Ó senhor da Terra, tu és igual para com todos os homens, e todos podem se aproximar de ti sem medo, como se tu fosses a mãe e o pai deles? E ó touro da raça Bharata, tu marchas, sem perda de tempo, e refletindo bem sobre os três tipos de tropas, contra um inimigo teu quando tu tens notícia de que ele está em uma situação difícil? Ó subjugador de todos os inimigos, tu começas a tua marcha quando chega a hora, tendo levado em consideração todos os presságios que tu possas ver, todas as decisões que tomaste, e que a vitória completa depende dos doze mandalas (tais como reservas, emboscadas, e pagamento para pagar as tropas em avanço)? E, ó perseguidor de todos os inimigos, tu dás pedras preciosas e joias aos principais oficiais do inimigo, como eles merecem, sem conhecimento do teu inimigo? Ó filho de Pritha, tu procuras conquistar teus inimigos enfurecidos que são escravos de suas paixões, tendo primeiro conquistado a tua própria alma e obtido o domínio dos teus próprios sentidos? Antes de saíres em marcha contra teus inimigos, tu empregas devidamente as quatro artes de reconciliação, presentes (de riqueza), produção de desunião, e aplicação de força? Ó monarca, tu vais contra os teus inimigos tendo primeiro fortalecido o teu próprio reino? E tendo saído contra eles tu te esforças ao máximo para obter vitória sobre eles? E, tendo-os conquistado, tu procuras protegê-los com cuidado? O teu exército consiste em quatro tipos de tropas, isto é, as tropas regulares, os aliados, os mercenários e os irregulares, cada uma equipada com oito componentes: carros, elefantes, cavalos, repartições, infantaria, criados de acampamento, espiões possuidores de conhecimento completo da região, e estandartes levados contra teus inimigos depois de terem sido bem treinados por oficiais superiores? Ó opressor de todos os inimigos, ó grande rei, eu espero que tu mates os teus inimigos sem considerar suas épocas de colheita e de fome. Ó rei, eu espero que os teus empregados e agentes no teu próprio reino e nos reinos dos teus inimigos continuem a cuidar de seus respectivos deveres e a proteger uns aos outros. Ó monarca, eu espero que empregados de confiança tenham sido empregados por ti para cuidar da tua alimentação, das roupas que vestes e dos perfumes que usas. Eu espero, ó rei, que tua tesouraria, celeiros, estábulos, arsenais, e aposentos das mulheres sejam todos protegidos por empregados leais a ti que sempre procuram o teu bem-estar. Eu espero, ó monarca, que tu te protejas primeiro dos teus empregados domésticos e públicos, então daqueles servos dos teus parentes e de alguns outros. Os teus servos, ó rei, sempre falam a ti de manhã a respeito dos teus gastos extravagantes em relação à bebida, esportes e mulheres? Os teus gastos

são sempre cobertos por uma quarta, um terço ou uma metade da tua renda? Tu tratas sempre com carinho, com comida e riquezas os parentes, superiores, comerciantes, os idosos e outros protegidos, e os afligidos? Os contadores e auxiliares de escriturários empregados por ti para cuidar da tua renda e gastos sempre calculam todo dia de manhã os valores da tua renda e dos teus gastos? Tu despedes sem falha empregados talentosos em negócios e populares e dedicados ao teu bem-estar? Ó Bharata, tu empregas os homens superiores, indiferentes e inferiores, depois de examiná-los bem, em trabalhos que eles mereçam? Ó monarca, tu empregas em teus negócios pessoas que são desonestas ou abertas à tentação, ou hostis, ou menores? Tu oprimes o teu reino pela ajuda de homens desonestos ou avarentos, ou menores, ou mulheres? Os agricultores do teu reino estão contentes? Grandes tanques e lagos foram construídos por todo o teu reino em distâncias apropriadas, sem a agricultura do teu reino ser totalmente dependente das chuvas do céu? Os agricultores do teu reino estão desprovidos de sementes ou comida? Tu concedes com bondade empréstimos (de sementes de grãos) para os lavradores, pegando somente um quarto a mais de cada medida por uma centena? Ó filho, as quatro profissões de agricultura, comércio, criação de gado e empréstimos com juros estão sendo conduzidas por homens honestos? Dessas, ó monarca, depende a felicidade do teu povo. Ó rei, os cinco homens corajosos e sábios, empenhados nos cinco trabalhos de proteger a cidade, a fortaleza, os comerciantes, e os agricultores, e de punir os criminosos, sempre beneficiam o teu reino por trabalhar em união uns com os outros? Para a proteção da tua cidade, as aldeias foram feitas como cidades, e as aldeolas e arredores de aldeias como as aldeias? Todas elas estão totalmente sob a tua supervisão e controle? Os ladrões e assaltantes que saqueiam a tua cidade são perseguidos pela tua polícia sobre áreas planas e montanhosas do teu reino? Tu confortas as mulheres e elas são protegidas no teu reino? Eu espero que tu não coloques nenhuma confiança nelas, nem divulgues nenhum segredo diante de qualquer uma delas. Ó monarca, tendo ouvido sobre algum perigo qualquer e tendo sido prejudicado também, tu te deitas nos teus aposentos internos desfrutando de todos os objetos agradáveis? Tendo dormido durante a segunda e terceira divisões da noite, tu pensas sobre religião e lucro na quarta divisão vigilantemente? Ó filho de Pandu, levantando-te da cama na hora apropriada e te vestindo bem, tu te mostras ao teu povo, acompanhado por ministros conhecedores da auspiciosidade ou não dos momentos? Ó repressor de todos os inimigos, homens vestidos de vermelho e armados com espadas e enfeitados com ornamentos estão a postos ao teu lado para proteger o teu corpo? Ó monarca, tu te comportas como o próprio deus da justiça para com aqueles que merecem castigo e os que merecem adoração, para com os que te são caros e aqueles dos quais tu não gostas? Ó filho de Pritha, tu procuras a cura de doenças corpóreas por remédios e jejuns, e de doença mental com o conselho dos idosos? Eu espero que os médicos encarregados de cuidar da tua saúde sejam bons conhecedores dos oito tipos de tratamento e sejam todos ligados e dedicados a ti. Já aconteceu, ó monarca, que por avareza ou insensatez ou orgulho tu falhaste em decidir entre o querelante e o acusado que vieram a ti? Tu privaste, por avareza ou insensatez, de suas pensões os protegidos que procuraram teu abrigo por confiança ou amor? As pessoas que moram em teu reino, compradas por teus

inimigos, sempre procuram criar disputas contigo, unindo-se umas às outras? Aqueles entre os teus inimigos que são fracos são sempre reprimidos pela ajuda de tropas que são fortes, pela ajuda de planos e tropas? Todos os principais comandantes (do teu império) são devotados a ti? Eles estão preparados para sacrificar suas vidas por tua causa, comandados por ti? Tu reverencias os brâmanes e os homens sábios segundo os seus méritos em relação aos vários ramos de aprendizagem? Eu te digo, tal culto é sem dúvida muito benéfico para ti. Tu tens fé na religião baseada nos três Vedas e praticada pelos homens que morreram antes de ti? Tu segues com cuidado as práticas que eram seguidas por eles? Brâmanes ilustres são entretidos em tua casa e em tua presença com comida nutritiva e excelente, e eles também obtêm presentes pecuniários no término desses banquetes? Tu, com paixões sob total controle e com sinceridade de mente, te esforças para realizar os sacrifícios chamados Vajapeya e Pundarika com todos os complementos dos ritos? Tu reverencias os teus parentes e superiores, os idosos, os deuses, os ascetas, os brâmanes, e as altas árvores (figueiras) das aldeias, que são de tanto benefício para as pessoas? Ó impecável, tu já causaste dor ou raiva a alguém? Sacerdotes capazes de te conceder resultados auspiciosos estão sempre a postos ao teu lado? Ó impecável, as tuas tendências e práticas são assim como eu descrevi, e sempre aumentam a duração da vida e propagam o renome e que sempre ajudam a causa da religião, prazer e lucro? Aquele que se comporta dessa maneira nunca encontra seu reino afligido ou miserável, e tal monarca, subjugando toda a terra, desfruta de um alto grau de felicidade. Ó monarca, eu espero que nenhuma pessoa bem-comportada, de alma pura e respeitada seja alguma vez arruinada e sua vida tirada, por causa de uma acusação falsa ou roubo, pelos teus ministros ignorantes dos Sastras e agindo por cobiça? E, ó touro entre homens, eu espero que os teus ministros nunca libertem um verdadeiro ladrão por cobiça, sabendo que ele era assim e tendo-o detido com os despojos. Ó Bharata, eu espero que os teus ministros nunca sejam conquistados por subornos, nem que eles decidam injustamente as disputas levantadas entre os ricos e os pobres. Tu te manténs livre dos catorze vícios dos reis, que são: ateísmo, falsidade, raiva, descuido, protelação, não visitação aos sábios, ociosidade, inquietação mental, aconselhamento com um único homem, consulta com pessoas não conhecedoras da ciência de lucro, abandono de um plano determinado, divulgação de planos, não realização de projetos benéficos, e empreendimento de tudo sem reflexão? Por esses, ó rei, até monarcas firmemente estabelecidos em seus tronos são arruinados. O teu estudo dos Vedas, tua riqueza e conhecimento dos Sastras e casamento têm sido proveitosos?'"

Vaisampayana continuou, "Depois que o rishi tinha terminado, Yudhishthira perguntou, 'Como, ó rishi, os Vedas, a riqueza, a esposa, e o conhecimento dos Sastras dão resultados?'

O rishi respondeu, 'É dito que os Vedas dão frutos quando aquele que os estudou realiza o Agnihotra e outros sacrifícios. A riqueza quando aquele que a tem a desfruta ele próprio e a dá em caridade. Uma esposa quando ela é útil e quando ela gera filhos. E o conhecimento dos Sastras quando ele resulta em humildade e bom comportamento.'"

Vaisampayana continuou, “O grande asceta Narada, tendo respondido a Yudhishthira dessa forma, outra vez perguntou àquele soberano, ‘Os oficiais do teu governo, ó rei, que são pagos pelos impostos arrecadados na comunidade, pegam apenas as quotas devidas dos comerciantes que vieram para os teus territórios de terras distantes impelidos pelo desejo de lucro? São os comerciantes, ó rei, tratados com consideração em tua capital e reino, capazes de trazer seus bens para cá sem serem enganados pelos pretextos falsos de (ambos: os compradores e os oficiais de governo)?

Tu sempre escutas, ó monarca, às palavras, repletas de instruções sobre religião e riqueza, de homens idosos conhecedores das doutrinas econômicas? Os presentes de mel e manteiga clarificada feitos aos brâmanes são destinados ao aumento da produção agrícola, das vacas, das frutas e flores, e pela causa da virtude? Tu dás sempre, ó rei, regularmente a todos os artesões e artistas empregados os seus materiais de trabalho e seus salários por períodos não maiores do que quatro meses? Tu examinas os trabalhos realizados por aqueles que são empregados por ti, e os elogias diante de homens bons, e os recompensas, tendo lhes mostrado o respeito apropriado? Ó touro da raça Bharata, tu segues os aforismos (dos sábios) a respeito de todo assunto em particular relativo a elefantes, cavalos e carros? Ó touro da raça Bharata, os aforismos relativos à ciência de armas, como também os que dizem respeito ao uso de máquinas de guerra, tão úteis para cidades e lugares fortificados, são estudados em tua corte? Ó impecável, tu és familiarizado com todos os encantamentos misteriosos, e com os segredos dos venenos destrutivos de todos os inimigos? Tu proteges o teu reino do medo do fogo, de cobras e de outros animais destrutivos de vida, de doença, e rakshasas? Como tu és conhecedor de todos os deveres, tu tratas como um pai os cegos, os estúpidos, os coxos, os deformados, os desamparados e os ascetas que não têm casa? Tu baniste estes seis males, ó monarca: sono, ociosidade, medo, raiva, fraqueza mental e protelação?'”

Vaisampayana continuou, “O touro ilustre entre os Kurus, tendo ouvido essas palavras daquele melhor dos brâmanes, curvou-se a ele e adorou seus pés. E satisfeito com tudo o que ouviu o monarca disse a Narada de forma divina, ‘Eu farei tudo o que me aconselhaste, pois o meu conhecimento se ampliou sob os teus conselhos!' Tendo dito isso o rei agiu conforme esses conselhos, e com o tempo ganhou toda a terra limitada por sua faixa de mares. Narada outra vez falou, dizendo, ‘Aquele rei que está assim empenhado na proteção das quatro classes, brâmanes, kshatriyas, vaishyas e sudras, passa seus dias aqui em felicidade e alcança na vida após a morte a região de Sakra (céu).'"

# 6

Vaisampayana disse, “Após a conclusão das palavras de Narada, o rei Yudhishthira o justo o adorou devidamente, e mandado por ele o monarca começou a responder sucintamente às perguntas que o rishi tinha feito.

Yudhishthira disse 'Ó santo, as verdades de religião e de moralidade que tu indicaste uma após a outra são justas e apropriadas. Em relação a mim, eu cumpro devidamente as leis o melhor que posso. De fato, os atos que foram devidamente realizados pelos monarcas de antigamente devem, sem dúvida, ser considerados como portadores de resultados apropriados, e empreendidos por razões sólidas para a obtenção de objetos apropriados. Ó mestre, nós desejamos trilhar o caminho virtuoso daqueles soberanos que tinham, além disso, suas almas sob controle completo.'”

Vaisampayana continuou, "Yudhishthira, o filho de Pandu, possuidor de grande glória, tendo recebido com reverência as palavras de Narada e tendo também respondido ao rishi dessa forma, refletiu por um momento. E percebendo uma oportunidade apropriada o monarca, sentado junto ao rishi, pediu a Narada, que estava sentado confortavelmente e que era capaz de ir a qualquer mundo que quisesse, na presença daqueles reis reunidos, dizendo, 'Possuidor da velocidade da mente, tu viajaste por vários e muitos mundos criados nos tempos antigos por Brahma, que tudo vê. Dize-me, eu te peço, se, ó brâmane, alguma vez tu viste em algum lugar uma sala de reuniões como esta minha ou superior a ela!' Ouvindo essas palavras de Yudhishthira o justo, Narada sorridente respondeu ao filho de Pandu nestas palavras gentis.

Narada disse, 'Ó filho, ó rei, eu não vi nem ouvi falar entre os homens de nenhuma sala de reuniões construída de joias e pedras preciosas como esta tua, ó Bharata. Eu, no entanto, descreverei para ti as salas do rei dos mortos (Yama), de Varuna (Netuno) de grande inteligência, de Indra o rei dos deuses e também daquele que tem seu lar em Kailasha (Kuvera). Eu também descreverei a sabhâ celeste de Brahma que dissipa todo tipo de inquietude. Todas essas salas de reuniões mostram em sua estrutura projetos celestes e humanos e apresentam todas as espécies de formas que existem no universo. E elas são sempre adoradas pelos deuses e Pitris, pelos Sadhyas, (deuses inferiores chamados Gana), por ascetas que oferecem sacrifícios com almas sob total comando, e por munis pacíficos empenhados sem intervalo em sacrifícios vêdicos com presentes aos brâmanes. Eu descreverei tudo isso para ti se, ó touro da raça Bharata, tu tiveres alguma disposição para me escutar!'”

Vaisampayana continuou, "Abordado por Narada dessa forma, o rei de grande alma, Yudhishthira o justo, com seus irmãos e todos aqueles principais dos brâmanes (sentados em volta dele), uniram suas mãos (em súplica). E o monarca então pediu a Narada, dizendo, 'Descreve para nós todas essas salas de reuniões. Nós desejamos te escutar. Ó brâmane, quais são os artigos com os quais cada uma das sabhâs é feita? Qual é a área de cada uma, e qual é o

comprimento e largura que de cada uma? Quem serve ao Avô naquela sala de reuniões? E também a Vasava, o Senhor dos celestiais também a Yama, o filho de Vivaswana? Quem serve a Varuna e a Kuvera em suas respectivas salas de reuniões? Ó rishi brâmane, conta-nos tudo sobre isso. Todos nós juntos desejamos te ouvir descrevê-los. De fato, a nossa curiosidade é grande.' Ao ouvir isso do filho de Pandu, Narada respondeu, dizendo, 'Ó monarca, ouve tudo acerca daquelas salas de reuniões celestes uma após outra.'"

## 7

"Narada disse, 'A sala celeste de reuniões de Sakra é cheia de brilho. Ele a obteve como fruto dos seus próprios atos. Possuidora do esplendor do sol ela foi construída, ó descendente da linhagem Kuru, pelo próprio Sakra. Capaz de ir a todos os lugares à vontade, aquela casa de reuniões celeste tem cento e cinquenta yojanas de comprimento, e cem yojanas de largura, e cinco yojanas de altura completos. Dissipando a fraqueza da idade, dor, fadiga, e medo, auspiciosa e outorgante de boa sorte, cheia de quartos e assentos e adornada com árvores celestes, ela é encantadora ao extremo. Lá naquela sala de reuniões, ó filho de Pritha, senta-se em um assento excelente o Senhor dos celestiais, com sua esposa Sachi dotada de beleza e riqueza. Assumindo uma forma incapaz de ser descrita por sua imprecisão, com uma coroa em sua cabeça e pulseiras brilhantes na parte superior dos braços, vestido em mantos de branco puro e enfeitado com coroas florais de muitas cores, lá ele se senta com beleza, fama, e glória ao seu lado. E o deus ilustre de cem sacrifícios é servido diariamente, ó monarca, naquela assembleia, pelos Marutas em conjunto, cada um levando a vida de um chefe de sua família no seio de sua família. E os siddhyas, rishis celestes, os sadhyas no total, os deuses, e Marutas de cor brilhante e enfeitados com guirlandas douradas, todos eles em forma celeste e enfeitados com ornamentos sempre servem ao e adoram o chefe ilustre dos imortais, aquele poderoso repressor de todos os inimigos. E ó filho de Pritha, os rishis celestes também, todos de almas puras, com os pecados completamente purificados e resplandecentes como fogo, e possuidores de energia, e sem tristeza de qualquer tipo, e livres da febre da ansiedade, e todos realizadores do sacrifício Soma, também servem a e adoram Indra. E Parasara e Parvata e Savarni e Galava, e Sankha, e o muni, Gaursiras, e Durvasa, e Krodhana e Swena e o Muni Dhirghatamasm e Pavitrapani, Savarni, Yajnavalkya e Bhalukim e Udyalaka, Swetaketu, e Tandya, e também Bhandayanim e Havishmat, e Garishta, e o rei Harischandram e Hridya, Udarshandilya, Parasarya, Krishivalam Vataskandha, Visakha, Vidhatas e Kala. Karaladanta, Tastri, e Vishwakarman, e Tumuru, e outros rishis, alguns nascidos de mulheres e outros que vivem no ar, e outros que vivem no fogo, esses todos adoram Indra, o manejador do raio, o senhor de todos os mundos. E Sahadeva, e Sunitha, e Valmiki de grande mérito ascético, e Samika de fala sincera, e Prachetas sempre cumpridor de suas promessas, e Medhatithi, e Vamadeva, e Pulastya, Pulaha e Kratu, e Maruta e Marichi, e Sthanu de grande mérito ascético, e Kakshivat, e Gautama, e Tarkhya, e também o muni

Vaishwanara, e o Muni Kalakavrikhiya e Asravya, e também Hiranmaya, e Samvartta, e Dehavya, e Viswaksena de grande energia, e Kanwa, e Katyayana o rei, e Gargya, e Kaushika, todos estão lá presentes junto com as águas celestes e plantas, e a fé, e a inteligência, e a deusa do saber, e riqueza, religião, e prazer, e relâmpago. Ó filho de Pandu, e as nuvens carregadas de chuva, e os ventos, e todas as forças ressonantes do céu, o ponto do leste, os vinte e sete fogos que transportam a manteiga sacrifical, Agni e Soma, e o fogo de Indra, e Mitra, e Savitri, e Aryaman, Bhaga, Viswa, os Sadhyas, o preceptor (Vrihaspati), e também Sukra, e Vishwavasu e Chitrasena, e Sumanas, e também Taruna, os Sacrifícios, os presentes para os brâmanes, os planetas, e as estrelas, ó Bharata, e os mantras que são proferidos em sacrifícios, todos estão lá presentes. E, ó rei, muitas apsaras e gandharvas, por meio de vários tipos de dança e música instrumental e vocal, e pela prática de ritos propícios, e pela exibição de muitas façanhas de habilidade, satisfazem o senhor dos celestiais, Satakratu, o ilustre matador de Vala e Vritra. Além desses, muitos outros brâmanes e nobres e rishis celestes, todos resplandecentes como o fogo, enfeitados com coroas florais e ornamentos, frequentemente chegam e deixam aquela reunião, em carros celestes de vários modelos. E Vrihaspati e Sukra estão presentes lá em todas as ocasiões. Esses e muitos outros ascetas ilustres de votos rígidos, e Bhrigu e os Sete Rishis que são iguais, ó rei, ao próprio Brahma, chegam e deixam aquela casa de reuniões, em carros belos como o carro de Soma, e eles mesmos dentro (dos carros) parecendo tão brilhantes quanto o próprio Soma. Essa, ó monarca poderosamente armado, é a casa de reuniões chamada Pushkaramalini, de Indra de cem sacrifícios, que eu vi. Escute agora o relato sobre a casa de reuniões de Yama.’

## 8

Narada disse, 'Ó Yudhishthira, eu agora descreverei a casa de reuniões de Yama, o filho de Vivaswat, que, ó filho de Pritha, foi construída por Viswakarma. Ouve-me agora. Brilhante como ouro polido, aquela casa, ó monarca, cobre uma área muito maior do que cem yojanas. Possuidora do esplendor do sol, ela concede tudo o que uma pessoa possa desejar. Nem muito fria nem muito quente, ela encanta o coração. Naquela casa de reuniões não há nem dor nem fraqueza da idade, nem fome nem sede. Nada desagradável encontra lugar lá, nem mesmo qualquer espécie de sentimento mau. Todo objeto de desejo, celeste ou humano, é encontrado naquela mansão. E todos os tipos de artigos agradáveis, como também comestíveis doces, suculentos, agradáveis, e deliciosos em profusão que são lambidos, chupados, e bebidos, lá se encontram, ó destruidor de todos os inimigos. As coroas florais naquela mansão são da mais deliciosa fragrância, e as árvores que estão em volta produzem os frutos que são desejados delas. Há águas frias e quentes e essas são suaves e agradáveis. Naquela mansão muitos sábios reais de grande santidade e sábios brâmanes também de grande pureza, servem alegremente, ó filho, e adoram a Yama, o filho de Vivaswat. E Yayati, Nahusha, Puru, Mandhatri, Somaka, Nriga, o sábio nobre Trasadasyu, Kritavirya,

Sautasravas, Arishtanemi, Siddha, Kritavega, Kriti, Nimi, Pratarddana, Sivi, Matsya, Prithulaksha, Vrihadratha, Vartta, Marutta, Kusika, Sankasya, Sankriti, Dhruva, Chaturaswa, Sadaswormi e o rei Kartavirya, Bharata e Suratha, Sunitha, Nisatha, Nala, Divodasa, e Sumanas, Amvarisha, Bhagiratha, Vyaswa, Vadhraswa, Prithuvega, Prithusravas, Prishadaswa, Vasumanas, Kshupa, e Sumahavala, Vrishadgu, e Vrishasena, Purukutsa, Dhwajin e Rathin, Arshtisena, Dwilipa, e Ushinara de grande alma, Ausinari, Pundarika, Saryati, Sarava, e Suchi, Anga, Rishta, Vena, Dushmanta, Srinjaya e Jaya, Bhangasuri, Sunitha, e Nishada, e Bahinara, Karandhama, Valhika, Sudymna, e o poderoso Madhu, Aila e o rei poderoso da terra, Maruta, Kapota, Trinaka, e Shadeva, e Arjuna também. Vysawa, Saswa e Krishaswa, e o rei Sasavindu, Rama, o filho de Dasaratha, e Lakshmana, e Pratarddana, Alarka, e Kakshasena, Gaya, e Gauraswa, Rama, o filho de Jamadagnya, Nabhaga, e Sagara, Bhuridyumna e Mahaswa, Prithaswa, e também Janaka, o rei Vainya, Varisena, Purujit, e Janamejaya, Brahmadatta, e Trigarta, e o rei Uparichara também, Indradyumna, Bhimajanu, Gauraprishta, Nala, Gaya, Padma e Machukunda, Bhuridyumna, Prasenajit, Aristanemi, Sudymna, Prithulauswa, e Ashtaka também, cem reis da tribo Matsya e cem da tribo Vipa e cem da tribo Haya, cem reis de nome Dhritarashtra, oitenta reis de nome Janamejaya, cem monarcas chamados Brahmadatta, e cem reis de nome Iri, mais de duzentos Bhishmas, e também cem Bhimas, cem Prativindhyas, cem Nagas, e cem Palasas, e cem chamados Kasa e Kusa, aquele rei de reis Santanu, e o teu pai Pandu, Usangava, Sata-ratha, Devaraja, Jayadratha, o inteligente sábio nobre Vrishadarva com seus ministros, e mil outros reis conhecidos pelo nome de Sasa-vindu, e que morreram tendo realizado muitos grandes sacrifícios de cavalos com grandes presentes para os brâmanes, esses sábios reais santos de realizações grandiosas e conhecimento dos Sastras, servem, ó rei, e cultuam ao filho de Vivaswat naquela casa de reuniões. E Agastya e Matanga, e Kala, e Mrityu (Morte), realizadores de sacrifícios, os Siddhas, e muitos Yogins, os Pitris (pertencentes às classes chamadas Agniswattas, Fenapa, Ushampa, Swadhavat, e Verhishada), como também aqueles outros que têm formas, a roda do tempo, e os próprios ilustres transportadores da manteiga sacrifical, todos os pecadores entre os seres humanos, como também aqueles que morreram durante o solstício de inverno, aqueles trabalhadores de Yama que foram designados para contar os dias concedidos a todos e a tudo, Singsapa, Palasa, Kasa, e árvores e plantas Kusa, em suas formas incorporadas, esses todos, ó rei, servem e cultuam ao deus da justiça naquela sua sala de reuniões. Esses e muitos outros estão presentes na sabhâ do rei dos Pitris (espíritos dos mortos). Tão numerosos eles são que eu sou incapaz de descrevê-los ou de mencionar seus nomes ou atos. Ó filho de Pritha, a encantadora sala de reuniões, que se move por todos os lugares à vontade de seu dono, tem ampla extensão. Ela foi construída por Viswakarma depois de um longo curso de penitências ascéticas. E, ó Bharata, resplandecente com sua própria refulgência, ela permanece glorificada em toda a sua beleza. Sannyasis de severas penitências ascéticas, de votos excelentes, e de palavras sinceras, pacíficos e puros e santificados por atos santos, de corpos brilhantes e vestidos em mantos sem máculas, enfeitados com pulseiras e guirlandas florais, com brincos de ouro polido, e adornados com seus próprios atos santos como com as marcas de sua ordem (pintadas em seus corpos), constantemente visitam aquela

sabhâ (assembleia). Muitos gandharvas ilustres, e muitas apsaras enchem toda aquela mansão com música instrumental e vocal e com sons de riso e dança. E, ó filho de Pritha, perfumes excelentes, e sons suaves e guirlandas de flores celestes sempre contribuem para tornar essa mansão supremamente abençoada. E centenas de milhares de pessoas virtuosas, de beleza divina e grande sabedoria, sempre servem e adoram ao ilustre Yama, o senhor dos seres criados, naquela sala de reuniões. Assim, ó monarca, é a sabhâ do ilustre rei dos Pitris! Eu agora descreverei para ti a casa de reuniões de Varuna também chamada Pushkaramalini!'

## 9

Narada disse 'Ó Yudhishthira, a sabhâ celeste de Varuna é sem paralelo em esplendor. Em dimensões ela é parecida com a de Yama. Suas paredes e arcos são todos de branco puro. Ela foi construída por Viswakarma (o arquiteto celeste) dentro das águas. Ela é totalmente cercada por muitas árvores celestes feitas de joias e pedras preciosas e que produzem frutos e flores excelentes. E muitas plantas com seu peso de flores, azuis e amarelas, e pretas e escuras, e brancas e vermelhas se encontram lá, em excelentes caramanchões em volta. Dentro desses caramanchões centenas e milhares de aves de diversas espécies, belas e variadas, sempre cantam suas melodias. A atmosfera daquela mansão é extremamente encantadora, nem fria nem quente. Possuída por Varuna, aquela encantadora casa de reuniões de branco puro consiste em muitos quartos e é provida de muitos assentos. Lá se senta Varuna vestido em mantos celestes, enfeitado com ornamentos e joias celestes, com sua rainha, adornada com perfumes celestes e coberta com pasta de fragrância celeste. Os Adityas servem e adoram ao ilustre Varuna, o senhor das águas. E Vasuki e Takshaka, e o naga chamado Airavana, Krishna e Lohita, Padma e Chitra dotados de grande energia, os nagas chamados Kamvala e Aswatara, e Dhritarashtra e Valahaka, Matimat e Kundadhara e Karkotaka e Dhananjaya, Panimat e o poderoso Kundaka, o senhor da Terra, e Prahlada e Mushikada, e Janamejaya, todos tendo muitas marcas e mandalas auspiciosas e capelos expandidos, essas e muitas outras cobras, ó Yudhishthira, sem ansiedade de nenhum tipo, servem e cultuam ao ilustre Varuna. E, ó rei, Vali o filho de Virochana, e Naraka, o subjugador de toda a Terra, Sanghraha e Viprachitti, e aqueles danavas chamados Kalakanja, e Suhanu e Durmukha e Sankha e Sumanas e também Sumati, e Ghatodara, e Mahaparswa, e Karthana e também Pithara e Viswarupa, Swarupa e Virupa, Mahasiras, e Dasagriva, Vali, e Meghavasas e Dasavara, Tittiva, e Vitabhuta, e Sanghrada, e Indratapana, esses daityas e danavas, todos enfeitados com brincos e guirlandas florais e coroas, e vestidos em mantos celestes, todos glorificados com bênçãos e possuidores de grande coragem, e desfrutando da imortalidade, e todos de boa conduta e de votos excelentes, servem e adoram naquela mansão ao ilustre Varuna, o deus que maneja o laço como arma. E, ó rei, lá estão também os quatro oceanos, o rio Bhagirathi, o Kalindi, o Vidisa, o Venwa, o Narmada de correnteza rápida, o Vipasa, o Satadu, o Chandrabhaga, o Saraswati, o Iravati, o Vitasta, o

Sindhu, o Devanadi, o Godavari, o Krishnavenwa e aquela rainha dos rios a Kaveri, o Kimpuna, o Visalya e o rio Vaitarani também, o Tritiya, o Jeshthila, e o grande Sone (Soane), o Charmanwati e o grande rio Parnasa, o Sarayu, o Varavatya, e aquela rainha dos rios, Langali, o Karatoya, o Atreyi, o Mahanada vermelho, o Laghanti, o Gomati, o Sandhya, e também o Trisrotasi, esses e outros rios que são todos sagrados e lugares de peregrinação renomados no mundo, como também outros rios e águas sagradas e lagos e poços e fontes, e tanques, grandes ou pequenos, em sua forma personificada, ó Bharata, servem e veneram ao senhor Varuna. Os pontos dos céus, a Terra, e todas as Montanhas, como também todas as espécies de animais aquáticos, todos adoram Varuna lá. E várias tribos de gandharvas e apsaras, dedicadas à música, vocal e instrumental, servem a Varuna, cantando hinos de louvores a ele. E todas as montanhas que são notáveis por serem encantadoras e ricas em pedras preciosas, servem (em sua forma personificada) naquela sabhâ, desfrutando de conversas agradáveis umas com as outras. E o principal ministro de Varuna, de nome Sunabha, cercado por seus filhos e netos, também serve ao seu mestre, junto com (a forma personificada) de uma água sagrada chamada Go. Esses todos, em suas formas personificadas, adoram a divindade. Ó touro da raça Bharata, assim é a sala de reuniões de Varuna vista por mim antes, no decurso de minhas viagens. Escuta agora a descrição que eu dou da sala de reuniões de Kuvera.'

## 10

Narada disse, 'Possuidora de grande esplendor, a casa de reuniões de Vaisravana, ó rei, tem cem yojanas de comprimento e setenta yojanas de largura. Ela foi construída, ó rei, pelo próprio Vaisravana usando seu poder ascético. Possuindo o esplendor dos topos de Kailasa, aquela mansão eclipsa por seu próprio o brilho da própria Lua. Suportada por Guhyakas, aquela mansão parece estar ligada ao firmamento. De feitio celeste, ela é extremamente bela com altas câmaras de ouro. Muito encantadora e fragrante com perfumes celestes, ela é matizada com inúmeras joias valiosas. Parecendo os picos de uma massa de nuvens brancas, ela parece estar flutuando no ar. Pintada com cores de ouro celeste, ela parece ser decorada com faixas de relâmpago. Dentro daquela mansão se senta em um excelente assento brilhante como o sol e coberto com tapetes celestes e equipado com um belo supedâneo o rei Vaisravana de aparência agradável, vestido em mantos excelentes e enfeitado com ornamentos caros e brincos de grande brilho, cercado por suas mil esposas. Brisas deliciosas e refrescantes murmurantes através de florestas de altas Mandaras, e portando a fragrância de extensas plantações de jasmim, como também dos lótus sobre a superfície do rio Alaka e dos jardins de Nandana, sempre contribuem para o prazer do rei dos yakshas. Lá as divindades com os gandharvas cercados por várias tribos de apsaras cantam em coro, ó rei, notas de doçura celeste. Misrakesi e Rambha, e Chitrasena, e Suchismita, e Charunetra, e Gritachi e Menaka, e Punjikasthala, e Viswachi Sahajanya, e Pramlocha e Urvasi e Ira, e Varga e Sauraveyi, e Samichi, e Vududa, e Lata, estas e outras mil apsaras e gandharvas,

todos bem hábeis em música e dança, servem a Kuvera, o senhor dos tesouros. E aquela mansão, sempre cheia com as notas de música instrumental e vocal, como também com os sons de dança de várias tribos de gandharvas e apsaras, se torna extremamente encantadora e deliciosa. Os gandharvas chamados Kinnaras, e outros chamados Naras, e Manibhadra, e Dhanada, e Swetabhadra e Guhyaka, Kaseraka, Gandakandu, e o poderoso Pradyota, Kustumvuru, Pisacha, Gajakarna, e Visalaka, Varaha-Karna, Tamraushtica, Falkaksha, e Falodaka, Hansachuda, Sikhavarta, Vibhishana, Pushpanana, Pingalaka, Sonitoda e Pravalaka, Vrikshavaspa-niketa, e Chiravasas, esses, ó Bharata, e muitos outros yakshas às centenas e aos milhares sempre servem a Kuvera. A deusa Lakshmi sempre está lá, e também o filho de Kuvera, Nalakuvera. Eu mesmo e muitos outros como eu muitas vezes vamos lá. Muitos rishis brâmanes e rishis celestes também vão lá muitas vezes. Muitos rakshasas e muitos gandharvas, além daqueles que foram citados, cuidam do culto, naquela mansão, ao senhor ilustre de todos os tesouros. E, ó tigre entre reis, o marido ilustre de Umâ e senhor das coisas criadas, Mahadeva de três olhos, o manejador do tridente e matador do asura chamado Bhaga-netra, o deus poderoso do arco feroz, cercado por multidões de espíritos às centenas e aos milhares, alguns de pequena estatura, alguns de aparência feroz, alguns de costas curvadas, alguns de olhos cor de sangue, alguns de gritos terríveis, alguns que se alimentam de gordura e carne, e alguns terríveis de olhar, mas todos armados com várias armas e dotados da velocidade do vento, com a deusa (Parvati) sempre alegre e que não conhece fadiga, sempre visitam lá o seu amigo Kuvera, o senhor dos tesouros. E centenas dos chefes gandharva, com corações alegres e vestidos em seus respectivos mantos e Viswavasu, e Haha e Huhu, e Tumvuru e Parvatta, e Sailusha, e Chitrasena hábil em música e também Chitraratha, esses e inúmeros gandharvas adoram o senhor dos tesouros. E Chakradhaman, o chefe dos Vidyadharas, com seus seguidores, serve naquela mansão ao senhor dos tesouros. E kinnaras às centenas e inúmeros reis com Bhagadatta como seu chefe, e Druma, o chefe dos kimpurushas, e Mahendra, o chefe dos rakshasas, e Gandhamadana acompanhado por muitos yakshas e gandharvas e muitos rakshasas servem ao senhor dos tesouros. O virtuoso Vibhishana também adora lá seu irmão mais velho, o senhor Kuvera (Croesus). As montanhas de Himavat, Paripatra, Vindhya, Kailasa, Mandara, Malaia, Durdura, Mahendra, Gandhamadana, Indrakila, Sunava, e as colinas do Leste e do Oeste e muitas outras montanhas, em suas formas personificadas, com Meru à frente de todas, servem e adoram ao ilustre senhor dos tesouros. Os ilustres Nandiswaras, e Mahakala, e muitos espíritos de orelhas pontudas e bocas de pontas afiadas, Kaksha, Kuthimukha, Danti, e Vijaya de grande mérito ascético, e o poderoso touro branco de Siva de rugido profundo, todos servem naquela mansão. Além desses muitos outros rakshasas e pisachas (demônios) adoram Kuvera naquela casa de reuniões. O filho de Pulastya (Kuvera) antigamente costumava sempre adorar de todas as maneiras e se sentar, com permissão obtida, ao lado do deus dos deuses, Siva, o criador dos três mundos, aquele Deus supremo cercado por seus servidores. Um dia o nobre Bhava (Siva) fez amizade com Kuvera. Desde aquele tempo, ó rei, Mahadeva sempre repousa na mansão de seu amigo, o senhor dos tesouros. Aquelas melhores de todas as joias, aqueles príncipes de todas as pedras preciosas nos três mundos, Sankha e Padma, em suas formas

personificadas, acompanhados por todas as joias da terra (também em suas formas personificadas) veneram Kuvera.

Aquela encantadora casa de reuniões de Kuvera que eu vi, ligada ao firmamento e capaz de se mover por ele, é assim, ó rei. Ouve agora sobre a sabhâ que eu descrevo para ti, pertencente a Brahma, o Avô.'

## 11

Narada disse, 'Ouve-me, ó filho, enquanto eu te falo da casa de reuniões do Avô, a casa que ninguém pode descrever, dizendo 'ela é assim'. Na era Krita (dourada) antigamente, ó rei, o deus exaltado Aditya (uma vez) desceu do céu para o mundo dos homens. Tendo visto antes a casa de reuniões de Brahma, o Autocriado, Aditya estava alegremente vagando pela Terra em forma humana, desejoso de ver o que pudesse ser visto aqui. Foi naquela ocasião, ó filho de Pandu, que o deus do dia falou para mim, ó touro da raça Bharata, daquela sabhâ (assembleia) celeste do Avô, imensurável e imaterial e indescritível, em relação à forma e aspecto, e capaz de encantar o coração de todas as criaturas por seu esplendor. Sabendo, ó touro da raça Bharata, dos méritos daquela sabhâ, eu fiquei, ó rei, desejoso de vê-la. Eu então perguntei a Aditya, dizendo, 'Ó exaltado, eu desejo ver a sabhâ sagrada do Avô. Ó senhor da luz, dize-me, ó sublime, por quais penitências ascéticas, ou por quais atos, ou por quais encantos ou ritos eu poderei ter permissão para ver aquela excelente sabhâ purificadora de pecados.' Ouvindo essas minhas palavras, Aditya, o deus do dia, o deus de mil raios, me respondeu, ó chefe da raça Bharata, assim: 'Cumpre, com tua mente absorta em meditação, o voto Brahma que se estende por mil anos.' Indo então ao leito de Himavat eu comecei aquele grande voto, e depois que eu o tinha completado o deus exaltado e impecável Surya dotado de grande energia, e que não conhece fadiga, me levou com ele à sabhâ do Avô. Ó rei, é impossível descrever aquela sabhâ, dizendo, 'ela é assim', pois dentro de um momento ela assume uma forma diferente que a língua fracassa em descrever. Ó Bharata, é impossível indicar suas dimensões ou forma. Eu nunca vi nada como ela antes. Sempre contribuindo para felicidade daqueles dentro dela, sua atmosfera não é nem fria nem quente. Fome e sede ou qualquer tipo de inquietação desaparecem tão logo se chega lá. Ela parece ser composta de gemas brilhantes de muitos tipos. Ela não parece ser sustentada por colunas, e não conhece deterioração, sendo eterna. Aquela mansão autorrefulgente, por seu fulgor abundante, indicações celestiais de esplendor inigualável, parece superar a lua, o sol e o fogo em esplendor. Localizada no céu, ela resplandece, censurando por assim dizer o criador do dia. Naquela mansão, ó rei, a Divindade Suprema, o Avô de todas as coisas criadas, tendo ele mesmo criado tudo em virtude de sua ilusão criativa, sempre permanece. E Daksha, Prachetas, Pulaha, Marichi, o mestre Kasyapa, Bhrigu, Atri, e Vasistha e Gautama, e também Angiras, e Pulastya, Kraut, Prahlada, e Kardama, esses Prajapatis, e Angirasa do Atharvan Veda, os Valikhilyas, os Marichipas, Inteligência, Espaço, Conhecimento, Ar, Calor, Água, Terra, Som,

Tato, Forma, Gosto, Cheiro, Natureza, e os Modos (da Natureza), e as causas elementais e primordiais do mundo, todos ficam naquela mansão ao lado do senhor Brahma. E Agastya de grande energia, e Markandeya de grande poder ascético, e Jamadagni e Bharadwaja, e Samvarta, e Chyavana, e o nobre Durvasa, e o virtuoso Rishyasringa, o ilustre Sanatkumara de grande mérito ascético e o preceptor em todos os assuntos relativos ao Yoga, Asita e Devala, e Jaigishavya conhecedor da verdade, Rishava, Ajitasatru, e Mani de grande energia, e a Ciência de cura com seus oito ramos, todos em suas formas personificadas, ó Bharata, a lua com todas as estrelas e as conjunções estelares, Aditya com todos os seus raios, os ventos, os Sacrifícios, as Declarações de propósito (em sacrifícios), os Princípios Vitais, esses seres ilustres e cumpridores de votos em suas formas personificadas, e muitos outros muito numerosos para serem mencionados, todos servem a Brahma naquela mansão. Riqueza e Religião e Desejo, e Alegria, e Aversão, e Ascetismo e Tranquilidade, todos juntos servem à Divindade Suprema naquele palácio. As vinte tribos de gandharvas e apsaras, como também suas sete outras tribos, e todos os Lokapalas (principais protetores de várias regiões), e Sukra, e Vrihaspati, e Vudha, e Angaraka (Mangala), Sani, Rahu, e os outros planetas, os Mantras (do Sama Veda), os Mantras especiais (do mesmo Veda), (o ritos de) Harimat e Vasumat, os Adityas com Indra, os dois Agnis mencionados por nome (Agnisoma e Indragni), os Marutas, Viswakarman, e os Vasus, ó Bharata, os Pitris, e todos os tipos de libações sacrificais, os quatro Vedas, Rig, Sama, Yajur, e Atharva, todas as Ciências e ramos de aprendizagem, Histórias e todos os ramos menores de aprendizagem, os vários ramos dos Vedas, os planetas, os Sacrifícios, o Soma, todas as divindades, Savitri (Gayatri), as sete espécies de rima, Compreensão, Paciência, Memória, Sabedoria, Inteligência, Fama, Perdão, os Hinos do Sama Veda, a Ciência de hinos em geral, e várias espécies de Versos e Canções, vários Comentários com argumentos, todos em suas formas personificadas, ó rei, e vários Dramas e Poemas e Histórias e Glosas resumidas, esses também, e muitos outros, servem ao Deus Supremo naquela sabhâ. Kshanas, Lavas, Muhurtas, Dia, Noite, Quinzenas, Meses, as seis Estações, ó Bharata, Anos, Yugas, os quatro tipos de Dia e Noite (parecendo para o homem, para os Pitris, para os deuses, e para Brahma) e aquela eterna, indestrutível, que não se deteriora, e excelente Roda do Tempo e também a Roda da Virtude, esses sempre estão lá. Ó Yudhishthira, e Aditi, Diti, Danu, Surasa, Vinata, Ira, Kalika, Suravi, Devi, Sarama, Gautami e as deusas Pradha, e Kadru, essas mães dos celestiais, e Rudrani, Sree, Lakshmi, Bhadra, Shashthi, a Terra, Ganga, Hri, Swaha, Kriti, a deusa Sura, Sachi Pushti, Arundhati, Samvritti, Asa, Niyati, Srishti, Rati, essas e muitas outras deusas servem ao Criador de tudo. Os Adityas, Vasus, Rudras, Marutas, Aswins, os Viswadevas, Sadhyas, e os Pitris dotados da velocidade da mente, esses todos lá servem ao Avô. E, ó touro entre homens, saibas que lá há sete classes de Pitris, das quais quatro classes têm formas incorporadas e as três restantes não tem formas incorporadas. É bem conhecido que os ilustres Vairajas e Agniswattas e Garhapattyas (três classes de Pitris) vagueiam no céu. E aqueles entre os Pitris que são chamados Somapas, os Ekasringras, os Chaturvedas, e os Kalas são sempre adorados entre as quatro classes de homens. Satisfeitos com o (suco) Soma primeiro, eles satisfazem Soma depois. Todas essas tribos de Pitris servem ao Senhor da criação e

alegremente adoram a Suprema Divindade de energia incomensurável. E Rakshasas, Pisachas, os Danavas Guhyakas, Nagas, Aves, e vários animais, e todos os grandes seres móveis e imóveis, todos veneram o Avô. E Purandara, o chefe dos celestiais, e Varuna e Kuvera e Yama, e Mahadeva acompanhado por Umâ, sempre vão lá. E, ó rei dos reis, Mahasena (Kartikeya) também adora lá o Avô. O próprio Narayana, e os rishis celestes, e aqueles rishis chamados Valakhillyas, e todos os seres nascidos de mulheres e todos aqueles não nascidos de mulheres, e quaisquer outros que sejam vistos nos três mundos, móveis e imóveis, saibas que foram todos vistos lá por mim, ó rei. E oitenta mil rishis com a semente vital parada, e ó Pandu, cinquenta mil rishis que têm filhos, foram todos vistos lá por mim. E todos os habitantes do céu indo para lá contemplam a Divindade Suprema quando lhes agrada, e adorando-o com uma inclinação de sua cabeça eles retornam para o local de onde vieram. E, ó rei de homens, o Avô de todos os seres criados, a Alma do universo, o Autocriado Brahma de inteligência e glória imensuráveis, igualmente bondoso para com todas as criaturas, os honra como eles merecem, e satisfaz com palavras gentis e presentes de riquezas e outros artigos agradáveis, os deuses, os daityas, os nagas, os brâmanes, os ykshas, as aves, os kaleyas, os gandharvas, as apsaras, e todos os outros seres elevados que vão até ele como seus convidados. E aquela sabhâ deleitável, ó filho, está sempre apinhada de pessoas que vêm e vão. Cheia de todos os tipos de energia, e venerada por brahmarshis, aquela sabhâ celeste refulge com as posses atrativas de Brahma e parece extremamente bela, ó tigre entre reis, como esta tua sabhâ é inigualável no mundo dos homens, assim é aquela sabhâ de Brahma, vista por mim, inigualável em todos os mundos. Eu vi essas sabhâs, ó Bharata, nas regiões dos celestiais. Esta tua sabhâ é indubitavelmente a mais notável no mundo dos homens!’

## 12

Yudhishthira disse, 'Ó principal dos homens eloquentes, como tu descreveste as diferentes sabhâs para mim, parece que quase todos os monarcas da terra podem ser encontrados na sabhâ de Yama. E, ó mestre, quase todos os nagas, e principais daityas, e rios, e oceanos, são encontrados na sabhâ de Varuna. E assim os yakshas, os guhyakas, os rakshasas, os gandharvas e apsaras e o deus (Yama) que tem o touro como veículo, são encontrados na sabhâ do senhor dos tesouros. Tu disseste que na sabhâ do Avô são vistos todos os grandes rishis, todos os deuses, todos os ramos de aprendizagem. Em relação à sabhâ de Sakra, no entanto, tu citaste, ó muni, todos os deuses, os gandharvas, e vários rishis. Mas, ó grande muni, tu mencionaste um único rei, o nobre rishi Harishchandra como vivendo na sabhâ do chefe ilustre dos deuses. Qual ato foi realizado por aquele rei célebre, ou quais penitências ascéticas com votos constantes, por consequência dos quais ele ficou à altura do próprio Indra? Ó brâmane, como tu também te encontraste com meu pai, o nobre Pandu, agora um convidado na região dos Pitris? Aquele nobre de votos excelentes te disse alguma coisa? Ó, conta-me tudo, pois eu estou extremamente curioso para ouvir tudo isso de ti.’

Narada disse, 'Ó rei dos reis, eu te direi tudo o que tu me perguntaste sobre Harischandra, eu agora te falarei da grande excelência dele. Ele foi um rei poderoso, realmente, um imperador sobre todos os reis da terra. De fato, todos os reis da terra obedeciam ao seu governo. Ó monarca, só sobre um carro vitorioso adornado com ouro aquele rei pela destreza de suas armas trouxe toda a terra com suas sete ilhas sob o seu domínio. E, ó monarca, tendo subjugado toda a terra com suas montanhas e florestas ele fez os preparativos para o grande sacrifício chamado Rajasuya. E todos os reis da terra levaram, por ordem dele, riquezas para aquele sacrifício. Todos eles concordaram em se tornar distribuidores de alimento e presentes para os brâmanes que foram alimentados na ocasião. Naquele sacrifício o rei Harishchandra deu a todos os que pediram riqueza que era cinco vezes o que cada um tinha solicitado. Na conclusão do sacrifício o rei gratificou os brâmanes que vieram de vários países com grandes presentes de vários tipos de riquezas. Os brâmanes satisfeitos com vários tipos de comida e artigos agradáveis, dados a eles à extensão de seus desejos, e com pilhas de joias distribuídas entre eles, começaram a dizer, ‘O rei Harischandra é superior a todos os reis em energia e renome.’ E saibas, ó monarca, ó touro da raça Bharata, que foi por essa razão que Harischandra brilhou mais intensamente do que milhares de outros reis. O poderoso Harischandra, tendo concluído o seu grande sacrifício, foi instalado, ó rei, na soberania da terra e parecia resplandecente em seu trono. Ó touro da raça Bharata, todos os monarcas que realizam o sacrifício de Rajasuya, (chegando à região de Indra), passam seu tempo em felicidade na companhia de Indra. E, ó touro da raça Bharata, aqueles reis também que dão suas vidas sem virar as costas no campo de batalha alcançam a mansão de Indra e vivem em alegria com ele. Aqueles que entregam seus corpos depois de severas penitências ascéticas também alcançam a mesma região e refulgem brilhantemente lá por eras. Ó rei da linhagem Kuru, ó filho de Kunti, teu pai Pandu, vendo a boa sorte de Harischandra e se admirando muito por causa disso, te disse algo. Sabendo que eu estava vindo do mundo dos homens, ele se curvou a mim e disse, ‘Tu deves dizer a Yudhishthira, ó rishi, que ele pode subjugar toda a Terra visto que seus irmãos são todos obedientes a ele. E tendo feito isso que ele comece o grande sacrifício chamado Rajasuya. Ele é meu filho, e se ele realizar esse sacrifício eu poderei, como Harischandra, logo alcançar a região de Indra, e lá em sua sabhâ passar inúmeros anos em alegria contínua.’ Eu disse a ele em resposta, ‘Ó rei, eu direi ao teu filho tudo isso, se eu for ao mundo dos homens. Eu agora eu te falei o que ele disse, ó tigre entre homens. Realiza então, ó filho de Pandu, os desejos do teu pai. Se tu realizares aquele sacrifício, tu então poderás ir, junto com teus antepassados falecidos, à mesma região que é habitada pelo chefe dos imortais. É dito, ó rei, que a realização daquele sacrifício notável é cheia de muitos obstáculos. Uma classe de rakshasas chamada Brahma-Rakshasas, empenhados em obstruir todos os sacrifícios, sempre procuram por brechas quando aquele grande sacrifício começa. No começo de tal sacrifício uma guerra pode ocorrer e destruir os kshatriyas e até fornecer uma ocasião para a destruição de toda a Terra. Um pequeno obstáculo pode envolver toda a Terra em ruína. Refletindo sobre tudo isso, ó rei dos reis, faze o que for para o teu bem. Sê vigilante e fica preparado para proteger as quatro classes de

teus súditos. Cresce em prosperidade, e desfruta de felicidade. Gratifica os brâmanes com presentes de riqueza. Eu agora respondi em detalhes tudo o que tu me perguntaste. Com a tua permissão eu agora irei à cidade dos Dasarhas (Dwaravati).'"

Vaisampayana disse, "Ó Janamejaya, tendo dito isso ao filho de Pritha, Narada foi embora, acompanhado por aqueles rishis com quem ele tinha vindo. E depois que Narada tinha ido embora o rei Yudhishthira, ó tu da linhagem Kuru, começou a pensar, junto com seus irmãos, naquele principal dos sacrifícios chamado Rajasuya."

## 13

Vaisampayana disse, "Yudhishthira, tendo ouvido aquelas palavras de Narada, começou a suspirar pesadamente. E, ó Bharata, envolvido em seus pensamentos sobre o Rajasuya, o rei não tinha paz mental. Tendo ouvido sobre a glória dos monarcas ilustres (de antigamente) e estando certo acerca do alcance de regiões de felicidade por realizadores de sacrifícios como consequência de seus atos sagrados, e pensando especialmente naquele sábio real Harischandra que tinha realizado o sacrifício grandioso, o rei Yudhishthira desejou fazer os preparativos para o sacrifício Rajasuya. Então, reverenciando seus conselheiros e outros presentes em sua sabhâ, e adorado por eles em retorno, ele começou a discutir com eles acerca daquele sacrifício. Tendo refletido muito, aquele rei dos reis, aquele touro entre os Kurus, inclinou sua mente a fim de fazer os preparativos para o Rajasuya. Aquele príncipe de energia e destreza extraordinárias, no entanto, refletindo sobre virtude e justiça, outra vez colocou seu coração em descobrir o que poderia ser feito para o bem de todo o seu povo. Pois Yudhishthira, aquele principal de todos os homens virtuosos, sempre bondoso para com os seus súditos, trabalhava para o bem de todos sem fazer nenhuma distinção. De fato, livrando-se da raiva e arrogância, Yudhishthira sempre dizia, 'Dê a cada um o que lhe é devido', e os únicos sons que ele podia ouvir eram, 'Abençoado seja Dharma! Abençoado seja Dharma! Yudhishthira!' Se comportando dessa forma e dando segurança paterna a todos, não havia ninguém no reino que nutrisse quaisquer sentimentos hostis em relação a ele. Ele, portanto, veio a ser chamado de Ajatasatru (alguém sem nenhum inimigo em absoluto). O rei cuidava de todos como se eles pertencessem à sua família, e Bhima governava a todos justamente. Arjuna, que costumava usar ambas as mãos com igual habilidade, protegia o povo dos inimigos (externos). E o sábio Sahadeva administrava justiça imparcialmente. E Nakula se comportava em relação a todos com a humildade que lhe era natural. Devido a tudo isso o reino ficou livre de disputas e medo de qualquer tipo. E todas as pessoas ficavam atentas às suas respectivas ocupações. A chuva se tornou tão abundante que não deixava espaço para desejar mais, e o reino cresceu em prosperidade. E por causa das virtudes do rei, os prestamistas, os artigos requeridos para sacrifícios, criações de gado, lavouras, e comerciantes, tudo e todos cresceram em prosperidade. De fato,

durante o reinado de Yudhishthira que era sempre dedicado à verdade não havia extorsões, nem realizações rigorosas de atrasos de aluguel, nem medo de doença, de fogo, ou de morte por envenenamento e encantamentos, no reino. Naquele tempo nunca se ouvia que ladrões ou embusteiros ou favoritos reais alguma vez se comportaram injustamente com relação ao rei ou uns com os outros. Reis conquistados nas seis ocasiões (de guerra, tratado, etc.) costumavam servi-lo para fazer o bem ao monarca e o veneravam sempre, enquanto os comerciantes de diferentes classes vinham pagar-lhe as taxas tributáveis de suas respectivas ocupações. E consequentemente, durante o reinado de Yudhishthira que era sempre dedicado à virtude, o seu domínio cresceu em prosperidade. De fato, a prosperidade do reino foi aumentada não só por esses, mas até pelas pessoas apegadas à voluptuosidade e que satisfaziam todas as suas luxúrias até a saciedade. E o rei dos reis, Yudhishthira, cujo domínio se estendia sobre todos, era possuidor de todas as habilidades e tolerava tudo com paciência. E, ó rei, quaisquer países que o célebre e ilustre monarca conquistasse, as pessoas em todos os lugares, de brâmanes a jovens camponeses, eram todas mais ligadas a ele do que aos seus próprios pais e mães."

Vaisampayana disse, "O rei Yudhishthira, então, aquele principal dos oradores, convocando seus conselheiros e irmãos, perguntou a eles repetidamente acerca do sacrifício Rajasuya. Aqueles ministros em conjunto, assim questionados pelo sábio Yudhishthira desejoso de realizar o sacrifício, então disseram a ele estas palavras de grande importância, 'Um homem já em posse de um reino deseja todos os atributos de um imperador por meio daquele sacrifício que ajuda um rei a adquirir os atributos de Varuna. Ó príncipe da família Kuru, os teus amigos pensam que como tu és digno dos atributos de um imperador já chegou a hora de realizares o sacrifício Rajasuya. O tempo para a realização daquele sacrifício no qual rishis de votos austeros acendem seis fogos com mantras do Sama Veda chegou para ti por causa das tuas posses kshatriya. Na conclusão do sacrifício Rajasuya, quando o realizador é instalado na soberania do império, ele é recompensado com os frutos de todos os sacrifícios incluindo o Agnihotra. É por isso que ele é chamado de conquistador de tudo. Tu és bastante capaz, ó poderosamente armado, de realizar aquele sacrifício. Todos nós somos obedientes a ti. Logo tu serás capaz, ó grande rei, de realizar o sacrifício Rajasuya. Portanto, ó grande rei, que a tua decisão seja tomada de realizar aquele sacrifício sem mais discussão.' Assim falaram ao rei todos os seus amigos e conselheiros separadamente e em conjunto. E, ó rei, Yudhishthira, aquele matador de todos os inimigos, tendo ouvido essas palavras virtuosas, audaciosas, agradáveis e ponderadas deles, aceitou-as mentalmente. E após ouvir essas palavras de seus amigos e conselheiros, e conhecendo a sua própria força também, o rei, ó Bharata, repetidamente refletiu sobre a questão. Depois disso o inteligente e virtuoso Yudhishthira, sábio em deliberar, consultou outra vez com seus irmãos, com os Ritwijas ilustres em volta dele, com seus ministros e com Dhaumya e Dwaipayana e outros.

Yudhishthira disse, ‘Como pode esse desejo que eu tenho de realizar o excelente sacrifício de Rajasuya, que é digno de um imperador, dar resultados, em consequência somente da minha fé e palavras?’”

Vaisampayana disse, "Ó tu de olhos como pétalas de lótus, assim questionados pelo rei, eles responderam naquela hora a Yudhishthira o justo, nestas palavras: ‘Sendo conhecedor dos ditames da moralidade, tu és, ó rei, digno de realizar o grande sacrifício de Rajasuya.’ Depois que os Ritwijas e os rishis tinham dito essas palavras ao rei, seus ministros e irmãos as aprovaram totalmente. O rei, no entanto, possuidor de grande sabedoria, e com a mente sob controle completo, estimulado pelo desejo de fazer bem ao mundo, analisou novamente a questão em sua mente, pensando em sua própria força e meios, nas circunstâncias de hora e lugar e em sua renda e gastos. Pois ele sabia que os sábios nunca fracassam devido a sempre agirem depois de total deliberação. Pensando que o sacrifício não deveria ser começado apenas conforme a sua resolução, Yudhishthira, cuidadosamente levando sobre seus ombros o peso dos negócios pensou em Krishna, aquele perseguidor de todos os pecadores, como a pessoa mais qualificada para decidir a questão, visto que ele o conhecia como o mais importante de todos os homens, possuidor de energia incomensurável, de braços fortes, sem nascimento, mas nascido entre os homens somente pela Vontade. Refletindo sobre as suas façanhas divinas, o filho de Pandu concluiu que não havia nada que fosse desconhecido por ele, nada que ele não pudesse realizar, e nada que ele não pudesse aguentar, e Yudhishthira, o filho de Pritha, tendo chegado a essa firme decisão, logo enviou um mensageiro ao mestre de todos os seres, transmitindo através dele bênçãos e palavras tais como alguém mais velho em idade poderia enviar para alguém que é mais jovem. E aquele mensageiro em um carro veloz chegou entre os Yadavas e se aproximou de Krishna, que estava então residindo em Dwaravati. E Achyuta (Krishna), sabendo que o filho de Pritha tinha ficado desejoso de vê-lo, desejou ver seu primo. E passando rapidamente por muitas regiões, sendo levado por seus próprios cavalos velozes, Krishna chegou a Indraprastha, acompanhado por Indrasena. E tendo chegado a Indraprastha, Janardana se aproximou de Yudhishthira sem perda de tempo. E Yudhishthira recebeu Krishna com afeto paterno, e Bhima também o recebeu igualmente. E Janardana então foi com o coração alegre até a irmã de seu pai (Kunti). E adorado então com reverência pelos gêmeos, ele começou a conversar alegremente com seu amigo Arjuna que estava maravilhado em vê-lo. E depois que ele tinha descansado algum tempo em um aposento agradável e estava totalmente revigorado, Yudhishthira se aproximou dele em seu tempo livre e lhe contou tudo sobre o sacrifício Rajasuya.

Yudhishthira disse, 'Eu tenho desejado realizar o sacrifício Rajasuya. Aquele sacrifício, no entanto, não pode ser realizado somente pelo desejo de alguém realizá-lo. Tu sabes, ó Krishna, tudo sobre os meios pelos quais ele pode ser feito. Só pode realizar aquele sacrifício aquele para quem tudo é possível, que é adorado em todos os lugares e que é o rei dos reis. Meus amigos e conselheiros se aproximando de mim disseram que eu deveria realizar aquele sacrifício. Mas, ó Krishna, a respeito desse assunto as tuas palavras serão meu guia. Dos

conselheiros alguns por amizade podem não mencionar as dificuldades, outros por motivos de egoísmo dizem só o que é agradável. Alguns também consideram aquilo que é benéfico para si próprios como digno de adoção. Homens são vistos aconselharem assim em assuntos que esperam decisão. Mas tu, ó Krishna, estás acima de tais motivos. Tu conquistaste o desejo e a ira. Cabe a ti me dizer o que é mais benéfico para o mundo.'

# 14

## Rajasuyarambha Parva

Krishna disse, 'Ó grande rei, tu és um digno possuidor de todas as qualidades essenciais para a realização do sacrifício Rajasuya. Tu conheces tudo, ó Bharata. Eu, no entanto, ainda assim te direi algo. Aqueles homens no mundo que agora usam o nome de kshatriyas são inferiores (em tudo) àqueles kshatriyas que Rama, o filho de Jamadagnya, exterminou. Ó senhor da terra, ó touro da raça Bharata, tu sabes qual forma de governar aqueles khatriyas, guiados pelas instruções tradicionalmente passadas de geração em geração, têm estabelecido entre a sua própria classe, e como eles estão longe de serem competentes para realizar o sacrifício Rajasuya. As numerosas linhagens reais e outros kshatriyas comuns todos se apresentam como descendentes de Aila e Ikshwaku. Saibas que os descendentes de Aila estão, ó rei, como, de fato, os reis da linhagem de Ikshwaku, ó touro da raça Bharata, cada um dividido em cem dinastias separadas. Os descendentes de Yayati e dos Bhojas são grandes em extensão (número) e realizações. Ó rei, esses últimos estão hoje espalhados por toda a terra. E todos os kshatriyas adoram a prosperidade daqueles monarcas. No momento, no entanto, ó monarca, o rei Jarasandha, conquistando aquela prosperidade desfrutada por toda a classe deles, e dominando-os por meio de sua energia, se colocou sobre as cabeças de todos aqueles reis. E Jarasandha, desfrutando da soberania sobre a parte média da terra (Mathura), resolveu criar desunião entre nós. Ó monarca, o rei que é senhor supremo de todos os reis, e somente em quem o domínio do universo está centrado, merece devidamente ser chamado de imperador. E, ó monarca, o rei Sisupala dotado de grande energia se colocou sob a proteção dele e se tornou o generalíssimo de seus exércitos. E, ó grande rei, o poderoso Vaka, o rei dos Karushas, capaz de lutar por empregar seus poderes de ilusão, serve a Jarasandha como seu discípulo. Há dois outros, Hansa e Dimvaka, de grande energia e grande alma, que procuraram a proteção do poderoso Jarasandha. Há outros também, Dantavakra, Karusha, Karava, Meghavahana, que servem a Jarasandha. Aquele também que leva sobre sua cabeça aquela joia que é conhecida como a mais extraordinária sobre a terra, aquele rei dos Yavanas, que castigou Muru e Naraka, cujo poder é ilimitado, e que governa o oeste como outro Varuna, que é chamado Bhagadatta, e que é um velho amigo do teu pai, curvou sua cabeça diante de Jarasandha, por palavras e especialmente por atos. Em seu coração, no entanto, ligado a ti como ele é por afeição, ele te considera como um pai considera o filho. Ó rei, aquele senhor da terra que tem seus

domínios no oeste e no sul, que é o teu tio materno e que se chama Purujit, aquele corajoso perpetuador da linhagem Kunti, aquele matador de todos os inimigos, é o único rei que te respeita por afeição. Aquele a quem eu antigamente não matei, aquele canalha perverso entre os Chedis, que se apresenta neste mundo como um personagem divino e que também se tornou conhecido como tal, e que sempre leva, por tolice, os sinais que me distinguem, aquele rei de Vanga Pundra e dos Kiratas, dotado de grande força, e que é conhecido na terra pelos nomes de Paundraka e Vasudeva também aderiu ao lado de Jarasandha. E, ó rei dos reis, Bhishmaka, o rei poderoso dos Bhojas, o amigo de Indra, aquele matador de heróis, que governa uma quarta parte do mundo, que por sua erudição conquistou os Pandyas e os Kratha-Kausikas, cujo irmão, o valente Akriti, era como Rama, o filho de Jamadagni, tornou-se um servidor do rei de Magadha. Nós somos seus parentes e estamos, portanto, empenhados diariamente em fazer o que é agradável para ele. Mas embora nós o consideremos muito, ele ainda assim não nos considera e está empenhado em nos fazer mal. E, ó rei, sem conhecer a sua própria força nem a dignidade da tribo à qual ele pertence, ele se colocou sob a proteção de Jarasandha somente à visão da fama resplandecente desse último. E, ó exaltado, as dezoito tribos dos Bhojas, por medo de Jarasandha, todas fugiram em direção ao oeste, assim também fizeram os Surasenas, os Bhadrakas, os Vodhas, os Salwas, os Patachchavas, os Susthalas, os Mukuttas, e os Kulindas, junto com os Kuntis. E o rei da tribo Salwayana com seus confrades e seguidores, e os Panchalas do sul e os Kosalas do leste todos fugiram para o país dos Kuntis. Assim também os Matsyas e os Sannyastapadas, tomados pelo medo, deixando seus domínios no norte fugiram para o país do sul. E assim os Panchalas, alarmados pelo poder de Jarasandha, deixaram o seu próprio reino e fugiram em todas as direções. Algum tempo antes, o tolo Kansa, tendo perseguido os Yadavas, se casou com as duas filhas de Jarasandha. Elas se chamam Asti e Prapti e são as irmãs de Sahadeva. Fortalecido por essa aliança, o tolo, perseguindo seus parentes, ganhou poder sobre todos eles. Mas por essa conduta ele ganhou grande desonra. O patife também começou a oprimir os reis idosos da tribo Bhoja, mas eles, para se protegerem da perseguição de seus parentes, procuraram a nossa ajuda. Tendo dado a Akrura a bela filha de Ahuka, com Sankarshana como meu segundo eu fiz um serviço aos meus parentes, pois ambos, Kansa e Sunaman, foram mortos por mim com a ajuda de Rama. Mas depois que a causa imediata de temor tinha sido removida (pela morte de Kansa), Jarasandha, seu sogro, pegou em armas. Nós mesmos consistindo nos dezoito ramos mais jovens dos Yadavas chegamos à conclusão que, mesmo que atacássemos os nossos inimigos constantemente com armas excelentes capazes de tirar as vidas dos inimigos, nós ainda assim não poderíamos fazer nada a eles nem mesmo em trezentos anos. Ele tem dois amigos que são como os imortais, e na questão de força os principais de todos os homens dotados de poder. Eles se chamam Hansa e Dimvaka, ambos não podem mortos por armas. O poderoso Jarasandha, unido a eles, tornou-se incapaz, eu penso, de ser vencido mesmo pelos três mundos. Ó principal de todos os homens inteligentes, essa não é só a nossa opinião, mas todos os outros reis também pensam o mesmo. Houve, ó monarca, um rei de nome Hansa, que foi morto por Rama (Valadeva) depois de uma batalha de dezoito dias. Mas, ó Bharata, ouvindo o povo dizer que Hansa

tinha sido morto, Dimvaka, ó rei, achou que ele não podia viver sem Hansa. Ele consequentemente pulou nas águas do Yamuna e se matou. Depois quando Hansa, o subjugador dos heróis hostis, soube que Dimvaka tinha se matado, ele foi ao Yamuna e se jogou em suas águas. Então, ó touro da raça Bharata, o rei Jarasandha, ao saber que Hansa e Dimvaka tinham morrido, voltou ao seu reino com o coração vazio. Depois que Jarasandha tinha voltado, ó matador de todos os inimigos, nós ficamos muito alegres e continuamos a viver em Mathura. Então a viúva de Hansa e filha de Jarasandha, aquela mulher bela de olhos como pétalas de lótus, sofrendo pela morte de seu marido, foi até seu pai, e repetidamente suplicou, ó monarca, ao rei de Magadha, dizendo, 'Ó matador de todos os inimigos, mata o assassino do meu marido.' Então, ó grande rei, se lembrando da conclusão à qual nós tínhamos chegado anteriormente, nós ficamos muito tristes e fugimos de Mathura. Dividindo a nossa grande riqueza em pequenas partes assim tornando cada porção facilmente transportável, nós fugimos por medo de Jarasandha, com nossos primos e parentes. Refletindo sobre tudo, nós fugimos em direção ao oeste. Há uma cidade encantadora no oeste chamada Kusasthali, adornada pelas montanhas de Raivata. Naquela cidade, ó monarca, nós tomamos residência. Nós reconstruímos sua fortaleza e a fizemos tão forte que ela se tornou invulnerável até para os deuses. E de dentro dela até as mulheres podem lutar com o inimigo, o que falar dos heróis Yadava sem medo de nenhum tipo? Ó matador de todos os inimigos, nós estamos agora vivendo naquela cidade. E, ó tigre da raça Kuru, em vista da inacessibilidade daquela principal das montanhas e se considerando já livres do medo de Jarasandha, os descendentes de Madhu ficaram muito contentes. Desse modo, ó rei, possuidores de força e energia, ainda assim por causa das opressões de Jarasandha nós fomos obrigados a viajar para as montanhas de Gomanta, que mede três yojanas de comprimento. Dentro de cada yojana estão fixados vinte e um postos de homens armados. E a intervalos de cada yojana há cem portões com arcos que são defendidos por valorosos heróis empenhados em protegê-los. E inúmeros kshatriyas invencíveis em guerra, pertencentes aos dezoito ramos mais jovens dos Yadavas, estão empenhados em defender aquelas fortificações. Em nossa tribo, ó rei, há no total dezoito mil irmãos e primos. Ahuka teve cem filhos, cada qual é quase como um deus (em destreza), Charudeshna com seu irmão Chakradeva, Satyaki, eu mesmo, Valadeva, o filho de Rohini, e meu filho Samva, que é igual a mim em batalha, nós sete, ó rei, somos Atirathas. Além desses há outros, ó rei, que eu logo citarei. Eles são Kritavarman, Anadhrishti, Samika, Samitinjaya, Kanka, Sanku e Kunti. Esses sete são Maharathas. Há também dois filhos de Andhakabhoja, e o próprio velho rei. Dotados de grande energia eles são todos heróis, cada um poderoso como o raio. Esses Maharathas, escolhendo o país do meio, estão agora vivendo entre os Vrishnis. Ó melhor da linha Bharata, só tu és digno de ser um imperador. Cabe a ti, ó Bharata, estabelecer o teu império sobre todos os kshatriyas. Mas é minha opinião, ó rei, que tu não serás capaz de celebrar o sacrifício Rajasuya enquanto o poderoso Jarasandha viver. Por ele foram presos em sua fortaleza na colina numerosos monarcas, como um leão depositando os corpos mortos de poderosos elefantes dentro de uma caverna do rei das montanhas. Ó matador de todos os inimigos, o rei Jarasandha, desejoso de oferecer cem monarcas em sacrifício, adorou por meio de suas violentas penitências ascéticas o ilustre deus dos

deuses, o marido de Umâ. Foi por esses meios que os reis da terra foram vencidos por Jarasandha. E, ó melhor dos monarcas, por esses meios ele é capaz de cumprir o voto que fez relativo ao seu sacrifício. Por derrotar os reis com suas tropas e levar a todos como cativos para a sua cidade ele aumentou enormemente as suas multidões. Nós também, ó rei, por medo de Jarasandha, tivemos uma vez que deixar Mathura e fugir para a cidade de Dwaravati. Se, ó grande rei, tu desejas realizar o sacrifício, esforça-te pela libertação dos reis confinados por Jarasandha, como também para realizar a sua morte. Ó filho da linhagem Kuru, de outra maneira esse teu empreendimento nunca poderá ser completado. Ó principal dos homens inteligentes, se o Rajasuya deve ser realizado por ti, tu deves fazer isso desse modo e não de outra maneira. Essa, ó rei, é a minha visão (da questão). Faze, ó impecável, como achares melhor. Sob essas circunstâncias, ó rei, tendo refletido sobre tudo, considerando as causas, dize-nos o que tu achas apropriado.'

## 15

Yudhishthira disse, 'Inteligente como és, tu disseste o que ninguém mais é capaz de dizer. Não há ninguém mais sobre a terra que seja o destruidor de todas as dúvidas. Vê, há reis em todas as províncias empenhados em beneficiarem a si mesmos. Mas nenhum entre eles foi capaz de obter a dignidade imperial. De fato, o título de imperador é difícil de adquirir. Aquele que conhece o valor e a força dos outros nunca louva a si mesmo. De fato, é realmente digno de aplausos (culto) quem, empenhado em batalhas com seus inimigos, se comporta de modo louvável. Ó tu mantenedor da dignidade da tribo Vrishni, os desejos e propensões dos homens, como a própria terra extensa adornada com muitas joias, são variados e extensos. Como a experiência raramente pode ser obtida exceto por viajar para regiões distantes da própria casa, assim a salvação nunca pode ser alcançada exceto por agir segundo os princípios que são realmente elevados, comparados com o nível comum dos nossos desejos e propensões. Eu considero a paz mental como o maior objetivo aqui, pois é dessa qualidade que virá a minha prosperidade. Em minha opinião, se eu tentar celebrar aquele sacrifício eu nunca ganharei a maior recompensa. Ó Janardana, dotados de energia e inteligência, aqueles que nasceram na nossa família pensam que alguém dentre eles em algum momento se tornará o principal entre todos os kshatriyas. Mas, ó exaltado, nós também estamos todos assustados pelo temor de Jarasandha e, ó impecável, pela maldade daquele monarca. Ó tu invencível em batalha, a força do teu braço é meu amparo. Quando, portanto, tu estás assustado pelo poder de Jarasandha, como eu me consideraria forte em comparação com ele? Madhava, ó tu da tribo Vrishni, eu fico repetidamente deprimido ao pensar se Jarasandha é capaz ou não de ser morto por ti, por Rama, por Bhimasena, ou por Arjuna. Mas o que eu direi, ó Keshava? Tu és minha maior autoridade em tudo.'

Ao ouvir essas palavras, Bhima, habilidoso em discurso, disse, 'O rei que não é esforçado, ou que sendo fraco e sem recursos entra em hostilidade com um que é

forte, perece como um formigueiro. Pode ser visto geralmente, no entanto, que até um rei que é fraco pode vencer um inimigo que é forte e obter a realização de todos os seus desejos por meio de vigilância e pela aplicação de política. Em Krishna está a política, em mim mesmo a força, e em Arjuna a vitória. Assim como os três fogos (sacrificais) que realizam um sacrifício, nós realizaremos a morte do rei de Magadha.'

Krishna então disse, 'Alguém que tem inteligência imatura procura a realização de seus desejos sem olhar para o que possa lhe acontecer no futuro. É visto que ninguém perdoa por essa razão um inimigo de mente imatura e disposto a servir aos seus próprios interesses. É sabido por nós que na era Krita, tendo trazido todos sob a sua submissão, Yauvanaswin pela abolição de todos os impostos, Bhagiratha por seu tratamento bondoso a todos os seus súditos, Kartavirya pela energia de seu ascetismo, o senhor Bharata por sua força e coragem, e Maruta por sua prosperidade, todos esses cinco se tornaram imperadores. Mas, ó Yudhishthira, tu que desejas a dignidade imperial a mereces, não por uma, mas por todas essas qualidades: vitória, proteção fornecida ao teu povo, virtude, prosperidade e política. Saibas, ó touro da raça Kuru, que Jarasandha, o filho de Vrihadratha, é certamente desse modo (isto é, um candidato à dignidade imperial). Uma centena de dinastias de reis foi incapaz de se opor a Jarasandha. Ele, portanto, pode ser considerado para ser um imperador por sua força. Reis que usam joias adoram Jarasandha (com presentes de joias). Mas, mau desde a infância, ele mal está satisfeito com tal culto. Tendo se tornado o principal entre todos, ele ainda assim ataca com violência os reis com coroas em suas cabeças. Nem lá é visto algum rei do qual ele não cobre tributo. Assim ele trouxe sob o seu domínio quase cem reis. Como pode, ó filho de Pritha, qualquer monarca fraco se aproximar dele com intenções hostis? Confinados no templo de Shiva e oferecidos como sacrifício a ele como animais, aqueles monarcas oferecidos àquele deus não sentem a mais pungente miséria, ó touro da raça Bharata? Um kshatriya que morre em batalha é sempre considerado com respeito. Por que nós não deveríamos, portanto, enfrentar e nos opor a Jarasandha em batalha? Ele já conseguiu oitenta e seis reis, estão faltando só catorze para completar cem. Logo que ele obtiver esses catorze ele começará o seu ato cruel. Aquele que impedir esse ato certamente ganhará renome resplandecente. E aquele que vencer Jarasandha sem dúvida se tornará o imperador de todos os kshatriyas.'

## 16

Yudhishthira disse, 'Desejoso da dignidade imperial, mas agindo por motivos egoístas, e confiando somente na coragem, como, ó Krishna, eu posso enviá-los (a Jarasandha)? Ambos, Bhima e Arjuna, eu considero como meus olhos, e tu, ó Janardana, como minha mente. Como eu viverei sem meus olhos e mente? O próprio Yama não pode vencer em batalha a poderosa hoste de Jarasandha que é dotada, além disso, de bravura terrível. Que coragem vocês podem mostrar contra isso? Esse caso que promete terminar de outra maneira pode nos levar a um

grande prejuízo. É minha opinião, portanto, que a tarefa proposta não pode ser empreendida. Escuta, ó Krishna, o que eu de minha parte penso. Ó Janardana, desistir desse ato me parece ser benéfico. O meu coração hoje está aflito. O Rajasuya me parece difícil de ser realizado.'"

Vaisampayana disse, 'Arjuna, que tinha obtido aquele mais excelente dos arcos e aquele par de aljavas inesgotáveis, e aquele carro com aquela bandeira, como também aquela sala de reuniões, se dirigiu a Yudhishthira naquele momento e disse, 'Eu obtive, ó rei, um arco e armas e flechas e energia e aliados e domínios e fama e força. Esses são sempre difíceis de adquirir, embora sejam muito desejados. Homens eruditos de reputação sempre elogiam em uma boa sociedade a nobreza de descendência. Mas nada é igual ao poder. De fato, ó monarca, não há nada que eu goste mais do que a bravura. Nascido em uma linhagem famosa por sua coragem, um homem que não tem coragem não é digno de respeito. Um homem, no entanto, possuidor de coragem, que seja nascido em uma linhagem que não é notável por isso, é muito superior ao primeiro. Ó rei, é um kshatriya em todas as coisas aquele que aumenta sua fama e posses pela subjugação de seus inimigos. E aquele que é possuidor de coragem, embora desprovido de todos os (outros) méritos, vencerá seus inimigos. Alguém, no entanto, que é desprovido de coragem, embora possua todos os (outros) méritos, mal pode realizar alguma coisa. Todo o mérito existe ao lado da coragem em um estado incipiente. Concentração de atenção, esforço e destino existem como as três causas da vitória. Alguém, no entanto, que possui coragem ainda assim não merece o sucesso se ele age sem cuidado. É por isso que um inimigo dotado de força às vezes morre nas mãos de seus inimigos. Como a baixeza se apossa dos fracos, assim a insensatez às vezes se apossa dos fortes. Um rei, portanto, desejoso de vitória, deve evitar ambas essas causas de destruição. Se, para o propósito do nosso sacrifício, nós nos esforçamos para matar Jarasandha e resgatar os reis mantidos por ele para um objetivo cruel, não há ação superior à qual nós possamos nos dedicar. Se, no entanto, nós não empreendermos a tarefa, o mundo sempre nos achará incompetentes. Nós certamente temos competência, ó rei! Por que deveria você, portanto, nos considerar incompetentes? Aqueles que se tornaram munis, desejosos de obter tranquilidade de alma, obtêm mantos amarelos com facilidade. Assim se nós vencermos o inimigo a dignidade imperial facilmente será nossa. Nós devemos, portanto, lutar com o inimigo.'

## 17

Vasudeva disse, 'Arjuna indicou qual deve ser a inclinação de um homem que nasceu na linhagem Bharata, especialmente de alguém que é o filho de Kunti. Nós não sabemos quando a morte nos alcançará, de noite ou de dia. Nem ouvimos que alguma vez que a imortalidade foi alcançada por se desistir de lutar. Este, portanto, é o dever dos homens, atacar todos os inimigos de acordo com os princípios traçados nas leis. Isso sempre dá satisfação ao coração. Ajudado por uma boa política, se não for frustrado pelo Destino, um empreendimento se torna

coroado com sucesso. Se ambos os partidos, ajudados por esses meios, combatem um ao outro, um deve obter ascendência sobre o outro, pois ambos não podem ganhar ou perder. Uma batalha, no entanto, se dirigida por uma má política que seja desprovida das artes bem conhecidas termina em derrota ou destruição. Se, também, ambos os partidos estiverem na mesma situação, o resultado se torna duvidoso. Ambos, no entanto, não podem ganhar. Quando esse é o caso, por que nós não devíamos, ajudados por uma boa política, nos aproximar diretamente do inimigo e destruí-lo, como a correnteza do rio arrancando uma árvore? Se, disfarçando as nossas próprias falhas, nós atacarmos o inimigo tomando vantagem de suas brechas, por que nós não teríamos sucesso? De fato, a política de homens inteligentes é a de não brigar abertamente com inimigos que são extremamente poderosos e que estão na liderança de suas tropas bem ordenadas. Essa também é a minha opinião. Se, no entanto, nós realizarmos o nosso propósito secretamente entrando na residência de nosso inimigo e atacando sua pessoa, nós nunca ganharemos infâmia. Aquele touro entre homens, Jarasandha, sozinho desfruta de glória imorredoura, como aquele que é o ser no coração de todos os seres criados. Mas eu vejo a sua destruição diante de mim. Desejosos de proteger nossos parentes nós ou o mataremos em luta ou ascenderemos para o céu sendo mortos por ele afinal.'

Yudhishthira disse, 'Ó Krishna, quem é esse Jarasandha? Qual é sua energia e qual é sua destreza, que tendo te tocado não foi queimado como um inseto ao toque do fogo?'

Krishna disse, 'Ouve, ó monarca, quem é Jarasandha, qual é a sua energia, e qual é sua destreza, e por que também ele foi poupado por nós, mesmo tendo nos ofendido repetidamente. Houve um rei poderoso de nome Vrihadratha, o senhor dos Magadhas. Orgulhoso em batalha, ele tinha três akshauhinis de tropas. Belo e dotado de energia, possuidor de riqueza e coragem além da conta, e sempre levando em seu corpo as marcas indicativas da instalação em sacrifícios, ele era como um segundo Indra. Em glória ele era como Surya, em clemência como a Terra, em cólera como o destruidor Yama e em riqueza como Vaisravana. E, ó tu principal da família Bharata, toda a terra foi coberta por suas qualidades, que vieram a ele de uma longa linha de antepassados, como os raios emergindo do sol. E, ó touro da raça Bharata, dotado de grande energia aquele monarca se casou com as filhas gêmeas do rei de Kasi, ambas dotadas de fartura de beleza. E aquele touro entre homens fez uma promessa em segredo para suas esposas de que ele as amaria igualmente e nunca mostraria preferência por uma. E o senhor da terra, na companhia de suas duas esposas ternamente amadas, ambas as quais lhe agradavam, passava os seus dias em alegria como um elefante poderoso na companhia de duas elefantas, ou como o oceano em sua forma personificada entre Gangâ e Yamunâ (também em suas formas personificadas). A juventude do monarca, no entanto, se passou no desfrute de suas posses, sem que nenhum filho nascesse para perpetuar sua linhagem. O melhor dos monarcas fracassou em obter um filho para perpetuar sua família, mesmo através de vários ritos auspiciosos, e homas, e sacrifícios realizados com o desejo de ter prole. Um dia o rei soube que Chanda-kausika de grande alma, o filho de Kakshivat da ilustre

linhagem Gautama, tendo desistido das penitências ascéticas, tinha chegado no decorrer de suas viagens à sua capital e tinha tomado seu assento sob a sombra de uma árvore de manga. O rei foi até aquele muni acompanhado por suas duas esposas, e adorando-o com joias e presentes de valor gratificou-o muito. Aquele melhor dos rishis sincero em palavras e firmemente ligado à verdade então disse ao rei, 'Ó rei dos reis, eu estou satisfeito contigo. Ó tu de votos excelentes, pede uma bênção.' O rei Vrihadratha então, com suas esposas, curvando-se àquele rishi, falou estas palavras sufocadas em lágrimas por causa do seu desespero para obter um filho: 'Ó santo, abandonando meu reino, eu estou para ir às florestas praticar penitências ascéticas. Eu estou muito infeliz, pois eu não tenho nenhum filho. O que eu farei, portanto, com meu reino ou com uma bênção?'

Krishna continuou, 'Ao ouvir essas palavras (do rei), o muni, controlando seus sentidos externos entrou em meditação, sentado à sombra daquela mesma mangueira onde ele estava. E lá caiu sobre o colo do Muni sentado uma manga suculenta e não tocada pelo bico de nenhum papagaio ou de qualquer outra ave. Aquele melhor dos munis, pegando a fruta e mentalmente pronunciando certos mantras sobre ela, deu-a ao rei como o meio de ele obter uma prole incomparável. E o grande muni, possuidor também de uma sabedoria extraordinária, dirigindo-se ao monarca, disse, 'Retorna, ó rei, o teu desejo está realizado. Desiste, ó rei, de ir (para as florestas).' Ouvindo essas palavras do muni e adorando os seus pés, o monarca possuidor de grande sabedoria voltou para a sua própria residência. E lembrando-se da promessa que tinha feito anteriormente (a elas), ó touro da raça Bharata, o rei deu para suas duas esposas aquela única fruta. Suas belas rainhas, dividindo aquela única fruta em duas partes, comeram-na. Por causa da certeza da realização das palavras do muni e da sua veracidade, ambas conceberam, como um efeito de terem comido aquela fruta. E o rei vendo-as naquele estado se encheu de grande alegria. Então, ó sábio monarca, algum tempo depois, quando chegou a hora, cada uma das rainhas deu à luz um corpo fragmentário. E cada fragmento tinha um olho, um braço, uma perna, metade de um estômago, metade de um rosto, e metade de um ânus. Vendo os corpos fragmentários, ambas as mães tremeram muito. As irmãs desamparadas então ansiosamente consultaram uma à outra, e tristemente abandonaram aqueles fragmentos dotados de vida. As duas parteiras (que serviam as rainhas) então embrulharam com cuidado os fragmentos recém-nascidos e saíram dos aposentos internos (do palácio) pela porta de trás, e jogando fora os corpos e voltaram às pressas. Um pouco depois disso, ó tigre entre homens, uma mulher rakshasa de nome Jara que vivia de carne e sangue pegou os fragmentos que jaziam em uma encruzilhada. E, impelida pela força do destino, a mulher canibal uniu os fragmentos para ter maior facilidade de levá-los embora. E, ó touro entre homens, logo que os fragmentos foram unidos eles formaram uma criança robusta de um corpo (dotado de vida). Então, ó rei, a canibal, com olhos arregalados de admiração, achou-se incapaz de carregar aquela criança que tinha um corpo tão duro e forte quanto o raio. Aquele bebê então, fechando os punhos vermelhos como cobre e inserindo-os em sua boca, começou a rugir terrivelmente como as nuvens carregadas de chuva. Alarmados pelo som, os habitantes do palácio, ó tigre entre homens, saíram de repente com o rei, ó matador de todos os inimigos. As rainhas desamparadas e

desapontadas e tristes também, com os seios cheios de leite, também saíram de repente para recuperar sua criança. A canibal vendo as rainhas naquela condição e o rei também tão desejoso de um filho, e a criança que possuía tal força, pensou consigo mesma, ‘Eu vivo dentro dos domínios do rei que está tão desejoso de um filho. Não cabe a mim, portanto, matar o bebê recém-nascido de tal monarca ilustre e virtuoso.’ A rakshasi então, segurando a criança em seus braços como as nuvens envolvem o sol, e assumindo uma forma humana, disse ao rei estas palavras, ‘Ó Vrihadratha, este é teu filho. Dado a ti por mim, ó, pega-o. Ele nasceu de ambas as tuas esposas em virtude da ordem do grande brâmane. Jogado fora pelas parteiras, ele foi protegido por mim!’

Krishna continuou, ‘Ó tu principal da linhagem Bharata, as belas filhas do rei de Kasi, tendo obtido a criança logo lhe fizeram beber sua torrente láctea. O rei, averiguando tudo, ficou cheio de alegria, e dirigindo-se àquela canibal disfarçada como ser humano possuidora da cor do ouro, perguntou, ‘Ó tu da cor do filamento do lótus, quem és tu que me deste esta criança? Ó auspiciosa, tu me pareces uma deusa vagando à tua vontade!’

## 18

Krishna continuou, 'Ouvindo estas palavras do rei, a mulher rakshasa respondeu, ‘Abençoado sejas, ó rei dos reis. Capaz de assumir qualquer forma à vontade, eu sou uma rakshasi chamada Jara. Eu estou vivendo, ó rei, felizmente em tua casa, adorada por todos. Todo dia eu vago de casa em casa dos homens. De fato, eu fui criada antigamente pelo Autocriado e fui chamada de Grihadevi (a deusa do lar). De beleza celeste eu fui colocada (no mundo) para a destruição dos danavas. Aquele que com devoção pinta nas paredes (de sua casa) uma imagem minha dotada de juventude e no meio de crianças terá prosperidade em sua residência, do contrário um lar sofrerá decadência e destruição. Ó senhor, está pintada nas paredes da tua casa uma imagem minha cercada por numerosas crianças. Colocada lá eu sou diariamente adorada com perfumes e flores, com incenso e víveres e vários objetos de prazer. Assim adorada em tua casa, eu diariamente pensava em te fazer algum bem em retorno. Ocorreu, ó rei virtuoso, de eu ver os corpos fragmentários do teu filho. Quando eles foram unidos por mim, uma criança viva foi formada deles. Ó grande rei, isso foi assim devido somente à tua boa sorte. Eu fui somente o instrumento, eu sou capaz de engolir a própria montanha de Meru, o que eu direi da criança? Eu estou, no entanto, satisfeita contigo por causa do culto que eu recebo em tua casa. É, portanto, ó rei, por isso que eu te entreguei esta criança.’

Krishna continuou, ‘Tendo falado essas palavras, ó rei, Jara desapareceu imediatamente. O rei tendo obtido a criança então entrou no palácio. E o rei então fez com que todos os ritos de infância fossem realizados sobre aquele menino, e ordenou que um festival fosse celebrado por seu povo em honra daquela mulher rakshasa. E o monarca igual ao próprio Brahma então deu um nome ao seu filho.

E ele disse que porque que a criança foi unida por Jara ela deveria se chamar Jarasandha (unido por Jara). E o filho do rei de Magadha dotado de grande energia começou a crescer em tamanho e força como um fogo no qual são despejadas libações de manteiga clarificada. E crescendo dia a dia como a lua na quinzena clara o menino começou a aumentar a alegria de seus pais.'

## 19

Krishna disse, 'Algum tempo depois disso o grande asceta, o exaltado Chandakausika, foi novamente ao país dos Magadhas. Alegre pela vinda do rishi, o rei Vrihadratha, acompanhado por seus ministros e sacerdote e esposas e filho, saiu para recebê-lo. E, ó Bharata, adorando o rishi com água para lavar seus pés e rosto, e com as oferendas de arghya, o rei então ofereceu todo o seu reino junto com seu filho para a aceitação do rishi. O venerável rishi aceitando aquele culto oferecido pelo rei e dirigindo-se ao soberano de Magadha, ó monarca, disse com o coração satisfeito, 'Ó rei, eu soube de tudo isso pela visão espiritual. Mas ouve, ó rei dos reis, o que este teu filho será no futuro, como também qual será a sua beleza, excelência, força e coragem. Sem dúvida este teu filho, crescendo em prosperidade e dotado de coragem, obterá tudo isso. Como as outras aves que nunca podem imitar a velocidade do filho de Vinata (Garuda), os outros monarcas da terra não poderão se igualar em energia a este teu filho, que será dotado de grande bravura. E todos aqueles que ficarem no caminho dele certamente serão destruídos. Como a força da correnteza nunca pode fazer a mais leve marca sobre o leito rochoso de uma montanha, armas arremessadas nele até pelos celestiais fracassarão em causar a menor dor a ele. Ele resplandecerá sobre as cabeças de todos os que usam coroas em suas frontes. Como o sol que diminui o brilho de todos os corpos luminosos, este teu filho privará todos os monarcas de seu esplendor. Mesmo os reis que são poderosos e proprietários de grandes exércitos e inúmeros veículos e animais, ao se aproximarem deste teu filho, todos perecerão como insetos sobre o fogo. Este teu filho se apoderará da crescente prosperidade de todos os reis como o oceano recebendo os rios cheios com a água da estação chuvosa. Como a terra enorme dá todas as espécies de produtos, mantendo as coisas que são boas e más, este teu filho dotado de grande força sustentará todas as quatro classes de homens. E todos os reis da terra viverão em obediência às ordens deste teu filho assim como cada criatura dotada de corpo vive na dependência de Vayu que é precioso como o eu para os seres. Este príncipe de Magadha, o mais poderoso de todos os homens no mundo, verá com seus olhos físicos o deus dos deuses chamado Rudra ou Hara, o matador de Tripura.' Ó tu matador de todos os inimigos, assim dizendo, o rishi, pensando em seus próprios negócios, se despediu do rei Vrihadratha. O senhor dos Magadhas então, reentrando em sua capital, e reunindo seus amigos e parentes, instalou Jarasandha no trono. O rei Vrihadratha então veio a sentir uma grande repugnância pelos prazeres mundanos. E depois da instalação de Jarasandha o rei Vrihadratha seguido por suas duas esposas tornou-se o habitante de um retiro ascético nas florestas. E, ó rei, depois que seu pai e mães

tinham se retirado para as florestas, Jarasandha por sua bravura trouxe numerosos reis sob o seu domínio.'”

Vaisampayana continuou, “O rei Vrihadratha, tendo vivido algum tempo nas florestas e praticando penitências ascéticas, finalmente ascendeu para o céu com suas esposas. O rei Jarasandha, também, como proferido por Kausika, tendo recebido aquelas numerosas bênçãos governou seu reino como um pai. Algum tempo depois quando o rei Kansa foi morto por Vasudeva surgiu uma inimizade entre ele e Krishna. Então, ó Bharata, o poderoso rei de Magadha de sua cidade de Girivraja, girando uma maça noventa e nove vezes, arremessou-a em direção a Mathura. Naquela época Krishna de atos extraordinários estava residindo em Mathura. A larga maça arremessada por Jarasandha caiu perto de Mathura a uma distância de noventa e nove yojanas de Giririvraja. Os cidadãos vendo bem o incidente foram até Krishna e informaram-no da queda da maça. O lugar onde a maça caiu é adjacente a Mathura e é chamado Gadavasan. Jarasandha tinha dois partidários chamados Hansa e Dimvaka, ambos incapazes de serem mortos por armas. Bons conhecedores da ciência de política e moralidade, em conselhos eles eram os principais de todos os homens inteligentes. Eu já te disse tudo acerca daquele par poderoso. Eles dois e Jarasandha, eu creio, eram invencíveis nos três mundos. Ó rei corajoso, foi por essa razão que os poderosos Kukkura, Andhaka e as tribos Vrishni, agindo por motivos de política, não julgaram apropriado lutar com ele.”

# 20

## Jarasandha-vadha Parva

Krishna disse, ‘Ambos, Hansa e Dimvaka, morreram, Kansa também e todos os seus seguidores estão mortos. Chegou a hora, portanto, da destruição de Jarasandha. Ele não pode ser vencido em batalha nem por todos os celestiais e asuras (lutando juntos). Nós pensamos, no entanto, que ele deve ser vencido em uma luta corporal com braços nus. Em mim está a política, em Bhima a força e em Arjuna está o triunfo, e, portanto, como prelúdio para realizar o Rajasuya, nós certamente realizaremos a destruição do soberano de Magadha. Quando nós três nos aproximarmos daquele monarca em segredo ele, sem dúvida, se envolverá em combate com um de nós. Por medo da ignomínia, por cobiça, e por orgulho de força ele certamente convocará Bhima para o combate. Como a própria morte que mata uma pessoa mesmo que ela seja cheia de orgulho, o poderoso Bhimasena e de braços longos efetuará a destruição do rei. Se tu conheces o meu coração, se tens alguma fé em mim, então transfere para mim, como um penhor, Bhima e Arjuna sem perda de tempo!'”

Vaisampayana continuou, “Abordado desse modo pelo sublime, Yudhishthira, vendo Bhima e Arjuna com os rostos alegres, respondeu, dizendo 'Ó Achyuta, ó Achyuta, matador de todos os inimigos, não fales assim. Tu és o senhor dos Pandavas! Nós somos dependentes de ti. O que tu dizes, ó Govinda, é compatível com os conselhos sábios. Tu nunca lideraste aqueles a quem a Prosperidade

virou as costas. Eu que estou sob as tuas ordens já considero Jarasandha morto, os monarcas confinados por ele como já libertados e o Rajasuya já realizado por mim. Ó senhor do universo, ó melhor dos homens, age vigilantemente para que essa tarefa possa ser realizada. Sem vocês eu então não teria coragem para viver, como um homem triste afligido pela doença, e privado dos três atributos de moralidade, prazer e riqueza. Partha não pode viver sem Sauri (Krishna), nem pode Sauri vive sem Partha. Nem há nada no mundo que não possa ser conquistado por estes dois, Krishna e Arjuna. Este belo Bhima também é o principal de todos os homens dotados de força. De grande renome, o que ele não poderia realizar com vocês dois? As tropas, quando devidamente lideradas, sempre fazem um serviço excelente. Um exército sem um líder é chamado de inerte pelos sábios. Tropas, portanto, devem sempre ser lideradas por comandantes experientes. Para lugares que são baixos, os sábios sempre levam a água. Até os pescadores fazem a água (do tanque) jorrar através de buracos. (Líderes experientes sempre lideram suas tropas observando as brechas e os pontos do inimigo que podem ser atacados). Nós, portanto, nos esforçaremos para realizar nosso propósito seguindo a liderança de Govinda que é conhecedor da ciência de política, este personagem cuja fama se estende por todo o mundo. Para a realização bem-sucedida de um objetivo uma pessoa deve sempre colocar Krishna na dianteira, este principal dos personagens cuja força consiste em sabedoria e política e que possui o conhecimento dos métodos e recursos. Para a realização de um propósito, portanto, que Arjuna, o filho de Pritha, siga Krishna, o principal dos Yadavas, e que Bhima siga Arjuna. Política e boa sorte e poder (então) ocasionarão o sucesso em uma questão que requere coragem.'

Vaisampayana disse, "Ao ouvir isso de Yudhishthira, o trio Krishna, Arjuna e Bhima, todos possuidores de grande energia, partiram para Magadha vestidos no traje de brâmanes Snataka de corpos resplandecentes, e abençoados pelas palavras agradáveis de amigos e parentes. Possuidores de energia superior e de corpos já como o Sol, a Lua, e o Fogo, cheios de fúria pela triste sina de seus reis parentes, os corpos deles se tornaram muito mais brilhantes. E as pessoas, observando Krishna e Arjuna, ambos que nunca antes foram vencidos em batalha, com Bhima na dianteira, todos preparados para realizar a mesma tarefa, consideraram Jarasandha como já morto. Pois o ilustre par (Krishna e Arjuna), eram mestres que dirigiam todas as operações (no universo), como também todos os atos relativos à moralidade, riqueza, e prazer de todos os seres. Tendo saído do país dos Kurus, eles atravessaram Kuru-jangala e chegaram ao encantador lago de lótus. Passando pelas colinas de Kalakuta, eles então seguiram cruzando o Gandaki, o Sadanira (Karatoya), e o Sarkaravarta e os outros rios que avançavam pelas mesmas montanhas. Eles então cruzaram o encantador Sarayu e viram o país de Kosala do Leste. Passando por aquele país eles foram para Mithila e então cruzaram o Mala e Charamanwati, os três heróis cruzaram o Ganges e o Sone e foram em direção ao leste. Finalmente aqueles heróis de glória imorredoura chegaram a Magadha no coração (do país de) Kushamva. Alcançando então as colinas de Goratha, eles viram a cidade de Magadha que estava sempre cheia de vacas e riqueza e água e tornada bela com as inúmeras árvores que havia lá.'

## 21

Vasudeva disse, 'Vê, ó Partha, a grande capital de Magadha, com toda a sua beleza. Cheia de rebanhos e manadas e com seu estoque de água que nunca se esgota, e adornada também com belas mansões colocadas em ordem excelente, ela é livre de todo tipo de calamidade. As cinco grandes colinas de Vaihara, Varaha, Vrishava, Rishigiri, e a encantadora Chaitya, todas com topos altos e cobertas com árvores altas de sombra fresca e ligadas uma à outra, parecem estar juntamente protegendo a cidade de Girivraja. Os leitos das colinas são ocultados por florestas de encantadoras e fragrantes Lodhras que têm as pontas de seus ramos cobertas de flores. Foi aqui que o ilustre Gautama de votos rígidos gerou em sua mulher sudra Ausinari (a filha de Usinara) Kakshivat e outros filhos célebres. Que a linhagem de Gautama ainda viva sob o domínio de uma raça humana comum (os monarcas) é somente evidência da bondade de Gautama para com os reis. E, ó Arjuna, foi aqui que no passado os monarcas poderosos de Anga e Vanga e outros países vieram para a residência de Gautama, e passaram seus dias em alegria e felicidade. Vê, ó Partha, essas florestas de Pippalas encantadoras e Lodhras belas próximas do lado da residência de Gautama. Lá moravam antigamente aqueles nagas, Arvuda e Sakravapin, perseguidores de todos os inimigos, como também o naga Swastika e aquele outro naga excelente chamado Manu. O próprio Manu ordenou que o país dos Magadhas nunca fosse afligido pela seca, e Kaushika e Manimat também favoreceram a região. Em posse dessa cidade encantadora e invulnerável, Jarasandha está sempre inclinado a procurar a realização dos seus propósitos ao contrário de outros monarcas. Nós, no entanto, por matá-lo hoje humilharemos o seu orgulho.'"

Vaisampayana disse, "Falando dessa forma àqueles irmãos de energia abundante, ele da tribo Vrishni e os dois Pandavas entraram na cidade de Magadha. Eles então se aproximaram da cidade invulnerável de Girivraja que estava cheia de habitantes alegres e bem alimentados pertencentes a todas as quatro classes, e onde as festividades eram perenes. Ao chegarem então ao portão da cidade os irmãos (ao invés de passarem através dele) começaram a perfurar (com suas flechas) o coração do alto topo de Chaityaka que era venerado pela tribo de Vrihadratha, como também pelos cidadãos e que encantava os corações de todos os Magadhas. Lá Vrihadratha matou um canibal chamado Rishava e tendo matado o monstro fez de sua pele três tambores os quais ele colocou na sua própria cidade. E aqueles tambores eram tais que o som de uma batida neles durava um mês inteiro. E os irmãos derrubaram o topo de Chaityaka que era encantador para todos os Magadhas, no ponto onde aqueles tambores cobertos com flores celestiais costumavam produzir seu som contínuo. E, desejosos de matar Jarasandha, eles pareceram por esse ato colocar os pés sobre a cabeça de seu inimigo. E atacando com suas armas poderosas aquele imóvel e enorme e alto e antigo topo célebre sempre adorado com perfumes e coroas florais, aqueles heróis o derrubaram. E com corações alegres eles então

entraram na cidade. E ocorreu que os brâmanes eruditos residentes dentro da cidade viram muitos maus presságios, os quais eles relataram para Jarasandha. E o sacerdote, fazendo o rei montar em um elefante, girou pedaços de madeira acesos em volta dele. E o rei Jarasandha também, possuidor de grande coragem, com o objetivo de se proteger daqueles males, iniciou a celebração de um sacrifício, com votos e jejuns apropriados. Enquanto isso, ó Bharata, os irmãos desarmados, ou mais propriamente com seus braços nus como suas únicas armas, desejosos de lutar com Jarasandha, entraram na capital disfarçados de brâmanes. Eles viram a beleza extraordinária das lojas cheias de vários víveres e coroas florais, e abastecidas com artigos de todas as variedades e de várias qualidades que os homens poderiam desejar. Aqueles melhores dos homens, Krishna, Bhima e Dhananjaya, observando naquelas lojas sua riqueza, passaram pela estrada pública. E dotados de grande força eles pegaram à força dos vendedores de flores as guirlandas que eles tinham exposto para vender. E vestidos em mantos de várias cores e enfeitados com guirlandas e brincos os heróis entraram na residência de Jarasandha, possuidor de grande inteligência, como leões Himalayan examinando rebanhos de gado. E os braços daqueles guerreiros, ó rei, cobertos com pasta de sândalo, pareciam os troncos das árvores Sala. O povo de Magadha, vendo aqueles heróis parecidos com elefantes, com pescoços largos como os das árvores e peitos amplos, começou a se admirar. Aqueles touros entre homens passando pelos três portões que estavam abarrotados de homens, orgulhosamente e alegremente se aproximaram do rei. E Jarasandha erguendo-se com pressa os recebeu com água para lavar seus pés, e mel e os outros ingredientes do arghya, com presentes de vacas, e com outras formas de respeito. O grande rei se dirigiu a eles e disse, ‘Vocês são bem-vindos!’ E, ó Janamejaya, Partha e Bhima ficaram calados a isso. E dirigindo-se ao monarca Krishna disse, 'Ó rei dos reis, estes dois estão agora no cumprimento de um voto. Portanto eles não falarão. Eles permanecerão silenciosos até a meia noite e depois dessa hora eles falarão contigo!' O rei então, alojando seus convidados em aposentos sacrificais, foi para seus aposentos particulares. E quando chegou a meia-noite o monarca foi ao lugar onde seus convidados vestidos como brâmanes estavam. Pois, ó rei, aquele monarca sempre vitorioso praticava um voto que era conhecido por todos os mundos, que logo que ele soubesse da chegada de brâmanes Snataka à sua cidade, mesmo que fosse à meia-noite, ele sairia imediatamente, ó Bharata, e lhes concederia uma audiência. Observando o traje estranho dos seus convidados, aquele melhor dos reis ficou muito admirado. Apesar de tudo isso, no entanto, ele os serviu respeitosamente. Aqueles touros entre homens, aqueles matadores de todos os inimigos, por outro lado, ó melhor da linhagem Bharata, observando o rei Jarasandha, disseram, 'Que a salvação seja alcançada por ti, ó rei, sem dificuldade.' E, ó tigre entre reis, tendo dito isso ao monarca, eles ficaram olhando uns para os outros. E, ó rei dos reis, Jarasandha então disse aos filhos de Pandu e àquele da tribo Yadu, todos disfarçados de brâmanes, 'Tomem seus lugares.' E aqueles touros entre homens se sentaram, e, como os três sacerdotes de um grande sacrifício, resplandeciam em sua beleza. E o rei Jarasandha, ó tu da família Kuru, firmemente dedicado à verdade, criticando os convidados disfarçados, disse a eles, 'É bem conhecido por mim que em todo o mundo brâmanes no cumprimento do voto Snataka nunca

enfeitam seus corpos com guirlandas e pastas fragrantes inadequadamente. Quem são vocês, portanto, assim enfeitados com flores, e com as mãos portando as marcas da corda do arco? Vestidos em mantos coloridos e ornados inadequadamente com flores e pasta, vocês me deram a entender que eram brâmanes, embora tendo a energia kshatriya. Digam-me realmente quem são vocês. A verdade orna até os reis. Derrubando o topo da colina Chaityaka, por que vocês, disfarçados, entraram (na cidade) por um portão impróprio sem medo da ira real? A energia de um brâmane habita em suas palavras (não em ação). Esse seu ato não corresponde à classe à qual vocês declaram pertencer. Digam-nos, portanto, qual objetivo vocês têm em vista. Chegando aqui por tal caminho impróprio, por que vocês não aceitam o culto que eu ofereço? Que é seu motivo para virem a mim?' Assim abordado pelo rei, Krishna de grande alma, habilidoso com palavras, assim respondeu ao monarca em uma voz calma e grave.

Krishna disse, 'Ó rei, nos reconhece como brâmanes Snataka. Brâmanes e kshatriyas e vaishyas são todos, ó monarca, qualificados para cumprir o voto de Snataka. Este voto, além disso, tem (muitas) regras especiais e gerais. Um kshatriya que cumpre esse voto com regras especiais sempre obtém prosperidade. Portanto, nós nos enfeitamos com flores. Kshatriyas, ó rei, mostram sua energia por meio de seus braços e não com palavras. É por isso, portanto, ó filho de Vrihadratha, que as palavras proferidas por um kshatriya nunca são audaciosas. Ó monarca, o criador plantou sua própria energia no alvo do kshatriya. Se tu desejas ver isso, tu certamente o verás hoje. Estas são as regras da lei: que na residência de um inimigo deve-se entrar por um portão errado e na residência de um amigo através do correto. E saibas, ó monarca, que também é nosso voto eterno que tendo entrado na residência do inimigo para a realização do nosso propósito nós não aceitaremos o culto oferecido a nós!'

## 22

Jarasandha disse, 'Eu não me lembro de alguma vez ter agido injuriosamente para com vocês! Mesmo após um escrutínio mental cuidadoso eu fracasso em ver a ofensa que lhes fiz. Se eu nunca lhes fiz nenhuma injúria, por que, ó brâmanes, vocês consideram a mim, que sou inocente, como seu inimigo? Ó, respondam-me verdadeiramente, pois essa, de fato, é a regra seguida pelos honestos. A mente é atormentada pelo dano ao prazer e a moralidade de alguém. O kshatriya que prejudica (fontes de) prazer e moralidade de um homem inocente, mesmo que ele seja um grande guerreiro e bem versado em todas as regras de moralidade, obtém, sem qualquer dúvida, o destino (na vida após a morte) dos pecadores e decai em prosperidade. As práticas dos kshatriyas são as melhores dentre aqueles que são honestos nos três mundos. De fato, aqueles que conhecem a moralidade elogiam as práticas kshatriya. Aderindo àquelas práticas da minha classe com alma constante, eu nunca ofendo os que são dominados por mim. Ao

trazerem esta acusação, portanto, contra mim, parece que vocês estão falando erroneamente!'

Krishna disse, 'Ó tu de braços poderosos, há certa pessoa na liderança de uma linhagem (real) que defende a dignidade de sua linhagem. Por ordem dele nós viemos contra ti. Tu trouxeste, ó rei, muitos dos kshatriyas do mundo como cativos (para a tua cidade). Tendo cometido esse erro pecaminoso como tu te consideras inocente? Ó melhor dos monarcas, como um rei pode agir injustamente em relação a outros reis virtuosos? Mas tu, ó rei, tratando os outros reis com crueldade, procuras oferecê-los como sacrifício ao deus Rudra! Ó filho de Vrihadratha, esse pecado cometido por ti pode tocar até a nós, pois, como somos virtuosos em nossas práticas, nós somos capazes de proteger a virtude. A morte de seres humanos como sacrifício aos deuses nunca é vista. Por que tu, portanto, procuras realizar um sacrifício ao deus Sankara por massacrar seres humanos? Tu estás te comportando com as pessoas pertencentes à tua própria classe como animais (adequados para sacrifício)! Tu és tolo, pois quem mais, ó Jarasandha, é capaz de se comportar desse modo? Uma pessoa sempre obtém os frutos de quaisquer atos realizados sob quaisquer circunstâncias. Portanto, desejosos como nós somos de ajudar a todas as pessoas afligidas, nós viemos, para a prosperidade da nossa tribo, para cá para matar a ti, o assassino de nossos parentes. Tu pensas que não há nenhum homem entre os khatriyas (igual a ti). Esse, ó rei, é um grande erro de julgamento da tua parte. Que kshatriya há, ó rei, que dotado de grandeza de alma e se lembrando da dignidade da sua própria ascendência, que não ascenderia para o céu eterno que não tem seu igual em lugar nenhum, morrendo em luta aberta? Saibas, ó touro entre homens, que os kshatriyas se envolvem em batalha, como pessoas instaladas em sacrifícios, com o céu em vista, e conquistam todo o mundo! Estudo dos Vedas, grande fama, penitências ascéticas, e morte em batalha, são todas as ações que levam ao céu. O alcance do céu pelos três outros atos pode ser incerto, mas a morte em batalha tem isso como sua consequência certa. A morte em batalha é a causa certa de um triunfo como o de Indra. Ela é agraciada por méritos numerosos. É por essa razão que aquele de cem sacrifícios (Indra) se tornou o que é, e por vencer os asuras ele governa o universo. Hostilidade com quem mais além de ti é tão certa de levar para o céu, orgulhoso como tu és da força extrema da tua vasta hoste Magadha? Não desconsideres os outros, ó rei. A coragem habita em cada homem. Ó rei de homens, há muitos homens cuja coragem pode ser igual ou superior à tua. Como eles não são conhecidos, tu és o único notado por tua coragem. A tua bravura, ó rei, pode ser suportada por nós. É, portanto, por isso que eu falo dessa maneira. Ó rei de Magadha, deixa de lado a tua superioridade e orgulho na presença daqueles que são teus iguais. Não vás, ó rei, com teus filhos e ministros e exército, para as regiões de Yama. Damvodhava, Kartavirya, Uttara e Vrihadratha foram reis que encontraram a destruição, junto com todas as suas tropas, por terem desrespeitado aos seus superiores. Desejosos de libertar os monarcas presos por ti, saibas que nós sem dúvida não somos brâmanes. Eu sou Hrishesha também chamado Sauri, e estes dois heróis entre os homens são os filhos de Pandu. Ó rei de Magadha, nós te desafiamos. Luta colocando-te diante de nós. Ou tu libertas todos os monarcas, ou irás para a residência de Yama.'

Jarasandha disse, 'Eu nunca prendi um rei sem vencê-lo primeiro. Quem é mantido aqui que não foi derrotado em guerra? Este, ó Krishna, é dito que é o dever que deve ser seguido pelos kshatriyas: trazer os outros sob o seu domínio pela demonstração de bravura e então tratá-los como escravos. Tendo colhido aqueles monarcas com a intenção de oferecê-los como sacrifício ao deus, como eu, ó Krishna, por medo libertá-los-ei hoje, quando eu me lembro também do dever de um kshatriya que eu recitei? Com tropas contra tropas alinhadas em ordem de batalha, ou um contra um, ou contra dois, ou contra três, ao mesmo tempo ou separadamente, eu estou pronto para lutar.'"

Vaisampayana disse, "Tendo assim falado, e desejando lutar com aqueles heróis de realizações terríveis, o rei Jarasandha ordenou que Sahadeva (seu filho) fosse instalado no trono. Então, ó touro da raça Bharata, o rei, na véspera da batalha, pensou em seus dois generais Kausika e Chitrasena. Aqueles dois, ó rei, eram antigamente chamados por todos no mundo dos homens pelos títulos respeitosos de Hansa e Dimvaka. E, ó monarca, aquele tigre entre homens, o senhor Sauri sempre dedicado à verdade, o matador de Madhu, o irmão mais novo de Haladhara, o principal de todos os homens que têm seus sentidos sob controle completo, mantendo em vista a ordem de Brahma e se lembrando de que o soberano de Magadha estava destinado a ser morto em batalha por Bhima e não pelo descendente de Madhu (Yadavas), não desejou ele mesmo matar o rei Jarasandha, aquele principal de todos os homens dotados de força, aquele herói possuidor da bravura de um tigre, aquele guerreiro de coragem terrível."

## 23

Vaisampayana disse, "Então aquele principal de todos os oradores, Krishna da tribo Yadava, dirigindo-se ao rei Jarasandha, que estava decidido a lutar, disse, 'Ó rei, com qual entre nós três tu desejas lutar? Qual entre nós se preparará para a batalha (contigo)?' Assim abordado, o soberano de Magadha, o rei Jarasandha de grande esplendor, expressou seu desejo de lutar com Bhima. O sacerdote então, trazendo com ele o pigmento amarelo obtido da vaca e guirlandas de flores e outros artigos auspiciosos, como também vários medicamentos excelentes para restaurar os sentidos perdidos e aliviar a dor, se aproximou de Jarasandha, anelante pela batalha. O rei Jarasandha, em cujo nome cerimônias propiciatórias com bênçãos estavam sendo realizadas por um brâmane renomado, lembrando-se do dever de um kshatriya se vestiu para a batalha. Tirando sua coroa e amarrando seu cabelo corretamente, Jarasandha postou-se como um oceano rebentando seus continentes. Então o monarca possuidor de bravura terrível, dirigindo-se a Bhima, disse, 'Eu lutarei contigo. É melhor ser vencido por uma pessoa superior.' E assim dizendo, Jarasandha, aquele repressor de todos os inimigos, avançou com grande energia em Bhimasena como o asura Vala antigamente avançou no chefe dos celestiais. E o poderoso Bhimasena, em cujo nome os deuses foram invocados por Krishna, aquele seu primo, tendo

conversado com ele avançou em direção a Jarasandha, impelido pelo desejo de lutar. Então aqueles tigres entre homens, aqueles heróis de grande destreza, com os braços nus como únicas armas, alegremente se empenharam no combate, um desejoso de vencer o outro. E agarrando os braços um do outro e juntando as pernas um do outro, (às vezes) eles golpeavam seus peitos, fazendo o recinto tremer pelo som. E frequentemente agarrando o pescoço um do outro com as mãos e arrastando e empurrando um ao outro com violência, e comprimindo cada membro do seu corpo contra cada membro do outro, eles continuaram, ó exaltado, a bater em seus peitos (às vezes). E às vezes esticando os braços e às vezes encolhendo-os, e então os erguendo e abaixando, eles começaram a agarrar um ao outro. E batendo pescoço contra pescoço e testa contra testa, eles provocavam faíscas flamejantes como luzes de relâmpagos. E agarrando um ao outro de vários modos por meio de seus braços, e chutando um ao outro com tal violência que afetava os nervos mais internos, eles golpearam os peitos um do outro com punhos cerrados. Com braços nus como únicas armas e rugindo como nuvens, eles apertaram e golpearam um ao outro como dois elefantes loucos combatendo com suas trombas. Enraivecidos pelas pancadas um do outro, eles brigaram arrastando e empurrando um ao outro e se olhando ferozmente como dois leões furiosos. E cada um golpeando cada membro do outro com seu próprio e usando também os braços contra o outro, e agarrando-se à cintura um do outro, eles arremessavam um ao outro à distância. Talentosos em combate, os dois heróis batendo um no outro com seus braços e arrastando o outro para si mesmo, começaram a apertar um ao outro com grande violência. Os heróis então realizaram aquele maior de todos os feitos em luta chamado Prishtabhanga, o qual consiste em jogar o outro no chão com o rosto em direção ao chão e mantê-lo derrubado naquela posição tanto quanto possível. E usando os braços, ambos também realizaram as façanhas chamadas Sampurna-murchcha e Purna-kumbha. Às vezes eles torciam os braços um do outro e outros membros como se esses fossem fibras vegetais que eram para ser torcidas em cordas. E com punhos cerrados eles golpeavam um ao outro às vezes, fingindo visar membros específicos enquanto os golpes desciam sobre outras partes do corpo. E foi assim que aqueles heróis lutaram um com o outro. Os cidadãos aos milhares, compostos de brâmanes, kshatriyas e vaisyas e sudras, e até de mulheres e idosos, ó tigre entre homens, saíram e reuniram-se lá para ver a luta. E a multidão se tornou tão grande que ela era uma massa sólida de humanidade sem nenhum espaço entre os corpos. O som que os lutadores faziam com os golpes de seus braços, agarrando os pescoços um do outro para derrubá-lo, e agarrando as pernas um do outro para lançá-lo ao chão, tornou-se tão alto que ele parecia o som do ribombo do trovão ou de rochedos caindo. Ambos eram os principais entre os homens poderosos, e ambos tinham grande prazer em tal combate. Desejosos de vencer um ao outro, cada um estava alerta para tomar vantagem do menor lapso do outro. E, ó monarca, os poderosos Bhima e Jarasandha lutaram terrivelmente naquela arena, empurrando com força a multidão às vezes pelos movimentos de suas mãos como Vritra e Vasava antigamente. Assim os dois heróis, arrastando um ao outro para frente e forçando para trás e com solavancos repentinos jogando o rosto um do outro para baixo e para os lados, mutilaram-se terrivelmente. E às vezes eles se golpeavam com os joelhos. E dirigindo-se um ao outro ruidosamente

em palavras ferinas eles se golpeavam com punhos cerrados, os golpes descendo como uma massa de pedra sobre ambos. Com ombros largos e braços compridos e ambos muito hábeis em lutas e combates, eles se golpeavam com aqueles seus braços longos que eram como maças de ferro. Aquela luta de heróis começou no primeiro dia (lunar) do mês de Kartika (Outubro) e os heróis ilustres continuaram lutando sem intervalo nem alimento, dia e noite, até o décimo terceiro dia lunar. E foi na noite do décimo quarto dia da quinzena lunar que o monarca de Magadha desistiu por fadiga. E, ó rei, Janardana, vendo o monarca cansado, dirigiu-se a Bhima de façanhas terríveis, e como se para estimulá-lo disse, 'Ó filho de Kunti, um inimigo que está cansado não pode ser pressionado, pois se pressionado em tal hora ele pode até morrer. Portanto, ó filho de Kunti, este rei não deve não ser pressionado por ti. Por outro lado, ó touro da raça Bharata, luta com ele com teus braços, empregando somente a força que agora sobrou em teu adversário!' Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Pandu, assim abordado por Krishna, compreendeu a situação de Jarasandha e em seguida resolveu tirar a vida dele. E aquele principal de todos os homens dotados de força, aquele príncipe da linhagem Kuru, desejoso de vencer o até agora invencível Jarasandha, reuniu toda a sua força e coragem.'

## 24

Vaisampayana disse, "Assim abordado, Bhima firmemente resolveu matar Jarasandha, e respondeu a Krishna da tribo Yadu, dizendo, 'Ó tigre da raça Yadu, ó Krishna, este canalha que ainda está diante de mim com força suficiente e disposto a lutar não deve ser perdoado por mim.' Ouvindo essas palavras de Vrikodara (Bhima), aquele tigre entre homens, Krishna, desejando encorajar aquele herói a realizar a morte de Jarasandha sem nenhuma demora, respondeu, 'Ó Bhima, mostra hoje sobre Jarasandha a força que tu afortunadamente recebeste, o poder que obtiveste do (teu pai), o deus Maruta.' Ouvindo isso de Krishna, Bhima, aquele matador de inimigos, levantando no ar o poderoso Jarasandha, começou a girá-lo no alto. E, ó touro da raça Bharata, tendo assim o girado no ar por cem vezes completas Bhima apertou seu joelho contra a coluna vertebral de Jarasandha e quebrou seu corpo em dois. E tendo-o matado dessa maneira, o poderoso Vrikodara proferiu um rugido terrível. E o rugido do Pandava misturado com aquele som da morte de Jarasandha, enquanto ele estava sendo quebrado no joelho de Bhima, produziu um grande barulho que causou medo no coração de todas as criaturas. E todos os cidadãos de Magadha ficaram mudos pelo terror e muitas mulheres até deram à luz prematuramente. E ouvindo aqueles rugidos, o povo de Magadha pensou que ou o Himavat estava vindo abaixo ou a própria terra estava se partindo em pedaços. E aqueles opressores de todos os inimigos então, deixando o corpo sem vida do rei no portão do palácio onde ele jazia como alguém adormecido, saíram da cidade. E Krishna, fazendo o carro de Jarasandha equipado com um mastro de bandeira excelente ser aprontado e fazendo os irmãos (Bhima e Arjuna) subirem nele, prosseguiu e libertou seus parentes (aprisionados). E aqueles reis, resgatados de um destino terrível, ricos

na posse de joias, se aproximando de Krishna lhe presentearam com joias e pedras preciosas. E, tendo vencido seu inimigo, Krishna equipado com armas e ileso e acompanhado pelos reis (que tinha libertado), saiu de Girivraja naquele carro celeste (de Jarasandha). E ele também que podia manejar o arco com ambas as mãos (Arjuna), que não podia ser vencido por nenhum monarca da terra, que era extremamente belo pessoalmente e bem habilidoso na destruição do inimigo, acompanhado pelo possuidor de grande força (Bhima), saiu daquela cidade com Krishna dirigindo o carro onde ele estava. E aquele melhor dos carros, incapaz de ser conquistado por qualquer rei, ocupado pelos guerreiros Bhima e Arjuna, e dirigido por Krishna, parecia extremamente belo. De fato, foi sobre aquele carro que Indra e Vishnu lutaram antigamente a batalha (com os Asuras) na qual Taraka (a esposa de Vrihaspati) se tornou a causa imediata de muito massacre. E dirigindo aquele carro Krishna naquele momento saiu do forte da colina. Possuidor do esplendor do ouro aquecido, e decorado com fileiras de sinos tilintantes e equipado com rodas cujo ruído era como o ribombo das nuvens, e sempre vitorioso em batalha, e que sempre massacrava o inimigo contra quem era dirigido, aquele era o próprio carro sobre o qual Indra matou noventa e nove asuras antigamente. E aqueles touros entre homens (os três primos) tendo obtido aquele carro ficaram muito contentes. O povo de Magadha, vendo Krishna de braços longos junto com os dois irmãos sentados naquele carro (de Jarasandha), se admiraram muito. Ó Bharata, aquele carro, ao qual estavam unidos cavalos celestes que possuíam a velocidade do vento, assim dirigido por Krishna, parecia muito vistoso. E sobre aquele melhor dos carros havia um mastro de bandeira que não era visivelmente anexado a ele, e que era o produto da habilidade celeste. E o belo mastro de bandeira, possuidor do esplendor do arco-íris, podia ser visto da distância de um yojana. E Krishna, enquanto saía, pensou em Garuda. E Garuda, lembrado por seu mestre, chegou lá em um instante, como uma árvore de vastas proporções posicionada em uma aldeia venerada por todos. Garuda, de corpo imensamente pesado e vivendo de cobras, pousou sobre aquele carro excelente junto com as inúmeras criaturas de bocas abertas e rugindo terrivelmente naquele mastro de bandeira. E então aquele melhor dos carros ficou ainda mais deslumbrante com seu esplendor e se tornou tão incapaz de ser olhado pelos seres criados quanto o sol do meio-dia cercado por mil raios. E, ó rei, tal era aquele melhor dos mastros de bandeira de fabricação celeste que ele nunca batia contra alguma árvore e nenhuma arma podia danificá-lo em absoluto embora ele fosse visível aos olhos dos homens. E Achyuta, aquele tigre entre homens, junto com os dois filhos de Pandu naquele carro celeste, cujo ruído das rodas era como o estrondo das nuvens, saiu de Girivraja. O carro sobre o qual Krishna estava tinha sido obtido pelo rei Vasu de Vasava, e de Vasu por Vrihadratha, e do último no seu devido tempo pelo rei Jarasandha. E aquele de braços longos e olhos como pétalas de lótus e possuidor de reputação ilustre, saindo de Girivraja, parou (por algum tempo) em uma planície fora da cidade. E, ó rei, todos os cidadãos então, com os brâmanes em sua liderança, foram até lá com pressa para adorá-lo com os devidos ritos religiosos. E os reis que tinham sido libertados da prisão adoraram o matador de Madhu com reverência, e dirigindo-se a ele com elogios disseram, ‘Ó tu de braços longos, tu hoje resgataste a nós que estávamos afundados no lamaçal profundo da tristeza nas mãos de Jarasandha. Tal ato de

virtude por ti, ó filho de Devaki, ajudado pelo poder de Bhima e Arjuna, é extraordinário. Ó Vishnu, definhando como todos nós estávamos no terrível forte da colina de Jarasandha, foi em verdade por pura boa sorte que tu nos resgataste, ó filho da tribo Yadu, e obtiveste assim uma reputação notável. Ó tigre entre homens, nós nos curvamos a ti. Ó, ordena o que nós devemos fazer. Mesmo que seja de realização difícil, a tua ordem sendo conhecida, ó senhor (Krishna), ela será imediatamente cumprida por nós.’ Assim abordado pelos monarcas, Hrishikesa de grande alma lhes deu toda a confiança e disse, 'Yudhishthira quer realizar o sacrifício de Rajasuya. Aquele monarca, sempre guiado pela virtude, deseja adquirir a dignidade imperial. Tendo sabido disso por mim ajudem-no em seus esforços.’ Então, ó rei, todos aqueles monarcas com corações alegres aceitaram as palavras de Krishna, dizendo, ‘Que assim seja!’ E dizendo isso aqueles senhores da terra fizeram presentes de joias àquele da linhagem Dasarha. E Govinda, movido por bondade para com eles, aceitou uma parte daqueles presentes.

Então o filho de Jarasandha, Sahadeva de grande alma, acompanhado por seus parentes e pelos principais oficiais de estado, e com seu sacerdote adiante chegou lá. E o príncipe, curvando-se e fazendo grandes presentes de joias e pedras preciosas, adorou Vasudeva, aquele deus entre homens. Então aquele melhor dos homens, Krishna, dando toda a segurança ao príncipe atormentado pelo medo, aceitou aqueles seus presentes de grande valor. E Krishna alegremente instalou o príncipe imediatamente na soberania de Magadha. E o filho ilustre e de braços fortes de Jarasandha, assim instalado no trono por aqueles mais exaltados dos homens e tendo obtido a amizade de Krishna e tratado com respeito e bondade pelos dois filhos de Pritha, reentrou na cidade de seu pai. E aquele touro entre homens, Krishna, acompanhado pelos filhos de Pritha e agraciado com grande prosperidade, deixou a cidade de Magadha, carregado com numerosas joias. Acompanhado pelos dois filhos de Pandu, Achyuta (Krishna) chegou a Indraprastha, e se aproximando de Yudhishthira alegremente se dirigiu àquele monarca dizendo, 'Ó melhor dos reis, por boa sorte o poderoso Jarasandha foi morto por Bhima, e os reis confinados (em Girivraja) foram todos libertados. Afortunadamente também, estes dois, Bhima e Dhananjaya, estão bem e chegaram ilesos, ó Bharata, em sua própria cidade.’ Então Yudhishthira adorou Krishna como ele merecia e abraçou Bhima e Arjuna em alegria. E o monarca que não tinha inimigos, tendo obtido a vitória através da ação de seus irmãos por consequência da morte de Jarasandha, entregou-se ao prazer e alegria com todos os seus irmãos. E filho mais velho de Pandu (Yudhisthira) junto com seus irmãos se aproximou dos reis que tinham chegado a Indraprastha e recebendo-os e adorando-os, cada um conforme a sua idade, dispensou-os todos. Mandados por Yudhishthira, aqueles reis com corações alegres partiram para os seus respectivos países sem perda de tempo, em veículos excelentes. Assim, ó rei, aquele tigre entre homens, Janardana de grande inteligência, fez seu inimigo Jarasandha ser morto através do auxílio dos Pandavas. E, ó Bharata, aquele castigador de todos os inimigos, tendo assim causado a morte de Jarasandha, despediu-se de Yudhishthira e Pritha, de Draupadi e Subhadra, de Bhimasena e Arjuna e dos gêmeos Nakula e Sahadeva.

Depois de se despedir de Dhananjaya também, ele partiu para a sua própria cidade (de Dwarka), sobre aquele melhor dos carros de feitio celeste, possuidor da velocidade da mente e dado a ele por Yudhishthira, enchendo os dez pontos do horizonte com o estrépito profundo de suas rodas. E, ó touro da raça Bharata, justamente quando Krishna estava prestes a partir, os Pandavas com Yudhishthira em sua liderança andaram em volta daquele tigre entre homens que nunca se fatigava com esforço.

E depois que o ilustre Krishna, o filho de Devaki, tinha saído (de Indraprastha) tendo obtido aquela grande vitória e tendo também dissipado os temores dos reis, aquela façanha, ó Bharata, aumentou a fama dos Pandavas. E, ó rei, os Pandavas passaram seus dias continuando a alegrar o coração de Draupadi. E, naquela época, tudo o que fosse apropriado e consistente com a virtude, o prazer e o lucro, continuou a ser devidamente realizado pelo rei Yudhishthira no exercício de suas funções de proteger seus súditos."

# 25

## Digvijaya Parva

Vaisampayana disse, “Arjuna, tendo obtido aquele melhor dos arcos e aquele par de aljavas inesgotáveis e aquele carro e mastro de bandeira, como também aquela casa de reuniões, dirigindo-se a Yudhisthira, disse, ‘Arco, armas, grande energia, aliados, território, fama, exército, esses, ó rei, de aquisição difícil embora desejáveis, foram todos obtidos por mim. Eu penso, portanto, que o que deve ser feito agora é aumentar a nossa tesouraria. Eu desejo, ó melhor dos monarcas, fazer os reis (da terra) pagarem tributos a nós. Eu desejo partir, em um momento auspicioso de um dia sagrado da lua sob uma constelação favorável, para a conquista da direção que é presidida pelo senhor dos tesouros (o Norte).’

Vaisampayana continuou, "O rei Yudhisthira o justo, ouvindo essas palavras de Dhananjaya, respondeu a ele em um tom grave e sereno, dizendo, ‘Ó touro da raça Bharata, parte, tendo feito brâmanes santos proferirem bênçãos sobre ti, para mergulhar teus inimigos em tristeza e para encher teus amigos de alegria. A vitória, ó filho de Pritha, certamente será tua, e tu sem dúvida terás os teus desejos realizados.’

Assim abordado, Arjuna, cercado por uma grande hoste, partiu naquele carro celeste de realizações extraordinárias que ele tinha obtido de Agni. E Bhimasena também, e aqueles touros entre homens, os gêmeos, dispensados com afeto por Yudhishthira, o justo, partiram, cada um na liderança de um grande exército. E Arjuna, o filho do castigador de Paka, então subjugou aquela direção que era presidida pelo senhor dos tesouros (o Norte). E Bhimasena dominou pela força o Leste e Sahadeva o Sul, e Nakula, ó rei, conhecedor de todas as armas, conquistou o Oeste. Desse modo, enquanto seus irmãos estavam assim

empenhados, o nobre rei Yudhishthira o justo permaneceu em Khandavaprastha desfrutando de grande riqueza no meio de amigos e parentes.

Bhagadatta, sabendo disso, disse, 'Ó tu que tens Kunti como tua mãe, como tu és para mim assim também é Yudhishthira. Eu farei tudo isso. Dize-me o que mais eu posso fazer por ti".

## 26

Vaisampayana continuou, “Assim tratado, Dhananjaya respondeu a Bhagadatta, dizendo, 'Se tu me deres tua promessa de fazê-lo, tu terás feito tudo o que eu desejo.’ E, tendo assim subjugado o rei de Pragjyotisha, Dhananjaya de braços longos, o filho de Kunti, então marchou em direção ao norte, a direção presidida pelo senhor dos tesouros. Aquele touro entre homens, aquele filho de Kunti, então conquistou as regiões montanhosas e seus arredores, como também as regiões íngremes. E tendo conquistado todas as montanhas e os reis que lá reinavam, e trazendo-os sob o seu domínio, ele exigiu impostos de todos. E ganhando o afeto daqueles reis e se unindo a eles ele em seguida marchou, ó rei, contra Vrihanta, o rei de Uluka, fazendo essa terra tremer com o som dos seus tambores, o estrépito das rodas da sua carruagem, e o rugido dos elefantes em seu séquito. Vrihanta, no entanto, saindo rapidamente de sua cidade seguido por seu exército que consistia em quatro tipos de tropas, lutou com Falguna (Arjuna). E a luta que ocorreu entre Vrihanta e Dhananjaya foi terrível. E aconteceu que Vrihanta não pode suportar a bravura do filho de Pandu. Então aquele rei invencível da região montanhosa, considerando o filho de Kunti irresistível, se aproximou dele com toda a sua riqueza. Arjuna obteve o reino de Vrihanta, mas tendo feito as pazes com ele marchou, acompanhado por aquele rei, contra Senavindu a quem ele logo expulsou de seu reino. Depois disso ele subjugou Modapura, Vamadeva, Sudaman, Susankula, os Ulukas do Norte, e os reis daqueles países e povos. Em seguida, por ordem de Yudhishthira, ó monarca, Arjuna não se moveu da cidade de Senavindu, mas enviou somente as suas tropas e dominou aqueles cinco países e povos. Pois Arjuna, tendo chegado a Devaprastha, a cidade de Senavindu, hospedou-se lá com seu exército composto de quatro tipos de tropas. De lá, cercado pelos reis e povos que tinha subjugado, o herói marchou contra o rei Viswagaswa, aquele touro da raça Puru. Tendo vencido em batalha os montanheses valentes, que eram todos grandes guerreiros, o filho de Pandu, ó rei, então ocupou com a ajuda de suas tropas a cidade protegida pelo rei Puru. Tendo vencido em batalha o rei Puru, como também as tribos de ladrões, das montanhas, o filho de Pandu trouxe sob o seu domínio as sete tribos chamadas Utsava-sanketa. Aquele touro da raça kshatriya então derrotou os corajosos kshatriyas de Kashmira e também o rei Lohita junto com seus dez chefes menores. Então os Trigartas, os Daravas, os Kokonadas, e vários outros kshatriyas, ó rei, avançaram contra o filho de Pandu. Aquele príncipe da linhagem Kuru então tomou a cidade encantadora de Avisari, e então subjugou Rochamana que governava em Uraga. Então o filho de Indra (Arjuna), usando seu poder,

pressionou a cidade encantadora de Singhapura que era bem protegida com várias armas. Então Arjuna, aquele touro entre os filhos de Pandu, na liderança de todas as suas tropas, atacou ferozmente as regiões chamadas Suhma e Sumala. Então o filho de Indra, dotado de grande coragem, depois de pressioná-los com grande força, trouxe os Valhikas, sempre difíceis de serem vencidos, sob o seu domínio. Então Falguna, o filho de Pandu, levando consigo uma força militar seleta derrotou os Daradas junto com os Kambojas. Então o nobre filho de Indra venceu as tribos de ladrões que moravam na fronteira nordeste e também aquelas que moravam nas florestas. E, ó grande rei, o filho de Indra também subjugou as tribos aliadas dos Lohas, os Kambojas do Leste, e os Rishikas do Norte. E a batalha com os Rishikas foi violenta ao extremo. De fato, a batalha que ocorreu entre eles e o filho de Pritha foi semelhante àquela entre os deuses e os asuras na qual Taraka (a mulher de Vrihaspati) tornou-se a causa de tantos massacres. E derrotando, ó rei, os Rishikas no campo de batalha, Arjuna tomou deles como tributo oito cavalos que eram da cor do peito do papagaio, como também outros cavalos das cores do pavão, nascidos no Norte e em outras regiões e dotados de grande velocidade. Finalmente tendo conquistado todas as montanhas Himalaia e Nishkuta, aquele touro entre homens, chegando às montanhas Brancas, montou acampamento em seu leito.'

## 27

Vaisampayana disse, "Aquele heroico e principal dos Pandavas dotado de grande energia, cruzando as montanhas Brancas, subjugou o país dos Limpurushas governado por Durmaputra, depois de um conflito envolvendo um grande massacre de kshatriyas, e de ter tomado a região sob o seu domínio completo, tendo subjugado aquele país, o filho de Indra (Arjuna), com a mente controlada marchou na liderança de suas tropas para o país chamado Harataka, governado pelos Guhakas. Subjugando-os por uma política de conciliação, o príncipe Kuru contemplou (naquela região) aqueles lagos excelentes chamados Manasa e vários outros lagos e tanques sagrados para os rishis. E o nobre príncipe tendo chegado ao lago Manasa conquistou as regiões governadas pelos gandharvas que se situavam ao redor dos territórios Harataka. Lá o conquistador pegou, como tributo do país, numerosos cavalos excelentes chamados Tittiri, Kalmasha, Manduka. Finalmente o filho do matador de Paka, ao chegar ao campo de Harivarsha do Norte desejou conquistá-lo. Então certos guardas da fronteira, de corpos enormes e dotados de grande força e energia, foram a ele com corações valentes, e disseram, 'Ó filho de Pritha, este país nunca poderá ser conquistado por ti. Se tu procuras o teu bem, retorna daqui. Aquele que entra nessa região, se for humano, perece com certeza. Nós estamos satisfeitos contigo, ó herói, as tuas conquistas foram suficientes. Nem há nada para ser visto aqui, ó Arjuna, que possa ser conquistado por ti. Os Kurus do Norte vivem aqui. Não pode haver guerra aqui. Mesmo se tu entrares, tu não poderás ver nada, pois com olhos humanos nada pode ser visto aqui. Se, no entanto, tu procuras alguma coisa mais, ó Bharata, ó tigre entre homens, dize-nos para que nós possamos

cumprir a tua ordem.’ Assim abordado por eles, Arjuna sorrindo dirigiu-se a eles, dizendo, 'Eu desejo a aquisição da dignidade imperial por Yudhishthira o justo, de grande inteligência. Se a sua terra está fechada contra os seres humanos eu não entrarei nela. Que algo seja pago a Yudhishthira por vocês como tributo.’ Ouvindo essas palavras de Arjuna, eles deram como a ele como tributo muitos tecidos e ornamentos de fabricação celeste, sedas de textura celeste e peles de origem celeste.

Foi assim que aquele tigre entre homens subjugou os países que se situavam ao Norte, tendo lutado inúmeras batalhas com kshatriyas e tribos de ladrões. E tendo vencido os principais e trazendo-os sob o seu domínio, ele exigiu deles muita riqueza, várias joias e pedras preciosas, os cavalos das espécies chamadas Tittiri e Kalmasha, como também aqueles da cor das asas do papagaio e aqueles que eram como os pavões em cor e todos dotados da velocidade do vento. E circundado, ó rei, por um grande exército composto das quatro espécies de forças, o herói voltou para a cidade excelente de Sakraprastha. E Partha ofereceu toda aquela riqueza, junto com os animais que tinha trazido, para Yudhishthira o justo. E, mandado pelo monarca, o herói se retirou para um aposento do palácio para descansar.’

## 28

Vaisampayana disse, “Enquanto isso, Bhimasena, também dotado de grande energia, tendo obtido a concordância de Yudhishthira o justo, marchou em direção ao Leste. E o tigre entre os Bharatas, possuidor de grande coragem e sempre aumentando as tristezas de seus inimigos, estava acompanhado por uma hoste poderosa com o total complemento de elefantes e cavalos e carros, bem armada e capaz de esmagar todos os reinos hostis. Aquele tigre entre homens, o filho de Pandu, indo primeiro ao grande país dos Panchalas, começou por vários meios a conciliar aquela tribo. Então aquele herói, aquele touro da raça Bharata, dentro de pouco tempo venceu os Gandakas e os Videhas. Aquele nobre então subjugou os Dasarnas. Lá no país dos Dasarnas o rei chamado Sudharman com seus braços nus lutou uma batalha feroz com Bhimasena. E Bhimasena, vendo aquele feito do rei ilustre, designou o poderoso Sudharman como o primeiro no comando de suas tropas. Então Bhima de bravura terrível marchou em direção ao leste, fazendo a própria terra tremer com os passos da hoste poderosa que o seguia. Então aquele herói, que em força era o principal de todos os homens fortes, derrotou em batalha Rochamana, o rei de Aswamedha, na liderança de todos os seus exércitos. E o filho de Kunti, tendo derrotado aquele monarca por realizar façanhas que se distinguiram em ferocidade, subjugou toda a região leste. Então aquele príncipe da linhagem Kuru, dotado de grande destreza, entrando na região de Pulinda do Sul, trouxe Sukumara e o rei Sumitra sob o seu domínio. Então, ó Janamejaya, aquele touro da raça Bharata, por ordem de Yudhishthira o justo, marchou contra Sisupala de grande energia. O rei de Chedi, sabendo das intenções do filho de Pandu, saiu de sua cidade. E aquele castigador de todos os inimigos então

recebeu o filho de Pritha com respeito. Então, ó rei, aqueles touros das linhas Chedi e Kuru, assim reunidos, perguntaram sobre o bem-estar um do outro. Então, ó monarca, o rei de Chedi ofereceu seu reino para Bhima e disse sorridente, 'Ó impecável, no que tu estás empenhado?' E Bhima então revelou a ele as intenções do rei Yudhishthira. E Bhima morou lá, ó rei, por trinta noites, devidamente entretido por Sisupala. E depois disso ele saiu de Chedi com suas tropas e veículos.'

# 29

Vaisampayana disse, "Aquele castigador de todos os inimigos então venceu o rei Srenimat do país de Kumara, e então Vrihadvala o rei de Kosala. Então o mais notável dos filhos de Pandu, por realizar façanhas de extrema ferocidade, derrotou o virtuoso e poderoso rei Dirghayaghna de Ayodhya. E o exaltado então subjugou a região de Gopalakaksha e os Kosalas do Norte e também o rei de Mallas. E o poderoso, chegando então à região úmida na base do Himalaia, logo trouxe o país inteiro sob o seu domínio. E aquele touro da raça Bharata dessa maneira tomou o controle de diversos países. E dotado de grande energia e sendo em força o principal de todos os homens fortes, o filho de Pandu em seguida conquistou o país de Bhallata, como também a montanha de Suktimanta que era ao lado de Bhallata. Então Bhima de bravura terrível e braços longos, vencendo em batalha o rei Suvahu de Kasi que não recuava, trouxe-o sob domínio completo. Então aquele touro entre os filhos de Pandu venceu em batalha, por pura força, o grande rei Kratha que reinava na região situada em volta de Suparsa. Então o herói de grande energia derrotou os Matsyas e os poderosos Maladas e o país chamado Pasubhumi que não tinha medo ou opressão de nenhum tipo. E o herói de longos braços então, saindo daquela terra, conquistou Madahara, Mahidara, e os Somadheyas, e virou seus passos em direção ao norte. E o filho poderoso de Kunti então subjugou, por pura força, o país chamado Vatsabhumi, e o rei dos Bhargas, como também o soberano dos Nishadas e Manimat e outros reis numerosos. Então Bhima, com pouco esforço e rapidamente, conquistou os Mallas do Sul e as montanhas Bhagauanta. E o herói em seguida conquistou, só pela política, os Sarmakas e os Varmakas. E aquele tigre entre homens então derrotou com comparativa facilidade aquele senhor da terra, Janaka, o rei dos Videhas. E o herói então subjugou estrategicamente os Sakas e os bárbaros que viviam naquela parte do país. E o filho de Pandu, enviando expedições de Videha, conquistou os sete reis dos Kiratas que viviam sobre a montanha Indra. O herói poderoso então, dotado de energia abundante, venceu em batalha os Submas e os Prasuhmas. E, conquistando-os para o seu lado, o filho de Kunti, possuidor de grande força marchou contra Magadha. Em seu caminho ele subjugou os monarcas conhecidos pelos nomes de Danda e Dandadhara, E acompanhado por aqueles monarcas o filho de Pandu marchou contra Girivraja. Depois de trazer o filho de Jarasandha sob o seu domínio por conciliação e fazendo-o pagar tributo, o herói então marchou contra Kansa acompanhado pelos monarcas que tinha vencido. E fazendo a terra tremer por meio de suas tropas consistindo de quatro

tipos de forças, o principal dos Pandavas então combateu Karna, aquele matador de inimigos. E, ó Bharata, tendo subjugado Karna e o trazido sob o seu domínio, o herói poderoso então derrotou o poderoso rei das regiões montanhosas. E o filho de Pandu então matou em uma batalha violenta, pela força de seus braços, o rei poderoso que morava em Madagiri. E o Pandava então, ó rei, subjugou em batalha aqueles heróis fortes de bravura feroz, o heroico e poderoso Vasudeva, o rei de Pundra e o rei Mahaujah que reinava em Kausika-kachchha, e então atacou o rei de Vanga. E tendo vencido o rei Samudrasena e Chandrasena e Tamralipta, e também o rei dos Karvatas e o soberano dos Suhmas, como também os reis que habitavam a margem do oceano, aquele touro entre os Bharatas então conquistou todas as tribos mlechchhas. O poderoso filho do deus do vento tendo assim conquistado vários países e exigido tributos deles todos avançou em direção a Lohity. E o filho de Pandu então fez todos os reis mlechchhas que residiam nas regiões pantanosas do litoral pagarem tributos e várias espécies de riquezas, e madeira de sândalo e aloés, e roupas e joias, e pérolas e cobertores e ouro e prata e corais valiosos. Os reis mlechchhas despejaram sobre o filho ilustre de Kunti uma chuva grossa de riquezas que consistia em moedas e joias contadas às centenas de milhões. Então, voltando para Indraprastha, Bhima de bravura terrível ofereceu toda aquela riqueza para o rei Yudhisthira o justo.’

## 30

Vaisampayana disse, "Desse modo também Sahadeva, dispensado com afeto pelo rei Yudhisthira o justo, marchou em direção ao Sul acompanhado por uma hoste poderosa. Forte em poder, aquele príncipe poderoso da família Kuru, derrotando completamente no início os Surasenas, trouxe o rei de Matsya sob o seu domínio. E o herói então, derrotando Dantavakra, o poderoso rei dos Adhirajas e fazendo-o pagar tributo, restabeleceu-o em seu trono. O príncipe então subjugou Sukumara e então o rei Sumitra, e em seguida venceu os outros Matsyas e então os Patacharas. Dotado de grande inteligência, o guerreiro Kuru então conquistou rapidamente o país dos Nishadas e também a alta colina chamada Gosringa, e aquele senhor da terra chamado Srenimat. E, subjugando em seguida o país chamado Navarashtra, o herói marchou contra Kuntibhoja, que de boa vontade aceitou o domínio do herói conquistador. E marchando dali para as margens do Charmanwati o guerreiro Kuru encontrou o filho do rei Jamvaka, que, por causa de antigas hostilidades, tinha sido derrotado antes por Vasudeva. Ó Bharata, o filho de Jamvaka lutou com Sahadeva. E Sahadeva derrotando o príncipe marchou em direção ao sul. O guerreiro poderoso então venceu os Sekas e outros, e exigiu tributos deles e também várias espécies de joias e riquezas. Aliando-se com as tribos vencidas o príncipe então marchou em direção aos países que se situavam às margens do Narmada. E derrotando lá em batalha os dois reis heroicos de Avanti, chamados Vinda e Anuvinda, fortalecidos por uma hoste poderosa, o filho poderoso dos deuses gêmeos exigiu muita riqueza deles. Depois disso o herói marchou em direção à cidade de Bhojakata, e lá, ó rei de glória imorredoura, um feroz combate ocorreu entre ele e o rei daquela cidade por

dois dias inteiros. Mas o filho de Madri, vencendo o invencível Bhismaka, então derrotou em batalha o rei de Kosala e o soberano dos territórios às margens do Venwa, como também os Kantarakas e os reis dos Kosalas do Leste. O herói então derrotou os Natakeyas e os Heramvaks em batalha, e subjugando o país de Marudha derrotou Munjagrama por pura força. E o filho de Pandu então venceu os monarcas poderosos dos Nachinas e os Arvukas e os vários reis da floresta daquela parte do país. Dotado de grande força o herói então reduziu à submissão o rei Vatadhipa. E derrotando em batalha os Pulindas, o herói então marchou para o sul. E o irmão mais novo de Nakula então lutou um dia inteiro com o rei de Pandrya. O herói de longos braços tendo vencido aquele monarca marchou mais adiante para o sul. E então ele contemplou as cavernas célebres de Kishkindhya e naquela região lutou por sete dias com os reis macacos Mainda e Dwivida. Aqueles reis ilustres, no entanto, sem se cansarem da batalha, ficaram satisfeitos com Sahadeva. E dirigindo-se alegremente ao príncipe Kuru eles disseram, 'Ó tigre entre os filhos de Pandu, volta daqui levando o tributo de nós todos. Que a missão do rei Yudhishthira o justo, possuidor de grande inteligência, seja realizada sem impedimentos.' E levando joias e pedras preciosas deles todos o herói marchou em direção à cidade de Mahishmati, e lá aquele touro dos homens lutou com o rei Nila. A batalha que ocorreu entre o rei Nila e o poderoso Sahadeva, o filho de Pandu, aquele matador de heróis hostis, foi feroz e terrível. E a batalha foi extremamente sangrenta, e a vida do próprio herói foi exposta a um grande risco, pois o próprio deus Agni ajudou o rei Nila na luta. Então todos os carros, heróis, elefantes, e os soldados em suas cotas de malha do exército de Sahadeva pareciam estar em fogo. E vendo isso o príncipe da linhagem Kuru ficou muito aflito. E, ó Janamejaya, à visão disso o herói não podia decidir o que ele deveria fazer."

Janamejaya disse, "Ó regenerado, por que o deus Agni se tornou hostil em batalha a Sahadeva, que estava lutando simplesmente para a realização de um sacrifício (e, portanto, para a satisfação do próprio Agni)?"

Vaisampayana disse, "É dito, ó Janamejaya, que o deus Agni enquanto residia em Mahishmati ganhou a reputação de um amante. O rei Nila tinha uma filha que era extremamente bela. Ela costumava sempre ficar perto do fogo sagrado de seu pai, fazendo-o queimar com vigor. E acontecia que o fogo do rei Nila, mesmo que ateado, não queimava até que fosse agitado pelo sopro amável daqueles formosos lábios da menina. E se falava no palácio do rei Nila e na casa de todos os seus súditos que o deus Agni desejava aquela menina bela como sua noiva. E aconteceu que ele foi aceito pela própria menina. Um dia o deus assumiu a forma de um brâmane, e estava felizmente desfrutando da companhia dela quando foi descoberto pelo rei. E o rei virtuoso então ordenou que o brâmane fosse punido segundo a lei. A isso o deus ilustre inflamou-se em cólera. E ao contemplá-lo o rei maravilhou-se muito e inclinou a cabeça até o chão. E depois de algum tempo o rei curvando-se entregou sua filha ao deus Agni, disfarçado como um brâmane. E o deus Vibhabasu (Agni), aceitando aquela filha de belas sobrancelhas do rei Nila, se tornou benevolente para com aquele monarca. E Agni, o ilustre realizador de todos os desejos, também pediu para o monarca lhe pedir uma bênção. E o rei

pediu que suas tropas nunca pudessem ser tomadas pelo pânico enquanto estivessem engajadas em batalha. E desde aquele tempo, ó rei, aqueles monarcas que por ignorância disso desejavam subjugar a cidade do rei Nila eram consumidos por Hutasana (Agni). E desde daquele tempo, ó perpetuador da linhagem Kuru, as moças da cidade de Mahishmati se tornaram um tanto inaceitáveis para outros (como esposas). E Agni por sua bênção concedeu a elas liberdade sexual, para que as mulheres daquela cidade sempre andassem à vontade, cada uma não ligada a um marido específico. E, ó touro da raça Bharata, a partir daí os monarcas (de outros países) abandonaram aquela cidade com medo de Agni. E o virtuoso Sahadeva, vendo suas tropas atormentadas pelo medo e cercadas por chamas de fogo, permaneceu lá imóvel como uma montanha. E se purificando e tocando a água, o herói (Sahadeva) então se dirigiu a Agni, o deus que santifica tudo, nestas palavras, 'Eu me curvo a ti, ó tu cuja trajetória é sempre marcada com fumaça. Esses meus esforços são todos por ti. Ó tu santificador de tudo, tu és a boca dos deuses e o Sacrifício personificado. Tu és chamado de Pavaka porque tu santificas a tudo, e tu és Havyavahana porque tu transportas a manteiga clarificada que é despejada em ti. O Veda surgiu por ministrar a ti, e, portanto, tu és chamado de Jataveda. O chefe dos deuses como tu és, tu és chamado de Chitrabhanu, Anala, Vibhavasu, Hutasana, Jvalana, Sikhi, Vaiswanara, Pingesa, Plavanga, Bhuritejah. Tu és aquele de quem Kumara (Kartikeya) teve sua origem, tu és santo, tu és chamado de Rudragarva e Hiranyakrit. Que tu, ó Agni, me concedas energia, que Vayu me conceda vida, que a Terra me conceda alimento e força, e que a Água me conceda prosperidade. Ó Agni, tu que és a primeira causa das águas, tu que tens grande pureza, tu por ministrar a quem os Vedas surgiram, tu que és o principal dos deuses, tu que és a boca deles, ó, purifica-me pela tua verdade. Rishis e brâmanes, deuses e asuras despejam manteiga clarificada todos os dias, segundo a lei, em ti durante sacrifícios. Que os raios da verdade que emanam de ti, enquanto tu te manifestas naqueles sacrifícios, me purifiquem. De bandeira de fumaça como és, e possuidor de chamas, tu és o grande purificador de todos os pecados nascidos de Vayu e, sempre presente como és em todas as criaturas, ó, purifica-me pelos raios da tua verdade. Tendo me purificado assim alegremente, ó sublime, eu rezo a ti. Ó Agni, concede-me agora contentamento e prosperidade, e conhecimento e alegria.'

Vaisampayana continuou, "Aquele que despejar manteiga clarificada em Agni recitando esses mantras será sempre abençoado com prosperidade e, tendo a sua alma sob total controle, ele também será limpo de todos os seus pecados.

Sahadeva, dirigindo-se a Agni outra vez, disse, 'Ó carregador de libações sacrificais, não cabe a ti obstruir um sacrifício!' Tendo dito isso aquele tigre entre homens, o filho de Madri, espalhando alguma erva kusa no chão sentou-se na expectativa do fogo (que se aproximava) e na frente daquelas suas tropas apavoradas e ansiosas. E Agni, também, como o oceano que nunca ultrapassa seus continentes, não passou sobre a sua cabeça. Por outro lado, se aproximando de Sahadeva quietamente e dirigindo àquele príncipe da linhagem Kuru, Agni, aquele deus dos homens, deu a ele toda a segurança e disse, 'Ó tu da família Kuru, levanta-te dessa postura. Ó levanta-te, eu estava só te testando. Eu

conheço todos os teus propósitos, como também os do filho de Dharma (Yudhisthira). Mas, ó melhor da linhagem de Bharata, enquanto houver um descendente da linha do rei Nila esta cidade deve ser protegida por mim. Eu, no entanto, ó filho de Pandu, realizarei os desejos do teu coração.' A essas palavras de Agni, ó touro da raça Bharata, o filho de Madri ergueu-se com o coração alegre, e juntando as mãos e curvando a cabeça ele adorou o deus do fogo, o santificador de todos os seres. E finalmente, depois que Agni tinha desaparecido, o rei Nila foi até lá, e por ordem daquele deus adorou Sahadeva com os ritos devidos, aquele tigre entre homens, aquele mestre em batalha. E Sahadeva aceitou aquele culto e o fez pagar tributo. E tendo trazido o rei Nila sob o seu domínio dessa forma, o filho vitorioso de Madri então foi mais longe em direção ao sul. O herói de braços longos então trouxe o rei de Tripura de energia imensurável sob o seu domínio. E em seguida dirigindo suas tropas contra o reino Paurava ele derrotou e reduziu à submissão o monarca de lá. E o príncipe, depois disso, com grandes esforços trouxe Akriti, o rei de Saurashtra e preceptor dos Kausikas, sob o seu domínio. O virtuoso príncipe, enquanto estava no reino de Saurashtra, enviou um embaixador ao rei Rukmin de Bhishmaka dentro dos territórios de Bhojakata, que, rico em posses e inteligência, era amigo do próprio Indra. E o monarca junto com seu filho, se lembrando do seu relacionamento com Krishna, aceitou alegremente, ó rei, o domínio do filho de Pandu. E o mestre em batalha então, tendo exigido joias e riquezas do rei Rukmin, marchou mais longe para o sul. E, dotado de grande energia e grande força, o herói então reduziu à submissão Surparaka e Talakata, e os Dandakas também. O guerreiro Kuru então venceu e trouxe sob a sua submissão inúmeros reis das tribos mlechchhas que viviam no litoral, e os Nishadas e os canibais e até os Karnapravarnas, e aquelas tribos também chamadas Kalamukhas que eram o resultado de um cruzamento entre seres humanos e rakshasas, e todas as das montanhas Cole, e também Surabhipatna, e a ilha chamada Ilha do Cobre, e a montanha chamada Ramaka. O guerreiro de grande alma, tendo subjugado o rei Timingila, conquistou uma tribo selvagem conhecida pelo nome de Kerakas que era de homens de uma perna. O filho de Pandu também conquistou a cidade de Sanjayanti e o país dos Pashandas e os Karahatakas somente por meio de seus mensageiros, e fez todos eles pagarem tributos a ele. O herói trouxe sob a sua submissão e exigiu tributos dos Paundrayas e dos Dravidas junto com os Udrakeralas e os Andhras e os Talavanas, os Kalingas e os Ushtrakarnikas, e também a cidade encantadora de Atavi e a dos Yavanas. E, ó rei dos reis, aquele matador de todos os inimigos, o virtuoso e inteligente filho de Madri, tendo chegado ao litoral, então despachou com grandes garantias mensageiros ao ilustre Vibhishana, o neto de Pulastya. E o monarca de bom grado aceitou o domínio do filho de Pandu, pois aquele rei inteligente e nobre considerava tudo aquilo como a ação do Tempo. E ele enviou ao filho de Pandu diversas espécies de joias e pedras preciosas, e sândalo e também madeira, e muitos ornamentos celestes, e muito vestuário caro, e muitas pérolas de valor. E o inteligente Sahadeva, aceitando-os todos, voltou para o seu próprio reino.

Foi assim, ó rei, que aquele matador de todos os inimigos, tendo vencido por conciliação e guerra numerosos reis e tendo-os feito também pagarem tributo,

voltou para a sua própria cidade. Ó touro da raça Bharata, tendo oferecido toda aquela riqueza ao rei Yudhisthira o justo ele se considerou, ó Janamejaya, como coroado com sucesso e continuou a viver alegremente."

## 31

Vaisampayana disse, "Eu agora narrarei para ti as façanhas e triunfos de Nakula, e como aquele nobre conquistou a direção que tinha sido uma vez subjugada por Vasudeva. O inteligente Nakula, cercado por uma grande hoste, partiu de Khandavaprastha para o oeste, fazendo essa terra tremer com os gritos e os rugidos leoninos dos guerreiros e a batida profunda das rodas das carruagens. E o herói primeiro atacou a região montanhosa chamada Rohitaka que era querida (para o generalíssimo celeste) Kartikeya e que era encantadora e próspera e cheia de vacas e todo o tipo de riqueza e produtos. E o combate que o filho de Pandu teve com os Mattamyurakas daquele país foi violento. E o ilustre Nakula depois disso subjugou todo o país deserto e a região conhecida como Sairishaka, cheia de fartura, como também aquela outra chamada Mahetta. E o herói teve um combate feroz com o sábio real Akrosa. E o filho de Pandu deixou aquela parte do país tendo subjugado os Dasarnas, os Sivis, os Trigartas, os Amvashtas, os Malavas, as cinco tribos dos Karnatas, e aquelas classes duas vezes nascidas que eram chamadas de Madhyamakeyas e Vattadhanas. E fazendo viagens em círculo aquele touro entre homens então conquistou as tribos (mlechchas) chamadas Utsava-sanketas. E o herói ilustre logo subjugou os poderosos Gramaniyas que moravam no litoral, e os Sudras e os Abhiras que habitavam as margens do Saraswati, e todas aquelas tribos que viviam da pesca, e aquelas também que moravam nas montanhas, e todo o país chamado pelo nome dos cinco rios, e as montanhas chamadas Amara, e o país chamado Uttarayotisha e a cidade de Divyakutta e a tribo chamada Dwarapala. E o filho de Pandu, por pura força, reduziu à submissão os Ramathas, os Harahunas, e vários reis do oeste. E enquanto estava lá Nakula enviou, ó Bharata, mensageiros a Vasudeva. E Vasudeva com todos os Yadavas aceitou seu domínio. E o herói poderoso, prosseguindo então para Sakala, a cidade dos Madras, fez seu tio Salya aceitar por afeto o domínio dos Pandavas. E, ó monarca, o ilustre príncipe merecedor de hospitalidade e entretenimento das mãos do tio foi bem recebido por ele. E hábil em guerra, o príncipe, pegando de Salya uma grande quantidade de joias e pedras preciosas, deixou seu reino. E o filho de Pandu então reduziu à submissão os mlechchas ferozes residentes no litoral, como também as tribos selvagens dos Palhavas, os Kiratas, os Yavanas, e os Sakas. E tendo subjugado vários monarcas, e fazendo todos eles pagarem tributo, Nakula, aquele principal dos Kurus, cheio de riquezas, refez seu caminho em direção à sua própria cidade. E, ó rei, tão grande era o tesouro que Nakula trouxe que dez mil camelos podiam carregá-lo com dificuldade em suas costas. E chegando a Indraprastha o heroico e afortunado filho de Madri ofereceu toda aquela riqueza a Yudhishthira.

Assim, ó rei, Nakula subjugou os países situados no oeste, a direção que é presidida pelo deus Varuna, e que foi uma vez antes subjugada pelo próprio Vasudeva!"

## 32

## Rajasuyika Parva

Vaisampayana disse, "Por causa da proteção proporcionada por Yudhisthira o justo, e da verdade que ele sempre nutria em seu comportamento, como também do controle sob o qual ele mantinha todos os inimigos, os súditos daquele monarca virtuoso eram todos dedicados às suas respectivas ocupações. E por causa tributação equitativa e do governo virtuoso do monarca as nuvens em seu reino derramavam tanta chuva quanto as pessoas desejavam, e as vilas e a cidade se tornaram muito prósperas. De fato, como uma consequência das ações do monarca, todas as ocupações do reino, especialmente criações de gado, agricultura e comércio prosperaram muito. Ó rei, durante aqueles dias até os ladrões e impostores nunca falavam mentiras entre eles mesmos, nem os que eram os favoritos do monarca. Não havia secas nem inundações e nem tormentas e nem incêndios nem mortes prematuras naquela época de Yudhishthira dedicado à virtude. E era somente para fazer serviços agradáveis, ou para adorar, ou para oferecer tributos que não empobreceriam, que outros reis costumavam se aproximar de Yudhisthira (e não por hostilidade ou batalha.) A grande sala do tesouro do rei ficou tão cheia com provisões de riquezas virtuosamente obtidas que ela não poderia ser esvaziada nem em cem anos. E o filho de Kunti, averiguando o estado de sua tesouraria e a extensão de suas posses, colocou seu coração na celebração de um sacrifício. Seus amigos e oficiais, individualmente e todos juntos, se aproximando dele disseram, 'Chegou a hora, ó exaltado, do teu sacrifício. Que os planos, portanto, sejam feitos sem perda de tempo.' Enquanto eles estavam assim falando, Hari (Krishna), o onisciente e antigo, a alma dos Vedas, o invencível como descrito por aqueles que têm conhecimento, a principal de todas as existências permanentes no universo, a origem de todas as coisas, como também aquele no qual todas as coisas vêm a ser dissolvidas, aquele senhor do passado, do futuro, e do presente, Kesava, o matador de Kesi, e o defensor de todos os Vrishnis e o dissipador de todos os temores em épocas de infortúnio e o matador de todos os inimigos, tendo nomeado Vasudeva para o comando do exército (Yadava), e trazendo consigo para o rei Yudhishthira o justo uma grande massa de tesouros, entrou naquela excelente cidade das cidades, Khandava, ele mesmo cercado por uma hoste poderosa e enchendo a atmosfera com o ruído das rodas de suas carruagens. E Madhava, aquele tigre entre homens, aumentando aquela massa ilimitada de riqueza dos Pandavas por meio daquele inesgotável oceano de pedras preciosas que ele tinha trazido, aumentou as tristezas dos inimigos dos Pandavas. A capital de Bharata foi alegrada pela presença de Krishna assim como uma região escura é tornada alegre pelo sol ou uma região de ar imóvel por uma brisa suave. Aproximando-se dele alegremente e recebendo-o com o respeito devido, Yudhishthira perguntou sobre o seu bem-

estar. E depois que Krishna estava sentado à vontade aquele touro entre homens, o filho de Pandu, com Dhaumya e Dwaipayana e os outros sacerdotes do sacrifício e com Bhima e Arjuna e os gêmeos, dirigiu-se a Krishna da seguinte forma:

'Ó Krishna, é por ti que toda a terra está sob o meu domínio. E, ó tu da linhagem Vrishni, é pela tua graça que toda aquela vasta riqueza foi conseguida por mim. E, ó filho de Devaki, ó Madhava, eu desejo dedicar essa riqueza segundo a lei aos brâmanes superiores e ao carregador de libações sacrificais. E, ó tu da linhagem Dasarha, cabe a ti, ó tu de braços poderosos, me conceder permissão para celebrar um sacrifício junto contigo e meus irmãos mais novos. Portanto, ó Govinda, ó tu de braços longos, instala-te neste sacrifício, pois, ó tu da tribo Dasarha, se tu realizares o sacrifício, eu serei limpo do pecado. Ou, ó sublime, concede-me permissão para ser instalado no sacrifício junto com estes meus irmãos novos, pois permitido por ti, ó Krishna, eu poderei desfrutar do resultado de um sacrifício excelente.'"

Vaisampayana continuou, "A Yudhisthira depois que ele tinha falado, Krishna, exaltando as suas virtudes, disse, 'Tu, ó tigre entre reis, mereces a dignidade imperial. Que, portanto, o grande sacrifício seja realizado por ti. E se tu realizares esse sacrifício e obtiveres o seu resultado todos nós nos consideraremos coroados de êxito. Eu estou sempre dedicado a procurar o bem. Realiza então o sacrifício que desejas. Emprega-me também em um trabalho para esse propósito, pois eu obedecerei a todas as tuas ordens.' Yudhisthira replicou, 'Ó Krishna, a minha resolução já está coroada de resultado, e o sucesso também já é meu sem dúvida, porque tu, ó Harishikesa, chegaste aqui conforme o meu desejo!'"

Vaisampayana continuou, "Comandado por Krishna, o filho de Pandu com seus irmãos se pôs a reunir os materiais para a realização do sacrifício Rajasuya. E aquele castigador de todos os inimigos, o filho de Pandu, então ordenou Sahadeva, aquele principal de todos os guerreiros e todos os ministros também, dizendo, 'Que pessoas sejam nomeadas para reunir, sem perda de tempo, todos aqueles artigos que os brâmanes têm apontado como necessários para o desempenho desse sacrifício, e todos os materiais e coisas auspiciosas necessárias que Dhaumya possa ordenar como necessárias para esse, cada um do tipo requerido e um depois do outro na devida ordem. Que Indrasena e Visoka e Puru com Arjuna como seu quadrigário se empenhem em coletar alimentos se eles querem me agradar. Que estes principais dos Kurus também reúnam todos os artigos de sabor e odor agradáveis que possam encantar e atrair os corações dos brâmanes.'

Simultaneamente com essas palavras do rei Yudhisthira o justo, Sahadeva, aquele principal dos guerreiros, tendo realizado tudo, expôs o assunto ao rei. E Dwaipayana, ó rei, então nomeou como sacerdotes do sacrifício brâmanes elevados que eram como os próprios Vedas em formas incorporadas. O próprio filho de Satyavati se tornou o Brahma daquele sacrifício. E aquele touro da raça Dhananjaya, Susaman, se tornou o cantor dos hinos vêdicos (Sama). Yajnavalkya devotado a Brahma se tornou o Adhyaryu, e Paila o filho de Vasu e Dhaumya se

tornaram os Hotris. E, ó touro da raça Bharata, os discípulos e os filhos desses homens, todos bons conhecedores dos Vedas e dos ramos dos Vedas, se tornaram Hotragts. E todos eles, tendo proferido bênçãos e recitado o objetivo do sacrifício, adoraram, segundo a lei, a grande área do sacrifício. Comandados pelos brâmanes, construtores e artífices construíram numerosos edifícios lá que eram espaçosos e bem perfumados como os templos dos deuses. Depois disso estar terminado, aquele melhor dos reis e touro entre homens, Yudhishthira, ordenou seu conselheiro principal, Sahadeva, dizendo, 'Despacha, sem perda de tempo, mensageiros velozes para convidar a todos para o sacrifício.' E Sahadeva, ouvindo essas palavras do rei, despachou mensageiros dizendo a eles, 'Convidem todos os brâmanes do reino e todos os donos de terras (kshatriyas), e todos os vaisyas e também os sudras respeitáveis, e tragam-nos para cá!'"

Vaisampayana continuou, "Dotados de velocidade, aqueles mensageiros então, assim ordenados, convidaram a todos segundo as ordens do Pandava, sem perder tempo, e trouxeram com eles muitas pessoas, amigos e desconhecidos. Então, ó Bharata, os brâmanes no momento apropriado instalaram Yudhishthira, o filho de Kunti, no sacrifício Rajasuya. E depois que a cerimônia de instalação tinha acabado, aquele principal dos homens, o virtuoso rei Yudhishthira o justo, como o próprio deus Dharma em forma humana, entrou na área de sacrifício, cercado por milhares de brâmanes e por seus irmãos e parentes e amigos e conselheiros, e por um grande número de reis kshatriyas que tinham vindo de vários países, e pelos oficiais de Estado. Brâmanes numerosos, hábeis em todos os ramos de conhecimento e versados nos Vedas e em seus vários ramos, começaram a afluir de vários países. Milhares de artífices, por ordem do rei Yudhishthira o justo, construíram para aqueles brâmanes com seus servidores habitações separadas bem abastecidas com comida e roupas e com frutas e flores de todas as estações. E, ó rei, devidamente adorados pelo monarca os brâmanes continuaram a residir lá, passando o tempo em conversas sobre diversos assuntos e assistindo a apresentações de atores e dançarinos. E o clamor dos brâmanes de grande alma, alegremente comendo e falando, era ouvido lá sem intervalo. 'Dê' e 'Coma' eram as palavras que foram ouvidas lá constantemente e todos os dias. E, ó Bharata, o rei Yudhishthira o justo deu a cada um daqueles brâmanes milhares de vacas e camas e moedas de ouro e donzelas.

Assim começou na terra o sacrifício daquele herói inigualável, o filho ilustre de Pandu, como o sacrifício no céu do próprio Sakra. Então aquele touro entre homens, o rei Yudhishthira, despachou Nakula, o filho de Pandu, para Hastinapura para trazer Bhishma e Drona, Dhritarashtra e Vidura e Kripa e todos aqueles entre seus primos que eram bem-dispostos em relação a ele."

# 33

Vaisampayana disse, "O sempre vitorioso Nakula, o filho de Pandu, tendo chegado a Hastinapura, convidou oficialmente Bhishma e Dhritarashtra. Os mais velhos da família Kuru com o preceptor em sua liderança, convidados com as devidas cerimônias, foram com corações alegres àquele sacrifício, com brâmanes andando diante deles. E, ó touro da raça Bharata, tendo ouvido sobre o sacrifício do rei Yudhishthira, centenas de outros kshatriyas conhecedores da natureza do sacrifício, com corações alegres foram lá de vários países, desejando ver o rei Yudhishthira o filho de Pandu e sua mansão sacrifical, e levaram com eles muitas joias valiosas de vários tipos. E Dhritarashtra e Bhishma e Vidura de grande inteligência, e todos os irmãos Kaurava com Duryodhana em sua liderança, e Suvala, o rei de Gandhara e Sakuni dotado de grande força, e Achala, e Vrishaka, e Karna, aquele principal de todos os quadrigários, e Salya dotado de grande poder e o forte Valhika, e Somadatta, e Bhuri da tribo Kuru, e Bhurisravas e Sala, e Aswatthama, Kripa, Drona, e Jayadratha, o soberano de Sindhu, e Yajnasena com seus filhos, e Salya, aquele senhor da terra e aquele grande guerreiro em carro o rei Bhagadatta de Pragjyotisha, acompanhado por todas as tribos mlechcha que habitavam as regiões pantanosas do litoral, e muitos reis da montanha, e o rei Vrihadvala, e Vasudeva, o rei dos Paundrayas, e os reis de Vanga e Kalinga, e Akastha e Kuntala e os reis dos Malavas e dos Andhrakas, e os Dravidas e os Singhalas e o rei de Kashmira, e o rei Kuntibhoja de grande energia e o rei Gauravahana, e todos os outros reis heroicos de Valhika, e Virata com seus dois filhos, e Mavella dotado de grande poder, e vários reis e príncipes governantes de vários países, e, ó Bharata, o rei Sisupala dotado de grande energia e invencível em batalha acompanhado por seu filho, todos eles foram ao sacrifício do filho de Pandu. E Rama e Aniruddha e Kanaka e Sarana, e Gada, Pradyumna, Shamva, e Charudeshna de grande energia, e Ulmuka e Nishatha e o bravo Angavaha, e outros inúmeros Vrishnis, todos poderosos guerreiros em carros, foram lá.

Esses e muitos outros reis do país do meio foram, ó monarca, àquele grande sacrifício Rajasuya do filho de Pandu. E, ó rei, por ordem do rei Yudhishthira o justo, mansões foram designadas para todos aqueles monarcas, que eram cheias de várias espécies de víveres e adornadas com tanques e árvores altas. E o filho de Dharma adorou a todos aqueles monarcas ilustres como eles mereciam. Adorados pelo rei eles se retiraram para as mansões que foram designadas para eles. Aquelas mansões eram (brancas e altas) como os rochedos de Kailasa, e encantadoras de ver, e equipadas com todos os tipos de mobília. Elas eram totalmente cercadas por muros brancos altos e bem construídos, suas janelas eram cobertas com redes trabalhadas em ouro e seus interiores eram providos de fileiras de pérolas, suas escadarias eram fáceis de subir e o chão era todo coberto com tapetes valiosos. Havia guirlandas de flores penduradas por toda parte e também o perfume excelente de aloés. Brancas como a neve ou a lua, elas pareciam extremamente belas mesmo da distância de um yojana. Suas portas e entradas eram localizadas uniformemente e eram largas o suficiente para admitir uma multidão de pessoas. Adornadas com vários artigos caros e construída com

vários metais, elas pareciam os topos do Himavat. Após descansarem um pouco naquelas mansões os monarcas viram o rei Yudhishthira o justo cercado por numerosos Sadasyas (sacerdotes sacrificais) e sempre realizando sacrifícios famosos por grandes presentes para os brâmanes. Aquela mansão sacrifical onde estavam presentes os reis e brâmanes e grandes rishis parecia, ó rei, tão bela quanto o próprio céu cheio com os deuses!"

## 34

Vaisampayana disse, "Então, ó rei, Yudhishthira, tendo se aproximado e adorado seu avô e seu preceptor, dirigiu-se a Bhishma e a Drona e a Kripa e ao filho de Drona e a Duryodhana e a Vivingsati, e disse, 'Ajudem-me vocês todos em relação a este sacrifício. Este grande tesouro que está aqui é seu. Consultem uns aos outros e guiem-me como quiserem.’

O mais velho dos filhos de Pandu, que tinha sido instalado no sacrifício, tendo dito isso a todos eles, designou cada um deles para trabalhos adequados. Ele nomeou Dussasana para superintender o departamento de alimentação e outros artigos agradáveis. A Aswatthama foi pedido para ajudar os brâmanes. Sanjaya foi nomeado para oferecer adoração em retorno aos reis. Bhishma e Drona, ambos dotados de grande inteligência, foram nomeados para ver o que foi feito e o que foi deixado de fazer. E o rei nomeou Kripa para cuidar dos diamantes e ouro e das pérolas e joias, como também da distribuição de presentes para os brâmanes. E assim outros tigres entre homens foram nomeados para trabalhos parecidos. Valhika e Dhritarashtra e Somadatta e Jayadratha, levados para lá por Nakula, passeavam por lá, desfrutando como senhores do sacrifício. Vidura, também chamado Kshatta, conhecedor de todas as regras de moralidade, se tornou o despendedor. Duryodhana virou o recebedor dos tributos que eram trazidos pelos reis. Krishna, que era ele mesmo o centro de todos os mundos e em volta de quem se moviam todas as criaturas, desejoso de obter resultados excelentes, estava empenhado por sua própria vontade em lavar os pés dos brâmanes.

E desejosos de ver aquela mansão sacrifical, como também o rei Yudhishthira o justo, ninguém chegava lá com um tributo menor do que um mil (em número, peso ou medida). Todos honraram o rei Yudhishthira o justo com grandes presentes de joias. E cada um dos reis fez um presente de sua riqueza, se gabando com a opinião orgulhosa de que aquelas joias que ele deu permitiriam ao rei Kuru Yudhisthira completar seu sacrifício. E, ó monarca, a área sacrifical do ilustre filho de Kunti parecia extremamente bela, com uma multidão de palácios construídos para durar para sempre e apinhados de guardas e guerreiros, palácios tão altos que seus topos tocavam os carros dos deuses que foram ver aquele sacrifício, como também com os próprios carros dos celestiais, e com as residências dos brâmanes e as mansões feitas lá para os reis, parecendo os carros dos celestiais e adornadas com pedras preciosas e cheias de todas as espécies de riqueza, e por fim com multidões de reis que foram lá, todos dotados de beleza e riqueza.

Yudhisthira, como se competindo com o próprio Varuna em riqueza, começou o sacrifício (de Rajasuya) distinguido por seis fogos e grandes presentes aos brâmanes. O rei gratificou a todos com presentes de grande valor e de fato com todo tipo de objeto que se pudesse desejar. Com abundância de arroz e de todos os tipos de alimento, como também com uma massa de joias trazida como homenagem, aquela vasta multidão consistia de pessoas cada uma das quais estava alimentada até a saciedade. Os deuses também foram satisfeitos no sacrifício pela Idâ, manteiga clarificada, Homa e libações despejadas pelos grandes rishis versados em mantras e pronúncia. Como os deuses, os brâmanes também foram satisfeitos com os presentes do sacrifício e comida e grande riqueza. E todas as outras classes de homens também foram satisfeitas naquele sacrifício e se encheram de alegria."

# 35

## Arghya-harana Parva

Vaisampayana disse, "No último dia do sacrifício quando o rei seria borrifado com água sagrada, os grandes rishis brâmanes que sempre mereciam tratamento respeitoso, junto com os reis convidados, entraram juntos no recinto interno da área sacrifical. E aqueles rishis ilustres com Narada como o principal, sentados à vontade com aqueles sábios nobres dentro daquele recinto, pareciam os deuses sentados na mansão de Brahma na companhia dos rishis celestes. Dotados de energia incomensurável, aqueles rishis, tendo obtido algum tempo livre, iniciaram vários tópicos de conversação. 'Isto é assim' 'Isto não é assim' 'Isto é assim mesmo' 'Isto não pode ser de outra maneira,' assim muitos deles se empenharam em discussões uns com os outros. Alguns entre os disputantes, por argumentos bem escolhidos faziam a posição mais fraca parecer a mais forte e a mais forte a mais fraca. Alguns disputantes dotados de grande inteligência lançavam-se sobre as posições incitados por outros como falcões se lançando sobre a carne jogada no ar, enquanto alguns entre eles versados nas interpretações de tratados religiosos e outros de votos rígidos, e bons conhecedores de todos os comentários e interpretações, se empenhavam em conversas agradáveis. E, ó rei, aquela plataforma apinhada de deuses, brâmanes e grandes rishis parecia muito bela como a ampla extensão do firmamento enfeitada com estrelas. Ó monarca, não havia então nenhum sudra perto daquela plataforma da mansão de Yudhisthira, nem alguém fosse sem votos.

E Narada, vendo a venturosa prosperidade de Yudhisthira que nasceu daquele sacrifício, ficou muito satisfeito. Observando aquela vasta multidão de todos os kshatriyas, o muni Narada, ó rei de homens, ficou pensativo. E, ó touro entre homens, o rishi começou a se lembrar das palavras que ele tinha ouvido antigamente na mansão de Brahma com relação à encarnação sobre a terra de partes de todas as divindades. E sabendo, ó filho da família Kuru, que aquela era uma multidão de deuses (encarnados), Narada pensou em Hari de olhos como pétalas de lótus. Ele sabia que aquele próprio criador de todos os objetos, aquele

mais sublime de todos os deuses, Narayana, que antigamente havia ordenado os celestiais, dizendo, 'Nasçam sobre a terra e matem uns aos outros e voltem para o céu', aquele matador de todos os inimigos dos deuses, aquele subjugador de todas as cidades hostis, para cumprir a sua própria promessa, havia nascido na classe kshatriya. E Narada sabia que o sublime e santo Narayana, também chamado Sambhu, o senhor do universo, tendo ordenado todos os celestiais dessa forma, havia nascido na linhagem dos Yadus e aquele mais importante de todos os perpetuadores de linhagens, tendo surgido da linha dos Andhaka-Vrishnis, sobre a terra era agraciado com grande fortuna e estava brilhando como a própria lua entre as estrelas. Narada sabia que Hari, o subjugador de inimigos, cuja força de braço era sempre louvada por todos os celestiais com Indra entre eles, estava então vivendo no mundo em forma humana. ‘Oh, o próprio Autocriado tirará (da terra) esta vasta multidão de kshatriyas dotados de tanta força.’ Essa era a visão de Narada, o onisciente, que sabia que Hari ou Narayana era aquele Senhor Supremo a quem todos adoravam com sacrifícios. E Narada, dotado de grande inteligência e o principal de todos os homens e conhecedor da moralidade, pensando em tudo isso, sentou-se naquele sacrifício do rei sábio Yudhisthira o justo, com sentimentos de reverência.

Então Bhishma, ó rei, dirigindo-se ao rei Yudhisthira o justo, disse, ‘Ó Bharata, que arghya (um artigo de consideração) seja oferecido aos reis como cada um deles merece. Escuta, ó Yudhishthira: é dito que o preceptor, o sacerdote do sacrifício, o parente, o Snataka, o amigo e o rei são os seis que merecem arghya. Os sábios dizem que quando algum deles mora com alguém por um ano completo ele merece ser adorado com arghya. Esses reis ficaram conosco por algum tempo. Portanto, ó rei, que arghyas sejam obtidos para serem oferecidos a cada um deles. E que um arghya seja oferecido antes de todos àquele que é o mais importante entre estes aqui presentes.’

Ouvindo essas palavras de Bhishma, Yudhishthira disse, 'Ó avô, ó tu da linhagem Kuru, quem tu julgas que é o principal entre esses e a quem o arghya deve ser oferecido por nós? Ó, dize-me.'”

Vaisampayana continuou, “Então, ó Bharata, Bhishma, o filho de Santanu, concluiu por sua inteligência que sobre a terra Krishna era o principal dentre todos. E ele disse, 'Como é o sol entre todos os objetos luminosos, assim é este (Krishna) (que brilha como o sol) entre nós todos, por causa de sua energia, força e coragem. E esta nossa mansão sacrifical é iluminada e alegrada por ele como uma região sem sol pelo sol, ou uma região de ar imóvel por uma rajada de brisa.’ Assim mandado por Bhishma, Sahadeva dotado de grande destreza devidamente ofereceu o primeiro arghya de ingredientes excelentes para Krishna da linhagem Vrishni. Krishna também aceitou segundo as formas da lei. Mas Sisupala não pode tolerar ver aquele culto oferecido a Vasudeva. E aquele poderoso rei de Chedi, reprovando Bhishma e Yudhishthira no meio daquela reunião, criticou Vasudeva depois disso."

## 36

"Sisupala disse, 'Ó tu da família Kuru, este da tribo Vrishni não merece culto real como se ele fosse um rei, no meio de todos esses monarcas ilustres. Ó filho de Pandu, esse teu comportamento, desejando adorar dessa forma este de olhos como pétalas de lótus, não é digna dos Pandavas ilustres. Ó filhos de Pandu, vocês são crianças. Vocês não sabem o que é moralidade, pois ela é muito sutil. Bhishma, este filho de Gangâ, também tem pouco conhecimento e violou as regras de moralidade (por lhes dar esse conselho). E, ó Bhishma, se alguém como tu, possuidor de virtude e moralidade, age por motivos de interesse, ele é merecedor de crítica entre os honestos e os sábios. Como ele da tribo Dasarha, que nem é um rei, aceita o culto antes desses reis e como é que ele foi adorado por vocês? Ó touro da raça Kuru, se tu consideras Krishna como o mais velho em idade, lá está Vasudeva, e como pode o filho dele ser considerado dessa forma na presença dele? Ou, se tu consideras Vasudeva como teu simpatizante e partidário, lá está Drupada, como então Madhava pode merecer o (primeiro) culto? Ou, ó filho de Kuru, tu consideras Krishna como preceptor? Quando Drona está aqui, como tu podes adorar este da tribo Vrishni? Ou, ó filho de Kuru, tu consideras Krishna como o Ritwija? Quando o idoso Dwaipayana está aqui, como Krishna pode ser adorado por ti? Também quando o idoso Bhishma, o filho de Santanu, este principal dos homens que não pode morrer senão pelo seu próprio desejo está aqui, por que, ó rei, Krishna foi adorado por ti? Quando o corajoso Aswatthaman, versado em todos os ramos de conhecimento está aqui, por que, ó rei, Krishna, ó tu da linhagem de Kuru, foi adorado por ti? Quando este rei dos reis, Duryodhana, este principal dos homens, está aqui, como também Kripa, o preceptor dos príncipes Bharata, por que Krishna foi adorado por ti? Como, ó filho de Pandu, passando por cima de Druma, o preceptor dos Kimpurusas, tu adoraste Krishna? Quando o invencível Bhishmaka e o rei Pandya possuidor de todas as marcas auspiciosas, e aqueles principais dos reis, Rukmi e Ekalavya e Salya, o rei dos Madras, estão aqui, como, ó filho de Pandu, tu ofereceste o primeiro culto a Krishna? Aqui também está Karna, sempre se vangloriando de sua força entre todos os reis, e (realmente) dotado de grande poder, o discípulo favorito do brâmane Jamadagnya, o herói que venceu a todos os monarcas em batalha somente pela sua própria força, como, ó Bharata, tu pudeste, passando por cima dele, oferecer o primeiro culto a Krishna? O matador de Madhu não é nem um sacerdote sacrifical nem um preceptor, nem um rei. Isso que tu fizeste (tê-lo adorado), ó chefe dos Kurus, apesar de todos esses, só pode ser por motivos de lucro. Se, ó Bharata, era o teu desejo oferecer o primeiro culto ao matador de Madhu, por que estes monarcas foram trazidos aqui para serem insultados dessa forma? Nós não pagamos tributos ao filho ilustre de Kunti por medo, nem por desejo de lucro, ou por termos sido conquistados por conciliação. Por outro lado, nós temos lhe prestado homenagem simplesmente porque ele estava desejoso da dignidade imperial por motivos de virtude. E ainda assim ele nos insulta dessa forma. Ó rei, por que mais, salvo por motivos de insulto, tu poderias ter adorado Krishna, que não possui a insígnia da realeza, com o arghya no meio dos monarcas reunidos? De fato, a reputação de virtude que o filho de Dharma

adquiriu foi obtida por ele sem motivo, pois quem ofereceria tal culto indevido a alguém que renegou a virtude? Este patife nascido na tribo dos Vrishnis antigamente assassinou injustamente o ilustre rei Jarasandha. A justiça foi hoje abandonada por Yudhishthira e somente avareza foi demonstrada por ele em consequência de ele ter oferecido o arghya a Krishna. Se os impotentes filhos de Kunti estavam amedrontados e dispostos à avareza, tu, ó Madhava, deve tê-los informado das tuas pretensões ao primeiro culto. Por que também, ó Janarddana, tu aceitaste o culto do qual tu és indigno, embora ele tenha sido oferecido a ti por esses príncipes de mente mesquinha? Tu pensas muito do culto indignamente oferecido a ti, como um cachorro que lambe em solidão uma quantidade de manteiga clarificada que ele obteve. Ó Janarddana, esse realmente não é um insulto oferecido aos monarcas, por outro lado é a ti que os Kurus insultaram. De fato, ó matador de Madhu, como uma esposa é para um homem que não tem poder viril, como uma exibição excelente é para alguém que é cego, assim é esse culto real para ti que não és rei. O que Yudhishthira é, foi visto, o que Bhishma é, foi visto, e o que este Vasudeva é, foi visto. De fato, todos esses foram vistos como eles são!'

Tendo falado essas palavras Sisupala se levantou de seu assento excelente e, acompanhado pelos reis, saiu daquela reunião."

## 37

Vaisampayana disse, "Então o rei Yudhishthira correu rapidamente atrás de Sisupala e falou-lhe gentilmente e em um tom conciliatório as seguintes palavras, 'Ó senhor da terra, o que tu disseste é impróprio para ti. Ó rei, isso é muito pecaminoso e desnecessariamente cruel. Não insultes Bhishma, ó rei, dizendo que ele não sabe o que é a virtude. Vê esses muitos reis, mais velhos do que tu, todos aprovam o culto oferecido a Krishna. Cabe a ti permitir isso pacientemente como eles. Ó soberano de Chedi, Bhishma conhece Krishna realmente. Tu não o conheces tão bem quanto este da família Kuru.'

Bhishma também, depois disso, disse, 'Aquele que não aprova o culto oferecido a Krishna, o mais velho no universo, não merece nem palavras gentis nem conciliação. O chefe dos guerreiros da classe kshatriya que, tendo vencido um kshatriya em batalha e trazido-o sob o seu poder o deixa livre, se torna o guru (preceptor ou mestre) do que foi vencido. Eu não vejo nesta reunião de reis nenhum soberano de homens que não tenha sido vencido em batalha pela energia deste filho da tribo Satwata. Este aqui (Krishna), de glória imaculada, não merece somente ser adorado por nós, mas, tendo braços poderosos, ele merece ser adorado pelos três mundos também. Inúmeros guerreiros entre os kshatriyas foram derrotados em batalha por Krishna. Todo o universo sem limites está estabelecido nele da tribo Vrishni. Portanto nós veneramos Krishna entre os bons e os idosos, e não outros. Não cabe a ti falar dessa forma. Que o teu entendimento nunca seja esse. Eu tenho, ó rei, visitado muitas pessoas que são

velhas em conhecimento. Eu tenho ouvido de todos aqueles homens sábios, enquanto conversando, dos numerosos e muito respeitados atributos do talentoso Sauri. Eu também ouvi muitas vezes todos os atos, recitados pelas pessoas, que Krishna de grande inteligência realizou desde o seu nascimento. E, ó rei de Chedi, nós não fazemos por capricho, ou tendo em vista o nosso relacionamento ou os benefícios que ele possa nos conceder, essa adoração a Janarddana que é adorado pelos bons sobre a terra e que é a fonte da felicidade de todas as criaturas. Nós oferecemos a ele a primeira adoração por causa da sua fama, do seu heroísmo, do seu sucesso. Não há ninguém aqui nem mesmo jovem em idade a quem nós não tenhamos levado em consideração. Passando sobre muitas pessoas que são as principais por suas virtudes, nós consideramos Hari como digno da primeira adoração. Entre os brâmanes um que é superior em conhecimento, entre os kshatriyas um que é superior em força, entre os vaisyas um que é superior em posses e riqueza, e entre os sudras um que é superior em idade, merece ser adorado. Na questão do culto oferecido a Govinda há duas razões, conhecimento dos Vedas e seus ramos, e também excesso de força. Quem mais há no mundo dos homens salvo Kesava que é assim distinto? De fato, generosidade, habilidade, conhecimento dos Vedas, coragem, modéstia, realizações, inteligência excelente, humildade, beleza, firmeza, contentamento e prosperidade, todos esses moram sempre em Achyuta. Portanto, ó reis, cabe a vocês aprovar o culto que foi oferecido a Krishna que tem grandes realizações, que como o preceptor, o pai, o guru, é digno do arghya e merecedor do culto (de todos). Hrishikesa é o sacerdote sacrifical, o guru, digno de ser solicitado para aceitar a filha de alguém em casamento, o Snataka, o rei, o amigo, portanto Achyuta foi adorado por nós. Krishna é a origem do universo e aquele no qual o universo se dissolverá. De fato, este universo de criaturas móveis e imóveis veio à existência por Krishna somente. Ele é a causa primordial imanifesta (Avyakta Prakriti), o criador, o eterno, e além da compreensão de todas as criaturas. Portanto, ele de glória imorredoura merece o mais alto culto. O intelecto, a base da sensibilidade, os cinco elementos, ar, calor, água, éter, terra, e as quatro espécies de seres (ovíparos, vivíparos, nascidos da umidade suja e vegetais) estão todos estabelecidos em Krishna. O sol, a lua, as constelações, os planetas, todas as principais direções, as direções intermediárias, estão todos estabelecidos em Krishna. Como o Agnihotra é o principal dentre todos os sacrifícios vêdicos, como o Gayatri é o principal dentre os versos, como o rei é o principal dentre os homens, como o oceano é o principal dentre todos os rios, como a lua é a principal dentre todas as constelações, como o sol é o principal dentre todos os corpos luminosos, como Meru é a principal dentre todas as montanhas, como Garuda é a principal dentre todas as aves, assim tanto quanto as direções para cima, para baixo, e para os lados do universo continuam, Kesava é o principal em todos os mundos incluindo as regiões dos celestiais. Este Sisupala é um mero menino e então ele não conhece Krishna, e sempre e em todos os lugares fala de Krishna dessa forma. Este soberano de Chedi nunca verá a virtude naquela luz na qual alguém que está desejoso de obter o mais alto mérito a vê. Quem há entre os velhos e os jovens ou entre esses senhores ilustres da terra que não considere Krishna como merecedor de culto ou que não adore Krishna? Se Sisupala

considera essa adoração como imerecida, então cabe a ele fazer que é apropriado nessa questão.'"

## 38

Vaisampayana disse, “O poderoso Bhishma terminou, tendo dito isso. Sahadeva então respondeu (a Sisupala) em palavras de grave significado, dizendo, 'Se há entre vocês algum rei que não possa aguentar ver Kesava de cor escura, o matador de Kesi, possuidor de energia incomensurável, adorado por mim, este meu pé está colocado sobre as cabeças de todos os poderosos (como ele). Quando eu digo isso, que ele me dê uma resposta adequada. E que os reis que possuam inteligência aprovem o culto a Krishna que é o preceptor, o pai, o guru, e merece o arghya e o culto (já oferecido a ele).'

Quando Sahadeva assim mostrou seu pé, nenhum entre aqueles monarcas inteligentes e sábios e orgulhosos e poderosos disse nada. E uma chuva de flores caiu sobre a cabeça de Sahadeva, e uma voz incorpórea disse, 'Excelente, excelente.' Então Narada, vestido em pele preta de veado, que falava do futuro e do passado, aquele dissipador de todas as dúvidas, totalmente conhecedor de todos os mundos, disse no meio de inúmeras criaturas estas palavras da mais clara importância, 'Aqueles homens que não adorarem Krishna de olhos de lótus devem ser considerados como mortos embora se movendo, e nunca devem ser ouvidos em nenhuma ocasião.'"

Vaisampayana continuou, “Então aquele deus entre homens, Sahadeva conhecedor da distinção entre um brâmane e um kshatriya, tendo adorado aqueles que mereciam adoração, completou aquela cerimônia. Mas após Krishna ter recebido o primeiro culto, Sunitha (Sisupala) aquele ceifador de inimigos, com olhos vermelhos como cobre pela raiva, dirigiu-se àqueles soberanos de homens e disse, 'Visto que eu estou aqui para liderar vocês todos, o que vocês estão pensando em fazer agora? Organizados permaneçamos em ordem de batalha contra os Vrishnis e os Pandavas reunidos!' E o touro dos Chedis, tendo assim agitado os reis, começou a deliberar com eles sobre como obstruir a conclusão do sacrifício. Todos os monarcas convidados que tinham ido ao sacrifício, com Sunitha como o principal, pareceram zangados e seus rostos ficaram pálidos. Eles todos disseram, 'Nós devemos agir para que o rito sacrifical final realizado por Yudhishthira e o culto a Krishna não sejam considerados como se tivessem sido consentidos por nós.’ E impelidos por uma crença em seu próprio poder e grande confiança, os reis, privados de juízo pela raiva, começaram a dizer isso. E sendo movidos por autoconfiança e aborrecidos sob o insulto feito a eles, os monarcas repetidamente exclamaram dessa forma. Embora seus amigos procurassem apaziguá-los, suas faces brilhavam com raiva como as de leões rugindo afastados de suas presas. Krishna então compreendeu que aquele vasto mar de monarcas com suas incontáveis ondas de tropas estavam se preparando para uma terrível investida."

# 39

## Sisupala-vadha Parva

Vaisampayana disse, “Vendo aquela vasta reunião de reis agitados com cólera, assim como o mar terrível agitado pelos ventos que sopram na hora da dissolução universal, Yudhishthira dirigiu-se ao idoso Bhishma, aquele principal dos homens inteligentes e o avô dos Kurus, assim como Puruhita (Indra) aquele matador de inimigos, de energia abundante se dirigindo a Vrihaspati, e disse, 'Este vasto oceano de reis foi agitado pela ira. Dize-me, ó avô, o que eu devo fazer em vista disso. Ó avô, o que eu devo fazer agora para que o meu sacrifício não seja obstruído e os meus súditos não sejam feridos?'

Quando o rei Yudhishthira o justo, conhecedor da moralidade, assim falou, Bhishma, o avô dos Kurus, falou estas palavras em resposta, 'Não temas, ó tigre dos Kurus. Pode o cachorro matar o leão? Eu antes disso descobri um modo que é benéfico e confortável de se praticar. Como cachorros em uma matilha latem juntos se aproximando do leão que está dormindo, assim são todos esses senhores da terra. De fato, ó filho, como os cachorros diante do leão, esses (monarcas) estão latindo com raiva perante o leão adormecido da tribo Vrishni. Achyuta está agora como um leão que está dormindo. Até que ele acorde, este chefe dos Chedis, este leão entre homens, faz esses monarcas se parecerem com leões. Ó filho, ó principal de todos os monarcas, este Sisupala possuidor de pouca inteligência está desejoso de levar junto consigo todos esses reis, através da ação daquele que é a alma do universo, para as regiões de Yama. Seguramente, ó Bharata, Vishnu deseja tomar de volta em si mesmo a energia que existe neste Sisupala. Ó principal de todos os homens inteligentes, ó filho de Kunti, a inteligência deste rei dos Chedis de mente má, como também de todos esses monarcas, se tornou perversa. De fato, a inteligência de todos aqueles a quem este tigre entre homens deseja tomar em si mesmo se torna perversa assim como aquela deste rei dos Chedis. Ó Yudhishthira, Madhava é o progenitor como também o destruidor de todos os seres criados das quatro espécies, (ovíparos, etc.) existentes nos três mundos.'"

Vaisampayana continuou, “Então o soberano dos Chedis, tendo ouvido essas palavras de Bhishma, se dirigiu ao último, ó Bharata, em palavras que eram ríspidas e violentas.

# 40

Sisupala disse, 'Velho e patife infame da tua raça, tu não tens vergonha de assustar a todos estes monarcas com esses numerosos terrores falsos? Tu és o principal dos Kurus, e vivendo como vives no terceiro estado (celibato), não é adequado que tu dês conselhos que estão tão afastados da moralidade. Como um barco amarrado a outro barco ou o cego seguindo o cego são os Kurus que te têm como guia. Tu mais uma vez simplesmente desgostaste os nossos corações por recitares detalhadamente os atos deste (Krishna), tais como matar Putana e outros. Arrogante e ignorante como és, e desejoso de louvar Kesava, por que essa tua língua não se parte em cem pedaços? Como tu, superior como és em conhecimento, desejas louvar aquele vaqueiro a respeito de quem até homens de pouca inteligência podem falar injúrias? Se Krishna em sua infância matou um urubu, o que há de notável nisso, ou naquela outra façanha dele, ó Bhishma, ao matar Aswa e Vrishava, ambos que não eram habilidosos em batalha? Se ele derrubou com um chute um pedaço inanimado de madeira, um carro, o que há, ó Bhishma, de extraordinário nisso? Ó Bhishma, o que há de notável em ele ter sustentado por uma semana a colina de Govardhana que é semelhante a um formigueiro? 'Enquanto se divertia sobre o topo de uma montanha ele comeu uma grande quantidade de comida,' ouvindo essas tuas palavras muitos se admiraram muito. Mas, ó tu que és conhecedor das regras de moralidade, não é ainda mais injusto que aquele grande homem, Kansa, cuja comida ele comeu, tenha sido morto por ele? Ó infame da tribo Kuru, tu és ignorante das regras de moralidade. Tu nunca ouviste dos homens sábios que falam a ti o que eu agora te direi. Os virtuosos e os sábios sempre instruem os honestos que armas nunca devem descer sobre mulheres e vacas e brâmanes e sobre aqueles cujo alimento foi comido, como também sobre aqueles cujo abrigo foi desfrutado. Parece, ó Bhishma, que todos esses ensinamentos foram jogados fora por ti. Ó infame da tribo Kuru, por desejar louvar Kesava tu o descreves para mim como poderoso e superior em conhecimento e em idade, como se eu não soubesse de nada. Se pela tua palavra, ó Bhishma, alguém que matou mulheres (falando de Putana) e vacas for adorado, então o que é para se tornar a grande lição disso? Como pode alguém que é assim merecer louvor, ó Bhishma? 'Ele é o principal de todos os homens sábios’, 'Ele é o senhor do universo', ouvindo essas tuas palavras Janarddana acredita que elas são todas verdadeiras. Mas certamente elas são todas falsas. Os versos que um cantor canta, mesmo que ele os cante muitas vezes, não produzem impressão sobre ele. E todas as criaturas agem segundo a ordem dele, assim como a ave Bhulinga (que bica as partículas de carne do meio dos dentes do leão, embora pregando contra a imprudência). Seguramente a tua atitude é muito desprezível. Não há a menor dúvida sobre isso. E assim também, parece que esses filhos de Pandu que consideram Krishna como digno de culto e que têm a ti como guia são possuidores de uma tendência pecaminosa. Possuindo conhecimento da virtude tu te desviaste do caminho dos sábios. Portanto tu és pecaminoso. Quem, ó Bhishma, se achando virtuoso e superior em conhecimento, agiria como tu fizeste por motivos de virtude? Se tu conheces os caminhos da moralidade, se a tua mente é guiada pela sabedoria, abençoado sejas. Por que

então, ó Bhishma, aquela moça virtuosa, Amva, que tinha colocado seu coração em outro, foi raptada por ti, tão orgulhoso de sabedoria e virtude? Teu irmão Vichitravirya, de acordo com os caminhos dos honestos e virtuosos, conhecendo aquela condição da moça, não se casou com ela embora trazida por ti. Gabando-te como tu fazes de virtude, à tua vista, nas viúvas do teu irmão foram gerados filhos por outro segundo os caminhos dos honestos. Onde está a tua virtude, ó Bhishma? Esse teu celibato, o qual tu segues por ignorância ou impotência, é inútil. Ó tu que és conhecedor da virtude, eu não vejo a tua felicidade. Tu que expões a moralidade desse modo não pareces ter sempre servido aos mais velhos. Cultos, presentes, estudos, sacrifícios distintos por grandes presentes aos brâmanes, esses todos não são iguais em mérito nem a uma sexta parte do que é obtenível pela posse de um filho. O mérito, ó Bhishma, que é adquirido por numerosos votos e jejuns indubitavelmente se torna inútil no caso de alguém que não tem filhos. Tu não tens filhos e és velho e expões uma moralidade falsa. Como o cisne da história tu agora morrerás nas mãos dos teus parentes. Outros homens possuidores de conhecimento disseram isso antigamente. Eu logo narrarei isso completamente para que tu ouças.

Vivia antigamente um velho cisne à beira-mar. Sempre falando sobre moralidade, mas o contrário em sua conduta, ele costumava instruir a tribo emplumada. 'Pratiquem a virtude e se abstenham do pecado', essas eram as palavras que outras aves sinceras, ó Bhishma, constantemente o ouviam proferir. E as outras criaturas ovíparas que percorriam os mares, foi ouvido por nós, ó Bhishma, costumavam, por causa da virtude, lhe trazer alimento. E, ó Bhishma, todas aquelas outras aves, deixando seus ovos com ele, percorriam e mergulhavam nas águas do mar. E o velho cisne pecaminoso, atento aos seus próprios interesses, costumava comer os ovos de todas as aves que imprudentemente confiavam nele. Depois de algum tempo, quando os ovos estavam diminuindo em número, uma ave de grande sabedoria teve suas suspeitas despertadas e ele até testemunhou (o incidente) um dia. E tendo testemunhado a ação pecaminosa do cisne velho aquela ave em grande tristeza falou tudo para as outras aves. Então, ó tu melhor dos Kurus, todas aquelas aves, testemunhando com seus próprios olhos a ação do cisne velho, se aproximaram daquele patife de conduta falsa e o mataram.

O teu comportamento, ó Bhishma, é assim como o do cisne velho. Estes senhores da terra podem te matar com raiva como aquelas criaturas da tribo emplumada mataram o velho cisne. Pessoas conhecedoras dos Puranas recitam um provérbio, ó Bhishma, a respeito dessa ocorrência, eu, ó Bharata, o repetirei para ti. É este: 'Ó tu que te sustentas em tuas asas, embora o teu coração seja afetado (pelas paixões), tu ainda assim pregas (a virtude), mas essa tua ação pecaminosa de comer os ovos contraria as tuas palavras!"

# 41

Sisupala disse, "Aquele poderoso rei Jarasandha que não desejava lutar com Krishna, dizendo ‘Ele é um escravo’ era digno da minha maior estima. Quem considerará como louvável a ação que foi feita por Kesava, como também por Bhima e Arjuna, na questão da morte de Jarasandha? Entrando por um portão impróprio, disfarçado como um brâmane, assim Krishna observou a força do rei Jarasandha. E quando aquele monarca ofereceu por primeiro a este patife água para lavar os pés, foi então que ele negou sua condição de brâmane, por aparentes motivos de virtude. E quando Jarasandha, ó tu da tribo Kuru, pediu que Krishna e Bhima e Dhananjaya comessem, foi este Krishna quem recusou esse pedido do monarca. Se este é o senhor do universo, como este tolo representa ser, por que ele não se considera como um brâmane? No entanto, me surpreende muito que embora tu guies os Pandavas para longe do caminho dos sábios eles ainda te considerem como honesto. Ou, talvez, isso não seja uma questão de surpresa em relação àqueles que tem a ti, ó Bharata, de tendência efeminada e curvado com a idade, como seu conselheiro em tudo."

Vaisampayana continuou: “Ao ouvir essas palavras de Sisupala, ásperas em conteúdo e som, aquele principal dos homens poderosos, Bhimasena, dotado de energia, ficou furioso. E seus olhos, naturalmente grandes e arregalados e semelhantes às folhas do lótus, ficaram ainda mais dilatados e vermelhos como cobre sob a influência da raiva. E os monarcas reunidos viram em sua testa três linhas de rugas como o Ganges de três correntezas na montanha de pico triplo. Quando Bhimasena começou a ranger os dentes em fúria, os monarcas viram o seu rosto parecendo o da própria Morte no fim do Yuga, pronta para engolir todas as criaturas. E quando o herói dotado de grande energia de mente estava prestes a se levantar num ímpeto Bhishma de braços poderosos o conteve como Mahadeva agarrando Mahasena (o generalíssimo celeste). E, ó Bharata, a fúria de Bhima foi logo acalmada por Bhishma, o grande senhor dos Kurus, com vários tipos de conselhos. E Bhima, aquele castigador de inimigos, não pode desobedecer às palavras de Bhishma, como o oceano que nunca ultrapassa (nem mesmo quando cheio com as águas da estação chuvosa) os seus continentes. Mas, ó rei, embora Bhima estivesse zangado, o corajoso Sisupala, contando com sua própria virilidade, não tremeu de medo. E embora Bhima estivesse se lançando impetuosamente a todo momento, Sisupala não lhe concedeu nem um único pensamento, como um leão que não se inquieta com um pequeno animal enraivecido. O poderoso rei de Chedi, vendo Bhima de bravura terrível com tal raiva, disse rindo, 'Solta-o, ó Bhishma! Deixa que todos os monarcas vejam-no ser queimado pela minha bravura como um inseto no fogo.' Ouvindo essas palavras do soberano dos Chedis, Bhishma, aquele principal dos Kurus e de todos os homens inteligentes, falou a Bhima estas palavras.

## 42

Bhishma disse, ‘Este Sisupala nasceu na linhagem do rei de Chedi com três olhos e quatro mãos. Logo que ele nasceu, ele gritou e zurrou como um asno. Por causa disso seu pai e mãe junto com seus parentes foram tomados pelo medo. E vendo esses presságios extraordinários os seus pais resolveram abandoná-lo. Mas uma voz incorpórea, naquela hora, disse ao rei e sua esposa com seus ministros e sacerdote, todos com corações paralisados pela ansiedade, estas palavras, 'Este teu filho, ó rei, que nasceu se tornará afortunado e superior em força. Portanto não o temas. De fato, cuida desta criança sem ansiedade. Ele não morrerá (na infância). A sua hora ainda não chegou. Aquele que o matará com armas também nasceu.' Ouvindo essas palavras, a mãe, ansiosa por afeição por seu filho, dirigiu-se ao Ser invisível e disse, ‘Eu me curvo com mãos unidas àquele que proferiu essas palavras a respeito do meu filho, seja ele uma divindade exaltada ou algum outro ser, que ele me diga outra palavra, eu desejo saber quem será o assassino deste meu filho.’ O Ser invisível então disse, 'Aquele sobre cujo colo esta criança sendo colocada os braços supérfluos caírem sobre a terra como um par de cobras de cinco cabeças, e à visão de quem seu terceiro olho sobre a testa desaparecer, será seu matador.' Sabendo sobre a criança de três olhos e quatro braços como também das palavras do Ser invisível, todos os reis da terra foram a Chedi para vê-la. O rei de Chedi adorando, cada um como merecia, os monarcas que chegavam, colocou seu filho sobre seus colos de um depois do outro. E embora a criança fosse colocada sobre os colos de mil reis, um depois do outro, ainda assim aquilo que a voz incorpórea disse não aconteceu. E tendo ouvido sobre tudo aquilo em Dwaravati, os poderosos heróis Yadava Sankarshana e Janarddana também foram à capital dos Chedis, para ver a irmã de seu pai, aquela filha dos Yadavas (a rainha de Chedi). E saudando a todos segundo os seus postos e o rei e a rainha também, e perguntando sobre o bem-estar de todos, Rama e Kesava tomaram seus lugares. E depois que aqueles heróis tinham sido adorados, a rainha com grande prazer pôs ela mesma a criança no colo de Damodara. Logo que a criança foi colocada no colo dele os seus braços supérfluos caíram e o olho em sua testa também desapareceu. E vendo isso a rainha em alarme e ansiedade pediu de Krishna uma bênção. E ela disse, 'Ó Krishna de braços poderosos, eu estou aflita pelo medo, concede-me uma bênção. Tu és o protetor de todos os aflitos e o dissipador dos medos de todos.’ Assim abordado por ela, Krishna, aquele filho da tribo Yadu disse, 'Não temas, ó respeitada. Tu conheces a moralidade. Tu não precisas ter medo de mim. Qual benefício eu devo te dar? O que eu farei, ó tia? Seja capaz ou não, eu farei o que me pedires.' Abordada dessa forma por Krishna a rainha disse, 'Ó tu de grande força, tu terás que perdoar as ofensas de Sisupala por minha causa. Ó tigre da raça Yadu, saibas, ó senhor, que essa é a bênção que eu peço.' Krishna então disse, 'Ó tia, mesmo quando ele merecer ser morto, eu perdoarei cem ofensas dele. Não te aflijas.'

Bhishma continuou, 'Assim, ó Bhima, é esse rei torpe, Sisupala de coração pecaminoso, que orgulhoso da bênção concedida por Govinda te convoca para a batalha!'

## 43

Bhishma disse, ‘A vontade sob a qual o soberano de Chedi te convoca para a luta, embora tu tenhas uma força que não conhece deterioração, não é a sua própria intenção. Seguramente esse é o propósito do próprio Krishna, o senhor do universo. Ó Bhima, que rei sobre a terra se atreveria a me insultar dessa forma, como esse miserável de sua raça, já possuído pela Morte, fez hoje? Este de braços poderosos é, sem dúvida, uma porção da energia de Hari. E certamente, o Senhor deseja tomar de volta em si mesmo aquela sua própria energia. Por causa disso, ó tigre da raça Kuru, este rei como um tigre de Chedi, tão perverso de coração, ruge dessa maneira pouco se importando com todos nós.’"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo essas palavras de Bhishma, o rei de Chedi não pode aguentar mais, Ele então respondeu com raiva a Bhishma nestas palavras. 'Que os nossos inimigos, ó Bhishma, sejam dotados dessa bravura que este Kesava tem, a quem tu louvas como um cantor profissional de hinos, erguendo-te repetidamente do teu assento. Se a tua mente, ó Bhishma, se deleita tanto em elogiar outros, então elogia estes reis, deixando Krishna. Elogia este rei excelente, Darada, o soberano de Valhika, que rasgou essa terra logo que nasceu. Louva, ó Bhishma, Karna, o soberano do território de Anga e Vanga, e que é igual em força àquele de mil olhos, que maneja um arco grande, que dotado de braços poderosos possui brincos de feitio celeste com os quais ele nasceu e esta cota de malha possuidora do esplendor do sol nascente, que venceu em um combate o invencível Jarasandha igual ao próprio Vasava, e que rasgou e mutilou aquele monarca. Ó Bhishma, elogia Drona e Aswatthaman, pai e filho, que são guerreiros poderosos, dignos de elogios, e os melhores dos brâmanes, e cada um dos quais, ó Bhishma, se enfurecido poderia aniquilar essa terra com suas criaturas móveis e imóveis, como eu creio. Eu não vejo, ó Bhishma, um rei que seja igual em batalha a Drona ou Aswatthaman. Por que tu não desejas elogiá-los? Passando sobre Duryodhana, este poderoso reis dos reis, que é inigualável na terra inteira cercada por seus mares e pelo rei Jayadratha talentoso com armas e dotado de grande destreza, e Druma, o preceptor dos Kimpurushas e célebre pelo mundo por sua coragem, e o filho de Saradwata, o velho Kripa, o preceptor dos príncipes Bharata e dotado de grande energia, por que tu elogias Kesava? Passando por cima daquele principal dos arqueiros, aquele esplêndido rei, Rukmin de grande energia, por que tu glorificas Kesava? Passando por cima de Bhishmaka de energia abundante, e do rei Dantavakra, e de Bhagadatta conhecido por suas inúmeras estacas sacrificais, Jayatsena, o rei de Magadha, Virata e Drupada, Sakuni e Vrihadvala, Vinda e Anuvinda de Avant Pandya, Sweta Uttama Sankhya de grande prosperidade, e do orgulhoso Vrishasena, do poderoso Ekalavya, e do grande quadrigário Kalinga de energia abundante, por que tu louvas Kesava? E, ó Bhishma, se a tua mente está sempre inclinada a cantar os louvores de outros, por que tu não elogias Salya e outros soberanos da terra? Ó rei, o que pode ser feito por mim quando (parece) que tu não aprendeste nada perante os virtuosos

homens idosos que dão lições de moralidade? Tu nunca ouviste, ó Bhishma, que repreensão e glorificação, de si e dos outros, não são práticas daqueles que são respeitáveis? Não há ninguém que aprove a tua conduta, ó Bhishma, de louvar ininterruptamente com devoção, só por ignorância, Kesava tão indigno de louvor. Como tu, só pelo teu desejo, estabeleces todo o universo no servidor e vaqueiro de Bhoja (Kansa)? Talvez, ó Bharata, essa tua inclinação não seja compatível com a tua verdadeira natureza, como o que pode ser com a ave Bhulinga, como já foi dito por mim. Há uma ave chamada Bhulinga que vive do outro lado do Himavat. Ó Bhishma, aquela ave sempre profere palavras de significado adverso. ‘Nunca faça nada imprudente’, isso é o que ela sempre diz, mas nunca compreendeu que ela mesma sempre age muito imprudentemente. Possuidora de pouca inteligência aquela ave rouba da boca do leão os pedaços de carne grudados no meio dos dentes dele, e em um momento quando o leão está empenhado em comer. Seguramente, ó Bhishma, aquela ave vive do favor do leão. Ó patife pecaminoso, tu sempre falas como aquela ave. E seguramente, ó Bhishma, tu estás vivo somente pelo favor desses reis. Empenhado em ações contrárias às opiniões de todos, não há ninguém mais como tu!’"

Vaisampayana continuou, “Ouvindo essas palavras duras do soberano de Chedi, Bhishma, ó rei, disse na audição do rei de Chedi, 'Verdadeiramente eu estou vivo pela vontade desses soberanos da terra. Mas eu considero que esses reis não são iguais nem a uma palha.' Logo que essas palavras foram faladas por Bhishma os reis ficaram cheios de raiva. E alguns que estavam abaixados se levantaram e alguns começaram a criticar Bhishma. E ouvindo essas palavras de Bhishma alguns entre eles que eram manejadores de grandes arcos exclamaram, 'Este desprezível Bhishma, embora velho, é extremamente vaidoso. Ele não merece o nosso perdão. Portanto, ó reis, enraivecido com violência como este Bhishma está, é bom que este desgraçado seja morto como um animal, ou, nos reunindo, que nós o queimemos em um fogo de grama ou palha.' Ouvindo essas palavras dos monarcas, Bhishma o avô dos Kurus, dotado de grande inteligência, dirigindo-se àqueles senhores da terra, disse, 'Eu não vejo um fim para as nossas discussões, pois palavras podem ser respondidas com palavras. Portanto, senhores da terra, escutem todos o que eu digo. Seja eu morto como um animal ou queimado em um fogo de grama e palha, assim eu distintamente coloco o meu pé sobre as cabeças de vocês todos. Aqui está Govinda, que não conhece deterioração. A Ele nós temos adorado. Que aquele que deseja uma morte rápida convoque para a batalha Madhava de cor escura e manejador do disco e da maça, e morrendo entre e se misture com o corpo desse deus!’"

## 44

Vaisampayana disse, “Após ouvir essas palavras de Bhishma, o soberano de Chedi dotado de extrema coragem, desejoso de lutar com Vasudeva dirigiu-se a ele e disse, ‘Ó Janarddana, eu te desafio. Vem, luta comigo até que eu te mate hoje com todos os Pandavas. Pois, ó Krishna, os filhos de Pandu também, que

desrespeitando os direitos de todos esses reis, adoraram a ti que não és rei, merecem ser mortos junto contigo. É minha opinião, ó Krishna, que aqueles que por infantilidade te adoraram, como se tu merecesses isso, embora tu sejas indigno de culto, sendo somente um escravo e um canalha e não um rei, merecem ser mortos por mim.' Tendo assim falado, aquele tigre entre reis ficou lá rugindo de raiva. E depois que Sisupala tinha parado, Krishna dirigiu-se a todos os reis na presença dos Pandavas, e falou estas palavras em uma voz gentil: 'Ó reis, este de mente pecaminosa, que é filho de uma filha da tribo Satwata, é um grande inimigo nosso da tribo Satwata, e embora nós nunca procuremos feri-lo ele sempre procura o nosso mal. Esse patife de atos cruéis, ó reis, sabendo que nós tínhamos ido à cidade de Pragjyotisha, veio e queimou Dwaraka, embora ele seja filho da irmã do meu pai. Enquanto o rei Bhoja estava se divertindo sobre a colina Raivataka ele lançou-se sobre os servidores daquele rei e matou e levou muitos deles em correntes para a sua própria cidade. Pecaminoso em todos os seus propósitos, esse patife, para obstruir o sacrifício do meu pai, roubou o cavalo sacrifical do sacrifício de cavalo que tinha sido deixado solto sob a guarda de homens armados. Incitado por motivos pecaminosos, ele raptou a relutante esposa do inocente Vabhru (Akrura) em seu caminho de Dwaraka para o país dos Sauviras. Este ofensor de seu tio materno, se disfarçando no traje do rei de Karusha, raptou também a inocente Bhadra, a princesa de Visala, a noiva prometida do rei Karusha. Eu tenho pacientemente tolerado todos esses aborrecimentos pela irmã do meu pai. É, no entanto, muito oportuno que tudo isso tenha ocorrido hoje na presença de todos os reis. Vejam vocês todos hoje a hostilidade que ele nutre em relação a mim. E saibam também tudo o que ele fez pelas minhas costas. Por excesso de orgulho ao qual ele cedeu na presença de todos esses monarcas ele merece ser morto por mim. Eu não sou capaz de perdoar hoje as injúrias que ele me fez. Desejoso de morte rápida, este tolo desejava Rukmini. Mas ele não a obteve, como um sudra falhando em obter a audição dos Vedas.’

Vaisampayana continuou, "Ao ouvirem essas palavras de Vasudeva todos os monarcas reunidos começaram a criticar o soberano de Chedi. Mas o poderoso Sisupala, tendo ouvido essas palavras, riu alto e falou desta forma, 'Ó Krishna, tu não estás envergonhado em dizer nesta reunião, especialmente diante de todos estes reis que Rukmini (tua esposa) foi cobiçada por mim? Ó matador de Madhu, quem mais há além de ti, que se considerando um homem diria no meio de homens respeitáveis que sua mulher foi desejada por mais alguém? Ó Krishna, perdoa-me se te agradar, ou não me perdoes. Mas furioso ou amistoso, o que tu podes fazer para mim?'

E, enquanto Sisupala estava falando dessa maneira, o sublime matador de Madhu pensou em sua mente no disco que humilhava o orgulho dos asuras. E tão logo o disco veio às suas mãos, hábil em discurso o ilustre ruidosamente proferiu estas palavras, 'Ouçam senhores da terra, por que este foi até agora perdoado por mim. Como pedido por sua mãe, cem ofensas (dele) deviam ser perdoadas por mim. Foi essa a bênção que ela pediu, e isso mesmo eu concedi a ela. Esse número, ó reis, está completo. Eu agora o matarei em sua presença, ó monarcas.'

Tendo dito isso o chefe dos Yadus, aquele matador de todos os inimigos, em fúria, imediatamente cortou a cabeça do soberano de Chedi por meio de seu disco. E aquele de braços poderosos caiu como um penhasco atingido pelo raio. E, ó monarca, os reis reunidos então viram uma energia ígnea, como a do sol no céu, sair do corpo do rei de Chedi, e ó rei, aquela energia então adorou Krishna, possuidor de olhos como as folhas do lótus e adorado por todos os mundos, e entrou em seu corpo. E todos os reis vendo a energia que entrou naquele poderosamente armado chefe de homens consideraram aquilo como extraordinário. E quando Krishna matou o rei de Chedi o céu, embora sem nuvens, derramou torrentes de chuva, e explodiram trovões, e a própria terra começou a tremer. Houve alguns entre os reis que não falaram uma palavra durante aqueles momentos indizíveis, mas simplesmente se sentaram fitando Janarddana. E houve alguns que esfregaram com raiva suas palmas com seus indicadores. E houve outros que privados de razão pela raiva morderam os lábios com os dentes. E alguns entre os reis aprovaram a ele da tribo Vrishni secretamente. E alguns ficaram excitados pela raiva, enquanto outros se tornaram mediadores. Os grandes rishis com corações satisfeitos louvaram Kesava e foram embora. E todos os brâmanes de grande alma e os reis poderosos que lá estavam, vendo a destreza de Krishna, ficaram profundamente contentes e o louvaram.

Yudhishthira então mandou seus irmãos realizarem sem demora os ritos fúnebres do rei Sisupala, o corajoso filho de Damaghosha, com o respeito apropriado. Os filhos de Pandu obedeceram à ordem de seu irmão. E Yudhishthira então, com todos os reis, instalou o filho do rei Sisupala na soberania dos Chedis.

Então aquele sacrifício, ó monarca, do rei dos Kurus possuidor de grande energia, abençoado com todos os tipos de prosperidade, tornouse extremamente belo e agradável para todos os homens jovens. E iniciado auspiciosamente, e com todos os obstáculos removidos, e abastecido com abundância de riqueza e grãos, como também com fartura de arroz e de todas as espécies de alimentos, ele foi devidamente assistido por Kesava. E Yudhishthira no tempo devido terminou grande sacrifício. E o poderoso Janarddana, o exaltado Sauri, com seu arco chamado Saranga e seu disco e maça, protegeu aquele sacrifício até a sua conclusão. E todos os monarcas kshatriya, tendo se aproximado do virtuoso Yudhishthira que tinha se banhado depois da conclusão do sacrifício, disseram estas palavras: 'Por boa sorte tu te tornaste bem-sucedido. Ó virtuoso, tu obtiveste a dignidade imperial. Ó tu da família de Ajamida, por ti foi propagada a fama de toda a tua linhagem. E, ó rei dos reis, por essa tua ação tu também adquiriste grande mérito religioso. Nós fomos adorados por ti até a completa extensão dos nossos desejos. Nós agora te dizemos que estamos desejosos de voltar para os nossos próprios reinos. Cabe a ti nos dar permissão.'

Ouvindo essas palavras dos monarcas, o rei Yudhishthira o justo, adorando cada um como merecia, ordenou seus irmãos, dizendo, 'Todos estes monarcas vieram a nós por sua própria vontade. Esses castigadores de inimigos estão agora desejosos de voltar para os seus próprios reinos, despedindo-se de mim. Abençoados sejam vocês, sigam esses reis excelentes até os confins dos nossos próprios domínios.' Ouvindo essas palavras de seu irmão, os virtuosos príncipes

Pandava seguiram os reis, um depois do outro, como cada um merecia. O poderoso Dhrishtadyumna seguiu sem perda de tempo o rei Virata, e Dhananjaya seguiu o ilustre e poderoso quadrigário Yajnasena, e o poderoso Bhimasena seguiu Bhishma e Dhritarashtra, e Sahadeva, aquele mestre de batalha, seguiu o bravo Drona e seu filho, e Nakula, ó rei, seguiu Suvala com seu filho, e os filhos de Draupadi com o filho de Subhadra seguiram aqueles poderosos guerreiros, os poderosos reis das regiões montanhosas. E outros touros entre os kshatriyas seguiram outros kshatriyas. E os brâmanes aos milhares também foram embora, devidamente venerados.

Depois que todos os reis e brâmanes tinham ido embora, o poderoso Vasudeva dirigindo-se a Yudhishthira disse, 'Ó filho da linhagem Kuru, com a tua permissão, eu também desejo ir para Dwaraka. Por grande boa sorte tu realizaste o mais importante dos sacrifícios, Rajasuya!' Assim abordado por Janarddana, Yudhishthira respondeu, 'Devido à tua graça, ó Govinda, eu realizei o grande sacrifício. E é devido à tua graça que todo o mundo kshatriya aceitou o meu domínio e veio para cá com homenagens valiosas. Ó herói, sem ti, o meu coração nunca sente nenhuma alegria. Como posso eu, portanto, ó herói, te dar, ó impecável, permissão para ir? Mas tu deves ter que ir à cidade de Dwaraka.' O virtuoso Hari de fama mundial, assim tratado por Yudhishthira, alegremente foi com seu primo até Pritha e disse, 'Ó tia, os teus filhos agora obtiveram a dignidade imperial. Eles obtiveram uma vasta riqueza e foram também coroados com sucesso. Fica contente com tudo isso. Por tua ordem, ó tia, eu desejo ir para Dwaraka.' Depois disso Kesava se despediu de Draupadi e Subhadra. Saindo então dos aposentos internos acompanhado por Yudhishthira ele realizou suas abluções e passou pelos ritos diários de culto, e então fez os brâmanes proferirem bênçãos. Então Daruka de braços poderosos chegou lá com um carro de modelo excelente e corpo semelhante às nuvens. E vendo aquele carro de bandeira de Garuda chegado lá, aquele de grande alma, com olhos como folhas de lótus, andou ao redor dele respeitosamente e subindo nele partiu para Dwaravati. E o rei Yudhishthira o justo, abençoado com prosperidade, acompanhado por seus irmãos, seguiu a pé o poderoso Vasudeva. Então Hari com olhos como folhas de lótus, parando aquele melhor dos carros por um momento, dirigindo-se a Yudhishthira o filho de Kunti, disse, 'Ó rei dos reis, cuida dos teus súditos com vigilância e paciência contínuas. E como as nuvens são para todas as criaturas, como a árvore grande de ramos espalhados é para as aves, como aquele de mil olhos é para os imortais, sê tu o refúgio e amparo dos teus parentes.' E Krishna e Yudhishthira tendo assim falado um ao outro se despediram e voltaram para as suas respectivas casas. E, ó rei, depois que o chefe da tribo Satwata tinha ido para Dwaravati, somente o rei Duryodhana, com o filho do rei Suvala, Sakuni, aqueles touros entre homens, continuaram a viver naquela mansão de reuniões celeste.

# 45

## Dyuta Parva

Vaisampayana disse, "Quando aquele principal dos sacrifícios, o Rajasuya de realização tão difícil, estava terminado, Vyasa cercado por seus discípulos se apresentou perante Yudhishthira. E Yudhishthira ao vê-lo levantou-se rapidamente de seu assento, cercado por seus irmãos, e adorou o rishi que era seu avô, com água para lavar os pés e o oferecimento de um assento. O ilustre tendo tomado seu lugar em um tapete valioso tecido com ouro, dirigiu-se ao rei Yudhishthira o justo, e disse. 'Toma teu assento.' E depois de o rei ter tomado seu assento cercado por seus irmãos, o ilustre Vyasa, de fala sincera, disse, 'Ó filho de Kunti, tu prosperas por boa sorte. Tu obtiveste o domínio imperial tão difícil de adquirir. E, ó perpetuador da tribo Kuru, todos os Kauravas têm prosperado por causa de ti. Ó Imperador, eu fui devidamente adorado. Eu desejo agora partir com a tua permissão!' O rei Yudhishthira o justo, assim abordado pelo rishi de cor escura, saudou seu avô e tocando os pés dele, disse, 'Ó principal dos homens, uma dúvida difícil de ser dissipada surgiu dentro de mim. Ó touro entre os regenerados, além de ti não há ninguém para removê-la. O ilustre rishi Narada disse que (como uma consequência do sacrifício Rajasuya) três tipos de presságios, celestes, atmosféricos e terrestres, acontecem. Ó avô, esses portentos terminaram pela queda do rei dos Chedis?'"

Vaisampayana continuou, "Ao ouvir essas palavras do rei, o exaltado filho de Parasara, Vyasa Nascido na Ilha, de cor escura, falou-lhe estas palavras, 'Por treze anos, ó rei, esses presságios trarão poderosas consequências terminando com a destruição, ó rei dos reis, de todos os kshatriyas. No decorrer do tempo, ó touro da raça Bharata, fazendo de ti a única causa, os kshatriyas reunidos de todo o mundo serão destruídos, ó Bharata, pelos pecados de Duryodhana e pelo poder de Bhima e Arjuna. Em teu sonho, ó rei dos reis, tu verás perto do fim desse poder Bhava de garganta azul, o matador de Tripura, sempre absorto em meditação, que tem o touro como símbolo, bebendo de uma caveira humana, e feroz e terrível, aquele senhor de todas as criaturas, aquele deus dos deuses, o marido de Umâ, também chamado Hara e Sarva, e Vrisha, armado com o tridente e o arco chamado Pinaka, e vestido em peles de tigre. E tu verás Siva, alto e branco como o penhasco Kailasa e sentado em seu touro, fitando ininterruptamente a direção (sul) presidida pelo rei dos Pitris. Esse mesmo será o sonho que tu terás hoje, ó rei dos reis. Não te aflijas por ter esse sonho. Ninguém pode se erguer acima da influência do Tempo. Abençoado sejas! Eu agora seguirei para a montanha Kailasa. Governa a terra com vigilância e firmeza, suportando pacientemente toda privação!'"

Vaisampayana continuou, "Tendo assim falado, o ilustre Vyasa Nascido na Ilha, de cor escura, acompanhado por seus discípulos, sempre seguindo os ditames dos Vedas, procedeu em direção a Kailasa. E depois que o avô tinha ido embora, o rei aflito com ansiedade e tristeza começou a pensar repetidamente sobre que o

rishi disse. E ele disso a si mesmo, 'De fato o que o rishi disse deve vir a ocorrer. Nós conseguiremos desviar os destinos somente pelo esforço?' Então Yudhishthira dotado de grande energia, dirigindo-se a todos os seus irmãos, disse, 'Ó tigres entre homens, vocês ouviram o que o rishi Nascido na Ilha me disse. Tendo ouvido as palavras do rishi, eu cheguei a esta firme resolução: que eu devo morrer, porque estou ordenado a ser a causa da destruição de todos os kshatriyas. Ó meus caros, se o Tempo determinou isso que necessidade há de eu viver?' Ouvindo essas palavras do rei, Arjuna respondeu, 'Ó rei, não cedas a essa depressão terrível que é destrutiva da razão. Reunindo coragem, ó grande rei, faze o que será benéfico.' Yudhishthira então, firme na verdade, pensando a todo o momento nas palavras de Dwaipayana respondeu aos seus irmãos desta maneira, 'Abençoados sejam vocês. Escutem o meu voto deste dia em diante. Por treze anos, qualquer que seja o propósito pelo qual eu viva, eu não falarei nenhuma palavra dura para meus irmãos ou para algum dos reis da terra. Vivendo sob a ordem de meus parentes, eu praticarei a virtude, exemplificando meu voto. Se eu viver desse modo, não fazendo distinção entre meus próprios filhos e os dos outros, então não haverá desavença (entre mim e os outros). A discórdia é a causa da guerra no mundo. Mantendo a guerra à distância, e sempre fazendo o que é agradável para os outros, a má reputação não será minha no mundo, ó touros entre homens.’ Ouvindo essas palavras de seu irmão mais velho, os Pandavas, sempre dedicados a fazer o que era agradável para ele, as aprovaram. E Yudhishthira o justo, tendo feito essa promessa, junto com seus irmãos no meio daquela reunião, gratificou seus sacerdotes como também os deuses com as cerimônias devidas. E, ó touro da raça Bharata, depois que todos os monarcas tinham ido embora, Yudhishthira junto com seus irmãos, tendo realizado os ritos propícios usuais, acompanhado por seus ministros entrou em seu próprio palácio. E, ó soberano de homens, o rei Duryodhana e Sakuni, o filho de Suvala, continuaram a morar naquela encantadora casa de reuniões.

## 46

Vaisampayana disse, "Aquele touro entre homens, Duryodhana, continuou a morar naquela casa de reuniões (dos Pandavas). E com Sakuni, o príncipe Kuru examinou lentamente toda aquela mansão, e o príncipe Kuru viu nela muitos projetos celestes, que ele nunca tinha visto antes na cidade que recebeu o nome de elefante (Hastinapura). E um dia o rei Duryodhana, circulando por aquela mansão, chegou a uma superfície de cristal. E o rei, por ignorância, confundindo-a com uma piscina de água, ergueu suas roupas. E depois descobrindo seu engano o rei vagou pela mansão em grande tristeza. E algum tempo depois, o rei, confundindo um lago de água cristalina adornada com lótus de pétalas de cristal com o solo, caiu dentro dele com todas as suas roupas. Vendo Duryodhana caído no lago, o poderoso Bhima riu alto como também os criados do palácio. E os empregados, por ordem do rei, logo lhe trouxeram roupas secas e belas. Vendo a situação de Duryodhana, o poderoso Bhima e Arjuna e os gêmeos todos riram

alto. Estando desabituado a tolerar insultos, Duryodhana não pode tolerar aquele riso deles. Escondendo suas emoções ele não olhou para eles. E vendo o monarca mais uma vez erguer as vestes para atravessar um trecho de terra seca que ele tinha confundido com água, todos eles riram outra vez. E o rei algum tempo depois confundiu uma porta fechada feita de cristal com uma aberta. E quando ele foi atravessá-la a sua cabeça bateu em contra ela, e ele ficou com seu cérebro balançando. E confundindo como fechada outra porta feita de cristal que estava realmente aberta, o rei caiu na tentativa de abri-la com as mãos esticadas. E encontrando outra porta que estava realmente aberta, o rei, achando que estava fechada, afastou-se dela. E, ó monarca, o rei Duryodhana vendo aquela vasta riqueza no sacrifício Rajasuya e tendo se tornado vítima daqueles numerosos equívocos dentro da casa de reuniões finalmente voltou, com a permissão dos Pandavas, para Hastinapura.

E o coração do rei Duryodhana, aflito pela visão da prosperidade dos Pandavas, inclinou-se para o pecado enquanto ele prosseguia em direção à sua cidade refletindo sobre tudo o que ele tinha visto e sofrido. E vendo os Pandavas felizes e todos os reis da terra prestando homenagem a eles, como também todos, jovens e velhos, dedicados a fazer o bem para eles, e refletindo também sobre o esplendor e a prosperidade dos filhos ilustres de Pandu, Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, ficou pálido. Ao proceder (para a sua cidade) com o coração aflito, o príncipe não pensava em nada mais exceto naquela casa de reuniões e na prosperidade inigualável do sábio Yudhishthira. E Duryodhana, o filho de Dhritarashtra, estava tão absorto em seus pensamentos que não falou nenhuma palavra ao filho Suvala embora o último se dirigisse a ele repetidamente. E Sakuni, vendo-o distraído, disse, 'Ó Duryodhana, por que estás agindo assim?’

Duryodhana respondeu, ‘Ó tio, vendo toda essa terra sendo dominada por Yudhishthira por causa do poder das ilustres armas de Arjuna e também aquele sacrifício do filho de Pritha, como o sacrifício do próprio Sakra de grande glória entre os celestiais, eu estou cheio de ciúmes e queimando dia e noite, eu estou sendo secado como um tanque raso no verão. Vê, quando Sisupala foi morto pelo chefe dos Satwatas não houve nenhum homem para tomar o lado de Sisupala. Consumidos pelo fogo do Pandava, eles todos perdoaram aquela ofensa, de outra maneira quem lá poderia perdoá-lo? Aquela ação altamente imprópria de grave consequência feita por Vasudeva ocorreu por causa do poder do filho ilustre de Pandu. E tantos monarcas também trouxeram com eles várias espécies de riquezas para o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, como vaisyas pagadores de impostos! Vendo a prosperidade de Yudhishthira de tal esplendor o meu coração queima, atormentado pela inveja, embora não caiba a mim estar com ciúmes.'

Tendo refletido desse modo, Duryodhana, como se queimado pelo fogo, dirigiu-se ao rei de Gandhara outra vez e disse, 'Eu me lançarei em um fogo ardente ou engolirei veneno ou me afogarei na água. Eu não posso viver. Que homem há no mundo possuidor de vigor que possa aguentar ver seus inimigos no desfrute da prosperidade e ele mesmo em privação? Portanto eu, que aguento ver esse aumento da prosperidade e fortuna (dos meus inimigos), não sou nem uma mulher nem alguém que não é uma mulher, nem também um homem nem alguém que

não é um homem. Vendo a sua soberania sobre o mundo e vasta riqueza, como também o sacrifício, quem há como eu que não sofreria sob tudo isso? Sozinho eu sou incapaz de adquirir essa prosperidade real, nem vejo aliados que pudessem me ajudar nessa questão. É por isso que eu estou pensando em autodestruição. Contemplando essa grandiosa e serena prosperidade do filho de Kunti, eu considero o Destino como supremo e os esforços como inúteis. Ó filho de Suvala, antigamente eu tentei seriamente realizar a destruição dele. Mas frustrando todos os meus esforços ele cresceu em prosperidade assim como o lótus de dentro de uma piscina de água. É por isso que eu considero o Destino como supremo e os esforços como inúteis. Vê, os filhos de Dhritarashtra estão decaindo e os filhos de Pritha estão crescendo dia a dia. Vendo aquela prosperidade dos Pandavas, e aquela casa de reuniões deles, e aqueles criados rindo de mim, o meu coração queima como se estivesse em fogo. Portanto, ó tio, saibas que eu estou agora sofrendo profundamente e cheio de ciúmes, e fala disso para Dhritarashtra.'

## 47

Sakuni disse, 'Ó Duryodhana, tu não deves ficar com ciúmes de Yudhishthira. Os filhos de Pandu estão desfrutando do que eles merecem por causa da sua própria boa sorte. Ó matador de inimigos, ó grande rei, tu não pudeste destruí-los nem por idear repetidamente inúmeros planos, muitos dos quais tu nem puseste em prática. Aqueles tigres entre homens por pura sorte escaparam de todas aquelas maquinações. Eles obtiveram Draupadi como esposa e Drupada com seus filhos como também Vasudeva de grande coragem como aliados, capazes de ajudá-los a subjugar o mundo todo. E, ó rei, tendo herdado a parte paterna do reino sem serem privados dela eles têm crescido por consequência da sua própria energia. O que há para te fazer triste por isso? Tendo satisfeito Hustasana, Dhananjaya obteve o arco Gandiva e o par de aljavas inesgotáveis e muitas armas celestes. Com aquele arco único e pela força de seus próprios braços também ele trouxe todos os reis do mundo sob o seu domínio. O que há para te fazer triste nisso? Tendo salvado o asura Maya de um incêndio, Arjuna, aquele matador de inimigos, usando ambas as mãos com igual habilidade, o fez construir aquela casa de reuniões. E é por isso também que, mandados por Maya, aqueles horríveis rakshasas chamados Kinkaras sustentaram aquela casa de reuniões. O que há nisso para te entristecer? Tu disseste, ó rei, que não tens aliados. Isso, ó Bharata, não é verdade. Esses teus irmãos são obedientes a ti. Drona de grande destreza e que manuseia o grande arco junto com seu filho, Karna, o filho de Radha, o grande guerreiro Gautama (Kripa), eu mesmo com meus irmãos e o rei Saumadatti somos teus aliados. Unindo-te a nós, conquista toda a terra.'

Duryodhana disse, 'Ó rei, contigo, como também com esses grandes guerreiros, eu subjugarei os Pandavas, se isso te agradar. Se eu puder agora subjugá-los, o mundo será meu e todos os monarcas, e aquela casa de reuniões tão cheia de riquezas.'

Sakuni respondeu, 'Dhananjaya e Vasudeva, Bhimasena e Yudhishthira, Nakula e Sahadeva e Drupada com seus filhos, eles não podem ser derrotados em batalha nem pelos celestiais, pois eles são todos grandes guerreiros que manejam os maiores arcos, habilidosos com armas, e se alegram em batalha. Mas, ó rei, eu conheço o meio pelo qual o próprio Yudhishthira pode ser derrotado. Ouve-me e o adota.'

Duryodhana disse, 'Sem perigo para os nossos amigos e outros homens ilustres, ó tio, dize-me se há algum meio pelo qual eu possa vencê-lo.'

Sakuni disse, 'O filho de Kunti é muito aficionado ao jogo de dados embora ele não saiba como jogar. Aquele rei se pedido para jogar não é capaz de recusar. Eu sou habilidoso com dados. Não há ninguém igual a mim em relação a isso sobre a terra, não, nem nos três mundos, ó filho de Kuru. Portanto, o convida para jogar dados. Hábil com os dados, eu ganharei seu reino, e aquela prosperidade esplêndida dele para ti, ó touro entre homens. Mas, ó Duryodhana, relata tudo isso ao rei (Dhritarashtra). Mandado por teu pai eu ganharei sem dúvida todas as posses de Yudhishthira.'

Duryodhana disse 'Ó filho de Suvala, apresenta tu mesmo devidamente tudo isso para Dhritarashtra, o chefe dos Kurus. Eu não serei capaz de fazer isso.'"

## 48

Vaisampayana disse, "Ó rei, impressionado com o grande sacrifício Rajasuya do rei Yudhishthira, Sakuni, o filho de Suvala, tendo sabido antes das intenções de Duryodhana, enquanto o acompanhava no caminho da casa de reuniões, e desejoso de dizer o que era agradável para ele, se aproximou de Dhritarashtra dotado de grande sabedoria, e encontrando o monarca privado de sua visão sentado (em seu trono), lhe disse estas palavras, 'Saibas, ó grande rei, ó touro da raça Bharata, que Duryodhana, tendo a cor perdida, se tornou pálido e emaciado e deprimido e vítima da ansiedade. Por que, depois das devidas perguntas, tu não averiguas a dor que está no coração do teu filho mais velho, a dor que é causada pelo inimigo?'

Dhritarashtra disse, 'Duryodhana, qual é a razão da tua grande aflição, ó filho da tribo Kuru? Se for conveniente que eu saiba, então me conta a razão. Este Sakuni aqui diz que tu perdeste a cor, te tornaste empalidecido e emaciado, e vítima da ansiedade. Eu não sei qual pode ser a razão da tristeza. Esta minha vasta riqueza está sob o teu controle. Os teus irmãos e todos os nossos parentes nunca fazem nada que seja desagradável para ti. Tu vestes os melhores trajes e comes a melhor comida que é preparada com carne. O melhor dos cavalos te carrega. O que é, portanto, que te fez ficar pálido e emaciado? Camas valiosas, belas donzelas, mansões decoradas com mobília excelente, e esportes do tipo mais prazeroso, sem dúvida tudo isso espera somente as tuas ordens, como no caso dos próprios deuses. Portanto, ó orgulhoso, por que tu sofres, ó filho, como se tu fosses privado de recursos?'

Duryodhana disse, 'Eu como e me visto como um miserável e passo todo o meu tempo como vítima do ciúme violento. É um homem de fato aquele que é incapaz de suportar o orgulho do inimigo, vive tendo vencido aquele inimigo com o desejo de libertar os seus próprios súditos da tirania do inimigo. O contentamento, como também o orgulho, ó Bharata, são destrutivos da prosperidade, e aquelas outras duas qualidades também, compaixão e medo. Aquele que age sob a influência desses nunca obtém nada grande. Tendo visto a prosperidade de Yudhishthira, qualquer coisa da qual eu goste não me traz nenhuma satisfação. A prosperidade do filho de Kunti que possui tal esplendor me torna pálido. Conhecendo a riqueza do inimigo e a minha própria pobreza, mesmo que aquela riqueza não esteja na minha frente eu ainda a vejo diante de mim. Portanto, eu perdi a cor e fiquei melancólico, empalidecido e emaciado. Yudhishthira sustenta oitenta e oito mil brâmanes Snataka que levam vidas familiares, dando a cada um deles trinta moças escravas. Além disso, mil outros brâmanes comem diariamente em seu palácio a melhor das comidas em pratos dourados. O rei de Kambhoja enviou a ele (como tributo) incontáveis peles de veados Kadali, pretas, escuras e vermelhas, como também numerosos cobertores de texturas excelentes. E centenas e milhares de elefantas e trinta mil camelos fêmeas vagueiam dentro do palácio, pois os reis da terra levaram todas elas como tributo para a capital dos Pandavas. E, ó senhor da terra, os reis também levaram para aquele mais importante dos sacrifícios pilhas sobre pilhas de joias e pedras preciosas para o filho de Kunti. Nunca antes eu vi ou ouvi sobre tal riqueza enorme como a que foi levada para o sacrifício dos filhos inteligentes de Pandu. E, ó rei, vendo aquele enorme acúmulo de riqueza pertencente ao inimigo eu não posso desfrutar de paz mental. Centenas de brâmanes, mantidos pelas doações que Yudhishthira lhes dá, e possuindo vacas em profusão esperavam no portão do palácio com três milhares de milhões de tributos, mas foram impedidos pelos guardas de entrarem na mansão. Levando com eles manteiga clarificada em belos Kamandalus feitos de ouro eles não obtiveram admissão ao palácio. E o próprio Oceano levou a ele em recipientes de cobre branco o néctar que é gerado dentro de suas águas e que é muito superior àquele que as flores e as plantas anuais produzem para Sakra. E Vasudeva (na conclusão do sacrifício) tendo levado uma concha excelente banhou o filho de Pritha com água do mar trazida em mil jarros de ouro, todos bem adornados com numerosas pedras preciosas. Vendo tudo isso eu fiquei febril de ciúmes. Aqueles jarros tinham sido levados para os oceanos do Leste e do Sul. E eles também foram levados nos ombros de homens para o oceano do Oeste, ó touro entre homens. E, ó pai, embora ninguém exceto as aves possam ir à região Norte, Arjuna, tendo ido lá, exigiu como tributo uma vasta quantidade de riqueza. Há outro incidente notável também que eu te contarei. Ó ouve-me. Quando cem mil brâmanes estivessem alimentados, estava planejado que para comunicar essa ação todos os dias conchas seriam sopradas em um coro. Mas, ó Bharata, eu ouvi constantemente conchas serem sopradas lá quase repetidamente. E ouvindo aquelas notas o meu cabelo se arrepiou. E, ó grande rei, aquela área suntuosa, cheia de inúmeros monarcas que foram lá como espectadores, parecia extremamente bela como o firmamento sem nuvens e com estrelas. E, ó rei de homens, os monarcas que entravam naquele sacrifício do filho sábio de Pandu

levavam com eles todas as espécies de riquezas. E os reis que foram lá se tornaram como vaisyas, os distribuidores de alimento para os brâmanes que eram alimentados. E ó rei, a prosperidade de Yudhishthira que eu vi era tal que nem o próprio chefe dos celestiais, nem Yama ou Varuna, nem o senhor dos Guhyakas possuíam a mesma. E vendo a grande prosperidade do filho de Pandu o meu coração queima e eu não posso ter paz'.

Ouvindo essas palavras de Duryodhana, Sakuni replicou, 'Ouve como tu podes obter essa prosperidade inigualável que tu viste com o filho de Pandu, ó tu que tens a verdade como tua destreza. Ó Bharata, eu sou um perito nos dados, superior a todos no mundo. Eu posso determinar o sucesso ou não de cada arremesso, e quando apostar e quando não. Eu tenho conhecimento especial do jogo. O filho de Kunti também gosta de jogar dados embora ele possua pouca habilidade nisso. Convocado para jogar ou lutar, é certo que ele se apresentará, e eu o derrotarei repetidamente em todos os arremessos por praticar fraude. Eu prometo ganhar toda aquela riqueza dele, e tu, ó Duryodhana, então desfrutarás da mesma.'"

Vaisampayana continuou, "O rei Duryodhana, assim abordado por Sakuni, sem permitir nenhum lapso de tempo, disse a Dhritarashtra, 'Este Sakuni, um perito nos dados, está pronto para ganhar nos dados, ó rei, a riqueza dos filhos de Pandu. Cabe a ti lhe conceder permissão para agir dessa maneira.'

Dhritarashtra respondeu, 'Eu sempre sigo os conselhos de Kshatta, meu ministro possuidor de grande sabedoria. Tendo conversado com ele, eu te informarei qual é a minha opinião a respeito desse caso. Dotado de grande presciência, ele, mantendo a moralidade perante seus olhos, nos dirá o que é bom e o que é apropriado para ambos os partidos, e o que deve ser feito nessa questão.'

Duryodhana disse, 'Se tu consultares Kshatta ele te fará desistir. E se tu desistires, ó rei, eu certamente me matarei. E quando eu estiver morto, ó rei, tu ficarás feliz com Vidura. Tu então desfrutarás de toda a terra, que necessidade tu tens de mim?'"

Vaisampayana continuou, "Dhritarashtra, ouvindo essas palavras de aflição proferidas por Duryodhana de sentimento promíscuo, ele mesmo disposto a fazer o que Duryodhana tinha imposto, ordenou seu empregado, dizendo, 'Que artífices sejam empregados para construir sem demora um palácio encantador e belo e espaçoso com cem portas e mil colunas. E tendo trazido os carpinteiros e marceneiros, fixem joias e pedras preciosas sobre todas as paredes. E construindo-o amplo e de fácil acesso, avisa-me quando estiver terminado.' E, ó monarca, o rei Dhritarashtra, tendo tomado essa decisão para a pacificação de Duryodhana, enviou mensageiros a Vidura para convocá-lo. Pois sem se aconselhar com Vidura o monarca nunca tomava nenhuma decisão. Mas a respeito do caso em questão o rei, embora conhecesse os males do jogo, ainda assim estava atraído por isso. O inteligente Vidura, no entanto, logo que ouviu aquilo, soube que a chegada de Kali estava perto. E vendo que o caminho para a

destruição estava quase aberto, ele foi rapidamente até Dhritarashtra. E Vidura se aproximou de seu ilustre irmão mais velho e reverenciou seus pés, e disse estas palavras:

'Ó nobre rei, eu não aprovo essa decisão que tomaste. Cabe a ti, ó rei, agir de modo que nenhuma disputa possa surgir entre teus filhos por causa dessa partida de jogo.'

Dhritarashtra replicou, 'Ó Kshatta, se os deuses forem piedosos para conosco, seguramente nenhuma discórdia surgirá entre meus filhos. Portanto, auspicioso ou não, benéfico ou não, que esse desafio amistoso nos dados prossiga. Isso é sem dúvida o que o destino determinou para nós. E, ó filho da família Bharata, quando eu estou perto, e Drona e Bhishma e tu também, nada de mal, mesmo que o Destino possa ter ordenado, é provável de acontecer. Portanto, vai em um carro unido a cavalos dotados da velocidade do vento, para que tu possas chegar a Khandavaprastha ainda hoje, e traze Yudhishthira contigo. E, ó Vidura, eu te digo que essa é mesmo a minha decisão. Não me digas nada. Eu considero que o Destino supremo ocasionou tudo isso.' Ouvindo as palavras de Dhritarashtra e concluindo que a sua linhagem estava condenada, Vidura em grande tristeza foi até Bhishma de grande sabedoria.'"

## 49

Janamejaya disse, "Ó tu principal de todos os familiarizados com os Vedas, como foi que o jogo de dados se realizou, repleto de tal mal para os primos e pelo qual meus avôs, os filhos de Pandu, foram mergulhados em tanta tristeza? Quais reis também estavam presentes naquela reunião, e quem entre eles aprovou o jogo e quem entre eles se opôs? Ó impecável, ó principal dos regenerados, eu desejo que tu narres em detalhes tudo sobre isso, qual, de fato, foi a causa da destruição do mundo."

Sauti disse, "Assim abordado pelo rei, o discípulo de Vyasa, dotado de grande energia e conhecedor dos Vedas inteiros, narrou tudo o que tinha acontecido."

Vaisampayana disse, "Ó melhor dos Bharatas, ó grande rei, se tu desejas ouvir, então escuta enquanto eu narro para ti tudo novamente em detalhes".

"Averiguando a opinião de Vidura, Dhritarashtra, o filho de Amvika, chamando Duryodhana lhe falou novamente em particular, 'Ó filho de Gandhari, não faças nada com os dados. Vidura não fala bem disso. Possuidor de grande sabedoria, ele nunca me dará um conselho que não seja para o meu bem. Eu também considero o que Vidura disse como extremamente benéfico para mim. Faze isso, ó filho, pois eu considero que tudo isso é para o teu bem também. De fato, Vidura conhece todos os mistérios da ciência (de moralidade política) que o ilustre e erudito e sábio Vrihaspati, o rishi celeste que é o guia espiritual de Vasava, explicou ao sábio chefe dos imortais. E, ó filho, eu sempre aceito o que Vidura

recomenda. Ó rei, como o sábio Uddhava é sempre respeitado entre os Vrishnis, assim Vidura possuidor de grande inteligência é estimado como o principal dos Kurus. Portanto, ó filho, não tenhas nada a ver com os dados. É evidente que os dados semeiam discórdias. E discórdias são a ruína do reino. Portanto, ó filho, abandona essa ideia de jogo. Ó filho, tu obtiveste de nós o que, isso foi ordenado, um pai e uma mãe devem dar ao seu filho, posição ancestral e posses. Tu és educado e inteligente em todos os ramos de conhecimento, e foste criado com afeto em tua residência paterna. Nascido como o mais velho entre todos os teus irmãos, vivendo dentro do teu próprio reino, por que tu te consideras infeliz? Ó tu de braços poderosos, tu obténs comida e trajes da melhor qualidade os quais não estão disponíveis para os homens comuns. Por que tu ainda sofres, ó filho, ó tu de braços poderosos? Governando o teu grande reino ancestral cheio de pessoas e riquezas, tu brilhas tão esplendidamente quanto o chefe dos celestiais no céu. Tu és possuidor de sabedoria. Cabe a ti me dizer o que pode ser a causa dessa dor que te faz tão melancólico.’

Duryodhana replicou, 'Eu sou um infeliz pecaminoso, ó rei, porque eu como e me visto vendo (a prosperidade dos inimigos). É dito que é um coitado o homem que não se enche de ciúmes ao ver a prosperidade de seu inimigo. Ó exaltado, esse meu tipo de prosperidade não me satisfaz. Vendo aquela prosperidade refulgente do filho de Kunti eu estou muito atormentado. Eu te digo que a minha vitalidade deve ser forte, visto que eu ainda estou vivo mesmo tendo visto toda a terra sob o domínio de Yudhishthira. Os Nipas, os Chitrakas, os Kukkuras, os Karaskaras, e os Lauha-janghas estão vivendo no palácio de Yudhishthira como servos. O Himavat, o oceano, as regiões costeiras, e as inúmeras outras regiões que produzem joias e pedras preciosas, todas reconheceram a superioridade da mansão de Yudhishthira em relação à riqueza que ela contém. E, ó monarca, me considerando como o mais velho e tendo direito a respeito, Yudhishthira me recebeu respeitosamente e me designou para receber as joias e pedras preciosas (que eram trazidas como tributo). Ó Bharata, o limite e as semelhantes àquelas excelentes e inestimáveis joias que foram levadas lá não são vistos. E, ó rei, as minhas mãos ficaram cansadas de receber aquela riqueza. E quando eu estava cansado aqueles que tinham trazido aqueles artigos valiosos de regiões distantes costumavam esperar até que eu pudesse retomar o meu trabalho. Trazendo joias do lago Vindu, o arquiteto asura Maya construiu (para os Pandavas) uma superfície semelhante a um lago, feita de cristal. Vendo os lótus (artificiais) com os quais ela estava cheia, eu a confundi, ó rei, com água. E vendo-me erguer minhas roupas (quando prestes a atravessá-la), Vrikodara (Bhima) riu de mim, me considerando como desprovido de joias e tendo perdido minha cabeça à visão da riqueza de meu inimigo. Se eu tivesse a habilidade eu teria, ó rei, sem perder um instante, matado Vrikodara por isso. Mas, ó monarca, se nós nos esforçarmos para matar Bhima agora, sem dúvida será nosso o destino de Sisupala. Ó Bharata, aquele insulto do inimigo me queima. Outra vez, ó rei, vendo um lago semelhante que estava realmente cheio de água, mas que eu confundi com uma superfície de cristal, eu caí dentro dele. Nisso, Bhima com Arjuna mais uma vez riram zombeteiramente, e Draupadi também acompanhada por outras mulheres se juntaram às risadas. Isso atormenta extremamente o meu coração. Como o meu

vestuário havia sido molhado, os criados por ordem do rei me deram outras roupas. Isso também é minha grande tristeza. E, ó rei, ouve-me agora falar sobre outro equívoco. Ao tentar passar pelo que tinha exatamente a forma de uma porta, mas pela qual não tinha realmente nenhuma passagem, eu bati a testa contra a pedra e me feri. Os gêmeos Nakula e Sahadeva, vendo de longe que eu tinha assim batido a cabeça vieram e me sustentaram em seus braços, expressando grande preocupação comigo. E Sahadeva repetidamente me disse, como se com um sorriso, 'Esta, ó rei, é a porta. Vai por este caminho!' E Bhimasena, rindo alto, dirigiu-se a mim e disse, 'Ó filho de Dhritarashtra, esta é a porta.' E, ó rei, eu nunca tinha ouvido os nomes daquelas pedras preciosas que eu vi naquela mansão. E é por essas razões que o meu coração sofre assim.'

## 50

Duryodhana disse, 'Ouve agora, ó Bharata, sobre os mais caros artigos que eu vi, pertencentes aos filhos de Pandu, e levados um depois do outro pelos reis da terra. Vendo aquela riqueza do inimigo eu perdi a razão e mal reconhecia a mim mesmo. E, ó Bharata, escuta enquanto eu descrevo aquela riqueza que consistia em manufaturas e de produtos da terra. O rei de Kamboja deu inúmeras peles da melhor qualidade, e cobertores feitos de lã, de pele macia de roedores e outros animais, e do pelo de felinos, todos bordados com fios de ouro. E ele também deu trezentos cavalos das espécies Titteti e Kalmasha possuidores de focinhos como os dos papagaios. E ele também deu trezentos camelos e um número igual de burras, todas engordadas com azeitonas e Pilusha. E brâmanes incontáveis dedicados à criação de gado e ocupados em trabalhos humildes, para a satisfação do ilustre rei Yudhishthira o justo, esperavam no portão com trezentos milhões de tributo, mas a eles foi negada admissão ao palácio. E centenas sobre centenas de brâmanes possuidores de vacas em profusão e que viviam nas terras que Yudhishthira tinha dado a eles foram lá com seus belos Kamandalus dourados cheios de manteiga clarificada. E embora eles tivessem levado esse tributo, a eles foi recusada admissão ao palácio. E os reis Sudra que moravam nas regiões costeiras levaram com eles, ó rei, cem mil moças servas do país Karpasika, todas de belas feições e cintura esbelta e cabelo luxuriante e enfeitadas com ornamentos dourados, e também muitas peles de veado Ranku dignas até de brâmanes como tributo ao rei Yudhishthira. E as tribos Vairamas, Paradas, Tungas, com os Kitavas que viviam de colheitas que dependiam da água do céu ou do rio e também os que eram nascidos em regiões litorâneas, em florestas, ou países no outro lado do oceano esperavam no portão, tendo a permissão para entrar recusada, com cabras e vacas e jumentos e camelos e vegetais, mel e cobertores e joias e pedras preciosas de várias espécies. E aquele grande guerreiro, o rei Bhagadatta, o corajoso soberano de Pragjyotisha e o poderoso soberano dos mlechchas, na liderança de um grande número de Yavanas, esperou no portão incapaz de entrar, com um tributo considerável composto de cavalos da melhor raça e possuidores da velocidade do vento. E o rei Bhagadatta (vendo a multidão), teve que sair do portão, transferindo através dele várias

espadas com cabos feitos do mais puro marfim e bem adornados com ouro e todos os tipos de pedras preciosas. E muitas tribos vindas de diferentes regiões, algumas das quais possuíam dois olhos, algumas três e algumas que tinham olhos em suas testas, e aquelas também chamadas Aushmikas, e Nishadas, e Romakas, algumas canibais e muitas que possuíam uma única perna, eu digo, ó rei, ficaram no portão, lhes sendo recusada a permissão de entrar. E aqueles diversos soberanos levaram como tributo dez mil burros de cores diversas e pescoços negros e corpo enorme e grande velocidade e muita docilidade e famosos no mundo inteiro. E aqueles burros eram todos de tamanho considerável e cor encantadora. E eles foram todos criados na costa de Vankhu. E houve muitos reis que deram a Yudhishthira muito ouro e prata. E tendo dado muito tributo eles obtiveram admissão ao palácio de Yudhishthira. As pessoas que foram lá que possuíam uma única perna deram a Yudhishthira muitos cavalos selvagens, alguns dos quais eram tão vermelhos quanto a cochonilha, e alguns brancos, e alguns que possuíam as cores do arco-íris e alguns parecidos com as nuvens à noite, e alguns que tinham cores variadas. E eles eram todos dotados da velocidade da mente. E eles também deram ao rei bastante ouro de qualidade superior. Eu também vi numerosos Chins e Sakas e Uddras e muitas tribos bárbaras que viviam nas florestas, e muitos Vrishnis e Harahunas, e tribos obscuras do Himavat, e muitos Nipas e pessoas residentes nas regiões costeiras esperando no portão e lhes sendo recusada a permissão para entrar. E o povo de Valhika deu a ele como tributo dez mil burros, de tamanho considerável e pescoços negros e que percorriam diariamente duzentas milhas, e aqueles burros tinham muitas formas. E eles eram bem treinados e famosos por todo o mundo. E possuidores de proporção simétrica e cor excelente, suas peles eram agradáveis ao toque. E os Valhikas também ofereceram numerosos cobertores de textura de lã fabricados em Chin e numerosas peles de veado Ranku, e vestes feitas de juta (fibra de planta indiana), e outras entremeadas com os fios tecidos por insetos. E eles também deram milhares de outras vestes não feitas de algodão, possuidoras da cor do lótus. E elas eram todas de textura suave. E eles também deram peles macias de ovelha aos milhares. E eles também deram muitas espadas afiadas e longas e cimitarras, e machadinhas e muitos excelentes machados de batalha afiados fabricados nos países do oeste. E tendo oferecido perfumes e joias e pedras preciosas de várias espécies aos milhares como tributo, eles esperaram no portão, tendo recusada a admissão ao palácio. E os Sakas e Tukhatas e Tukharas e Kankas e Romakas e homens com chifres levando com eles como tributo numerosos elefantes grandes e dez mil cavalos, e centenas e centenas de milhões de ouro esperaram no portão, tendo recusada a permissão para entrar. E os reis dos países do leste tendo oferecido numerosos artigos de valor, inclusive muitos tapetes caros e veículos e camas, e armaduras de diversas cores decoradas com joias e ouro e marfim, e armas de várias espécies, e carros de várias formas e belos modelos e adornados com ouro, com cavalos bem treinados equipados com peles de tigre, e valiosos cobertores coloridos para cobrir elefantes, e vários tipos de joias e pedras preciosas, setas longas e curtas e várias espécies de armas, obtiveram permissão para entrar no palácio sacrifical do Pandava ilustre!'

## 51

Duryodhana disse, 'Ó impecável, escuta-me enquanto eu descrevo aquela grande massa de riqueza que consistia em vários tipos de tributos oferecidos a Yudhishthira pelos reis da terra. Aqueles que moram ao lado do rio Sailoda que fluindo entre as montanhas de Mer e Mandara e desfrutam da deliciosa sombra dos topos do bambu Kichaka, os Khashas, Ekasanas, os Arhas, os Pradaras, os Dirghavenus, os Paradas, os Kulindas, os Tanganas, e os outros Tanganas, levaram como tributo pilhas de ouro medidas em dronas (jarros) e erguidas debaixo da terra por formigas e, portanto, chamadas pelo nome dessas criaturas. As tribos da montanha dotadas de grande força levaram como tributo numerosos chamaras (escovas longas, [feitas de caudas de iaque, chouris]) macios e pretos e outros brancos como o brilho da lua, e mel doce extraído das flores que crescem no Himavat como também da Mishali champaka e guirlandas de flores trazidas da região dos Kurus do Norte, e diversas espécies de plantas do norte, até de Kailasa, esperaram de cabeça baixa no portão do rei Yudhishthira, e não tiveram permissão para entrar. Eu também vi lá numerosos chefes dos Kiratas armados com armas cruéis e sempre empenhados em atos cruéis, que comiam frutas e raízes e vestidos em peles e viviam nas ladeiras norte do Himavat e na montanha detrás da qual o sol nasce e na região de Karusha no litoral e em ambos os lados das montanhas Lohitya. E, ó rei, tendo levado com eles como tributo cargas sobre cargas de sândalo e aloés como também aloé preto, e pilhas e pilhas de peles valiosas e ouro e perfumes, e dez mil servas da sua própria tribo, e muitos animais belos e aves de países remotos, e muito ouro de grande esplendor obtido das montanhas, os Kiratas esperaram no portão, não tendo permissão para entrar. Os Kairatas, os Daradas, os Darvas, os Suras, os Vaiamakas, os Audumvaras, os Durvibhagas, os Kumaras, os Paradas junto com os Vahlikas, os Kashmiras, os Ghorakas, os Hansakayanas, os Sivis, os Trigartas, os Yauddheyas, o soberano de Madras e os Kaikeyas, os Amvashtas, os Kaukuras, os Tarkshyas, os Vastrapas junto com os Palhavas, os Vashatayas, os Mauleyas junto com os Kshudrakas, e os Malavas, os Paundrayas, os Kukkuras, os Sakas, os Angas, os Vangas, os Punras, os Sanavatyas, e os Gayas, esses bons e bem nascidos kshatriyas divididos em clãs regulares e treinados no uso de armas, levaram tributos ao rei Yudhishthira às centenas e aos milhares. E os Vangas, os Kalingas, os Magadhas, os Tamraliptas, os Supundrakas, os Dauvalikas, os Sagarakas, os Patrornas, os Saisavas, e inúmeros Karnapravaranas, que se apresentaram no portão, ouviram dos guardas do portão por ordem do rei, que se eles pudessem esperar e levar tributo adequado eles poderiam obter admissão. Então cada um dos reis daquelas nações deu mil elefantes equipados com presas semelhantes às hastes do arado e enfeitados com cintas feitas de ouro, e cobertos com cobertores excelentes e, portanto, parecendo o lótus em cor. E eles eram todos escuros como rochas e sempre poeirentos, e obtidos dos lados do lago Kamyaka, e cobertos com armadura defensiva. E eles eram também extremamente pacientes e da melhor raça. E tendo feito esses presentes aqueles reis tiveram permissão de

entrar. Ó rei, esses e muitos outros, vindos de várias regiões, e inúmeros outros reis ilustres, levaram joias e pedras preciosas para aquele sacrifício. E Chitraratha também, o rei dos gandharvas, o amigo de Indra, deu quatrocentos cavalos dotados da velocidade do vento. E o gandharva Tumvuru com muita alegria deu cem cavalos da cor da folha da mangueira e enfeitados com ouro. E, ó tu da família de Kuru, o célebre rei da tribo mlechcha chamada Sukaras deu muitas centenas de elefantes excelentes. E Virata, o rei de Matsya, deu como tributo dois mil elefantes enfeitados com ouro. E o rei Vasudana do reino de Pansu presenteou o filho de Pandu com vinte e seis elefantes e dois mil cavalos. Ó rei, todos enfeitados com ouro e dotados de velocidade e força e de toda a energia da juventude, e diversos outros tipos de riqueza. E Yajnasena ofereceu aos filhos de Pandu para o sacrifício catorze mil servas e dez mil servos com suas esposas, muitas centenas de elefantes excelentes, vinte e seis carros com elefantes unidos a eles, e também todo o seu reino. E Vasudeva da tribo Vrishni, para ressaltar a dignidade de Arjuna, deu catorze mil elefantes excelentes. De fato, Krishna é a alma de Arjuna e Arjuna é a alma de Krishna, e qualquer coisa que Arjuna possa dizer Krishna por certo realizará. E Krishna é capaz de abandonar o próprio céu por causa de Arjuna. E Arjuna também é capaz de sacrificar sua vida por causa de Krishna. E os reis de Chola e Pandya, embora eles tivessem levado inúmeros jarros de ouro cheios do fragrante sumo do sândalo das colinas de Malaia, e carregamentos de madeira sândalo e aloés das colinas Dardduras, e muitas joias de grande magnificência e bons tecidos trançados com ouro, não obtiveram permissão (de entrar). E o rei dos Singhalas deu aquelas melhores das pedras preciosas nascidas no mar chamadas de lápis lazúli, e pilhas de pérolas também, e centenas de cobertores para elefantes. E numerosos homens de cor escura, com os cantos de seus olhos vermelhos como cobre, vestidos em roupas enfeitadas com pedras preciosas, esperaram no portão com aqueles presentes. E inúmeros brâmanes e kshatriyas que tinham sido vencidos, e vaisyas e sudras servidores, por amor a Yudhishthira, levaram tributos ao filho de Pandu. E até todos os mlechchas, por amor e respeito, foram até Yudhishthira. E todas as classes de homens, bons, indiferentes e inferiores, pertencentes a numerosas raças e vindos de diversas terras, fizeram da habitação de Yudhishthira o epítome do mundo.

E vendo os reis da terra oferecerem aos inimigos esses presentes excelentes e valiosos, eu desejei a morte por causa da aflição (que senti). E, ó rei, eu agora te falarei dos empregados dos Pandavas, pessoas para quem Yudhishthira fornece alimento, cozido e não cozido. Há cem mil bilhões de elefantes montados e cavalaria e cem milhões de carros e incontáveis soldados de infantaria. Em um lugar mantimentos crus estão sendo medidos, em outro eles estão sendo cozidos, e em outro lugar as comidas estão sendo distribuídas. E as notas dos festejos são ouvidas em todos os lugares. E entre os homens de todas as classes eu não vi nenhum na mansão de Yudhishthira que não tivesse comida e bebida e ornamentos. E oitenta e oito mil brâmanes Snataka levando vidas domésticas, todos sustentados por Yudhishthira, com trinta servas dadas a cada um, satisfeitos pelo rei, sempre rezam com os corações satisfeitos para a destruição dos inimigos dele. E dez mil outros ascetas com a semente vital parada comem diariamente de

pratos dourados no palácio de Yudhishthira. E, ó rei, Yajnaseni, ela mesma sem ter comido, diariamente vê se todos, inclusive até os deformados e os anões, comeram ou não. E, ó Bharata, somente dois não pagaram tributo ao filho de Kunti, os Panchalas, por causa do seu relacionamento por casamento, e os Andhakas e Vrishnis por causa da sua amizade.'

## 52

Duryodhana disse, 'Aqueles reis que são reverenciados por todo o mundo, que são devotados à verdade e que estão empenhados na prática de votos rígidos, que possuem grande conhecimento e eloquência, que conhecem totalmente os Vedas e seus ramos como também os sacrifícios, que têm piedade e modéstia, cujas almas são devotadas à virtude, que possuem fama, e que desfrutaram dos majestosos ritos de coroação, todos servem a e adoram Yudhishthira. E, ó rei, eu vi lá muitos milhares de vacas selvagens com igual quantidade de recipientes de cobre branco para a ordenha delas, levadas para lá pelos reis da terra como presentes sacrificais para serem dados por Yudhishthira aos brâmanes. E, ó Bharata, por banhar Yudhishthira na conclusão do sacrifício, muitos reis com a maior espontaneidade, eles mesmos levaram lá em um estado de pureza muitos jarros excelentes (contendo água). E o rei Vahlika levou lá um carro decorado com ouro puro. E o próprio rei Sudakshina uniu a ele quatro cavalos brancos da raça Kamboja, e Sunitha de grande poder ajustou o mastro mais baixo e o soberano de Chedi com as próprias mãos ergueu e ajustou o mastro da bandeira. E o rei do país do Sul ficou preparado com a cota de malha, o soberano de Magadha com guirlandas de flores e a proteção para a cabeça, o grande guerreiro Vasudana com um elefante de sessenta anos de idade, o rei de Matsya com os equipamentos do lado do carro, todos revestidos com ouro, o rei Ekalavya com os sapatos, o rei de Avanti com diversos tipos de água para o banho final, o rei Chekitana com as aljavas, o rei de Kasi com o arco, e Salya com uma espada cujo punho e alças eram adornadas com ouro. Então Dhaumya e Vyasa, de grande mérito ascético, com Narada e o filho de Asita, Devala, ficando na frente realizaram a cerimônia de borrifar a água sagrada sobre o rei. E os grandes rishis com corações alegres se sentaram onde a cerimônia de borrifar foi realizada. E outros ilustres rishis conhecedores dos Vedas, com o filho de Jamadagni entre eles, se aproximaram de Yudhishthira, o dador de grandes presentes sacrificais, proferindo mantras todo o tempo, como os Sete Rishis se aproximando do grande Indra no céu. E Satyaki de bravura inconfundível segurou o guarda-sol (sobre a cabeça do rei). E Dhananjaya e Bhima estavam empenhados em perfumar o rei, enquanto os gêmeos seguravam um par de chamaras [chouris] nas mãos. E o próprio Oceano levou em uma eslinga aquela grande concha de Varuna que o artífice celeste Viswakarman construiu com mil Nishkas de ouro, e a qual Prajapati tinha, em um Kalpa anterior, oferecido a Indra. Foi com essa concha que Krishna banhou Yudhishthira depois da conclusão do sacrifício, e vendo isso eu perdi os sentidos. As pessoas vão para os mares do Leste e do Oeste e também para o Sul. Mas, ó pai, ninguém exceto as aves podem ir ao mar do Norte. Mas os

Pandavas expandiram seu domínio até lá, pois eu ouvi centenas de conchas que foram trazidas de lá serem sopradas (na mansão sacrifical), indicativas de júbilo auspicioso. E quando aquelas conchas eram sopradas simultaneamente os meus cabelos se arrepiavam. E aqueles entre os reis que eram fracos em resistência caíam. E Dhrishtadyumna e Satyaki e os filhos de Pandu e Kesava, esses oito, dotados de força e coragem e vistosos em aparência, vendo os reis privados de consciência e eu mesmo naquela situação, riam às gargalhadas. Então Vibhatsu (Arjuna) com o coração alegre deu, ó Bharata, aos principais brâmanes quinhentos bois com os chifres incrustados com ouro. E o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, tendo terminado o sacrifício Rajasuya, obteve, como o sublime Harishchandra, tal prosperidade que nem Rantideva nem Nabhaga, nem Jauvanaswa, nem Manu, nem rei Prithu, o filho de Vena, nem Bhagiratha, Yayati, nem Nahusha, tinham obtido igual. E vendo, ó exaltado, essa prosperidade do filho de Pritha, a qual é como a que Harishchandra tinha, eu não vejo o menor bem em continuar a viver, ó Bharata! Ó soberano de homens, uma canga que é atada (aos ombros dos bois) por um homem cego fica solta. Pois esse é o caso conosco. Os mais jovens estão crescendo enquanto os mais velhos estão decaindo. E vendo tudo isso, ó chefe dos Kurus, eu não posso ter paz nem com a ajuda da reflexão. E é por isso, ó rei, que eu estou mergulhado na dor e me tornando pálido e emaciado.'

## 53

Dhritarashtra disse, 'Tu és meu mais filho velho e nascido também da minha esposa mais velha. Portanto, ó filho, não sejas ciumento dos Pandavas. Aquele que é ciumento está sempre triste e sofre as dores da morte. Ó touro da raça Bharata, Yudhishthira não conhece a fraude, possui riqueza igual à tua, tem teus amigos como os dele, e não é ciumento de ti. Por que tu, portanto, estás com ciúmes dele? Ó rei, em relação a amigos e aliados tu és igual a Yudhishthira. Por que tu, portanto, cobiças, por insensatez, a propriedade do teu irmão? Não sejas assim. Para de ter ciúmes. Não sofras. Ó touro da raça Bharata, se tu cobiças a dignidade ligada à realização de um sacrifício, que os sacerdotes organizem para ti o grande sacrifício chamado Saptatantu. Os reis da terra então, alegremente e com grande respeito, trarão para ti também muita riqueza e joias e ornamentos. Ó filho, cobiçar as posses de outro é extremamente vil. Por outro lado, desfruta de felicidade aquele que está contente com a sua própria [posse] estando dedicado às práticas da sua própria classe. Nunca se esforçar para obter a riqueza de outros, perseverar em suas próprias ocupações, e proteger o que foi obtido, essas são as indicações de verdadeira grandeza. Aquele que é impassível na calamidade e habilidoso em seus próprios negócios, sempre demonstrando vigilância e humildade, sempre vê prosperidade. Os filhos de Pandu são como teus braços. Não cortes fora aqueles teus braços. Não caias em discórdias internas por causa daquela riqueza dos teus irmãos. Ó rei, não sejas ciumento dos filhos de Pandu. A tua riqueza é igual à dos teus irmãos em sua totalidade. Há grande pecado em disputar com amigos. Aqueles que são teus avôs são os deles

também. Doa em caridade em ocasiões de sacrifícios, realiza todo objetivo caro ao teu desejo, diverte-te na companhia de mulheres livremente, e desfruta de paz.'

## 54

Duryodhana disse, 'Aquele que é desprovido de intelecto, mas meramente ouviu sobre muitas coisas não pode entender a real importância das escrituras, como a colher que não tem percepção do gosto da sopa que toca. Tu conheces tudo, mas ainda me confundes. Como um barco preso ao outro, tu e eu estamos atados um ao outro. Tu és desatento aos teus próprios interesses? Ou tu nutres um sentimento hostil em relação a mim? Aqueles teus filhos e aliados estão fadados à destruição, visto que eles têm a ti como seu soberano, pois tu descreves como alcançável no futuro o que é para ser feito no momento presente. Frequentemente tropeça aquele cujo guia age sob as instruções de outros. Como então podem os seus seguidores esperar encontrar um caminho correto? Ó rei, tu tens uma sabedoria madura, tu tens a oportunidade de escutar as palavras dos idosos, e os teus sentidos também estão sob o teu controle. Não cabe a ti confundir a nós que estamos dispostos a buscar os nossos próprios interesses. Vrihaspati disse que as práticas dos reis são diferentes daquelas das pessoas comuns. Portanto os reis devem sempre se dedicar aos seus próprios interesses com vigilância. O alcance do sucesso é o único critério que deve guiar a conduta de um kshatriya. Se, portanto, os meios são virtuosos ou pecaminosos, que escrúpulos pode haver nos deveres da própria classe de alguém? Aquele que está desejoso de roubar a refulgente prosperidade de seu inimigo deve, ó touro da raça Bharata, trazer todas as direções sob a sua submissão como o cocheiro subjugando os corcéis com seu chicote. Aqueles que costumam manusear armas dizem que uma arma não é simplesmente um instrumento que corta, mas são também os meios, velados ou explícitos, que podem derrotar um inimigo. Quem é para ser considerado um inimigo e quem um amigo não depende da imagem ou dimensões de alguém. Aquele que atormenta o outro deve, ó rei, ser considerado um inimigo pelo que é atormentado. O descontentamento é a base da prosperidade. Portanto, ó rei, eu desejo estar descontente. Aquele que se esforça pela aquisição de prosperidade é, ó rei, uma pessoa realmente astuta. Ninguém deve ficar afeiçoado à riqueza e fartura, pois a riqueza que foi ganha e acumulada pode ser pilhada. Os costumes dos reis são sempre eses. Foi durante um período de paz que Sakra cortou a cabeça de Namuchi depois de ter dado uma garantia completamente diferente, e foi porque que ele aprovava esse costume eterno em relação ao inimigo que ele fez isso. Como uma cobra que engole rãs e outras criaturas que vivem em buracos, a terra engole um rei que é pacífico e um brâmane que não circula fora de casa. Ó rei, ninguém pode ser por natureza inimigo de alguma pessoa. É inimigo de alguém, e ninguém mais, aquele que tem interesses em comum com ele. Aquele que por insensatez negligencia um inimigo crescente tem sua vitalidade cortada como por uma doença que ele nutriu sem tratamento. Um inimigo, embora insignificante, se permitido crescer em coragem, engole alguém como as formigas brancas na raiz de uma árvore comendo a

própria árvore. Ó Bharata, ó Ajamida, que a prosperidade do inimigo não seja aceitável para ti. Essa política (de negligenciar o inimigo) deve ser sempre levada sobre suas cabeças pelos sábios assim como um fardo. Aquele que sempre deseja o aumento de sua riqueza sempre cresce no meio de seus parentes, assim como o corpo crescendo naturalmente a partir da hora do nascimento. A bravura concede crescimento rápido. Cobiçando como eu cobiço a prosperidade dos Pandavas eu ainda não a tornei minha. No momento eu sou vítima das dúvidas em relação à minha habilidade. Eu estou determinado a esclarecer essas minhas dúvidas. Eu ou obterei aquela prosperidade deles, ou jazerei tendo perecido em batalha. Ó rei, quando o estado da minha mente é esse, como eu me importaria agora com a vida, pois os Pandavas estão crescendo diariamente enquanto as nossas posses não conhecem aumento?'

## 55

Sakuni disse, 'Ó tu principal dos homens vitoriosos, eu ganharei (para ti) aquela prosperidade de Yudhishthira, o filho de Pandu, à vista da qual tu te afliges dessa maneira. Portanto, ó rei, que Yudhishthira o filho de Kunti seja convocado. Por jogar dados um homem habilidoso, ele mesmo ileso, pode vencer um que não tem habilidade. Saibas, ó Bharata, que a aposta é meu arco, os dados são minhas flechas, os símbolos sobre eles a corda do meu arco, e o tabuleiro do jogo (de dados) meu carro.'

Duryodhana disse, 'Este Sakuni hábil com os dados está preparado, ó rei, para ganhar a prosperidade do filho de Pandu por meio dos dados. Cabe a ti lhe dar permissão.'

Dhritarashtra disse, 'Eu sou obediente aos conselhos do meu irmão, o ilustre Vidura. Consultando-o, eu direi o que deve ser feito a esse respeito.'

Duryodhana disse, 'Vidura está sempre dedicado a beneficiar os filhos de Pandu. Ó Kaurava, seus sentimentos em relação a nós são diferentes. Ele, portanto, sem dúvida, removerá a tua inclinação para a ação proposta. Nenhum homem deve se fixar em uma tarefa qualquer dependendo dos conselhos de outro, pois, ó filho da tribo Kuru, as mentes de duas pessoas raramente combinam em alguma ação específica. O tolo que vive evitando todas as causas de temor se perde como um inseto na estação chuvosa. Nem doença nem Yama esperam até que uma pessoa esteja em prosperidade. Enquanto, portanto, há vida e saúde, uma pessoa deve (sem esperar pela prosperidade) realizar os seus próprios objetivos.'

Dhritarashtra disse, 'Ó filho, hostilidade com aqueles que são fortes é o que nunca se recomenda para mim. A hostilidade traz uma mudança de sentimentos, e ela mesma é uma arma embora não feita de aço. Tu consideras, ó príncipe, como uma grande bênção aquilo que trará em seu séquito as consequências terríveis da

guerra. O que é realmente repleto de prejuízo. Se isso uma vez se iniciar, isso criará espadas afiadas e setas pontudas.'

Duryodhana replicou, 'Homens dos tempos mais antigos inventaram o uso dos dados. Não há destruição nisso, nem há algum golpe com armas. Que as palavras de Sakuni, portanto, sejam aceitáveis para ti, e que a tua ordem seja emitida para a rápida construção da casa de reuniões. A porta do céu, levando-nos para essa felicidade, será aberta para nós pelo jogo. De fato, aqueles que se dirigem ao jogo (com tal ajuda) merecem essa boa sorte. Os Pandavas então se tornarão teus iguais (em vez de, como agora, superiores), portanto, joga com os Pandavas.'

Dhritarashtra disse, 'As palavras proferidas por ti não se recomendam para mim. Faze o que possa ser agradável para ti, ó soberano de homens. Mas tu terás que te arrepender por agires segundo essas palavras, pois, palavras que são repletas de tal imoralidade nunca podem trazer prosperidade no futuro. Isso foi previsto pelo erudito Vidura que sempre trilha o caminho da verdade e sabedoria. Certamente a grande calamidade, destrutiva das vidas dos kshatriyas, vem como determinada pelo destino.'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito isso, Dhritarashtra de mente fraca considerou o destino como supremo e inevitável. E o rei privado de razão pelo Destino, e obediente aos conselhos de seu filho, ordenou seus homens em voz alta, dizendo, 'Construam cuidadosamente, sem perda de tempo, uma casa de reuniões do tipo mais belo, a ser chamada de palácio dos arcos de cristal, com mil colunas, decorada com ouro e lápis lazúli, provida de cem portões, e com duas milhas completas de comprimento e o mesmo de largura.' Ouvindo essas palavras dele, milhares de artífices dotados de inteligência e habilidade logo construíram o palácio com grande entusiasmo, e tendo-o construído levaram para lá todos os tipos de artigos. E logo depois eles alegremente informaram ao rei de que o palácio estava terminado, e que ele era encantador e vistoso e provido de todas as espécies de pedras preciosas e coberto com muitos tapetes coloridos tecidos com ouro. Então o rei Dhritarashtra, possuidor de erudição, convocando Vidura, o chefe dos seus ministros, disse: 'Dirigindo-te, (para Khandavaprastha), traze o príncipe Yudhishthira aqui sem perda de tempo. Que ele venha para cá com seus irmãos e veja esta minha bela casa de reuniões, provida de inúmeras joias e pedras preciosas, e camas e tapetes valiosos, e que uma amistosa partida de dados comece aqui.'

## 56

Vaisampayana disse, "O rei Dhritarashtra, averiguando as inclinações de seu filho e sabendo que o Destino é inevitável, fez o que eu disse. Vidura, no entanto, aquele principal dos homens inteligentes, não aprovou as palavras de seu irmão e falou desta maneira, 'Eu não aprovo, ó rei, essa tua ordem. Não ajas dessa forma. Eu temo que isso ocasione a destruição da nossa linhagem. Quando os teus filhos

perderem a união seguir-se-ão certamente desavenças entre eles. É isso que eu receio, ó rei, dessa partida de dados.'

Dhritarashtra disse, 'Se o Destino não for hostil essa disputa certamente não me afligirá. Todo o universo se move pela vontade de seu Criador, sob a influência controladora do Destino. Ele não é livre. Portanto, ó Vidura, indo até o rei Yudhishthira por minha ordem, traze logo aquele filho invencível de Kunti.'"

## 57

Vaisampayana disse, "Vidura então, assim mandado contra a sua vontade pelo rei Dhritarashtra, partiu, com a ajuda de cavalos de grande vigor e dotados de grande velocidade e força, e quietos e pacientes, para a residência dos filhos sábios de Pandu. Possuidor de grande inteligência, Vidura procedeu pelo caminho que levava à capital dos Pandavas. E, tendo chegado à cidade do rei Yudhishthira, ele entrou e procedeu em direção ao palácio, adorado por numerosos brâmanes. E chegando ao palácio que era como a mansão do próprio Kuvera, o virtuoso Vidura se aproximou de Yudhishthira, o filho de Dharma. Então o ilustre Ajamida, dedicado à verdade e que não tinha inimigo sobre a terra, saudou Vidura com reverência e lhe perguntou sobre Dhritarashtra e seus filhos. E Yudhishthira disse, ‘Ó Kshatta, a tua mente parece estar triste. Tu chegaste aqui em felicidade e paz? Os filhos de Dhritarashtra, eu espero, obedecem ao seu velho pai. O povo também, eu espero, é obediente ao governo de Dhritarashtra.'

Vidura disse, 'O rei ilustre, com seus filhos, está bem e feliz, e cercado por seus parentes ele reina assim como o próprio Indra. O rei está feliz com seus filhos que são todos obedientes a ele e não tem tristezas. O monarca ilustre está empenhado no seu próprio engrandecimento. O rei dos Kurus me mandou perguntar sobre a tua paz e prosperidade, e te pedir para ir para Hastinapura com teus irmãos e dizer, depois de veres o palácio recém-construído do rei Dhritarashtra, se ele é igual ao teu próprio. Dirigindo-te para lá, ó filho de Pritha, com teus irmãos, divirtam-se naquela mansão e se sentem para uma amigável partida de dados. Nós ficaremos contentes se tu fores, porque os Kurus já chegaram lá. E tu verás aqueles jogadores e trapaceiros que o ilustre rei Dhritarashtra já levou para lá. É por isso, ó rei, que eu vim para cá. Que a ordem do rei seja aprovada por ti.’

Yudhishthira disse, 'Ó Kshatta, se nós nos sentarmos para uma partida de dados nós poderemos brigar. Que homem há que, sabendo disso, concordaria em jogar? O que tu achas bom para nós? Todos nós obedecemos aos teus conselhos.’

Vidura disse, 'Eu sei que o jogo é a causa da miséria, e eu me esforcei para dissuadir o rei disso. O rei, no entanto, me enviou a ti. Sabendo disso, ó erudito, faze que for benéfico.’

Yudhishthira disse, 'Além dos filhos de Dhritarashtra, quais outros jogadores desonestos estão lá preparados para jogar? Conta-nos, ó Vidura, quem são eles e com quem nós teremos que jogar, apostando centenas sobre centenas de nossas posses.'

Vidura disse, 'Ó monarca, Sakuni, o rei de Gandhara, um perito nos dados, tendo grande habilidade de mão e renhido em apostas, Vivingati, o rei Chitrasena, Satyavrata, Purumitra e Jaya, esses, ó rei, estão lá.'

Yudhishthira disse, 'Parece então que alguns dos mais perigosos e terríveis jogadores que sempre se fiam na fraude estão lá. Todo este universo, no entanto, está pela vontade de seu Criador sob o controle do destino. Ele não é livre. Ó erudito, eu não desejo, por ordem do rei Dhritarashtra, me envolver no jogo. O pai sempre deseja beneficiar o filho. Tu és nosso mestre, ó Vidura. Fala-me o que é apropriado para nós. Relutante como eu estou em jogar, eu não farei isso se o patife Sakuni não me convocar para isso na sabhâ. Se, no entanto, ele me desafiar, eu jamais recusarei. Pois esse, como decidido, é o meu eterno voto.'

Vaisampayana continuou, "O rei Yudhishthira o justo, tendo dito isso a Vidura, mandou que os preparativos para a sua viagem fossem feitos sem perda de tempo. E no dia seguinte o rei acompanhado por seus parentes e servidores e levando consigo também as mulheres da família com Draupadi em seu meio, partiu para a capital dos Kurus. 'Como um corpo brilhante caindo diante dos olhos, o Destino nos privou de razão, e o homem, como se estivesse amarrado com uma corda, se submete ao domínio da Providência,' assim dizendo, o rei Yudhishthira, aquele castigador de inimigos, partiu com Kshatta, sem deliberar sobre aquela convocação de Dhritarashtra. E aquele matador de heróis hostis, o filho de Pandu e Pritha, no carro que tinha sido dado a ele pelo rei de Valhika, e vestido também em mantos reais, saiu com seus irmãos. E o rei, resplandecente como era com esplendor real, com brâmanes caminhando diante dele, saiu de sua cidade, convocado por Dhritarashtra e impelido pelo que foi ordenado por Kala (tempo). E chegando a Hastinapura ele foi ao palácio de Dhritarashtra. E chegando lá o filho de Pandu se aproximou do rei. E o nobre se então aproximou de Bhishma e Drona e Karna, e Kripa, e do filho de Drona, e abraçou e foi abraçado por eles todos. E ele de braços poderosos, dotado de grande destreza, então se aproximou de Somadatta, e então de Duryodhana e Salya, e do filho de Suvala, e dos outros reis também que tinham chegado lá antes dele. O rei então foi ao valente Dusshasana e então a todos os seus (outros) irmãos e então a Jayadratha e em seguida a todos os Kurus um depois do outro. E ele de braços poderosos, então cercado por todos os seus irmãos, entrou no aposento do sábio rei Dhritarashtra. E então Yudhishthira viu a venerável Gandhari, sempre obediente ao seu marido, e cercada por suas noras como Rohini pelas estrelas. E saudando Gandhari e abençoado por ela em retorno, o rei então viu seu velho tio, aquele monarca ilustre cuja sabedoria era sua visão. O rei Dhritarashtra então, ó monarca, cheirou sua cabeça como também as cabeças daqueles quatro outros príncipes da família Kuru, os filhos de Pandu, com Bhimasena como o mais velho deles. E, ó rei, vendo os belos Pandavas, aqueles tigres entre homens, todos os Kurus, ficaram muito contentes. E mandados pelo rei, os Pandavas então se retiraram para os

aposentos designados para eles e que eram todos providos de joias e pedras preciosas. E, quando eles tinham se retirado para os quartos, as mulheres da família de Dhritarashtra com Dussala as precedendo os visitaram. E as noras de Dhritarashtra, vendo a beleza fulgurante e esplêndida e a fortuna de Yajnaseni, ficaram desanimadas e cheias de ciúmes. E aqueles tigres entre homens, tendo conversado com as senhoras, praticaram seus exercícios físicos diários e então realizaram os ritos religiosos do dia. E tendo terminado as suas práticas religiosas diárias eles enfeitaram seus corpos com pasta de sândalo da espécie mais fragrante. E desejando garantir boa sorte e prosperidade eles fizeram (por meio de presentes), os brâmanes proferirem bênçãos. E então comendo a comida que era do melhor sabor eles foram para os seus quartos à noite. E aqueles touros entre os Kurus então foram postos para dormir com música por belas mulheres. E obtendo delas que chegavam em devida sucessão, aqueles subjugadores de cidades hostis passaram com corações alegres aquela noite encantadora em prazer e diversão. E acordados pelos bardos com música suave, eles levantaram de suas camas, e tendo passado a noite assim em felicidade eles se levantaram ao amanhecer, e tendo praticado os ritos usuais eles entraram na casa de reuniões e foram saudados por aqueles que estavam lá prontos para jogar.’

## 58

Vaisampayana disse, "Os filhos de Pritha com Yudhishthira em sua dianteira, tendo entrado naquela casa de reuniões, se aproximaram de todos os reis que estavam lá presentes. E adorando a todos aqueles que mereciam ser adorados, e saudando os outros como cada um merecia segundo a idade, eles se sentaram em assentos que eram limpos e providos de tapetes valiosos. Depois que eles tinham tomado os seus lugares, como também todos os reis, Sakuni, o filho de Suvala, dirigiu-se a Yudhishthira e disse, 'Ó rei, a assembleia está completa. Todos estavam esperando por ti. Que, portanto, os dados sejam lançados e as regras do jogo sejam fixadas, ó Yudhishthira.'

Yudhishthira respondeu, 'Jogo fraudulento é pecaminoso. Não há perícia kshatriya nele. Não há certamente moralidade nele. Por que, então, ó rei, tu louvas o jogo dessa forma? Os sábios não aprovam o orgulho que os jogadores sentem no jogo fraudulento. Ó Sakuni, vence-nos, mas não como um patife, por meios fraudulentos.'

Sakuni disse, 'Aquele jogador de grande alma que conhece os segredos de vencer e perder, que é hábil em frustrar as artes fraudulentas de seu confrade, que é unido em todas as diversas operações nas quais o jogo consiste, realmente conhece o jogo, e ele está sujeito a tudo no decorrer dele. Ó filho de Pritha, essa é a aposta nos dados, que pode ser perdida ou ganha, que pode nos prejudicar. E é por essa razão que o jogo é considerado como um erro. Que nós, portanto, ó rei, comecemos o jogo. Não temas. Que as apostas sejam fixadas. Não demores!'

Yudhishthira disse, 'Aquele melhor dos munis, Devala, o filho de Asita, que sempre nos instrui sobre todos os atos que podem nos levar ao céu, inferno, ou a outras regiões, disse que é pecaminoso jogar fraudulentamente com um jogador. Obter vitória em batalha sem astúcia ou estratagemas é o melhor esporte. O jogo, no entanto, como um esporte, não é assim. Aqueles que são respeitáveis nunca usam a língua dos mlechchas, nem adotam a fraude em seu comportamento. Guerra conduzida sem desonestidade e astúcia é a ação dos homens que são honestos. Não, ó Sakuni, jogando desesperadamente, ganhes de nós aquela riqueza com a qual, de acordo com as nossas habilidades, nós nos esforçamos para aprender como beneficiar os brâmanes. Nem inimigos devem ser vencidos por apostas desesperadas em jogo fraudulento. Eu não desejo nem felicidade nem riqueza por meio da astúcia. A conduta de alguém que é um jogador, mesmo que esta seja sem falsidade, não deve ser aprovada.'

Sakuni disse, 'Ó Yudhishthira, é pelo desejo de vencer, que não é um motivo muito honesto, que uma pessoa de nascimento elevado se aproxima de outra (em uma disputa de superioridade de raça). Assim também é pelo desejo de derrotar, o qual não é um motivo muito honesto, que uma pessoa erudita se aproxima de outra (em uma disputa de conhecimento). Esses motivos, no entanto, não são considerados como realmente desonestos. Assim também, ó Yudhishthira, uma pessoa hábil nos dados se aproxima de outra que não é assim tão hábil pelo desejo de vencê-lo. Alguém também que é familiarizado com as verdades da ciência se aproxima de outra que não o é pelo desejo de vencer, o qual não é um motivo honesto. Mas (como eu já disse), esse motivo não é realmente desonesto. E, ó Yudhishthira, assim também alguém que é hábil com armas se aproxima de alguém que não é tão hábil, o forte se aproxima do fraco. Essa é a prática em toda disputa. O motivo é a vitória, ó Yudhishthira. Se, portanto, ao te aproximares de mim, tu consideras que eu estou atuando por motivos que são desonestos, se tu estás sob algum medo, desiste então de jogar.'

Yudhishthira disse, 'Convocado, eu não recuo. Esse é o meu voto definitivo. E, ó rei, o Destino é todo-poderoso. Todos nós estamos sob o controle do Destino. Com quem nesta assembleia eu devo jogar? Quem aqui pode apostar igualmente comigo? Que o jogo comece.'

Duryodhana disse, 'Ó monarca, eu fornecerei joias e pedras preciosas e todo o tipo de riqueza. E é por mim que este Sakuni, meu tio, jogará.'

Yudhishthira disse, 'Jogar por sua causa através da ação de outro me parece ser contrário às regras. Tu também, ó erudito, deves admitir isso. Se, no entanto, tu ainda assim estás disposto a isso, que o jogo comece.'"

## 59

Vaisampayana disse, "Quando o jogo começou todos aqueles reis com Dhritarashtra em sua liderança tomaram seus lugares naquela reunião. E, ó

Bharata, Bhishma e Drona e Kripa e Vidura de grande alma, com corações tristes se sentaram atrás. E aqueles reis com pescoços leoninos e dotados de grande energia tomaram seus lugares separadamente e em pares sobre muitos assentos elevados de bela cor e fabricação. E, ó rei, aquela mansão parecia resplandecente com aqueles reis reunidos como o próprio céu com um conclave de celestiais de grande fortuna. E eles eram todos conhecedores dos Vedas e corajosos e de rostos resplandecentes. E, ó grande rei, a amistosa partida de dados então começou.

Yudhishthira disse, ‘Ó rei, esta riqueza excelente de pérolas de grande valor, obtidas do oceano por batê-lo (antigamente), tão belas e decoradas com ouro puro, essa, ó rei, é a minha aposta. Qual é a tua aposta contrária, ó grande rei, a riqueza com a qual tu desejas jogar comigo?’

Duryodhana disse, 'Eu tenho muitas joias e muita riqueza. Mas eu não sou vaidoso delas. Ganha esta aposta.'”

Vaisampayana continuou, "Então Sakuni, muito hábil nos dados, apanhou os dados e (jogando-os) disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

## 60

Yudhishthira disse, ‘Tu ganhaste essa aposta de mim por meios injustos. Mas não fiques tão orgulhoso, ó Sakuni. Que joguemos apostando milhares sobre milhares. Eu tenho muitos jarros belos cada um cheio de mil nishkas em minha tesouraria, ouro inesgotável, e muita prata e outros minerais. Essa, ó rei, é a riqueza com a qual eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, “Assim abordado, Sakuni disse ao principal dos perpetuadores da linhagem Kuru, o mais velho dos filhos de Pandu, o rei Yudhishthira, de glória incapaz de sofrer qualquer diminuição. 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Este meu carro sagrado e vitorioso e real que alegra o coração e que nos trouxe para cá, que é igual a mil carros, que tem proporções simétricas e é coberto com peles de tigre, e equipado com rodas excelentes e um vistoso mastro de bandeira, e decorado com cordões de pequenos sinos, cujo estrépito é assim como ribombo das nuvens ou do oceano, e que é puxado por oito corcéis nobres conhecidos por todo o reino e que são brancos como o brilho da lua e de cujas patas nenhuma criatura terrestre pode escapar, essa, ó rei, é a minha riqueza com a qual eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo essas palavras, Sakuni, preparado com os dados, e usando meios injustos, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho cem mil servas, todas jovens, e enfeitadas com pulseiras douradas em seus pulsos e na parte superior dos braços, e com nishkas em volta dos pescoços e outros ornamentos, enfeitadas com guirlandas caras e

vestidas em mantos preciosos, cobertas com pasta de sândalo, usando joias e ouro, e hábeis nas sessenta e quatro artes elegantes, especialmente versadas em canto e dança, e que atendem e servem por minha ordem aos celestiais, aos brâmanes Snataka, e aos reis. Com essa riqueza, ó rei, eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, “Ouvindo essas palavras, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos, disse a Yudhishthira. 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, ‘Eu tenho milhares de servos, hábeis em atender convidados, sempre vestidos em trajes feitos de seda, dotados de sabedoria e inteligência, com seus sentidos sob controle embora jovens, e enfeitados com brincos, e que servem a todos os convidados noite e dia com pratos e travessas nas mãos. Com essa riqueza, ó rei, eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo essas palavras, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho, ó filho de Suvala, mil elefantes antigos com cintos dourados, enfeitados com ornamentos, com a marca dos lótus em suas têmporas e pescoços e outras partes, adornados com guirlandas douradas, com excelentes presas brancas longas e grossas como as hastes dos arados, dignos de carregar reis em suas costas, capazes de suportar todo tipo de barulho no campo de batalha, com corpos enormes, capazes de arrebentar os muros das cidades hostis, da cor das nuvens recém-formadas, e cada um possuindo oito elefantas. Com essa riqueza, ó rei, eu apostarei contigo.'"

Vaisampayana continuou, "A Yudhishthira que tinha assim falado, Sakuni, o filho de Suvala disse rindo, 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho tantos carros quanto elefantes, todos equipados com estacas douradas e mastros de bandeira e cavalos bem treinados e guerreiros que lutam maravilhosamente e que recebem cada um mil moedas como pagamento mensal, eles lutem ou não. Com essa riqueza, ó rei, eu apostarei contigo!'"

Vaisampayana continuou, "Quando essas palavras foram faladas, o vil Sakuni, empenhado na inimizade, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Os corcéis das raças Tittiri, Kalmasha, e Gandharva, enfeitados com ornamentos, os quais Chitraratha, tendo sido derrotado em batalha e subjugado alegremente deu para Arjuna, o manejador do Gandiva. Com essa riqueza, ó rei, eu apostarei contigo.’

Vaisampayana continuou, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos, disse a Yudhishthira: 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho dez mil carros e veículos que estão atrelados a animais da raça mais notável. E eu tenho também sessenta mil guerreiros escolhidos de cada classe aos milhares, que são todos bravos e dotados de

coragem como heróis, que bebem leite e comem bom arroz, e todos os quais têm peitos largos. Com essa riqueza, ó rei, eu apostarei contigo.'”

Vaisampayana continuou, "Ouvindo isso, Sakuni preparado com os dados, usando meios injustos disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho quatrocentas nidis (joias de grande valor) envolvidas em lâminas de cobre e ferro. Cada uma das quais é igual a cinco draunikas da mais cara e pura chapa de ouro do tipo Jatarupa. Com essa riqueza, ó rei, eu apostarei contigo.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo isso, Sakuni preparado com os dados, adotando meios infames, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'"

## 61

Vaisampayana disse, "No decorrer daquele jogo certo de ocasionar a ruína completa (de Yudhishthira), Vidura, aquele dissipador de todas as dúvidas, (se dirigindo a Dhritarashtra) disse, 'Ó grande rei, ó tu da linhagem Bharata, escuta ao que eu digo, embora as minhas palavras possam não ser agradáveis para ti, como o remédio para alguém que está doente e prestes a dar seu último suspiro. Quando este Duryodhana de mente pecaminosa, imediatamente depois do seu nascimento, gritou de modo dissonante como um chacal, foi bem sabido que ele tinha sido ordenado para ocasionar a destruição da linhagem Bharata. Saibas, ó rei, que ele será a causa da morte de vocês todos. Um chacal está vivendo em tua casa, ó rei, na forma de Duryodhana. Tu não sabes disso por causa da tua insensatez. Ouve agora as palavras do Poeta (Sukra) as quais eu citarei. ‘Aqueles que colhem mel (nas montanhas), tendo conseguido o que procuram, não reparam que estão prestes a cair. Subindo a alturas perigosas, abstraídos na busca do que procuram, eles caem e encontram a destruição.’ Este Duryodhana também, enlouquecido com o jogo de dados, como o coletor de mel, abstraído no que procura, não nota as consequências. Fazendo inimigos destes grandes guerreiros, ele não vê que a queda está à sua frente. É sabido por ti, ó tu de grande sabedoria, que entre os Bhojas, eles abandonaram, para o bem dos cidadãos, um filho que era indigno da sua tribo. Os Andhakas, os Yadavas, e os Bhojas unidos abandonaram Kansa. E depois, quando no comando de toda a tribo, o mesmo Kansa foi morto por Krishna, aquele matador de inimigos, todos os homens da tribo ficaram muito felizes por cem anos. Assim por tua ordem, que Arjuna mate este Suyodhana. E, por consequência da morte deste patife, que os Kurus fiquem contentes e passem seus dias em felicidade. Em troca de um corvo, ó grande rei, compra estes pavões, os Pandavas, e em troca de um chacal, compra estes tigres. Por uma família um membro pode ser sacrificado, por uma aldeia uma família pode ser sacrificada, por uma província uma aldeia pode ser sacrificada, e pela alma de uma pessoa toda a terra pode ser sacrificada. Foi isso que o próprio Kavya onisciente, conhecedor dos pensamentos de todas as criaturas, e uma fonte de terror para todos os inimigos, disse aos grandes asuras para induzi-los a

abandonar Jambha no momento do seu nascimento. É dito que certo rei, tendo feito várias aves selvagens que vomitavam ouro se hospedarem em sua própria casa, depois as matou pela tentação. Ó matador de inimigos, cego pela tentação e pelo desejo de prazer, pelo ouro, o rei destruiu ao mesmo tempo os seus ganhos presentes e futuros. Portanto, ó rei, não persigas os Pandavas por desejo de lucro, assim como o rei da história. Pois então, cegado pela loucura tu te arrependerás depois, assim como a pessoa que matou as aves. Como um vendedor de flores que colhe (muitas flores) no jardim de árvores que ele cuida com afeição dia a dia, continua, ó Bharata, a colher flores dia a dia dos Pandavas. Não os queimes até as raízes como uma brisa geradora de fogo reduz tudo ao carvão negro. Não vás, ó rei, para a região de Yama, com teus filhos e tuas tropas, pois quem é capaz de lutar com os filhos de Pritha, juntos? Para não falar de outros, o chefe dos celestiais na liderança dos próprios celestiais é capaz de fazer isso?’

## 62

Vidura disse, ‘O jogo é causa de desavenças. Ele causa desunião. Suas consequências são terríveis. Já tendo recorrido a isso, o filho de Dhritarashtra, Duryodhana, cria para si mesmo uma violenta inimizade. Os descendentes de Pratipa e Santanu, com suas tropas e seus aliados bravios, os Vahlikas, vão, pelos pecados de Duryodhana, encontrar a destruição. Duryodhana, por causa dessa embriaguez, afasta à força a sorte e a prosperidade de seu reino, assim como um touro enfurecido quebrando os seus próprios chifres. A pessoa corajosa e erudita que, desconsiderando a sua própria previdência segue, ó rei, (a inclinação do) coração de outro homem, afunda em terrível aflição assim como alguém que vai para o mar em um barco guiado por uma criança. Duryodhana está apostando com o filho de Pandu, e tu estás em êxtase porque ele está ganhando. E é esse sucesso que origina a guerra, a qual termina na destruição de homens. Essa fascinação (de jogar) que tu bem planejaste somente leva a terríveis resultados. Assim tu simplesmente trouxeste por esses conselhos grande aflição para o teu coração. E esta tua disputa com Yudhishthira, que é relacionado a ti tão de perto, mesmo que tu não a tenhas previsto, ainda é aprovada por ti. Escutem filhos de Santanu, descendentes de Pratipa, que estão agora nesta reunião dos Kauravas, a estas palavras de sabedoria. Não entrem no terrível fogo que brilha próximo aos canalhas. Quando Ajatasatru, o filho de Pandu, embriagado pelos dados, ceder à sua ira, e Vrikodara e Arjuna e os gêmeos (fizerem o mesmo), quem, naquela hora de confusão, virá a ser seu refúgio? Ó grande rei, tu és tu mesmo uma mina de riqueza. Tu podes ganhar (por outros meios), tanta riqueza quanto a que tu procuras ganhar pelo jogo. O que tu ganhas por tomar dos Pandavas a sua vasta riqueza? Ganha os próprios Pandavas, que serão para ti mais do que toda a riqueza que eles têm. Todos nós conhecemos a habilidade de Suvala no jogo. Esse rei maligno conhece muitos métodos execráveis de jogar. Que Sakuni volte para onde ele veio. Não guerreies, ó Bharata, com os filhos de Pandu!'

## 63

Duryodhana disse, 'Ó Kshatta, tu estás sempre te gabando da fama dos nossos inimigos, depreciando os filhos de Dhritarashtra. Nós sabemos, ó Vidura, a quem tu és realmente afeiçoado. Tu sempre nos desrespeitaste como crianças. É reconhecido o homem que deseja sucesso àqueles que são próximos a ele e derrota para aqueles que não são seus favoritos, seu louvor e crítica são aplicados correspondentemente. A tua língua e mente revelam o teu coração. Mas a hostilidade que tu mostras em tuas palavras é até maior do que a que está em teu coração. Tu tens sido tratado por nós como uma serpente em nosso colo. Como um gato tu desejas mal àquele que cuida de ti. Os sábios dizem que não há pecado mais grave do que o de injuriar um mestre. Como é, ó Kshatta, que tu não temes esse pecado? Tendo derrotado os nossos inimigos nós obtivemos grandes vantagens. Não uses palavras rudes a nosso respeito. Tu estás sempre desejando fazer as pazes com os inimigos. E é por essa razão que tu nos odeias sempre. Um homem se torna um inimigo por falar palavras que são imperdoáveis. Então também, ao louvar o inimigo, os segredos do seu próprio partido não devem ser divulgados, (tu, no entanto, violaste essa regra). Portanto, ó parasita, por que tu nos estorvas dessa forma? Tu dizes tudo o que queres. Não nos insultes. Nós conhecemos a tua mente. Vai e aprende sentando-te aos pés dos idosos. Lamenta a reputação que ganhaste. Não te metas nos assuntos de outros homens. Não imagines que tu és nosso chefe. Não nos digas sempre palavras duras, ó Vidura. Nós não te perguntamos o que é para o nosso bem. Para, não irrites aqueles que já toleraram demais nas tuas mãos. Há um único Controlador, nenhum segundo. Ele controla até a criança que está no útero da mãe. Eu sou controlado por Ele. Como a água que sempre flui para baixo, eu estou agindo exatamente do modo no qual Ele está me dirigindo. Aquele que quebra sua cabeça contra uma parede de pedra, e aquele que alimenta uma serpente, são ambos guiados nessas suas ações pelo seu próprio intelecto, (portanto, nessa questão eu sou guiado pela minha própria inteligência). Torna-se um inimigo aquele que procura controlar os outros pela força. Quando conselhos, no entanto, são oferecidos em um espírito amigável, os eruditos toleram isso. Aquele que incendeia um objeto tão altamente inflamável quanto a cânfora não vê suas cinzas, ele corre imediatamente para extingui-lo. Não se deve dar abrigo a outro que é amigo de seus inimigos, ou a outro que é sempre ciumento de seu protetor ou a outro que é de mente maligna. Portanto, ó Vidura, vai para onde quer que queiras. Uma esposa que é incasta, embora bem tratada, ainda assim abandona o marido.'

Vidura, dirigindo-se a Dhritarashtra, disse, 'Ó monarca, dize-nos (imparcialmente), como uma testemunha, o que tu achas da conduta daqueles que abandonam seus servidores dessa forma por darem instrução a eles. Os corações dos reis são, de fato, muito inconstantes. Concedendo proteção a princípio, eles golpeiam com maças no final. Ó príncipe (Duryodhana), tu te consideras maduro em intelecto, e, ó tu de coração mau, tu me consideras como uma criança. Mas

considera que é uma criança aquele que tendo primeiro aceitado alguém como um amigo posteriormente acha defeitos nele. Um homem de coração mau nunca pode ser levado para o caminho da retidão, como uma mulher incasta na casa de uma pessoa bem-nascida. Seguramente, instrução não é agradável para este touro da raça Bharata, como um marido de sessenta anos para uma donzela que é jovem. Depois disso, ó rei, se tu desejas ouvir palavras que sejam agradáveis para ti, a respeito de todos os atos bons ou maus, pede às mulheres e aos idiotas e coxos ou pessoas dessa classe. Um homem pecaminoso falando palavras que são agradáveis pode haver neste mundo. Mas um falador de palavras que são desagradáveis embora perfeitas como regime, ou alguém que ouça as mesmas é muito raro. De fato, é um aliado verdadeiro do rei quem desconsiderando o que é agradável ou desagradável ao seu mestre se comporta virtuosamente e profere o que possa ser desagradável, mas necessário como regime. Ó grande rei, bebe aquilo que o honesto bebe e que o desonesto evita, a humildade, que é como um remédio que é amargo, pungente, ardente, não intoxicante, desagradável e revoltante. E bebendo-a, ó rei, recupera a tua sobriedade. Eu sempre desejo para Dhritarashtra e seus filhos a riqueza e a fama. O que quer que possa acontecer a ti, aqui eu me curvo a ti (e me despeço). Que os brâmanes me desejem bem. Ó filho de Kuru, essa é a lição que eu inculco cuidadosamente, que os sábios nunca devem se enfurecer como víboras que têm veneno em seus próprios olhares!"

## 64

Sakuni disse, 'Tu, ó Yudhishthira, perdeste muita riqueza dos Pandavas. Se tu tens ainda alguma coisa que ainda não perdeste para nós, ó filho de Kunti, nos fala o que é!'

Yudhishthira disse, 'Ó filho de Suvala, eu sei que eu tenho uma riqueza incalculável. Mas por que é que, ó Sakuni, tu me perguntas da minha riqueza? Que dezenas de milhares e milhões e milhões e dezenas de milhões e centenas de milhões e dezenas de bilhões e centenas de bilhões e trilhões e dezenas de trilhões e centenas de trilhões e dezenas de quadrilhões e centenas de quadrilhões e ainda mais riqueza seja apostada por ti. Eu tenho outro tanto. Com essa riqueza, ó rei, eu jogarei contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho, ó filho de Suvala, infinitas vacas e cavalos e vacas leiteiras com bezerros e cabras e ovelhas no país que se estende de Parnasa até a margem leste do Sindu. Com essa riqueza, ó rei, eu jogarei contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios injustos, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Eu tenho a minha cidade, o país, terra, a riqueza de todos os que lá habitam exceto a dos brâmanes, e todas aquelas próprias pessoas, exceto brâmanes, que ainda restam a mim. Com essa riqueza, ó rei, eu jogarei contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Estes príncipes aqui, ó rei, que parecem resplandecentes em seus ornamentos e em seus brincos e nishkas e todos os ornamentos reais em seus corpos são agora minha riqueza. Com essa riqueza, ó rei, eu jogo contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Yudhishthira disse, 'Este Nakula aqui, de braços poderosos e pescoço leonino, de olhos vermelhos e dotado de juventude, é agora minha única aposta. Saibas que ele é minha riqueza.'

Sakuni disse, 'Ó rei Yudhishthira, o príncipe Nakula é estimado ti. Ele já está sob o nosso domínio. Com quem (como aposta) tu agora jogarás?'"

Vaisampayana disse, "Dizendo isso, Sakuni lançou aqueles dados, e disse a Yudhishthira, 'Vê! Ele foi ganho por nós.'

Yudhishthira disse, 'Este Sahadeva aplica a justiça. Ele também adquiriu uma reputação de erudição neste mundo. Embora não merecedor ele pode ser apostado no jogo, com ele como aposta eu jogarei, com tal objeto querido como se, de fato, ele não fosse assim!'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Sakuni continuou, 'Ó rei, os filhos de Madri, queridos para ti, foram ambos ganhos por mim. Parece, no entanto, que Bhimasena e Dhananjaya são muito considerados por ti.'

Yudhishthira disse, 'Patife! Tu ages pecaminosamente ao assim procurar criar desunião entre nós que temos todos um só coração, desrespeitando a moralidade.'

Sakuni disse, 'Um homem que está embriagado cai em uma cova (inferno), e fica lá privado do poder de movimento. Tu és, ó rei, mais velho do que nós em idade, e possui os mais elevados talentos. Ó touro da raça Bharata, eu (peço meu perdão e) me curvo a ti. Tu sabes, ó Yudhishthira, que jogadores, enquanto excitados com o jogo, proferem tais desvarios aos quais eles nunca cederiam em seus momentos lúcidos e nem mesmo em sonhos.'

Yudhishthira disse, 'Ele que nos leva como um barco à outra costa do mar da batalha, ele que é sempre vitorioso sobre os inimigos, o príncipe que é dotado de

grande presteza, e que é um herói neste mundo, (está aqui). Com este Falguna como aposta, embora ele não seja merecedor disso, eu agora jogarei contigo.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Sakuni continuou, 'Este principal de todos os manejadores de arcos, este filho de Pandu capaz de usar ambos os braços com igual habilidade agora foi ganho por mim. Ó, joga agora com a riqueza que ainda resta a ti, com Bhima, o teu querido irmão, como tua aposta, ó filho de Pandu.’

Yudhishthira disse, 'Ó rei, embora ele não seja merecedor de ser apostado, eu agora jogarei contigo por apostar Bhimasena, este príncipe que é nosso líder, que é o principal em combate, assim como o manejador do raio, o inimigo dos danavas, este de grande alma de pescoço leonino e sobrancelhas arqueadas e olhos que observam desconfiadamente, que é incapaz de tolerar um insulto, que não tem igual em força no mundo, que é o principal de todos os manejadores de maças, e que subjuga a todos os inimigos.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Sakuni continuou, ‘Tu, ó filho de Kunti, perdeste muita riqueza, cavalos e elefantes e os teus irmãos também. Dize se tu tens alguma coisa que ainda não perdeste.'

Yudhishthira, disse ‘Somente eu, o mais velho de todos os meus irmãos e estimado por eles, ainda não fui ganho. Ganho por ti, eu farei o que aquele que é ganho terá que fazer.'"

Vaisampayana disse, "Ouvindo isso, Sakuni, preparado com os dados, usando meios ilícitos, disse a Yudhishthira, 'Vê, eu ganhei!'

Sakuni continuou, 'Tu permitiste a ti mesmo ser ganho. Isso é muito pecaminoso. Há ainda uma riqueza que te resta, ó rei. Portanto, tu teres perdido a ti mesmo é certamente pecaminoso.'"

Vaisampayana continuou, "Tendo dito isso, Sakuni, habilidoso com os dados, falou a todos os corajosos reis lá presentes de ele ter ganhado, um depois do outro, todos os Pandavas. O filho de Suvala então, dirigindo-se a Yudhishthira disse, 'Ó rei, há ainda uma aposta valiosa para ti que ainda não foi ganha. Aposta Krishnâ, a princesa de Panchala. Por ela, ganha a ti mesmo de volta.'

Yudhishthira disse, 'Com Draupadi como aposta, que não é alta nem baixa, nem magra nem corpulenta, e que tem cabelo azul ondulado, eu agora jogarei contigo. Possuidora de olhos como as folhas do lótus outonal, e fragrante também como o lótus outonal, igual em beleza àquela (Lakshmi) que se deleita em lótus outonais, e à própria Sree em simetria e toda graça, ela é a mulher que um homem pode desejar como esposa por ternura de coração e fartura de beleza e de virtudes. Possuidora de todos os talentos e compassiva e de fala gentil, ela é

mulher que um homem pode desejar como esposa por sua aptidão para a aquisição de virtude e prazer e riqueza. Retirando-se para a cama por último e acordando primeiro, ela cuida de todo o terreno para os vaqueiros e pastores. Seu rosto também, quando coberto com suor, parece com o lótus ou o jasmim. De cintura delgada como a da vespa, de longos cabelos ondulantes, de lábios vermelhos, e corpo sem pelos, é a princesa de Panchala. Ó rei, fazendo de Draupadi de cintura esbelta, que é exatamente assim, a minha aposta, eu jogarei contigo, ó filho de Suvala.'"

Vaisampayana continuou, “Quando o inteligente rei Yudhishthira o justo tinha falado dessa maneira, ‘Que vergonha!’ ‘Que vergonha!’ foram as palavras proferidas por todas as pessoas idosas que estavam na reunião. E todo o conclave ficou agitado, e os reis que estavam lá presentes todos cederam à angústia. E Bhishma e Drona e Kripa estavam cobertos de transpiração. E Vidura, segurando a cabeça entre as mãos, sentou-se como alguém que tivesse perdido a razão. E ele se sentou com o rosto para baixo cedendo às suas reflexões e suspirando como uma cobra. Mas Dhritarashtra, profundamente contente, perguntava repetidamente, 'A aposta foi ganha?' 'A aposta foi ganha?' e não podia esconder suas emoções. Karna com Dussassana e outros davam risada, enquanto lágrimas começaram a escorrer dos olhos de todos os outros presentes na assembleia. E o filho de Suvala, orgulhoso do sucesso e agitado com a expectativa e repetindo: ‘Tu tens uma aposta, cara para ti,’ etc., disse, 'Vê! Eu ganhei' e pegou os dados que tinham sido lançados.’

## 65

Duryodhana disse, 'Vem, Kshatta, traze aqui Draupadi, a querida e amada esposa dos Pandavas. Que ela varra os aposentos, força-a a isso, e que a infeliz fique onde as nossas servas estão.'

Vidura disse, 'Tu não sabes, ó patife, que por proferir essas palavras duras tu estás atando a ti mesmo com cordas? Tu não compreendes que tu estás pendendo à beira de um precipício? Tu não sabes que sendo um veado tu provocaste muitos tigres à raiva? Cobras de veneno mortal, provocadas à ira, estão sobre a tua cabeça! Canalha, não os provoques mais para que não vás para região de Yama. Em minha opinião, a escravidão não recai sobre Krishnâ, porque ela foi apostada pelo rei depois que ele tinha perdido a si mesmo e deixou de ser seu próprio dono. Como o bambu que dá frutos somente quando está prestes a morrer, o filho de Dhritarashtra ganha esse tesouro no jogo. Embriagado, ele não percebe nem nestes seus últimos momentos que os dados causam inimizade e terrores horrendos. Nenhum homem deve proferir palavras duras e perfurar os corações dos outros. Nenhum homem deve subjugar seus inimigos por meio dos dados e outros meios sujos como esse. Não se deve proferir palavras que são desaprovadas pelos Vedas e levam ao inferno e aborrecem a outros. Alguns emitem de seus lábios palavras que são cruéis. Feridos por elas outros queimam

dia e noite. Aquelas palavras perfuram o próprio coração do outro. Os eruditos, portanto, nunca devem proferi-las, dirigindo-as aos outros. Um bode uma vez tinha engolido um gancho e, quando estava perfurado por ele, o caçador colocando a cabeça do animal no chão rasgou sua garganta terrivelmente ao arrancá-lo. Portanto, ó Duryodhana, não engulas a riqueza dos Pandavas. Não faças deles os teus inimigos. Os filhos de Pritha nunca usam palavras como essas. São somente homens inferiores que são como cães que usam palavras duras para com todas as classes de pessoas, isto é, aquelas que se retiraram para as florestas, as que levam vidas familiares, as empenhadas em devoções ascéticas e as que têm grande conhecimento. Ai! O filho de Dhritarashtra não sabe que a desonestidade é uma das portas terríveis do inferno. Ai! Muitos dos Kurus com Dussasana entre eles o têm seguido no caminho da desonestidade na questão deste jogo de dados. Até cabaças podem afundar e pedras podem boiar, e barcos também podem sempre afundar na água, entretanto este rei tolo, o filho de Dhritarashtra, não ouve as minhas palavras que são assim como regras para ele. Sem dúvida, ele será a causa da destruição dos Kurus. Quando as palavras de sabedoria faladas por amigos e que são regras dignas não são ouvidas, mas, por outro lado, a tentação está em alta, uma destruição terrível e universal é certa de tragar todos os Kurus.'

## 66

Vaisampayana disse, "Embriagado pelo orgulho, o filho de Dhritarashtra falou, 'Que vergonha para Kshatta!' E lançando seus olhos sobre o Pratikamin a serviço mandou-o, no meio de todos aqueles superiores veneráveis, dizendo, 'Vai Pratikamin, e traze Draupadi para cá. Tu não temes os filhos de Pandu. É só Vidura que delira de medo. Além disso, ele nunca deseja a nossa prosperidade!'"

Vaisampayana continuou, "Assim mandado, o Pratikamin, que era da casta suta, ouvindo as palavras do rei, procedeu com pressa, e entrando na residência dos Pandavas, como um cachorro na cova de um leão, se aproximou da rainha dos filhos de Pandu. E ele disse, 'Yudhishthira estando embriagado com os dados, Duryodhana, ó Draupadi, te ganhou. Vem agora, portanto, à residência de Dhritarashtra. Eu te levarei, ó Yajnaseni, e te colocarei em algum trabalho servil.'

Draupadi disse, 'Por que, ó Pratikamin, tu falas assim? Que príncipe jogaria apostando a esposa? O rei estava certamente embriagado com os dados. Além disso, ele não podia encontrar algum outro objeto para apostar?'

O Pratikamin disse, 'Quando ele não tinha nada mais para apostar, foi então que Ajatasatru, o filho de Pandu, te apostou. O rei primeiro apostou seus irmãos, então a si mesmo, e então a ti, ó princesa.'

Draupadi disse, 'Ó filho da classe suta, vai e pergunta àquele jogador presente na reunião a quem ele perdeu primeiro, a si mesmo, ou a mim. Averiguando isso, vem aqui e então me leva contigo, ó filho da classe suta.'

Vaisampayana continuou, "O mensageiro voltou à assembleia e disse todas as palavras de Draupadi. E ele falou a Yudhishthira sentado no meio dos reis, estas palavras, ‘Draupadi te perguntou: ‘De quem tu eras senhor na hora em que me perdeste no jogo? Tu perdeste a ti mesmo primeiro ou a mim?’’ Yudhishthira, no entanto, ficou lá como um demente e privado de juízo e não deu nenhuma resposta boa ou má para o suta.

Duryodhana então disse, 'Que a princesa de Panchala venha aqui e levante a questão. Que todos nesta reunião ouçam as palavras que se passam entre ela e Yudhishthira.'

Vaisampayana continuou, "O mensageiro, obediente à ordem de Duryodhana, indo novamente ao palácio, ele mesmo muito aflito, disse a Draupadi, 'Ó princesa, aqueles que estão na reunião estão te convocando. Parece que o fim dos Kauravas está perto. Como Duryodhana, ó princesa, está para te levar perante a assembleia, aquele rei de pouca inteligência não mais será capaz de proteger sua prosperidade.'

Draupadi disse, 'O grande ordenador do mundo, de fato, ordenou assim. Felicidade e tristeza cortejam ambos, o sábio e o imprudente. A moralidade, no entanto, é o mais alto objetivo no mundo. Se nutrida, ela certamente dispensará bênçãos a nós. Que essa moralidade não abandone agora os Kauravas. Voltando àqueles que estão presentes naquela reunião, repete essas minhas palavras consoantes com a moralidade. Eu estou preparada para fazer o que as pessoas de idade e virtuosas conhecedoras da moralidade definitivamente me disserem.’

Vaisampayana continuou, "O suta, ouvindo essas palavras de Yajnaseni, voltou à assembleia e repetiu as palavras de Draupadi. Mas todos ficaram com as faces para baixo, não proferindo nenhuma palavra, conhecendo a avidez e a resolução do filho de Dhritarashtra.

Yudhishthira, no entanto, ó touro da raça Bharata, sabendo das intenções de Duryodhana, enviou um mensageiro de confiança para Draupadi, dizendo que embora ela estivesse vestida em uma peça de tecido com o próprio umbigo exposto, por sua época menstrual ter chegado, ela deveria ir perante o seu sogro chorando amargamente. E aquele mensageiro inteligente, ó rei, tendo ido à residência de Draupadi com velocidade, informou-a das intenções de Yudhishthira. Os ilustres Pandavas, enquanto isso, angustiados e tristes, e limitados pela promessa, não podiam decidir o que eles deveriam fazer. E olhando-os, o rei Duryodhana, contente, dirigiu-se ao suta e disse, 'Ó Pratikamin, traze-a para cá. Que os Kauravas respondam à sua pergunta diante do seu rosto.’ O suta, então, obediente às ordens dele, mas apavorado pela (possível) cólera da filha de Drupada, desconsiderando a sua reputação de inteligência, disse novamente àqueles que estavam na reunião, ‘O que eu devo dizer a Krishnâ?'

Duryodhana, ouvindo isso, disse, 'Ó Dussasana, este filho do meu suta, de pouca inteligência, teme Vrikodara. Portanto, vai tu mesmo e traze aqui à força a filha de Yajnasena. Nossos inimigos no momento dependem da nossa vontade. O que eles podem te fazer?' Ouvindo a ordem de seu irmão, o príncipe Dussasana

ergueu-se com olhos vermelho-sangue, e entrando na residência daqueles grandes guerreiros, falou estas palavras para a princesa, 'Vem, vem, ó Krishnâ, princesa de Panchala, tu foste ganha por nós. E, ó tu de olhos grandes como folhas de lótus, vem agora e aceita os Kurus como teus senhores. Tu foste ganha virtuosamente, vem à assembleia.' A essas palavras, Draupadi, se levantando em grande aflição, esfregou o rosto pálido com as mãos, e aflita ela correu para o lugar onde as senhoras da família de Dhritarashtra estavam. Nisso, Dussasana, rugindo com raiva e correndo atrás dela agarrou a rainha pelos cabelos, tão longos e azuis e ondulados. Ai! Aqueles cabelos que tinham sido borrifados com água santificada com mantras no grande sacrifício Rajasuya, foram naquele momento agarrados com força pelo filho de Dhritarashtra desconsiderando a bravura dos Pandavas. E Dussasana, arrastando Krishnâ de longos cabelos até a presença da assembleia, como se ela fosse desamparada embora tivesse protetores poderosos, puxando-a, a fez tremer como uma bananeira em uma tempestade. E arrastada por ele, com o corpo inclinado, ela gritou fracamente, 'Canalha! Não cabe a ti me levar perante a assembleia. Minha época chegou, e eu estou agora vestida em uma única peça de roupa.' Mas Dussasana, arrastando Draupadi à força por seus cabelos negros enquanto ela estava rezando lastimavelmente a Krishna e Vishnu que eram Narayana e Nara (sobre a terra), disse a ela, 'Se a tua época veio ou não, esteja vestida em uma peça de roupa ou totalmente nua, como foste ganha nos dados e feita nossa escrava, tu viverás entre nossas servas como quiseres.'"

Vaisampayana continuou, "Com o cabelo despenteado e metade do seu traje solto, todo o tempo arrastada por Dussasana, a modesta Krishnâ consumida pela raiva disse fracamente, 'Nesta assembleia estão pessoas conhecedoras de todos os ramos de conhecimento, dedicadas à realização de sacrifícios e outros ritos, e que são todas iguais a Indra, pessoas algumas das quais são realmente minhas superiores e outras que merecem ser respeitadas como tais. Eu não posso ficar diante deles neste estado. Ó desgraçado! Ó tu de atos cruéis, não me arrastes assim. Não me descubras assim. Os príncipes (meus maridos) não te perdoarão, mesmo que tu tenhas os próprios deuses com Indra como teus aliados. O ilustre filho de Dharma está agora limitado pelas obrigações da moralidade. A moralidade, no entanto, é sutil. Só aqueles que possuem uma grande clareza de visão podem determiná-la. Em palavras até eu estou relutante em admitir um átomo de falha em meu senhor esquecendo suas virtudes. Tu arrastaste a mim que estou em minha época menstrual perante esses heróis Kuru. Esta é realmente uma ação indigna. Mas ninguém aqui te repreende. Seguramente, todos esses têm as mesmas inclinações que tu. Ó, que vergonha! Realmente a virtude dos Bharatas está perdida! Realmente também o costume daqueles familiarizados com as práticas kshatriyas desapareceu! Qualquer um desses Kurus nesta reunião nunca teria olhado silenciosamente esta ação que viola os limites de suas práticas. Oh! Drona e Bhishma perderam sua energia, e assim também Kshatta de grande alma, e assim também este rei. Também, por que os principais dos Kurus mais velhos observam silenciosamente este grande crime?'"

Vaisampayana continuou, "Assim Krishnâ de cintura esbelta gritou em angústia naquela assembleia. E olhando para os seus maridos enfurecidos, os Pandavas, que estavam cheios de fúria terrível, ela os inflamou ainda mais com aquele seu olhar. E eles não ficaram tão aflitos por seu reino lhes ter sido roubado, sua riqueza, suas joias caras, quanto com aquele olhar de Krishnâ movida por modéstia e raiva. E Dussasana, vendo Krishnâ olhando para seus maridos impotentes, arrastou-a com mais força ainda, e dirigiu-se a ela, 'Escrava, Escrava' e riu alto. E a essas palavras Karna ficou muito contente e as aprovou dando risada. E Sakuni, o filho de Suvala, o rei Gandhara, da mesma maneira aplaudiu Dussasana. E entre todos os que estavam na assembleia exceto esses três e Duryodhana, todos estavam cheios de tristeza ao verem Krishnâ assim arrastada à vista daquela assembleia. E vendo isso tudo Bhishma disse, 'Ó abençoada, a moralidade é sutil. Eu, portanto, não posso decidir devidamente essa questão que formulaste, vendo que por um lado alguém que não tem riqueza não pode apostar a riqueza pertencente a outros, enquanto que por outro lado as esposas estão sempre sob as ordens e à disposição de seus maridos. Yudhishthira pode abandonar todo o mundo cheio de riqueza, mas ele nunca sacrificará a moralidade. O filho de Pandu disse, 'Eu fui ganho.' Portanto, eu sou incapaz de decidir a questão. Sakuni não tem igual entre os homens no jogo de dados. O filho de Kunti ainda assim apostou voluntariamente com ele. O próprio ilustre Yudhishthira não considera que Sakuni jogou com ele fraudulentamente. Portanto, eu não posso decidir essa questão.’

Draupadi disse, "O rei foi convocado para esta assembleia, e embora não possuindo habilidade nos dados ele foi feito jogar com jogadores habilidosos, perversos, fraudulentos e perigosos. Como pode ser dito então que ele apostou voluntariamente? O principal dos Pandavas foi privado de sua razão por patifes de conduta fraudulenta e instintos pecaminosos, agindo juntos, e então foi vencido. Ele não pode compreender os seus truques, mas ele agora acabou dessa maneira. Aqui, nesta assembleia, há Kurus que são os senhores de seus filhos e suas noras! Que todos eles, refletindo bem sobre as minhas palavras, decidam devidamente a questão que eu propus.’”

Vaisampayana continuou, “Para Krishnâ que estava assim chorando e rogando lastimavelmente, olhando às vezes para seus maridos impotentes, Dussasana falou muitas palavras duras e desagradáveis. E vendo a ela que estava então em seu período menstrual assim arrastada, e com suas peças de roupas superiores soltas, vendo-a naquela condição que ela não merecia, Vrikodara aflito além da tolerância, com os olhos fixos em Yudhishthira, cedeu à ira."

## 67

"Bhima disse, 'Ó Yudhishthira, jogadores têm em suas casas muitas mulheres de caráter incorreto. Eles ainda assim não apostam aquelas mulheres, tendo até bondade para com elas. Qualquer riqueza e outros artigos excelentes que o rei de Kasi deu, quaisquer pedras preciosas, animais, riqueza, cotas de malha e armas que os outros reis da terra deram, nosso reino, tu mesmo e nós, fomos todos ganhos pelos inimigos. Por tudo isso a minha cólera não foi excitada pois tu és nosso soberano. Este, no entanto, eu considero como um ato muito impróprio, esta ação de apostar Draupadi. Esta moça inocente não merece esse tratamento. Tendo obtido os Pandavas como maridos, é só por tua causa que ela está sendo assim perseguida pelos Kauravas vis, desprezíveis, cruéis, e de mente mesquinha. É por causa dela, ó rei, que a minha raiva recai sobre ti. Eu queimarei essas tuas mãos. Sahadeva, traze algum fogo.’

Arjuna ouvindo isso disse, 'Tu nunca, ó Bhimasena, antes proferiste palavras como essas. Seguramente a tua elevada moralidade foi destruída por esses inimigos cruéis. Tu não deves realizar os desejos do inimigo. Pratica a moralidade mais alta. Quem se comportaria pecando contra o seu virtuoso irmão mais velho? O rei foi convocado pelo inimigo, e se lembrando do costume dos kshatriyas ele jogou os dados contra a sua vontade. Isso é certamente condutivo à nossa grande fama.’

Bhima disse, 'Se eu não soubesse, ó Dhananjaya, que o rei agiu segundo o costume kshatriya, então eu teria, pegando as mãos juntas por força pura, as queimado em um fogo ardente.’”

Vaisampayana continuou, "Vendo os Pandavas assim atormentados e a princesa de Panchala também aflita daquela maneira, Vikarna, o filho de Dhritarashtra, disse, 'Ó reis, respondam a questão que foi feita por Yajnaseni. Se nós não julgarmos uma questão referente a nós, todos nós seguramente teremos que ir para o inferno sem demora. Como é que Bhishma e Dhritarashtra, ambos que são os mais velhos dos Kurus, como também Vidura de grande alma não dizem nada? O filho de Bharadwaja que é nosso preceptor, como também Kripa, estão aqui. Por que esses melhores dos regenerados não respondem à pergunta? Que também aqueles outros reis reunidos aqui de todas as regiões respondam de acordo com seu julgamento à pergunta, deixando de lado todos os motivos de lucro e raiva. Ó reis, respondam à pergunta que foi feita pela abençoada filha do rei Drupada, e declarem depois de reflexão de qual lado vocês estão.' Assim Vikarna repetidamente apelou àqueles que estavam naquela assembleia. Mas aqueles reis não lhe responderam nenhuma palavra, boa ou má. E Vikarna tendo repetidamente apelado para todos os reis começou a esfregar as mãos e a suspirar como uma cobra. E finalmente o príncipe disse, 'Ó reis da terra, ó Kauravas, respondam a essa pergunta ou não, eu direi o que eu considero como justo e apropriado. Ó principais dos homens, é dito que caçar, beber, jogar, e ter muito prazer com mulheres são os quatro vícios dos reis. O homem que é viciado nisso vive abandonando a virtude. E o povo não respeita as ações feitas por uma

pessoa que está assim impropriamente empenhada, como de nenhuma autoridade. Este filho de Pandu, enquanto profundamente empenhado em uma dessas ações viciosas, incitado a isso por jogadores desonestos, fez de Draupadi uma aposta. A inocente Draupadi é, além disso, a esposa comum de todos os filhos de Pandu. E o rei, tendo perdido primeiro a si mesmo ofereceu-a como uma aposta. E o próprio Suvala, desejoso de uma aposta, de fato persuadiu o rei a apostar Krishnâ. Refletindo sobre todas essas circunstâncias eu não considero Draupadi como ganha.'

Ouvindo essas palavras, um alto tumulto ergueu-se daqueles presentes naquela reunião. E eles todos aplaudiram Vikarna e criticaram o filho de Suvala. E àquele som, o filho de Radha, privado de razão pela raiva, agitando seus braços bem proporcionados, disse estas palavras, 'Ó Vikarna, muitas condições opostas e inconsistentes são evidentes nesta assembleia. Como fogo produzido de um feixe de madeira consumindo o próprio feixe, essa tua ira te consumirá. Estas personalidades aqui, embora suplicadas por Krishnâ, não proferiram nenhuma palavra. Eles todos consideram que a filha de Drupada foi devidamente ganha. Só tu, ó filho de Dhritarashtra, por causa da tua imaturidade, estás repleto de ira, pois embora sejas apenas um menino falas nesta assembleia como se fosses velho. Ó irmão mais novo de Duryodhana, tu não sabes o que a moralidade realmente é, pois dizes como um tolo que esta Krishnâ, que foi (justamente) ganha, não foi ganha em absoluto. Ó filho de Dhritarashtra, como tu consideras Krishnâ como não ganha, quando o mais velho dos Pandavas perante esta assembleia apostou todas as suas posses? Ó touro da raça Bharata, Draupadi está inclusa em todas as posses (de Yudhishthira). Portanto, por que tu consideras Krishnâ, que foi justamente ganha, como não ganha? Draupadi foi mencionada (por Suvala) e aprovada como uma aposta pelos Pandavas. Por que razão então tu ainda a consideras como não ganha? Ou, se tu pensas que trazê-la para cá vestida em um único pedaço de tecido é um ato impróprio, escuta a certas razões excelentes que eu darei. Ó filho da linhagem de Kuru, os deuses ordenaram um único marido para uma mulher. Esta Draupadi, no entanto, tem muitos maridos. Portanto, é certo que ela é uma mulher incasta. Trazê-la, portanto, para esta assembleia embora ela esteja vestida em uma peça de roupa, e até despi-la não é em absoluto um ato que possa causar surpresa. Quaisquer riquezas que os Pandavas tivessem, ela mesma e os próprios Pandavas, foram todos justamente ganhos pelo filho de Suvala. Ó Dussasana, este Vikarna falando palavras de (aparente) sabedoria é apenas um menino. Tira as vestimentas dos Pandavas como também o traje de Draupadi.' Ouvindo essas palavras, os Pandavas, ó Bharata, tiraram suas peças de roupas superiores e jogando-as ao chão se sentaram naquela assembleia. Então Dussasana, ó rei, agarrou à força o traje de Draupadi perante os olhos de todos, e começou a arrancá-lo do corpo dela."

Vaisampayana continuou, "Quando o traje de Draupadi estava sendo assim arrancado, ela pensou em Hari (e gritou alto, dizendo), 'Ó Govinda, ó tu que moras em Dwaraka, ó Krishna, ó tu que és afeiçoado às vaqueiras (de Vrindavana). Ó Kesava, tu não vês que os Kauravas estão me humilhando? Ó Senhor, ó marido de Lakshmi, ó Senhor de Vraja (Vrindavana), ó destruidor de todas as aflições, ó

Janarddana, salva a mim que estou afundando no oceano Kaurava. Ó Krishna, ó Krishna, ó tu grande yogin, tu alma do universo, tu criador de todas as coisas, ó Govinda, salva a mim que estou angustiada, que estou perdendo os meus sentidos em meio aos Kurus.' Assim a aflita senhora resplandecente ainda em sua beleza, ó rei, cobrindo o rosto gritou alto, pensando em Krishna, em Hari, no senhor dos três mundos. Ouvindo as palavras de Draupadi Krishna ficou profundamente comovido. E deixando seu assento, o benevolente, por compaixão, chegou lá a pé. E enquanto Yajnaseni estava gritando alto para Krishna, também chamado Vishnu e Hari e Nara, em busca de proteção, o ilustre Dharma, permanecendo despercebido, cobriu-a com roupas excelentes de muitas cores. E, ó monarca, enquanto o traje de Draupadi estava sendo arrancado, depois que um era tirado outro do mesmo tipo aparecia cobrindo-a. E assim continuou até que muitos trajes foram vistos. E, ó exaltado, devido à proteção de Dharma centenas e centenas de vestes de muitas cores foram tiradas do corpo de Draupadi. E então lá ergueu-se um tumulto profundo de muitas vozes. E os reis presentes naquela reunião, vendo aquela mais extraordinária de todas as visões no mundo, começaram a elogiar Draupadi e a criticar o filho de Dhritarashtra. E Bhima então, apertando as mãos, com os lábios tremendo de raiva, no meio de todos aqueles reis prestou um juramento terrível em voz alta.

E Bhima disse, ‘Ouçam estas minhas palavras, ó kshatriyas do mundo. Palavras como estas nunca antes foram proferidas por outros homens, nem alguém no futuro as proferirá. Ó senhores da terra, se tendo falado estas palavras eu não as cumprir, que após a morte eu não obtenha a região dos meus antepassados falecidos. Rasgando em batalha, por pura força, o peito deste desgraçado, deste canalha de mente pecaminosa da raça Bharata, se eu não beber o seu sangue vital, que eu não chegue à região dos meus antepassados.’”

Vaisampayana continuou, "Ouvindo essas palavras terríveis de Bhima que fizeram os pelos dos ouvintes se arrepiarem, todos lá presentes o aplaudiram e criticaram o filho de Dhritarashtra. E quando uma massa de tecidos tinha sido reunida naquela assembleia, todas arrancadas do corpo de Draupadi, Dussasana, cansado e envergonhado, sentou-se. E vendo os filhos de Kunti naquele estado, as pessoas, aqueles deuses entre homens, que estavam naquela assembleia todos proferiram a palavra 'Vergonha!' (para o filho de Dhritarashtra). E as vozes unidas de todos se tornaram tão altas que fizeram os pelos de todos os que as ouviram se arrepiarem. E todos os homens honestos que estavam naquela reunião começaram a dizer, ‘Vejam só! Os Kauravas não responderam à pergunta que foi feita a eles por Draupadi.’ E todos juntos criticando Dhritarashtra fizeram um alto clamor. Então Vidura, aquele mestre da ciência de moralidade, acenando as mãos e silenciando cada um falou estas palavras; 'Vocês que estão nesta assembleia, Draupadi fez uma pergunta e está chorando desamparada. Vocês não estão respondendo a ela. A virtude e a moralidade estão sendo oprimidas por essa conduta. Uma pessoa aflita se aproxima de uma assembleia de bons homens como alguém que está sendo consumido pelo fogo. Aqueles que estão na assembleia apagam aquele fogo e a resfriam por meio da verdade e da moralidade. A pessoa aflita pergunta à assembleia sobre os seus direitos, como

sancionados pela moralidade. Aqueles que estão na assembleia devem, sem serem movidos por interesses nem por raiva, responder à pergunta. Ó reis, Vikarna respondeu à pergunta segundo o seu próprio conhecimento e julgamento. Vocês devem também respondê-la como acharem apropriado. Conhecendo as regras de moralidade e estando presente em uma assembleia, aquele que não responde a uma pergunta que é proposta fica sujeito à metade do demérito ligado a uma mentira. Aquele, por outro lado, que, conhecendo as regras de moralidade e tendo se juntado a uma assembleia responde falsamente, seguramente incorre no pecado de uma mentira. Os eruditos citam como um exemplo ligado a isso a antiga história de Prahlada e do filho de Angirasa.

Havia antigamente um chefe dos daityas de nome Prahlada. Ele tinha um filho chamado Virochana. E Virochana, pela obtenção de uma noiva, disputou com Sudhanwan, o filho de Angiras. É sabido por nós que eles apostaram mutuamente suas vidas, dizendo, ‘Eu sou superior’, ‘Eu sou superior’, pela obtenção de uma noiva. E depois que eles tinham assim disputado um com o outro ambos fizeram de Prahlada o árbitro para decidir entre eles. E eles o questionaram, dizendo; ‘Qual entre nós é superior (ao outro)? Responda à questão. Não fales falsamente.’ Assustado por causa daquela discussão, Prahlada olhou para Sudhanwan. E Sudhanwan, com raiva, queimando como a maça de Yama, disse a ele, ‘Se tu responderes falsamente, ou se não deres nenhuma resposta a tua cabeça então será partida em cem pedaços pelo manejador do raio com aquele seu raio.’ Assim abordado por Sudhanwan, o daitya, tremendo como uma folha de figueira, foi até Kasyapa de grande energia, para se aconselhar com ele. E Prahlada disse, 'Tu és, ó ilustre e exaltado, totalmente conhecedor das regras de moralidade que devem guiar os deuses e os asuras e os brâmanes também. Aqui, no entanto, há uma situação de grande dificuldade em relação ao dever. Dize-me, eu te peço, quais regiões são obteníveis para aqueles que ao serem perguntados não dão resposta, ou que respondem falsamente.’ Kasyapa assim questionado lhe respondeu, 'Aquele que sabe, mas não responde a uma pergunta por tentação, raiva ou medo, joga sobre si mesmo mil laços de Varuna. E a pessoa que, citada como uma testemunha a respeito de uma questão qualquer por conhecimento ocular ou auricular, fala descuidadamente, lança mil laços de Varuna sobre o próprio corpo. No término de um ano, um de tais laços é solto. Portanto, aquele que sabe deve falar a verdade sem encobrimento. Se a virtude, perfurada pelo pecado, vai até uma assembleia (em busca por ajuda), é o dever de toda a assembleia tirar o dardo, de outra maneira eles mesmos serão perfurados por ele. Em uma assembleia onde uma ação realmente censurável não é repreendida, metade do demérito daquela ação se liga ao líder dessa assembleia, uma quarta parte à pessoa que agiu de modo censurável e uma quarta aos outros que lá estão. Na assembleia, por outro lado, na qual aquele que merece censura é repreendido, o líder da assembleia se torna livre de todos os pecados, e os outros membros também não incorrem em nenhum pecado. É somente o próprio perpetrador da ação que se torna responsável por ela. Ó Prahlada, aqueles que respondem falsamente àqueles que lhes perguntam sobre moralidade destroem as ações meritórias das suas sete gerações inferiores e superiores. As dores de alguém que perdeu toda a sua riqueza, de alguém que perdeu um filho, de alguém que está

endividado, de alguém que está separado de seus companheiros, de uma mulher que perdeu o marido, de alguém que perdeu tudo por causa da exigência do rei, de uma mulher que é estéril, de alguém que foi devorado por um tigre (durante suas últimas lutas nas garras do tigre), de alguém que é uma coesposa, e de alguém que foi privado de sua propriedade por testemunhos falsos, são citadas pelos deuses como uniformes em grau. Esses diferentes tipos de dor são daquele que fala falsamente. Uma pessoa se torna uma testemunha por ter visto, ouvido, e entendido uma coisa. Portanto, uma testemunha deve sempre dizer a verdade. Uma testemunha faladora da verdade nunca perde seus méritos religiosos nem suas posses terrenas.' Ouvindo essas palavras de Kasyapa, Prahlada disse ao seu filho, ‘Sudhanwan é superior a ti, como de fato, (o pai dele) Angiras é superior a mim. A mãe de Sudhanwan também é superior à tua mãe. Portanto, ó Virochana, este Sudhanwan é agora o senhor da tua vida.’ A essas palavras de Prahlada, Sudhanwan disse, ‘Já que inalterado pela afeição por teu filho tu aderiste à virtude, eu ordeno que este teu filho viva por cem anos.’

Vidura continuou, ‘Que todas as pessoas, portanto, presentes nesta assembleia e ouvindo estas elevadas verdades de moralidade, reflitam sobre qual deve ser a resposta à pergunta feita por Draupadi.’”

Vaisampayana continuou, "Os reis que lá estavam, ouvindo essas palavras de Vidura, não responderam nenhuma palavra, somente Karna falou a Dussasana, dizendo, ‘Leva esta serva Krishnâ aos aposentos internos.’ E então Dussasana começou a arrastar diante de todos os espectadores a desamparada e modesta Draupadi, tremendo e apelando lastimavelmente aos Pandavas seus maridos.

## 68

Draupadi disse, 'Espera um pouco, pior dos homens, Dussasana de mente má. Eu tenho uma ação para realizar, um dever elevado que não foi realizado por mim ainda. Arrastada à força pelos braços fortes desse canalha, eu estava privada da minha razão. Eu saúdo estes veneráveis senhores nesta assembleia dos Kurus. Que eu não pudesse fazer isso antes não pode ser minha culpa.'"

Vaisampayana disse, "Arrastada com mais força do que antes, a aflita e desamparada Draupadi, não merecedora de tal tratamento, caindo ao chão, assim lamentou naquela assembleia dos Kurus.

'Ai, somente uma vez antes, na ocasião do Swayamvara eu fui vista pelos reis reunidos no anfiteatro, e nenhuma vez sequer depois daquilo. Eu fui trazida hoje perante esta assembleia. Aquela que mesmo os ventos e o sol nunca antes tinham visto em seu palácio está hoje diante desta assembleia exposta ao olhar da multidão. Ai, aquela a quem os filhos de Pandu, enquanto em seu palácio, não permitiam ser tocada nem pelo vento, é hoje permitida pelos Pandavas ser agarrada e arrastada por este canalha. Ai, estes Kauravas também permitem que

sua nora, tão indigna desse tratamento, seja assim atormentada diante deles. Parece que os tempos estão deslocados. O que pode ser mais aflitivo para mim, que embora casta e de nascimento elevado eu deva ainda ser obrigada a entrar nesta área pública? Onde está aquela virtude pela qual estes reis eram notáveis? É sabido que os reis dos tempos antigos nunca levavam suas esposas à corte pública. Ai, aquele costume eterno desapareceu dentre os Kauravas. Também, como é que a casta esposa dos Pandavas, a irmã do filho de Prishata, o amigo de Vasudeva, é trazida diante desta assembleia? Ó Kauravas, eu sou a esposa do rei Yudhishthira o justo, vinda da mesma dinastia à qual o rei pertenceu. Digam-me agora se eu sou uma serva ou não. Eu alegremente aceitarei sua resposta. Este desgraçado, este destruidor do nome dos Kurus, está me afligindo duramente. Kauravas, eu não posso mais aguentar isso. Ó reis, eu desejo que vocês respondam se me consideram como ganha ou não ganha. Eu aceitarei seu veredito, qualquer que ele seja.'

Ouvindo essas palavras Bhishma respondeu, 'Eu já disse, ó abençoada, que o curso da moralidade é sutil. Mesmo os ilustres sábios neste mundo fracassam em compreendê-lo sempre. O que neste mundo um homem forte chama de moralidade é considerada assim por outros, embora possa ser realmente o contrário, mas o que um homem fraco chama de moralidade raramente é considerado como tal mesmo que seja a mais elevada moralidade. Pela importância da questão envolvida, da sua complexidade e sutileza, eu sou incapaz de responder com segurança à pergunta que fizeste. No entanto, é certo que todos os Kurus se tornaram escravos da avareza e da loucura, a destruição dessa nossa linhagem não se dará em uma data distante. Ó abençoada, a família na qual tu foste admitida como nora é de tal maneira que aqueles que nascem nela, embora muitos deles possam ser afligidos por calamidades, nunca se desviam dos caminhos da virtude e moralidade. Ó princesa de Panchala, a tua conduta também, isto é, que embora mergulhada em aflição tu ainda mantenhas teus olhos sobre a virtude e a moralidade, é seguramente digna de ti. Estas pessoas, Drona e outros, de anos maduros e conhecedores da moralidade, estão sentados com as cabeças baixas como homens que estão mortos, com corpos dos quais a vida partiu. Parece-me, no entanto, que Yudhishthira é uma autoridade nesta questão. Cabe a ele declarar se tu foste ganha ou não.'

## 69

Vaisampayana disse, "Os reis presentes naquela assembleia, por medo de Duryodhana, não proferiram nenhuma palavra, boa ou má, embora eles vissem Draupadi chorando em aflição como uma águia marinha, e repetidamente apelando a eles. E o filho de Dhritarashtra vendo aqueles reis e filhos e netos de reis permanecendo todos calados sorriu um pouco, e se dirigiu à filha do rei de Panchala dizendo, 'Ó Yajnaseni, a pergunta que tu fizeste depende dos teus maridos, de Bhima de força poderosa, de Arjuna, de Nakula e Sahadeva. Que eles respondam à tua questão. Ó Panchali, que eles por tua causa declarem no meio

destes homens respeitáveis que Yudhishthira não é senhor deles, que eles assim façam do rei Yudhishthira o justo um mentiroso. Tu então serás liberta da condição de escravidão. Que o filho ilustre de Dharma, sempre aderindo à virtude, que é assim como Indra, ele mesmo declare se ele é ou não teu senhor. Pelas palavras dele, aceita os Pandavas ou a nós sem demora. De fato, todos os Kauravas presentes nesta assembleia estão flutuando no oceano da tua aflição. Dotados de magnanimidade, eles não podem responder à tua pergunta, olhando para teus maridos infelizes.'"

Vaisampayana continuou, "Ao ouvirem essas palavras do rei Kuru, todos os que estavam presentes na assembleia as aplaudiram ruidosamente. E gritando com aprovação, eles fizeram sinais uns aos outros por movimentos de seus olhos e lábios. E entre alguns que estavam lá, sons de angústia como 'Oh! e 'Ai!" foram ouvidos. E por essas palavras de Duryodhana, tão encantadoras (para seus partidários), os Kauravas presentes naquela assembleia ficaram extremamente contentes. E os reis, com rostos virados para um lado, olharam para Yudhishthira conhecedor das regras de moralidade, curiosos para ouvir o que ele diria. E cada um presente naquela reunião ficou curioso para ouvir o que Arjuna, o filho de Pandu, nunca derrotado em batalha, e o que Bhimasena, e o que os gêmeos também diriam. E quando aquele zumbido ativo de muitas vozes silenciou, Bhimasena, agitando seus braços fortes e bem formados cobertos com pasta de sândalo disse estas palavras, 'Se este rei de grande alma, Yudhishthira o justo, que é nosso irmão mais velho, não fosse nosso soberano, nós nunca perdoaríamos a tribo Kuru (por tudo isso). Ele é o senhor de todos os nossos méritos religiosos e ascéticos, o senhor até das nossas vidas. Se ele se considera ganho nós também fomos todos ganhos. Se não fosse assim, qual dentre as criaturas que tocam a terra com seus pés e mortal escaparia de mim com sua vida depois de ter tocado os cabelos da princesa de Panchala? Olhem estes meus braços poderosos bem formados, assim como maças de ferro. Tendo uma vez ficado dentro deles mesmo aquele de cem sacrifícios é incapaz de efetuar uma fuga. Amarrado pelas cordas da virtude e da reverência que é devida ao nosso irmão mais velho, e repetidamente suplicado por Arjuna para permanecer silencioso, eu não estou fazendo nada de terrível. Se, no entanto, eu fosse uma vez mandado pelo rei Yudhishthira o justo, eu mataria esses patifes filhos de Dhritarashtra, fazendo tapas fazerem o trabalho de espadas, como um leão mata vários animais pequenos.'"

Vaisampayana continuou, "Para Bhima que tinha falado essas palavras Bhishma e Drona e Vidura disseram, 'Contém-te, ó Bhima. Tudo é possível para ti.'"

## 70

"Karna disse, 'De todas as pessoas na assembleia, três, Bhishma, Vidura, e o preceptor dos Kurus (Drona) parecem ser independentes, pois eles sempre falam de seu mestre como mau, sempre o criticam, e nunca desejam sua prosperidade. Ó excelente, o escravo, o filho e a mulher são sempre dependentes. Eles não podem ganhar riqueza, pois o que quer que eles ganhem pertence ao seu mestre. Tu és a mulher de um escravo incapaz de possuir qualquer coisa por sua conta própria. Vai agora aos aposentos internos do rei Dhritarashtra e serve aos parentes do rei. Nós diremos agora qual é o teu trabalho apropriado. E, ó princesa, todos os filhos de Dhritarashtra e não os filhos de Pritha são agora os teus mestres. Ó bela, escolhe outro marido agora, um que não fará de ti uma escrava pelo jogo. É bem sabido que mulheres, especialmente as que são escravas, não são criticáveis se elas procedem com liberdade em eleger maridos. Portanto que isso seja feito por ti. Nakula foi ganho, como também Bhimasena, e Yudhishthira também, e Sahadeva, e Arjuna. E, ó Yajnaseni, tu és agora uma escrava. Teus maridos que são escravos não podem mais continuar a ser teus senhores. Ai, o filho de Pritha não considera a vida, coragem e virilidade como de nenhum uso que ele ofereceu esta filha de Drupada, o rei de Panchala, na presença de toda esta assembleia, como uma aposta nos dados?"'

Vaisampayana continuou, "Ouvindo essas palavras, o colérico Bhima respirou com dificuldade, um verdadeiro quadro de dor. Obediente ao rei e atado pela corda da virtude e do dever, queimando tudo com seus olhos inflamados pela raiva, ele disse, 'Ó rei, eu não posso ficar zangado pelas palavras deste filho de um suta, pois nós realmente entramos no estado de servidão. Mas, ó rei, poderiam os nossos inimigos ter falado assim para mim se tu não tivesses jogado apostando esta princesa?'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo essas palavras de Bhimasena o rei Duryodhana dirigiu-se a Yudhishthira que estava silencioso e privado de sua razão, dizendo, 'Ó rei, ambos Bhima e Arjuna, e os gêmeos também, estão sob o teu domínio. Responde à pergunta (que foi feita por Draupadi). Dize, se tu consideras Krishnâ como não ganha.' E tendo falado assim ao filho de Kunti, Duryodhana, desejoso de encorajar o filho de Radha e insultando Bhima, rapidamente despiu sua coxa esquerda que era como o tronco de uma bananeira ou a tromba de um elefante e que era agraciada com todos os sinais auspiciosos e dotada da força do trovão, e mostrou-a para Draupadi. E vendo isso Bhimasena arregalou seus olhos vermelhos, e disse para Duryodhana no meio de todos aqueles reis como se os perfurando (com suas palavras como flechas), 'Que Vrikodara não alcance às regiões obtidas por seus antepassados se ele não quebrar essa tua coxa no grande conflito.' E faíscas de fogo começaram a ser emitidas de todos os órgãos dos sentidos de Bhima cheio de fúria, como aquelas que saem de todas as rachaduras e orifícios no corpo de uma árvore queimando.

Vidura então, dirigindo-se a todos, disse, 'Ó reis da linhagem de Pratipa, vejam o grande perigo que surge de Bhimasena. Saibam com certeza que essa grande

calamidade que ameaça alcançar os Bharatas foi enviada pelo próprio Destino. Os filhos de Dhritarashtra, de fato, apostaram desrespeitando toda consideração apropriada. Eles estão agora mesmo disputando nesta assembleia a respeito de uma dama (da família real). A prosperidade do nosso reino está no fim. Ai, os Kauravas estão agora mesmo envolvidos em conversas pecaminosas. Ó Kauravas, levem a sério este elevado preceito que eu declaro. Se a virtude é perseguida, toda a assembleia se torna poluída. Se Yudhishthira a tivesse apostado antes de ele mesmo ser ganho ele certamente seria considerado como dono dela. Se, no entanto, uma pessoa aposta qualquer coisa em uma hora quando ela mesma é incapaz de ter qualquer riqueza, ganhá-la é assim como obter fortuna em um sonho. Escutando as palavras do rei de Gandhara, reneguem ou não essa verdade indubitável.'

Duryodhana, ouvindo Vidura falar dessa maneira disse, 'Eu estou desejando aceitar as palavras de Bhima, de Arjuna e dos gêmeos. Que eles digam que Yudhishthira não é o seu mestre. Yajnaseni então será libertada do seu estado de escravidão.'

Arjuna, nisso, disse, 'Este filho ilustre de Kunti, o rei Yudhishthira o justo, era certamente nosso mestre antes de ele começar a jogar. Mas tendo perdido a si mesmo, que todos os Kauravas julguem de quem ele poderia ser mestre depois disso.'"

Vaisampayana continuou, "Naquele momento um chacal começou a gritar ruidosamente no aposento do homa do palácio do rei Dhritarashtra. E, ó rei, para o chacal que uivava daquela maneira os asnos começaram a zurrar em resposta. E aves terríveis também, de todos os lados, começaram a responder com seus gritos. E Vidura conhecedor de tudo e a filha de Suvala compreenderam o significado daqueles sons terríveis. E Bhishma e Drona e o erudito Gautama gritaram ruidosamente, 'Swashti! Swashti!' (palavra de bênção similar ao Amém). Então Gandhari e o erudito Vidura, vendo aquele presságio terrível, relataram tudo, em grande aflição, ao rei. E o rei (Dhritarashtra) então disse.

'Duryodhana de mente má, patife, a destruição está preparada para te alcançar quando tu insultas em tal linguagem a esposa desses touros entre os Kurus, especialmente sua esposa Draupadi.' E tendo falado essas palavras, o sábio Dhritarashtra dotado de conhecimento, refletindo com a ajuda de sua sabedoria e desejoso de salvar seus parentes e amigos da destruição, começou a consolar Krishnâ, a princesa de Panchala, e dirigindo-se a ela, disse, 'Pede de mim qualquer bênção, ó princesa de Panchala, que tu desejares. Casta e leal à virtude, tu és a principal de todas as minhas noras.'

Draupadi disse, 'Ó touro da raça Bharata, se tu me concederás um benefício, eu peço que o belo Yudhishthira, obediente a todos os deveres, seja liberto da escravidão. Que crianças desatentas não chamem o meu filho Prativindhya, dotado de grande energia mental, de filho de escravo. Tendo sido um príncipe, tão superior a todos os homens, e criado por reis, não é apropriado que ele seja chamado de filho de escravo.'

Dhritarashtra disse a ela, 'Ó auspiciosa, que seja como tu disseste. Ó excelente, pede outro benefício, pois eu o darei. O meu coração se inclina a dar a ti uma segunda bênção. Tu não mereces só uma bênção.'

Draupadi disse, 'Eu peço, ó rei, que Bhimasena e Dhananjaya e os gêmeos também, com seus carros e arcos, livres da escravidão, recuperem a liberdade.'

Dhritarashtra disse, 'Ó filha abençoada, que seja como tu desejas. Pede um terceiro benefício, pois tu não foste suficientemente honrada com dois benefícios. Virtuosa em teu comportamento, tu és a principal de todas as minhas noras.'

Draupadi disse, 'Ó melhor dos reis, ó ilustre, a cobiça sempre traz perda de virtude. Eu não mereço uma terceira bênção. Portanto eu ouso não pedir nenhuma. Ó rei dos reis, é dito que um vaisya pode pedir um benefício, uma senhora kshatriya, dois benefícios, um homem kshatriya, três, e um brâmane, uma centena. Ó rei, estes meus maridos, livres do miserável estado de escravidão, poderão obter prosperidade por meio das suas próprias ações virtuosas!'

## 71

Karna disse, 'Nós nunca ouvimos sobre um ato (como esse de Draupadi), realizado por alguma das mulheres notáveis neste mundo por sua beleza. Quando os filhos de Pandu e Dhritarashtra estavam excitados com cólera, esta Draupadi se tornou para os filhos de Pandu como sua salvação. De fato, a princesa de Panchala, tornando-se como um barco para os filhos de Pandu que estavam afundando sem uma embarcação em um oceano de infortúnio, levou-os em segurança para a margem.'

Vaisampayana continuou, "Ouvindo essas palavras de Karna no meio dos Kurus, isto é, que os filhos de Pandu foram salvos por sua esposa, o enfurecido Bhimasena em grande aflição disse (a Arjuna), 'Ó Dhananjaya, foi dito por Devala que três luzes residem em toda pessoa, progênie, ações e aprendizagem, pois desses três surgiu a criação. Quando a vida se extingue e o corpo se torna impuro e rejeitado pelos parentes, esses três ficam a serviço de todas as pessoas. Mas a luz que há em nós foi ofuscada por essa ação de insulto à nossa esposa. Como, ó Arjuna, pode um filho nascido dessa nossa mulher insultada vir a ser útil para nós?'

Arjuna replicou, 'Pessoas superiores, ó Bharata, nunca falam palavras ríspidas que possam ser proferidas por homens inferiores. Pessoas que ganharam respeito para si mesmas, mesmo que elas sejam capazes de revidar, não se lembram das ações de hostilidade feitas por seus inimigos, mas, por outro lado, guardam na memória somente os seus bons atos.'

Bhima disse, 'Eu devo, ó rei, matar sem perda de tempo todos esses inimigos reunidos, aqui mesmo, ou eu devo destruí-los, ó Bharata, pelas raízes, fora deste palácio? Ou, que necessidade há de palavras ou de ordem? Eu matarei todos eles

agora mesmo, e governa toda a terra, ó rei, sem nenhum rival.’ E dizendo isso, Bhima com seus irmãos mais novos, como um leão no meio de um rebanho de animais inferiores, repetidamente lançou seus olhares enfurecidos em volta. Mas Arjuna, no entanto, de ações corretas, com olhares suplicantes começou a acalmar seu irmão mais velho. E o herói de braços fortes dotado de grande bravura começou a queimar com o fogo de sua fúria. E, ó rei, aquele fogo começou a sair das orelhas de Vrikodara e outros sentidos com fumaça e faíscas e chamas. E sua face se tornou terrível de olhar por causa de sua testa enrugada como a do próprio Yama na hora da destruição universal. Então Yudhishthira impediu o herói poderoso, abraçando-o e dizendo a ele, 'Não fiques assim. Fica em silêncio e em paz.' E tendo acalmado aquele poderoso com olhos vermelhos de raiva, o rei se aproximou de seu tio Dhritarashtra, com mãos unidas em súplica.’

## 72

Yudhishthira disse, 'Ó rei, tu és nosso mestre. Nos ordena quanto ao que nós devemos fazer. Ó Bharata, nós desejamos permanecer sempre em obediência a ti.’

Dhritarashtra respondeu, 'Ó Ajatasatru, abençoado sejas. Vai em paz e segurança. Mandado por mim, vai, governa o teu reino com tua riqueza. E, ó filho, leva a sério esta ordem de um homem velho, este conselho salutar que eu dou, o qual é como um regime nutritivo. Ó Yudhishthira, ó filho, tu conheces o caminho sutil da moralidade. Possuidor de grande sabedoria, tu és também humilde, e tu serves também aos mais velhos. Onde há inteligência, há clemência. Portanto, ó Bharata, segue os conselhos da paz. O machado cai sobre a madeira, não sobre a pedra. (Tu estás aberto a conselhos, não Duryodhana). São os melhores dentre os homens aqueles que não se lembram dos atos hostis de seus inimigos, que contemplam somente os méritos, não os erros de seus inimigos, e que nunca entram em hostilidades. Aqueles que são bons se lembram somente dos bons atos de seus inimigos e não das ações hostis que seus inimigos possam ter feito a eles. Os bons, além disso, fazem bem aos outros sem esperança de quaisquer benefícios em retorno. Ó Yudhishthira, são somente os piores dos homens que proferem palavras duras em disputa, enquanto aqueles que são indiferentes respondem a elas quando faladas por outros. Mas aqueles que são bons e sábios nunca pensam nelas ou recapitulam tais palavras duras, pouco se importando se elas possam ou não ter sido proferidas por seus inimigos. Aqueles que são bons, tendo observado atentamente a condição dos seus próprios sentimentos, podem compreender os sentimentos dos outros, e, portanto, se lembram somente das boas ações e não dos atos de hostilidade dos seus inimigos. Tu agiste assim como os bons homens de tranquilidade admirável fazem, que não ultrapassam os limites da virtude, riqueza, prazer e salvação. Ó filho, não te lembres das palavras duras de Duryodhana. Olha para a tua mãe Gandhari e para mim mesmo também, se tu desejas lembrar somente o que é bom. Ó Bharata, olha para mim, que sou

um pai para vocês e que sou velho e cego, e ainda vivo. Foi para ver nossos amigos e examinar também a força e a fraqueza dos meus filhos que eu, por motivos de política, permiti que esta partida de dados continuasse. Ó rei, aqueles entre os Kurus que têm a ti como soberano, e o inteligente Vidura conhecedor de todos os ramos de aprendizagem como seu conselheiro, de fato, não têm nenhum motivo para se afligir. Em ti está a virtude, em Arjuna a paciência, em Bhimasena a bravura, e nos gêmeos, estes principais dos homens, está a reverência pura aos superiores. Abençoado sejas, ó Ajatasatru. Volta para Khandavaprastha, e que haja amor fraterno entre ti e teus primos. Que o teu coração também esteja sempre colocado na virtude.'

Vaisampayana continuou, "Aquele principal dos Bharatas, o rei Yudhishthira o justo, então, assim abordado por seu tio, tendo feito todas as cerimônias de cortesia, partiu com seus irmãos para Khandavaprastha. E acompanhado por Draupadi e subindo em seus carros que eram todos da cor das nuvens, com corações alegres eles todos foram para aquela melhor das cidades chamada Indraprastha."

## 73

Janamejaya disse, "Como os filhos de Dhritarashtra se sentiram quando eles souberam que os Pandavas, com a permissão de Dhritarashtra, tinham deixado Hastinapura com toda a sua riqueza e joias?"

Vaisampayana disse, "Ó rei, sabendo que os Pandavas tinham sido mandados de volta para a sua capital pelo sábio Dhritarashtra, Dussasana foi sem perda de tempo até seu irmão. E, ó touro da raça Bharata, tendo chegado diante de Duryodhana com seu conselheiro, o príncipe, aflito, começou a dizer, 'Ó guerreiros poderosos, aquilo que foi ganho por nós depois tanto incômodo o homem velho (nosso pai) jogou fora. Saibam que ele transferiu toda aquela riqueza para os inimigos.' A essas palavras, Duryodhana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala, todos os que eram guiados pela vaidade, unidos e desejosos de agir contra os filhos de Pandu, se aproximando com pressa viram em particular o sábio rei Dhritarashtra, o filho de Vichitravirya, e falaram a ele estas palavras agradáveis e ardilosas.

Duryodhana disse, 'Tu não ouviste, ó rei, o que erudito Vrihaspati, o preceptor dos celestiais, disse aconselhando Sakra a respeito dos mortais e da política? Estas, ó matador de inimigos, foram as palavras de Vrihaspati, 'Aqueles inimigos que sempre fazem mal por estratagema ou força devem ser mortos por todos meios.' Se, portanto, com a riqueza dos Pandavas, nós satisfizermos os reis da terra e então lutarmos com os filhos de Pandu, que reveses poderão nos alcançar? Quando uma pessoa tem colocadas sobre o pescoço e as costas cobras venenosas cheias de fúria para realizar sua destruição, é possível ela se livrar delas? Equipados com armas e sentados em seus carros, os filhos enfurecidos de Pandu como cobras venenosas e encolerizadas seguramente nos aniquilarão, ó pai. Agora mesmo Arjuna segue vestido em cota de malha e

equipado com seu par de aljavas, frequentemente pegando o Gandiva e respirando duramente e lançando olhares coléricos em volta. Também foi ouvido por nós que Vrikodara, rapidamente ordenando que o seu carro fosse aprontado e subindo nele, está prosseguindo girando frequentemente a sua maça pesada. Nakula também está indo adiante com a espada em punho e o escudo semicircular na mão. E Sahadeva e o rei (Yudhishthira) têm feito sinais claramente comprovando as suas intenções. Tendo subido em seus carros que são cheios de todos os tipos de armas, eles estão açoitando seus cavalos (para chegar depressa a Khandava) e reunir suas tropas. Perseguidos daquela maneira por nós eles são incapazes de nos perdoar aquelas ofensas. Qual entre eles perdoará aquele insulto a Draupadi? Abençoado sejas. Nós jogaremos novamente com o filho de Pandu para mandá-los para o exílio. Ó touro entre homens, nós somos competentes para trazê-los dessa forma sob o nosso domínio. Vestidos em peles, ou nós ou eles derrotados nos dados iremos para as florestas por doze anos. O décimo terceiro ano terá que ser passado em um país habitado sem sermos reconhecidos, e, se reconhecidos, um exílio por outros doze anos será a consequência. Ou nós ou eles viveremos assim. Que o jogo comece; lançando os dados, que os filhos de Pandu joguem mais uma vez. Ó touro da raça Bharata, ó rei, este mesmo é o nosso maior dever. Este Sakuni conhece bem toda a ciência de dados. Mesmo que eles consigam cumprir este voto por treze anos, nós enquanto isso estaremos firmemente enraizados no reino, e fazendo alianças reuniremos uma vasta hoste invencível e a manteremos contente, para que nós então, ó rei, derrotemos os filhos de Pandu se eles reaparecerem. Que este plano seja aprovado por ti, ó matador de inimigos.'

Dhritarashtra disse, 'Traze de volta os Pandavas então, de fato, mesmo que eles já estejam longe. Que eles venham imediatamente e lancem os dados novamente.'"

Vaisampayana continuou, "Então Drona, Somadatta e Valhika, Gautama, Vidura, o filho de Drona, e o filho poderoso de Dhritarashtra com sua mulher vaisya, Bhurisravas, e Bhishma, e o guerreiro poderoso Vikarna, todos disseram, 'Não deixes que o jogo recomece. Que haja paz.' Mas Dhritarashtra, parcial para com seus filhos, desconsiderando os conselhos de todos os seus amigos sábios e parentes, convocou os filhos de Pandu."

# 74

## Anudyuta Parva

Vaisampayana disse, "Ó monarca, foi então que a virtuosa Gandhari, angustiada pela dor por causa de sua afeição por seus filhos, dirigiu-se ao rei Dhritarashtra e disse, 'Quando Duryodhana nasceu, Vidura de grande inteligência disse, 'É melhor mandar esta desgraça da raça para o outro mundo.' Ele gritou repetidamente e de modo dissonante como um chacal. É certo que ele virá a ser a destruição da nossa família. Leva isso a sério, ó rei dos Kurus. Ó Bharata, não afundes, por teu próprio erro, em um oceano de calamidade. Ó senhor, não

concedas tua aprovação aos conselhos de pessoas perversas e imaturas. Não sejas a causa da terrível destruição desta linhagem. Quem quebraria uma barragem que foi concluída, ou reacenderia um incêndio que foi extinto? Ó touro da raça Bharata, quem provocaria os filhos pacíficos de Pritha? Tu te lembras, ó Ajamida, tudo, mas ainda assim eu chamarei tua atenção para isso. As escrituras nunca podem controlar aqueles de mente má por bem ou por mal. E, ó rei, uma pessoa de pouca compreensão nunca agirá como uma pessoa madura. Que os teus filhos sigam a ti como seu líder. Que eles não sejam separados de ti para sempre (por perderem suas vidas). Portanto, por minha palavra, ó rei, abandona este infeliz da nossa família. Tu não pudeste, ó rei, por afeto paterno, fazer isso antes. Saibas que chega a hora da destruição da nossa linhagem através dele. Não erres, ó rei. Que a tua mente, guiada por conselhos de paz, virtude e política verdadeira, seja o que ela naturalmente é. A prosperidade que é obtida pela ajuda de atos perversos é logo destruída, enquanto aquela que é ganha por meios brandos enraíza e desce de geração a geração.’

O rei, assim abordado por Gandhari que indicou a ele em tal linguagem o caminho da virtude, respondeu a ela, dizendo, 'Se a destruição da nossa linhagem está vindo, que ela ocorra livremente. Eu não sou capaz de impedi-la. Que seja como eles (meus filhos) desejam. Que os Pandavas retornem. E que os meus filhos outra vez apostem com os filhos de Pandu.’"

## 75

Vaisampayana disse, “O mensageiro real, de acordo com as ordens do inteligente rei Dhritarashtra, encontrando Yudhishthira, o filho de Pritha, que tinha naquele tempo feito um grande percurso, dirigiu-se ao monarca e disse, 'Estas são as palavras que o teu tio, como um pai, ó Bharata, falou a ti, 'A assembleia está pronta. Ó filho de Pandu, ó rei Yudhisthira, vem e lança os dados.'

Yudhishthira disse, ‘As criaturas obtêm frutos bons ou maus segundo a distribuição do Ordenador da criação. Esses frutos são inevitáveis, eu jogue ou não. Essa é uma convocação para o jogo de dados, e é, além disso, a ordem do velho rei. Embora eu saiba que isso virá a ser destrutivo para mim, ainda assim eu não posso recusar.'

Vaisampayana continuou, "Embora um animal (vivo) feito de ouro fosse uma impossibilidade, ainda assim Rama se permitiu ser tentado por um cervo (dourado). De fato, as mentes dos homens sobre os quais as calamidades pendem se tornam loucas e fora de ordem. Yudhishthira, portanto, tendo dito essas palavras retornou, junto com seus irmãos. E sabendo perfeitamente da fraude praticada por Sakuni, o filho de Pritha voltou a se sentar para jogar dados com ele outra vez. Aqueles guerreiros poderosos entraram novamente naquela assembleia, afligindo os corações de todos os seus amigos. E compelidos pelo Destino eles mais uma vez se sentaram tranquilamente para jogar para a destruição deles mesmos."

"Sakuni então disse, 'O velho rei lhes deu de volta toda a sua riqueza. Isso é bom. Mas, ó touro da raça Bharata, escuta, há uma aposta de grande valor. Se formos derrotados por vocês nos dados, vestidos em peles de veado nós entraremos na grande floresta e viveremos lá por doze anos, passando todo o décimo terceiro ano em alguma região habitada, não reconhecidos, e se reconhecidos voltaremos para um exílio de outros doze anos, ou, vencidos por nós, vestidos em peles de veado vocês, com Krishnâ, viverão por doze anos nas florestas passando todo o décimo terceiro ano sem serem reconhecidos, em uma região habitada. Se reconhecidos, um exílio de outros doze anos será a consequência. Ao fim do décimo terceiro ano cada um terá o seu reino entregue pelo outro. Ó Yudhishthira, com essa resolução, joga conosco, ó Bharata, lançando os dados.'

A essas palavras, aqueles que estavam naquela assembleia, erguendo os braços, disseram em grande ansiedade mental e pela força de seus sentimentos estas palavras, 'Ai, que vergonha para os amigos de Duryodhana que não o avisam do seu grande perigo. Se ele, ó touro entre os Bharatas, (Dhritarashtra) compreende ou não, por sua própria inteligêngia, é teu dever dizer a ele claramente."

Vaisampayana continuou, “O rei Yudhishthira, mesmo ouvindo essas várias observações, por vergonha e um senso de virtude se sentou novamente para o jogo. E, embora possuidor de grande inteligência e conhecendo totalmente as consequências, ele outra vez começou a jogar, como se sabendo que a destruição dos Kurus estava próxima.’

E Yudhishthira disse, 'Como pode, ó Sakuni, um rei como eu, sempre cumpridor dos costumes da sua própria classe, recusar, quando convocado para jogar dados? Portanto eu jogo contigo.’

Sakuni respondeu, 'Vocês têm muitas vacas e cavalos, e vacas leiteiras, e um número infinito de cabras e ovelhas, e elefantes e tesouros e ouro e escravos homens e mulheres. Tudo isso foi apostado antes por nós, mas agora que essa seja a nossa única aposta, ou seja, o exílio para as florestas, sendo derrotados ou vocês ou nós moraremos nas florestas (por doze anos) e passaremos o décimo terceiro ano não reconhecidos, em um lugar habitado. Ó touros entre homens, com essa determinação, nós jogaremos.’

Ó Bharata, essa proposta sobre um ficar nas florestas foi proferida somente uma vez. O filho de Pritha, no entanto, a aceitou e Sakuni pegou os dados. E lançando-os ele disse a Yudhishthira, 'Vê! Eu ganhei.’"

## 76

Vaisampayana disse, "Então os derrotados filhos de Pritha se prepararam para seu exílio nas florestas. E eles, um depois do outro, na devida ordem, tirando suas

vestimentas reais, se vestiram em peles de veado. E Dussasana, vendo aqueles castigadores de inimigos vestidos em peles de veado e privados de seu reino e preparados para irem para o exílio, exclamou, 'A soberania absoluta do ilustre rei Duryodhana começou. Os filhos de Pandu foram vencidos, e caíram em grande aflição. Agora nós alcançamos a meta por caminhos largos ou estreitos. Pois hoje nos tornando superiores aos nossos inimigos a respeito de prosperidade como também de duração de governo nós nos tornamos os mais louváveis dos homens. Todos os filhos de Pritha foram lançados por nós no inferno eterno. Eles foram privados de felicidade e reino para sempre. Eles que, orgulhosos de sua riqueza, riram em menosprezo do filho de Dhritarashtra, agora terão que ir para as florestas, derrotados e privados por nós de toda a sua riqueza. Que eles agora tirem suas variadas cotas de malha, suas vestes resplandecentes de feitio celeste, e que eles todos se vistam em peles de veado de acordo com a aposta que aceitaram do filho de Suvala. Eles que sempre costumavam se gabar de que não tinham iguais em todo o mundo, agora conhecerão e considerarão a si mesmos nessa sua calamidade como grãos de gergelim sem o cerne. Embora nesta sua roupa os Pandavas se pareçam com pessoas sábias e poderosas instaladas em um sacrifício, ainda assim eles parecem pessoas não habilitadas para realizar sacrifícios, apresentando esse aspecto. O sábio Yajnasena da tribo Somaka, tendo entregado sua filha, a princesa de Panchala, aos filhos de Pandu, agiu desastrosamente, pois os maridos de Yajnaseni, estes filhos de Pritha, são como eunucos. E, ó Yajnaseni, que alegria será tua ao ver nas florestas estes teus maridos vestidos em peles e trapos puídos, privados de suas riquezas e posses. Elege um marido, quem quer que tu queiras, dentre todos os aqui presentes. Esses Kurus reunidos aqui são todos indulgentes e autocontrolados, e possuidores de grande riqueza. Escolhe um entre eles como teu marido, para que esta grande calamidade não possa te arrastar para a miséria. Os filhos de Pandu agora são como grãos de gergelim sem núcleo, ou como animais de exibição vestidos em peles, ou como grãos de arroz sem miolo. Por que tu então continuarias a servir aos filhos caídos de Pandu? Em vão é o trabalho de prensar grãos de gergelim desprovidos de miolo!'

Assim Dussasana o filho de Dhritarashtra falou na audição dos Pandavas essas palavras duras e muito cruéis. E ao ouvi-las, o impaciente Bhima, em cólera se aproximando de repente daquele príncipe como um leão Himalayan sobre um chacal, repreendeu-o sonoramente nestas palavras, 'Patife de mente perniciosa, tu deliras dessa maneira em palavras que são proferidas somente pelos pecaminosos? Tu te gabas dessa forma no meio dos reis, favorecido como és pela habilidade do rei de Gandhara. Como tu perfuras nossos corações com essas tuas palavras afiadas, assim eu perfurarei teu coração na batalha, te fazendo recordar de tudo isso. E aqueles também que por raiva ou avareza estão andando atrás de ti como teus protetores, eles também eu enviarei para a residência de Yama com seus descendentes e parentes.'"

Vaisampayana continuou, "Para Bhima vestido em peles de veado e que havia proferido essas palavras enraivecido sem fazer nada, pois ele não podia se desviar do caminho da virtude, Dussasana abandonando todo o senso de

vergonha, dançando ao redor dos Kurus, disse estrondosamente, 'Ó vaca! Ó vaca!'

Bhima mais uma vez disse, ‘Patife, tu ousas, ó Dussasana, usar palavras cruéis como essas? Quem se gabaria, tendo ganhado riqueza por meios sujos? Eu digo a ti que se Vrikodara, o filho de Pritha, não beber o teu sangue vital, perfurando e abrindo o teu peito em batalha, que ele não alcance as regiões de bem-aventurança; eu te digo realmente que por matar os filhos de Dhritarashtra em batalha, diante dos olhos de todos os guerreiros, eu logo pacificarei essa minha cólera.'"

Vaisampayana continuou, "E enquanto os Pandavas estavam indo embora da assembleia, o perverso Duryodhana por excesso de alegria imitou com seus próprios passos o andar galhofeiro de Bhima. Então Vrikodara, dando meia volta em direção ao rei, disse, ‘Não sejas tolo de achar que por isso tu ganhaste qualquer superioridade sobre mim, pois eu te matarei logo com todos os teus seguidores, e te responderei, te fazendo te lembrar de tudo isso.’ E vendo aquele insulto a si mesmo, o poderoso e orgulhoso Bhima, suprimindo sua fúria crescente e seguindo os passos de Yudhishthira, também falou estas palavras enquanto saía da corte Kaurava, 'Eu matarei Duryodhana, e Dhananjaya matará Karna, e Sahadeva matará Sakuni, aquele jogador de dados. Eu também repito nessa assembleia estas palavras orgulhosas as quais seguramente os deuses farão verdadeiras: se nós entrarmos em batalha com os Kurus, eu matarei este patife Duryodhana em batalha com minha maça, e prostrando-o ao chão eu colocarei meu pé sobre a cabeça dele. E com relação a este (outro) homem perverso, Dussasana, que é atrevido em palavras, eu beberei seu sangue como um leão.’

E Arjuna disse, ‘Ó Bhima, as resoluções dos homens superiores não são conhecidas somente em palavras. No décimo quarto ano a partir deste dia eles verão o que acontecerá.’

E Bhima outra vez disse, 'A terra beberá o sangue de Duryodhana, e Karna, e do patife Sakuni, e Dussasana que é o quarto.'

E Arjuna disse, 'Ó Bhima, como tu disseste, eu matarei em batalha este Karna tão malicioso, ciumento, vaidoso e de fala ríspida.’ Para fazer o que era agradável para Bhima, Arjuna jurou que ele mataria em batalha com suas flechas Karna com todos os seus seguidores. ‘E eu mandarei para as regiões de Yama também todos aqueles outros reis que por tolice lutarem contra mim. As montanhas de Himavat podem ser removidas de onde estão, o criador do dia pode perder seu brilho, a lua sua frieza, mas esse meu voto sempre será mantido. E tudo isso seguramente acontecerá se no décimo quarto ano a partir de agora Duryodhana não nos devolver nosso reino com o respeito apropriado.'"

Vaisampayana continuou, "Depois que Arjuna tinha falado, Sahadeva, o belo filho de Madri, dotado de grande energia, desejoso de matar Sakuni, agitando seus braços poderosos e suspirando como uma cobra, exclamou, com os olhos vermelhos de raiva, 'Tu desgraça dos reis Gandhara, aqueles que tu pensas que estão derrotados não o estão realmente. Eles são as próprias flechas de pontas

afiadas das quais tu corres o risco em batalha. Eu sem dúvida realizarei tudo o que Bhima disse referente a ti e a todos os teus seguidores. Se, portanto, tu tens qualquer coisa para fazer, faze-a antes que esse dia chegue. Eu seguramente te matarei em batalha com todos os teus seguidores, se tu, ó filho de Suvala, ficares na luz correspondente ao costume kshatriya.'

Então, ó monarca, ouvindo essas palavras de Sahadeva, Nakula, o mais belo dos homens, falou estas palavras, 'Eu certamente mandarei para a residência de Yama todos esses filhos perversos de Dhritarashtra, que desejosos da morte e impelidos pelo Destino, e movidos também pelo desejo de fazer o que é agradável para Duryodhana, usaram palavras duras e discursos insultantes em relação a esta filha de Yajnasena no jogo. Logo, por ordem de Yudhishthira e me lembrando dos males feitos para Draupadi, eu livrarei a terra dos filhos de Dhritarashtra.'

Vaisampayana continuou, "E aqueles tigres entre homens, todos dotados de braços longos, tendo assim se empenhado em promessas virtuosas, se aproximaram do rei Dhritarashtra."

## 77

Yudhishthira disse, 'Eu me despeço de todos os Bharatas, do meu velho avô (Bhishma), do rei Somadatta, do grande rei Vahlika, de Drona, Kripa, de todos os outros reis, Aswatthaman, Vidura, Dhritarashtra, de todos os filhos de Dhritarashtra, Yayutsu, Sanjaya, e de todos os cortesãos, eu me despeço e ao retornar eu os verei novamente.'"

Vaisampayana continuou, "Dominados pela vergonha nenhum dos que lá estavam presentes pode dizer nada a Yudhishthira. Dentro de seus corações, no entanto, eles rezaram pelo bem-estar daquele príncipe inteligente.

Vidura então disse, 'A venerável Pritha é uma princesa por nascimento. Não cabe a ela entrar nas florestas. Delicada e idosa e sempre conhecendo a felicidade esta abençoada viverá, respeitada por mim, em minha residência. Saibam disso, filhos de Pandu. E que vocês estejam sempre em segurança.'

Vaisampayana continuou, 'Os Pandavas então disseram, 'Ó impecável, que seja como tu disseste. Tu és nosso tio, e, portanto, és como nosso pai. Nós também somos todos obedientes a ti. Tu és, ó erudito, o nosso superior mais respeitado. Nós devemos sempre obedecer ao que tu escolheres ordenar. E, ó tu de grande alma, ordenes qualquer coisa a mais que reste a ser feita.'

Vidura respondeu, 'Ó Yudhishthira, ó touro da raça Bharata, saibas que em minha opinião, ninguém que é vencido por meios pecaminosos precisa ficar atormentado por essa derrota. Tu conheces todas as regras de moralidade, Dhananjaya é sempre vitorioso em batalha, Bhimasena é o matador de inimigos, Nakula é coletor de riqueza, Sahadeva tem talentos administrativos, Dhaumya é o principal de todos os conhecedores dos Vedas, e Draupadi bem comportada está

familiarizada com a virtude e a economia. Vocês são ligados uns aos outros e se deleitam ao verem uns aos outros e os inimigos não podem separá-los, e vocês são contentes. Portanto, quem é que não os invejaria? Ó Bharata, essa paciente abstração das posses do mundo será de grande benefício para ti. Nenhum inimigo, mesmo se ele fosse igual ao próprio Sakra, poderia resistir a isso. Antigamente tu foste instruído nas montanhas de Himavat por Meru Savarni, na cidade de Varanavata por Krishna Dwaipayana, no penhasco de Bhrigu por Rama, e nas margens do Dhrishadwati pelo próprio Sambhu. Tu também escutaste a instrução do grande rishi Asita nas colinas de Anjana, e tu te tornaste um discípulo de Bhrigu nas margens do Kalmashi. Narada e este teu sacerdote Dhaumya agora se tornarão teus instrutores. A respeito do próximo mundo, não abandones aquelas lições excelentes que tu obtiveste dos rishis. Ó filho de Pandu, tu superas em inteligência até Pururavas, o filho de Ila, em força, a todos outros monarcas, e em virtude, até os rishis. Portanto, decide seriamente ganhar a vitória, que pertence a Indra, controlar tua fúria, que pertence a Yama, fazer caridade, que pertence a Kuvera, e controlar todas as paixões, que pertencem a Varuna. E, ó Bharata, obtém da lua o poder de alegrar, da água o poder de sustentar tudo, paciência da terra, energia de todo o disco solar, força dos ventos, e riqueza dos outros elementos. Que bem-estar e imunidade às doenças sejam teus, eu espero te ver retornar. E, ó Yudhishthira, age devidamente e apropriadamente em todas as épocas, nas de infortúnio, nas de dificuldade, de fato, em relação a tudo. Ó filho de Kunti, parte com a nossa permissão. Ó Bharata, que bênçãos sejam tuas. Ninguém pode dizer que tu fizeste qualquer coisa pecaminosa antes. Nós esperamos te ver, portanto, voltar em segurança e coroado com sucesso."

Vaisampayana continuou, "Assim abordado por Vidura, Yudhishthira, o filho de Pandu, de bravura incapaz de ser frustrada, dizendo, 'Que assim seja', e curvando-se a Bhishma e Drona, partiu."

## 78

Vaisampayana disse, "Então quando Draupadi estava prestes a partir ela foi até a ilustre Pritha e pediu sua permissão. E ela também pediu a permissão das outras senhoras da família que estavam todas mergulhadas na dor. E saudando e abraçando todas elas como cada uma merecia, ela desejou ir embora. Então se ergueu de dentro dos aposentos dos Pandavas um alto lamento de dor. E Kunti, terrivelmente angustiada ao ver Draupadi na véspera de sua viagem, proferiu estas palavras em uma voz sufocada pela dor:

'Ó filha, não sofras porque essa grande calamidade te alcançou. Tu conheces bem os deveres do sexo feminino, e o teu comportamento e conduta também são como eles devem ser. Não cabe a mim, ó tu de doces sorrisos, te instruir quanto aos teus deveres com relação aos teus maridos. Tu és casta e ilustre, e as tuas qualidades adornaram a família do teu nascimento como também a família na qual tu foste admitida por casamento. Afortunados são os Kauravas por eles não terem

sido queimados pela tua ira. Ó filha, vai com segurança abençoada pelas minhas orações. Boas mulheres nunca permitem que seus corações sofram pelo que é inevitável. Protegida pela virtude que é superior a tudo tu logo obterás boa sorte. Enquanto vivendo nas florestas olha pelo meu filho Sahadeva. Cuida para que o coração dele não afunde sob essa grande calamidade.'

Dizendo 'Assim seja', a princesa Draupadi, banhada em lágrimas, vestida em uma peça de tecido manchado de sangue, e com cabelo despenteado, deixou sua sogra. E logo que ela foi embora chorando e lamentando a própria Pritha em angústia a seguiu. Ela não tinha ido longe quando ela viu seus filhos desprovidos de seus ornamentos e vestes, com seus corpos vestidos em peles, e com suas cabeças baixas de vergonha. E ela os viu cercados por seus inimigos alegres e amigos compadecidos. Dotada de muito afeto materno Kunti se aproximou de seus filhos naquele estado, e abraçando todos eles, e em voz sufocada pela dor ela disse estas palavras:

'Vocês são virtuosos e bem-educados, e adornados com todas as qualidades excelentes e comportamento respeitoso. Vocês todos têm grande alma, e são dedicados ao serviço aos seus superiores. E vocês também são dedicados aos deuses e à realização de sacrifícios. Por que, então, essa calamidade os alcançou? De onde vem esse revés da sorte? Eu não vejo por cuja maldade esse pecado os alcançou. Ai, eu dei à luz vocês. Tudo isso deve ser devido à minha má sorte. É por isso que vocês foram colhidos por essa calamidade, embora todos sejam dotados de virtudes excelentes. Vocês não são desprovidos de energia e coragem e força e firmeza e poder. Como vocês agora, perdendo sua riqueza e posses, viverão pobres nas florestas sem caminhos? Se eu tivesse sabido antes que vocês estavam destinados a viver nas florestas eu não teria, após a morte do Pandit, vindo das montanhas de Satasringa para Hastinapura. Afortunado foi teu pai, como eu agora o considero, pois ele realmente colheu o fruto do seu ascetismo, e ele era dotado de previdência, pois ele nutriu o desejo de ascender ao céu, sem ter que sentir nenhuma dor por causa de seus filhos. Afortunada também foi a virtuosa Madri, como eu a considero hoje, que tinha, parece, uma previsão do que aconteceria e por causa disso alcançou o elevado caminho da emancipação e todas as bênçãos também. Ai! Madri me considerava como seu esteio, e sua mente e suas afeições estavam sempre fixas em mim. Oh, que vergonha para meu desejo de viver, devido ao qual eu sofro toda essa dor. Ó filhos, vocês são todos excelentes e queridos para mim. Eu os obtive depois de muito sofrimento. Eu não posso deixá-los. Então eu os acompanharei. Ai, ó Krishnâ, (Draupadi), por que tu me deixas assim? Tudo dotado de vida certamente perecerá. O próprio Dhata (Brahma) esqueceu de ordenar a minha morte? Talvez seja assim, e, portanto, a vida não me deixa. Ó Krishna, tu que vives em Dwaraka, ó irmão mais novo de Sankarshana, onde tu estás? Por que tu não me libertas e a esses melhores dos homens também de tal dor? Eles dizem que tu és sem início e sem fim e libertas aqueles que pensam em ti. Por que esse ditado se torna falso? Esses meus filhos estão sempre ligados à virtude e nobreza e boa fama e coragem. Eles não merecem sofrer aflição. Oh, mostra-lhes piedade. Ai, quando há homens mais velhos em nossa família tais como Bhishma e Drona e Kripa,

todos conhecedores da moralidade e da ciência dos assuntos mundanos, como poderia essa calamidade ocorrer? Ó Pandu, ó rei, onde tu estás? Por que tu permites quietamente que os teus bons filhos sejam enviados dessa forma para o exílio, derrotados nos dados? Ó Sahadeva, desiste de ir. Tu és meu filho mais querido, ó filho de Madri, mais querido do que o meu próprio corpo. Não me abandones. Cabe a ti ter alguma bondade para comigo. Amarrados pelas cordas da virtude, que esses teus irmãos vão. Mas então, ganha aquela virtude resultante de cuidar de mim.''

Vaisampayana continuou, "Os Pandavas então consolaram sua mãe que chorava e com corações mergulhados na dor partiram para as florestas. E o próprio Vidura também muito aflito, consolando a aflita Kunti com argumentos, conduziu-a lentamente para a sua casa. E as senhoras da casa de Dhritarashtra, sabendo de tudo o que tinha acontecido, do exílio (dos Pandavas) e do arrastamento de Krishnâ à assembleia onde os príncipes tinham apostado, choraram sonoramente criticando os Kauravas. E as senhoras da família real também se sentaram silenciosas por muito tempo, cobrindo seus rostos como pétalas de lótus com suas mãos formosas. E o rei Dhritarashtra também, pensando nos perigos que ameaçavam seus filhos, virou vítima da ansiedade e não pode desfrutar de paz mental. E, meditando ansiosamente sobre tudo, e com a mente privada de sua equanimidade pela angústia, ele enviou um mensageiro a Vidura, dizendo, 'Que Kshatta venha a mim imediatamente.'

A essa convocação Vidura foi rapidamente ao palácio de Dhritarashtra. E tão logo ele chegou o monarca lhe perguntou com grande ansiedade como os Pandavas tinham deixado Hastinapura."

## 79

Vaisampayana disse, "Logo que Vidura dotado de grande previdência chegou ao rei Dhritarashtra, o filho de Amvika timidamente questionou seu irmão, 'Como Yudhishthira, o filho de Dharma, agiu? E Arjuna? E os gêmeos filhos de Madri? E como, ó Kshatta, agiu Dhaumya? E a ilustre Draupadi? Eu desejo saber de tudo, ó Kshatta, descreve para mim todas as ações deles.'

Vidura respondeu, 'Yudhishthira, o filho de Kunti, foi embora cobrindo o rosto com sua roupa. E Bhima, ó rei, foi embora olhando para os seus próprios braços poderosos. E Jishnu (Arjuna) foi embora seguindo o rei espalhando grãos de areia em volta. E Sahadeva, o filho de Madri, foi embora sujando sua face, e Nakula, o mais belo dos homens, ó rei, foi embora se sujando com poeira e com seu coração em grande aflição. E a bela Krishnâ de olhos grandes foi embora cobrindo seu rosto com seu cabelo despenteado seguindo o mesmo caminho do rei, lamentando e em lágrimas. E ó monarca, Dhaumya foi pela estrada, com erva kusa na mão e proferindo os terríveis mantras de Sama Veda que se relacionam com Yama.'

Dhritarashtra perguntou, ‘Dize-me, ó Vidura, por que é que os Pandavas estão deixando Hastinapura de tal forma variada.’

Vidura respondeu, 'Embora perseguido pelos teus filhos e roubado de seu reino e riqueza, a mente do sábio rei Yudhishthira o justo ainda não se desviou do caminho da virtude. O rei Yudhishthira é sempre bondoso, ó Bharata, para com teus filhos. Embora privado (de seu reino e posses) por meios sujos, cheio de fúria como ele está, ele não abre os olhos. 'Eu não devo queimar as pessoas por olhar para elas com olhares de raiva', pensando assim, o nobre filho de Pandu segue cobrindo o rosto. Ouve-me enquanto eu te digo, ó touro da raça Bharata, por que Bhima segue daquela maneira. 'Não há ninguém igual a mim em força de braços' pensando assim Bhima vai repetidamente esticando seus braços poderosos. E, ó rei, orgulhoso da força de seus braços, Vrikodara segue, exibindo-os e desejando fazer para seus inimigos atos dignos daqueles braços. E Arjuna, o filho de Kunti, capaz de usar ambos os braços (ao manejar o Gandiva), segue os passos de Yudhishthira, espalhando grãos de areia simbolizando as flechas que ele despejará em batalha. Ó Bharata, ele indica que como os grãos de areia são espalhados por ele com facilidade, assim ele despejará flechas com perfeita facilidade no inimigo (na hora da batalha). E Sahadeva segue sujando o rosto, pensando: 'Ninguém pode me reconhecer neste dia de desgraça.' E, ó exaltado, Nakula segue se sujando com poeira pensando, 'Para que eu não roube os corações das damas que possam olhar para mim.' E Draupadi segue, vestida em uma peça de tecido manchado, com cabelo despenteado e chorando, anunciando, 'As esposas daqueles pelos quais eu fui reduzida a essa situação serão, no décimo quarto ano a partir de hoje, privadas de maridos, filhos e parentes e entes queridos, e totalmente cobertas de sangue, com cabelo despenteado e todas em sua época feminina entrarão em Hastinapura tendo oferecido oblações de água (para os espíritos dos mortos que elas terão perdido).’ E, ó Bharata, o erudito Dhaumya com paixões sob total controle, segurando a erva kusa em sua mão e apontando a mesma em direção ao sudoeste, caminha na dianteira, cantando os mantras do Sama Veda que se relacionam com Yama. E, ó monarca, aquele brâmane erudito segue, também anunciando, 'Quando os Bharatas forem mortos em batalha, os sacerdotes dos Kurus assim cantarão os mantras Soma (para o benefício dos falecidos).' E os cidadãos, angustiados com grande dor, estão gritando repetidamente, 'Ai, ai, vejam, nossos mestres estão indo embora! Ó, que vergonha para os Kurus mais velhos que agiram como crianças tolas ao banirem dessa forma os herdeiros de Pandu somente por avareza. Ai, separados dos filhos de Pandu todos nós ficaremos desamparados. Que amor nós podemos ter pelos Kurus perversos e avarentos?’ Assim, ó rei, os filhos de Kunti, dotados de grande energia mental, foram embora, indicando, por modos e sinais, as resoluções que estão em seus corações. E logo que aqueles principais dos homens tinham ido embora de Hastinapura, luzes de relâmpagos apareceram no céu embora não houvesse nuvens e a própria terra começou a tremer. E Rahu veio devorar o Sol, embora não fosse o dia de conjunção. E meteoros começaram a cair mantendo a cidade à sua direita. E chacais e urubus e corvos e outros animais carnívoros e aves começaram a guinchar e gritar alto a partir dos templos dos deuses e dos topos de árvores sagradas e muros e topos de casas. E esses presságios

calamitosos extraordinários, ó rei, foram vistos e ouvidos, indicando a destruição dos Bharatas como consequência dos teus maus conselhos.’

Vaisampayana continuou, "E, ó monarca, enquanto o rei Dhritarashtra e o sábio Vidura estavam assim falando um com o outro, apareceu lá naquela assembleia dos Kauravas e diante dos olhos de todos o melhor dos rishis celestes. E aparecendo diante de todos ele proferiu estas palavras terríveis, ‘No décimo quarto ano a partir de hoje os Kauravas, por causa do erro de Duryodhana, serão todos destruídos pelo poder de Bhima e Arjuna.' E tendo dito isso, aquele melhor dos rishis celestes, adornado com insuperável mérito vêdico, passando pelos céus, desapareceu de cena. Então Duryodhana e Karna e Sakuni, o filho de Suvala considerando Drona como seu único refúgio, ofereceram o reino a ele. Drona então, dirigindo-se ao invejoso e colérico Duryodhana e Dussasana e Karna e a todos os Bharatas, disse, 'Os brâmanes disseram que os Pandavas sendo de origem celeste não podem ser mortos. Os filhos de Dhritarashtra, no entanto, com todos os reis, sinceramente e com reverência procuraram a minha proteção, então eu cuidarei deles da melhor forma que puder. O destino é supremo, eu não posso abandoná-los. Os filhos de Pandu, derrotados nos dados, estão indo ao exílio em consequência de sua promessa. Eles viverão nas florestas por doze anos. Praticando o modo de vida brahmacharya nesse período, eles retornarão furiosos e para a nossa grande dor se vingarão amplamente em seus inimigos. Eu antigamente privei Drupada de seu reino em uma disputa amistosa. Roubado de seu reino por mim, ó Bharata, o rei realizou um sacrifício para obter um filho (que me matará). Ajudado pelo poder ascético de Yaja e Upayaja, Drupada obteve do fogo (sacrifical) um filho chamado Dhrishtadyumna e uma filha, a impecável Krishnâ, ambos surgidos da plataforma sacrifical. Aquele Dhrishtadyumna é cunhado dos filhos de Pandu por casamento, e estimado por eles. É por causa dele, portanto, que eu tenho muito medo. De origem celeste e resplandecente como o fogo, ele nasceu com arco, flechas, e envolto em armadura. Eu sou um ser que é mortal. Portanto é dele que eu tenho grande temor. Aquele matador de todos os inimigos, o filho de Parshatta, tomou o lado dos Pandavas. Eu perderei minha vida se ele e eu alguma vez enfrentarmos um ao outro em batalha. Que aflição pode ser maior para mim neste mundo do que esta, ó Kauravas, que Dhrishtadyumna é matador destinado de Drona? Essa crença é geral. Aquele que nasceu para me matar foi conhecido por mim e é amplamente conhecido também no mundo. Por tua causa, ó Duryodhana, aquela época terrível de destruição está quase chegando. Faze sem perda de tempo o que possa ser benéfico para ti. Não penses que tudo está terminado por enviar os Pandavas para o exílio. Esta tua felicidade durará só um instante, assim como no inverno a sombra do topo da palmeira fica (por um tempo curto) em sua base. Realiza vários tipos de sacrifícios, e desfruta, e dá, ó Bharata, tudo o que quiseres. Daqui a quatorze anos uma grande calamidade te esmagará.'

Vaisampayana continuou, "Ouvindo essas palavras de Drona, Dhritarashtra disse, 'Ó Kshatta, o preceptor proferiu o que é verdadeiro. Vai e traze os Pandavas de volta. Se eles não voltarem, que eles sigam tratados com respeito e afeto. Que

aqueles meus filhos sigam com armas, e carros, e infantaria, e desfrutando de todas as coisas boas.'"

## 80

Vaisampayana disse, "Derrotados nos dados, depois que os Pandavas tinham ido para as florestas, Dhritarashtra, ó rei, foi dominado pela ansiedade. E enquanto ele estava sentado inquieto com ansiedade e suspirando de dor, Sanjaya se aproximou dele e disse, 'Ó senhor da terra, tendo agora obtido toda a terra com toda a sua riqueza e mandado os filhos de Pandu para o exílio, por que é, ó rei, que tu te afliges assim?'

Dhritarashtra disse, 'Porque não se afligiriam aqueles que terão que combater em batalha aqueles touros entre os guerreiros, os filhos de Pandu, lutando em grandes carros e ajudados por aliados?'

Sanjaya disse, 'Ó rei, toda essa grande hostilidade é inevitável por causa da tua ação equivocada, e seguramente ocasionará a destruição indiscriminada de todo o mundo. Proibido por Bhishma, por Drona e por Vidura, o teu filho Duryodhana de mente má e sem vergonha enviou seu mensageiro suta mandando-o trazer para a corte a querida esposa virtuosa dos Pandavas. Os deuses primeiro privam de sua razão o homem a quem eles enviam derrota e ignomínia. É por isso que tal pessoa vê as coisas em uma luz estranha. Quando a destruição está próxima o mal aparece como o bem para a mente poluída pelo pecado, e o homem adere a isso firmemente. O que é impróprio aparece como apropriado, e o que é próprio aparece como impróprio para o homem prestes a ser esmagado pela destruição, e mal e impropriedade são o que ele gosta. O tempo que traz destruição não vem com um bastão erguido e esmaga a cabeça de alguém. Por outro lado, a peculiaridade de tal tempo é que ele faz um homem ver o mal no bem e o bem no mal. Os canalhas trouxeram para si mesmos aquela destruição terrível, indiscriminada e horrível por arrastarem a princesa de Panchala desamparada para a corte. Quem mais além de Duryodhana, aquele falso jogador de dados, poderia trazer à assembleia, com insultos, a filha de Drupada, dotada de beleza e inteligência, e conhecedora de todas as regras de moralidade e dever, e que não surgiu do útero de nenhuma mulher, mas do fogo sagrado? A bela Krishnâ, então em sua época menstrual, vestida em um pedaço de tecido manchado, quando trazida à corte olhou para os Pandavas. Ela os viu, no entanto, roubados de sua riqueza, de seu reino, até de seus trajes, de sua beleza, de toda a alegria, e mergulhados em um estado de escravidão. Amarrados pelas cordas da virtude, eles estavam então incapazes de externar sua bravura. E perante os reis reunidos Duryodhana e Karna falaram palavras cruéis e duras para a aflita e enfurecida Krishnâ não merecedora de tal tratamento. Ó monarca, tudo isso me parece pressagiar consequências terríveis.'

Dhritarashtra disse, 'Ó Sanjaya, os olhares da filha angustiada de Drupada poderiam consumir toda a terra. Poder ser possível que ao menos um único filho

meu viva? As esposas dos Bharatas, junto com Gandhari após verem a virtuosa Krishnâ, a esposa dos Pandavas, dotada de beleza e juventude, arrastada para a corte, lamentaram terrivelmente. Até agora, junto com todos os meus súditos, elas choram todos os dias. Enfurecidos pelo mau tratamento a Draupadi, os brâmanes em conjunto não realizaram naquela noite a sua cerimônia Agnihotra. Os ventos sopraram poderosamente como eles fazem na época da dissolução universal. Houve um terrível temporal com relâmpagos e trovões também. Meteoros caíram do céu, e Rahu ao engolir o Sol fora de época alarmou o povo terrivelmente. Nossas carruagens de guerra ficaram em chamas de repente, e todos os seus mastros de bandeira caíram pressagiando mal para os Bharatas. Chacais começaram a gritar horrendamente de dentro do aposento do fogo sagrado de Duryodhana, e asnos de todas as direções começaram a zurrar em resposta. Então Bhishma e Drona, e Kripa, e Somadatta e Vahlika de grande alma, todos deixaram a assembleia. Foi então que pelo conselho de Vidura eu me dirigi a Krishnâ e disse, 'Eu te concederei três benefícios, ó Krishnâ, de fato, o que quer que tu peças.' A princesa de Panchala então me pediu a libertação dos Pandavas. Por meu próprio gesto eu então libertei os Pandavas, mandando-os de volta (para sua capital) em seus carros e com seus arcos e flechas. Foi então que Vidura me disse, 'Isso mesmo virá a ser a destruição da linhagem Bharata, este arrastamento de Krishnâ para a corte. Essa filha do rei de Panchala é a própria Sree impecável. De origem celeste, ela é a esposa dos Pandavas. Os filhos coléricos de Pandu nunca perdoarão esse insulto a ela. Nem os arqueiros poderosos da tribo Vrishni, nem os guerreiros poderosos entre os Panchalas permitirão isso em silêncio. Apoiado por Vasudeva de coragem imbatível, Arjuna seguramente voltará, cercado pela hoste Panchala. E aquele poderoso guerreiro entre eles, Bhimasena, dotado de força insuperável, também voltará, girando sua maça como o próprio Yama com sua clava. Esses reis mal serão capazes de suportar a força da maça de Bhima. Portanto, ó rei, não a hostilidade, mas a paz para sempre com os filhos de Pandu é o que me parece ser o melhor. Os filhos de Pandu são sempre mais fortes do que os Kurus. Tu sabes, ó rei, que o ilustre e poderoso rei Jarasandha foi morto em batalha por Bhima somente com seus braços nus. Portanto, ó touro da raça Bharata, cabe a ti fazer as pazes com os filhos de Pandu. Sem escrúpulos de nenhum tipo une os dois partidos, ó rei. E se tu agires dessa forma com certeza tu obterás boa sorte, ó rei.' Foi assim, ó filho de Gavalgani, que Vidura se dirigiu a mim em palavras de virtude e proveito. E eu não aceitei esse conselho, movido por afeição por meu filho.'"

**Fim do Sabhâ Parva.**